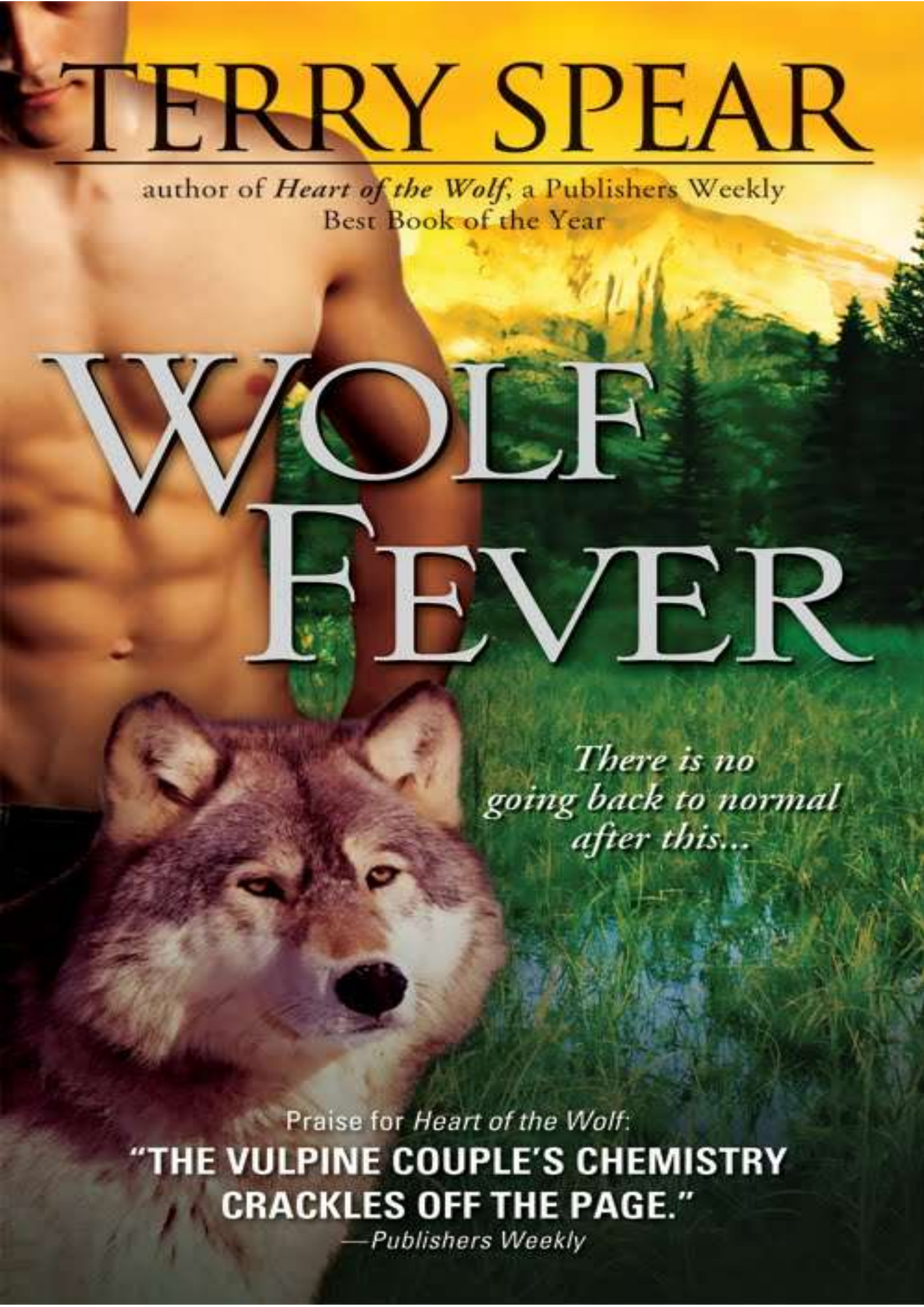




TERRY SPEAR

author of *Heart of the Wolf*, a Publishers Weekly
Best Book of the Year

WOLF FEVER

*There is no
going back to normal
after this...*

Praise for *Heart of the Wolf*:

**"THE VULPINE COUPLE'S CHEMISTRY
CRACKLES OFF THE PAGE."**

—Publishers Weekly





FEBRE DO LOBO

SÉRIE

HEART OF THE WOLF

Livro 06

TERRY SPEAR



PÉGASUS

LANÇAMENTOS

ENVIO: SORYU

TRADUÇÃO: AMANDA H.

REVISÃO INICIAL: AMANDA H.

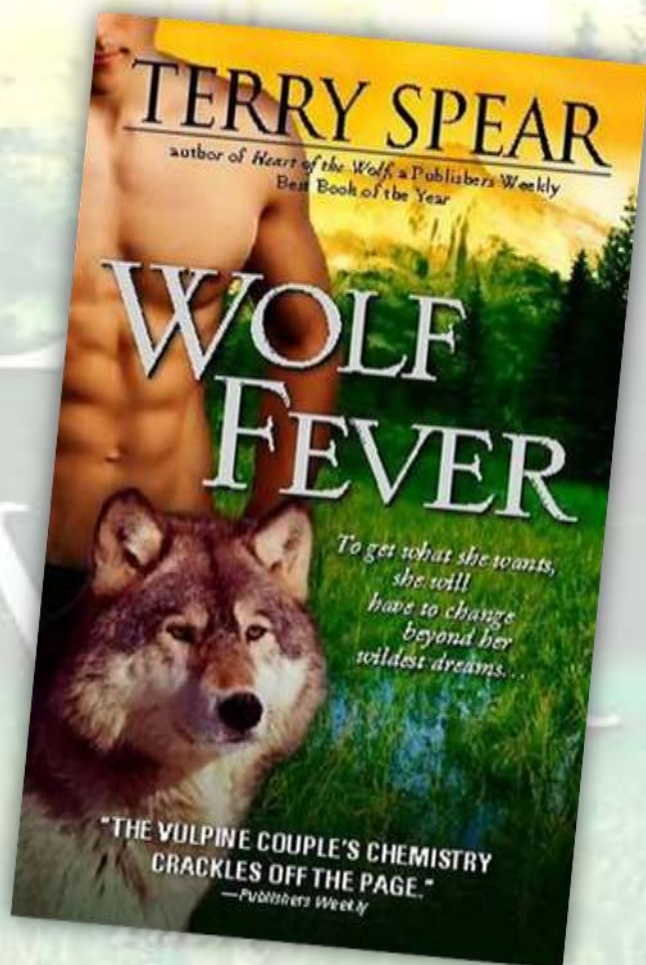
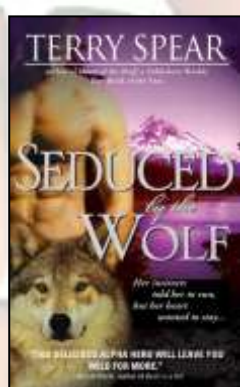
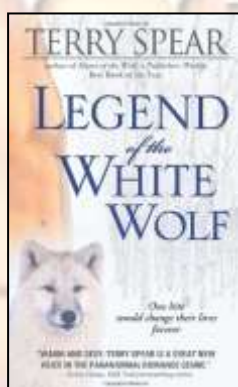
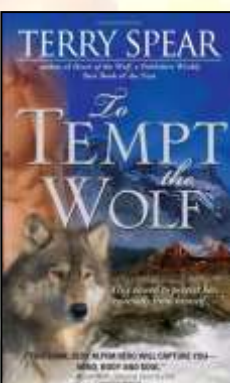
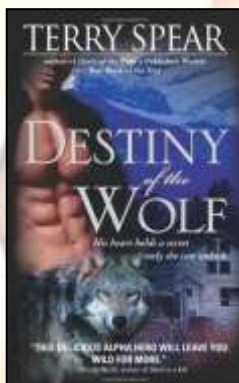
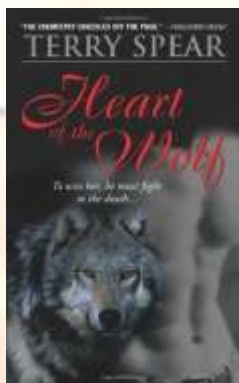
REVISÃO FINAL: MILENA CALEGARI E LILY

LEITURA FINAL: RENATA DE LIMA E ALICE

FORMATAÇÃO: DANIELA RODRIGUES

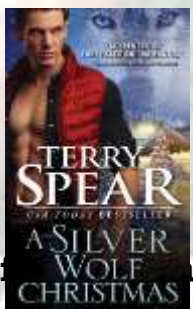
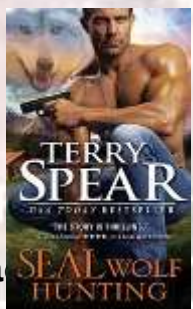
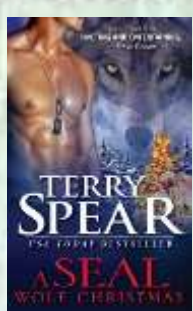
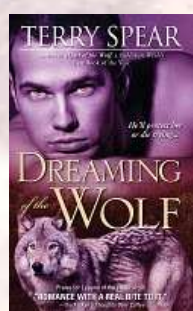
SÉRIE

HEART OF THE WOLF



DISTRIBUÍDOS

LANÇAMENTO



BREVE

AVISO I



Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, se prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras. O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e , bem como abster-se de tornar público ou noticiar trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderão individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.”

AVISO II



**FAVOR NÃO PUBLICAR NOSSOS ARQUIVOS NO
FACEBOOK.**

**Se você viu algum livro do PL no face, sem a nossa
autorização converse com a moderação.**

Se gosta dos livros feitos pelo PL, ajude!!

**Quem gosta respeita nosso grupo! Não publica direto no
face, expondo ao grupo de forma desnecessária.**

Não aceitamos reclamações sobre as traduções do grupo!

Não gostou, leia o livro no idioma original.

EQUIPE PEGASUS LANÇAMENTOS!

RESUMO

Ela pode ser o seu destino, mas ela não é a sua primeira escolha...

Enfermeira de um hospital e recentemente transformada numa lobisomem vermelho, Carol Woods está sendo pressionada por seu líder da matilha para encontrar um companheiro, mas ele é o único cara no grupo que a atrai remotamente.

Por que ele tem que ser tão difícil?

O destino do grupo repousa sobre seus ombros...

Líder do grupo Cinzento, Ryan McKinley não quer ter nada a ver com Carol, a menos que ela esteja disposta a abraçar sua natureza lobo, não importando o quão bonita ela seja.

Mas quando um vírus infecta a matilha local de lupus garou¹, Ryan percebe o quão errado ele estava por não aproveitar o momento com a mulher por quem estava se apaixonando. E agora, pode ser tarde demais...

¹ Tipo de lobisomem que se transforma em lobo.

DEDICATÓRIA

Dedico “Febre do Lobo” a minha agente, Sheila Slater, que está lutando contra o câncer de mama como uma verdadeira guerreira e que me envia e-mails divertidos sobre lobos e personagens parecidos com lobos durante a leitura de todos os meus livros em seu kindle! Meus pensamentos e orações vão para todos aqueles que estão lutando contra esta doença horrenda.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deb Werksman, meu editor, e ao resto da equipe de Sourcebooks² que publica os melhores livros de sempre, desde a edição das capas dos livros e cada passo no meio. E Danielle Jackson, minha agente, que me ajuda a divulgar meus livros em meio a caóticos eventos literários e me mantém no caminho certo! E para minhas parceiras críticas da Rebel Romance: Tammy, Judy, Vonda, Randy, Carol, Pam, e Betty, que estão comigo em cada passo do caminho, seja através de críticas ou apenas estarem lá para mim quando eu preciso delas. Aos meus colegas de trabalho na biblioteca que aturam com humor toda a minha maluquice com lobos. E para os meus fãs que compartilham comigo o seu amor imenso e que não são exatamente normais!

². Sourcebooks, Inc., é uma editora de livros localizada em Naperville, Illinois, nos subúrbios ocidentais de Chicago.



CAPÍTULO 1

A lua crescente chamava-a. Novamente. Deitada no colchão macio do quarto de hóspedes de Darien Silver, cedo naquela noite de primavera, Carol Wood tentou dormir. Mas sentiu a crescente esfera branca implorando que esquecesse suas fraquezas humanas e corresse com magnânima graça de loba, forte e ágil, e propósito em cada passo confiante, na seca e fria noite do Colorado.

Ela não desejava ser um deles – pelo menos no que se referia a ser uma loba em meio período – não importava quantos da matilha a encorajaram a abraçar esse seu novo lado. A lua logo estaria cheia, mas, no fundo, se rebelava contra a praga de ser uma lobisomem. Porque isso era uma maldição para ela, exatamente como suas premonições e toques psíquicos costumavam ser.

Cresceu com seus sentidos aguçados e percebeu que não podia fazer nada sobre esse aspecto da sua vida, uma vez que descobriu que não era normal ter as habilidades que possuía. Mas agora, ser – ela espremeu com força os olhos e os revirou – uma lobisomem... Não importava o quanto

desejasse que a verdade pudesse ser mudada, sabia que teria que lidar com isso em breve.

Com todo o seu coração, rezou para controlar sua bizarra condição recentemente adquirida de se transformar. Seu corpo se encheu de calor e sua mente de apreensão. Mesmo na escuridão da sua mente sonolenta, ela lutou contra a mudança e o sentimento de que estava perdendo o controle de sua forma física. Uma nova tensão fez cada terminação nervosa pinicar enquanto apertava o edredom embaixo de seu queixo.

O calor, como o sol brilhando em uma clara e quente tarde caribenha, invadiu cada poro, sinalizando a indesejada necessidade de transformação. Ela gemeu, apertando suas mãos no edredom, as unhas cravando no bordado branco. A lua crescia dia após dia, assim como o abominável desejo de mudar de forma. Não, desejo não. Compulsão.

Então, como se seu lado psíquico finalmente ganhasse algum espaço contra a loba, sua segunda premonição apareceu. O incômodo e a necessidade da mudança se dissolveram em escuridão e o lobo da sua visão apareceu de novo, como um sonho vívido.

Grande como era, com enormes ombros, focinho e testa largos e pernas longas, o lobisomem tinha que ser macho, parado orgulhosamente e empertigado, observando-a de um precipício da floresta verde na primavera. Envolto em uma rica pelagem prata-azulada com a cara mais clara e com as orelhas levantadas, como as de um macho alfa devem ser, ele

ofegou até captar sua atenção. Seus olhos âmbar focaram nos dela: o lobo a queria. Convidando-a para ir até ele. Mas não como uma humana.

Como uma loba.

Até mesmo nas suas visões a cena era persuasiva, implorando a ela que reconhecesse seu destino, para ceder a sua alma gêmea lobo. Ao menos este era o jeito como o via.

Carol rejeitou o olhar sedutor do lobo e a serenata sensual da lua.

Mas ela a dominava! Estimulando-a a seguir sua ordem através da sedutora atração, arrancando-a bruscamente de sua visão.

O calor que invadia seu corpo ficou mais forte agora, como uma febre que não poderia ser contida. A transformação nunca tinha superado uma visão em progresso. O desejo estava crescendo. No entanto, ela sabia que ainda tinha alguma influência sobre a mudança, como aqueles que nasceram como lobisomens tinham a habilidade inata de prevenir que humanos os vissem durante a conversão. Como eles, se quisesse se transformar, isso ocorreria instantaneamente. E como não havia mudado imediatamente, deveria ter algum controle.

Ainda assim, seus músculos se contorciam com a necessidade enquanto afastava o edredom e as cobertas. Ela estava deitada com sua camisola de seda sobre o colchão macio, no frio quarto de hóspedes do líder da matilha, pronta

para arrancá-la, antes que a transformação assumisse o controle caso não pudesse impedi-la. Vislumbrou a horripilante imagem de ficar presa em sua roupa como uma loba. Presa, rosnando e grunhindo, tentando se libertar até que acordasse alguém na casa. Ele ou ela a encontraria lutando em um casulo de seda, pernas peludas chutando e os afiados caninos mordendo.

Carol cerrou os dentes e pressionou as palmas das mãos abertas contra a cama, lutando contra o domínio da lua. Ela não abriria mão do controle ou se transformaria. Não enquanto não conseguisse controlar suas habilidades paranormais. Não abandonaria o controle sobre a sua forma física também.

Mas, mais do que isso, temia que a transformação a mudasse para sempre. Para sempre! Condenada a viver a vida como uma loba com a consciência de uma humana. Até mesmo um único momento como um animal poderia permanentemente selar seu destino. Ao menos, era isso que pensava que a nova visão estava mostrando, embora ela não pudesse ter certeza. Era por isso que o medo a consumia em um nível elevado cada vez que a maldita transformação ameaçava tomar conta dela.

Amaldiçoando seu destino, rangeu os dentes e cerrou os punhos, suas unhas cortando as palmas das mãos, e tentou pensar em alguma coisa que pudesse interromper a necessidade feroz da transformação.

Ela visualizou Lelandi, a companheira do líder da matilha, fazendo a primeira “Noite Extravagante Para Todas as Garotas” na semana anterior, exclusiva para mulheres do bando, completada com o último romance de lobisomem da escritora Julia Wildthorn que foi transformado no filme “Desejos Lupinos”, pipoca, margaritas e muitos risos. Elas ainda continuavam encontrando pipoca sob as almofadas e embaixo do sofá em pequenos montinhos. Carol sorriu com a lembrança, desejando que pudessem repetir uma atividade como aquela em breve.

Mas então, o calor percorreu seu corpo de novo com uma nova onda de advertência. Cada músculo enrijeceu, preparando-se para a luta. Como se tivesse pedido aos deuses do fenômeno psíquico e eles sentissem pena dela, seus pensamentos começaram a enevoar e soube que sua consciência tentava tomar o controle novamente.

Mantendo seus pensamentos como reféns, a imagem espectral mostrou um homem fora de foco, vestido com listras vermelhas e brancas, que a tinha derrubado e a estava segurando lá. Instantaneamente, seu sangue se resfriou, a necessidade da transformação se retirando. Uma onda de alívio escorreu através dela. Focou-se, tentando ver a imagem mental mais claramente e determinar quem a tinha abordado e por quê. Incômodo foi o que sentiu com o encontro. Não medo. Perda de controle, talvez. Mas a emoção mais forte era definitivamente desconforto.

A visão ficou mais enevoada, a face obscura do homem se tornando mais nebulosa, e as listras vermelhas e brancas borrando-se num rosa até que desapareceram completamente da sua mente. Ela estava no controle de novo – dos seus pensamentos e da sua forma física.

Respirando profundamente, esfregou os braços que estavam arrepiados. Mais uma vez, teve sucesso em parar a transformação e sentiu um pouco de triunfo em superar essa necessidade. Carol estremeceu. A compulsão crescia forte a cada mês com a lua cheia. Ela também podia mudar de forma a qualquer momento que a crescente ou minguante aparecesse. Somente a realeza dos lobisomens, aqueles cujas linhagens não foram diluídas por parentes com somente genes humanos, podiam mudar de forma durante a lua nova.

Ela receava que, da próxima vez, não fosse capaz de conjurar uma imagem rápida o suficiente ou de jeito nenhum. A chegada das suas premonições era tão imprevisível quanto o momento da ânsia da transformação. Mas e se tivesse uma visão e a transformação a substituísse novamente? Preocupar-se com isso não mudaria nada.

Pretendia sonhar com um mundo de fantasias que a distraísse, de modo que caísse no sono de novo, porque precisava desesperadamente dormir, mas seus pensamentos voltaram para o lobo de sua visão. Ele viria atrás dela. Por quê? Não tinha nenhuma pista. Mas ela sabia que não poderia adiar o inevitável.

Com seu sono regular interrompido, Carol observou o rendado edredom branco, a cama de dossel e as cômodas antigas enchendo o quarto de hóspedes da casa de Darien Silver, fazendo-a se sentir como uma princesa dos contos de fada. Ela resfolegou. Certo, como Rapunzel presa na torre. Exceto que Carol tinha o cabelo na altura do queixo. Ela não tinha longas tranças loiras para jogar para fora da janela que cobria toda a parede, permitindo que seu príncipe salvador escalasse até o seu quarto e a levasse de sua prisão.

Tocou a cama ao lado da dela, onde seu gato malhado costumava dormir. Pobre velho Puss³. Preso no canil até que soubesse como controlar o negócio da transformação dos lobisomens. Mas por enquanto, seu gato estava feliz, esparramado no balcão da recepção, toda a tarde recebendo os clientes, embora Carol o quisesse em casa com ela. Suspeitava que Darien não se preocupasse que a sua mudança em loba fosse matar Puss de susto, por mais que ele não fosse chegado a gatos.

Ela suspirou. Darien não era apenas o proprietário da mina de prata e da fábrica de artigos de couro, nem era também apenas membro da diretoria da escola, do hospital ou de qualquer outra diretoria em Silver Town. Ele mandava no lugar... como um líder de matilha *lupus garous*, junto com seus irmãos: Jake e Tom, sendo eles trigêmeos. Lelandi, a loba vermelha, era a sua companheira. E Carol era, agora, vermelha como ela.

³ Bichano.

Com sua pele coberta com um leve brilho de transpiração, graças aos contínuos terrores noturnos após o ataque e a urgência de transformação que continuava experimentando, ela se levantou da cama e andou em direção a única janela do cômodo. A camisola leve que usava acariciava seu corpo a cada passo, seus pés descalços pressionando silenciosamente o flexível carpete dourado.

Sem acreditar em quanto seu mundo virou de cabeça para baixo, ela tocou o local na garganta onde, cinco meses atrás, um lobisomem selvagem mordeu, transformando-a em um deles. Não havia cicatriz, nem mesmo o vestígio de uma. Suspirou profundamente. Carol já sabia por algum tempo que um lobo a transformaria. Malditas premonições. Mas não tinha visto como e quando, ou quais seriam as consequências. Nem percebeu que a mudança a forçaria a ter um companheiro, mais cedo ou mais tarde.

Assim que teve a visão do que eles realmente eram, antes de ser transformada, cada um a tinha examinado – Darien, Lelandi, os irmãos dele. E o resto da matilha. Observaram e se asseguraram que não fugiria e espalharia os segredos guardados dos lobisomens, tão logo perceberam que ela sabia o que eram por causa das suas visões. Eles a supervisionaram, quase nunca permitindo que saísse das vistas deles.

Carol ainda era um perigo para o bando. Uma incógnita. Uma loba recém-transformada que podia lutar contra a transformação, o que era uma esquisitice por si só. Mas algo

mais sobre ela não encaixava. Podia ter vislumbres do futuro. E, às vezes, ao tocar um objeto, obter uma impressão psíquica sobre este. Isso os chateava também. Até Lelandi, que se tornou como uma irmã para ela, estava um pouco assustada com as habilidades paranormais de Carol.

Ela suspirou. Nunca se encaixaria, nunca pertenceria a algum lugar. Mas, por agora, estava nas mãos de Darien, vivendo com ele, sua parceira e seus irmãos, até que pudesse assegurar um companheiro para ela. Bárbaro! Mas esse era o único jeito de garantir a segurança deles e dela.

Não que fosse concordar com isso.

Afastou as pesadas cortinas drapeadas de veludo azul-claro e o voal de seda combinando, seus sentidos de loba permitindo a visão noturna, de modo que não teve que acender a lâmpada. Espiou para a floresta e realmente pôde ver, como se as árvores estivessem apenas envoltas em sombras. Refrescando o ar ainda mais nesta noite fria, um vento forte balançou os galhos, fazendo-os dançar conforme sua música.

Então ela o viu, o lobo das suas premonições, pisando levemente para fora da floresta, observando-a, e pegando seu olhar. Seus lábios separaram-se em surpresa e respirou tremulamente. Quem era ele? Continuava sem conhecer todas as pessoas da matilha em suas formas de lobo. Alguém que estava vigiando a casa? Vigiando para que ela não fosse embora numa louca tentativa de fugir e começar a vida outra vez sem a intervenção de Darien? Isso seria simplesmente

ridículo. Carol nunca conseguiria se virar sozinha, nem queria viver assim.

Por causa de sua postura – orelhas e cabeça levantadas - ele deveria ser um alfa. Não era um dos irmãos de Darien. Alguém de outra matilha então? Alguém que queria disputar pela liderança? Ele teria que lutar com os irmãos de Darien também. Jake e Tom nunca permitiriam que alguém de fora assumisse o controle do bando.

O olhar do solitário macho deslocou-se mais para baixo, estudando a forma que estava vestida. Ele poderia ver bem o bastante daquela distância para perceber que seus mamilos estavam duros contra a camisola de seda no ar frio? Observa-lo e perceber que era provavelmente um lobisomem, que teria desejos humanos mesmo em sua forma de lobo, pareceu surreal.

Seu olhar voltou para o dela.

De alguma forma, estava inexplicavelmente ligada a ele, embora as vagas visões não fossem claras o suficiente para dizer-lhe como. Não sentiu nenhuma apreensão, nem medo. Ela estava salva, pensou.

Descobriria quem ele era e, se pudesse, por que estava lá. Fechou as cortinas com um puxão, em seguida, com o máximo de cuidado lupino⁴ que conseguia, abriu uma gaveta, desejando não alertar Lelandi, que dormia no quarto principal no fim do corredor.

⁴ Relativo a ou característico de lobo; lobal.

Carol normalmente se metia em confusão por causa do elevado senso auditivo de todos. Ela não parava de pensar que também podiam prever as coisas. De maneira alguma. Eram apenas bons demais em escutar por acaso, para espiar o que estava fazendo. Não em um sentido maldoso, claro. Mas para protegê-la e a eles próprios.

Pretendendo descobrir quem era o estranho em forma de lobo, puxou um suéter e um par de jeans e começou a se vestir. Se pudesse chegar perto o suficiente, estaria apta a cheirar e reconhecer o homem se fosse atrás dele mais tarde em sua forma humana.

Ela odiava como todo mundo observava cada movimento seu. Sentia-se como se vivesse em um quarto de vidro onde tudo o que fazia ou dizia era monitorado. Mas o que era dito em segredo a incomodava ainda mais. Ela era um deles, mas ao mesmo tempo, não era.

No entanto – levantou o queixo enquanto saía do quarto e então se arrastou escada abaixo com todo o cuidado – ela não estava prestes a abandonar a pessoa que foi antes da transformação. Sorriu, conforme chegava ao pé da escada sem sinalizar para Lelandi que estava acordada depois de se retirar cedo para a cama, e que planejava uma aventura que sabia que nenhum deles aprovaria. Agora, só tinha que cruzar a sala de estar até a porta de trás e torcer para que estivesse destrancada, abrir e fechar sem chamar atenção.

A casa estava quieta, Lelandi também tinha ido para a cama incomumente cedo. Darien e seus irmãos estavam

trabalhando até tarde na fábrica de artigos de couro, como sempre. Então, pela primeira vez, Carol não estava sendo monitorada de perto. Porque estava tão cansada do seu turno na enfermaria e incapaz de dormir quando tinha a chance, ninguém esperava que deixasse a cama antes do amanhecer.

Calmamente, ela virou a maçaneta da porta para o pátio de trás. Sem a permissão ou supervisão de ninguém, estaria livre por alguns preciosos minutos e provaria que podia gerenciar sua própria vida sem desastrosas consequências.



Descontente com ele mesmo por escapular através da floresta de Darien como um lobo, de modo que pudesse ver a casa à procura de algum sinal de Carol Wood, Chester Ryan McKinley odiou a sua obsessão. Mesmo agora, quando deixou em banho-maria seu cargo de prefeito e de líder da matilha de Green Valley para exercer sua posição de investigador particular, ele não conseguia parar de pensar em Carol, a quem encontrou cinco meses antes enquanto investigava um assassinato envolvendo o grupo de Darien. Ryan havia descoberto muitas evidências contra o assassinato, mas o testemunho dela foi fundamental para a confissão e a verdade da questão.

Com pernas longas e seios enormes, cabelos dourados como o sol e olhos tão profundos e misteriosos como um lago azul, ela frequentemente tinha uma expressão de perturbação

durante a investigação. Provavelmente por causa da confusão na qual tinha se metido como humana. O fato de que conseguiu se colocar em tal situação o incomodou mais do que gostava de pensar. Graças à sua natureza protetora, quis salvá-la de seu apuro, garantir que não se tornasse uma da sua espécie, e resguardá-la do que eles eram.

Mas como poderia? Ela reconhecera que sua espécie era *lupus garous* através de visões estranhas, ou pelo menos foi o que disse. Não havia como mudar os acontecimentos. Durante uma briga subsequente, entre as matilhas dos lobos cinzentos e vermelhos, um vermelho a mordeu e a transformou. Ryan, muito certamente, desejava que ele a estivesse protegendo.

Carol era inocente, despreparada para o que aconteceria e incapaz de se defender. Imaginou que nunca antes tinha testemunhado um combate entre lobos, o que para um humano deve ter sido extremamente enervante. Embora cada tiquinho de lógica dissesse que pessoas não podiam prever o futuro, alguma coisa sobre ela – talvez sua sinceridade, o medo que mostrara, ou a ideia de que não poderia saber tudo o que descobriu de outra forma – afastou para bem longe qualquer dúvida que ele tinha.

Acima de tudo, a admirava por sua coragem e confiança. Ela não entrou em pânico ou lutou contra seu destino. Mas ele tinha certeza que Darien estaria pressionando-a a escolher um companheiro. Para o resto da vida... era como eles acasalavam. Carol precisar de um companheiro o

incomodava mais do que gostaria de admitir. Aqueles que nasceram como lobisomens podiam ou não ter um par. Eles escolhiam. Mas um *lupus garous* recém-transformado? Permitir a um novo lobisomem tanta liberdade era perigoso demais.

As cortinas de repente foram postas de lado no quarto de hóspedes que Lelandi uma vez usou. E ali, de frente para a janela, em uma ⁵diáfana camisola de seda azul-claro, a loira estudava as árvores. Quase como se soubesse que estava lá, observando-a. O pensamento enviou uma onda de desejo feroz através da sua corrente sanguínea. O que estava errado que fazia com que ela tivesse tanto efeito sobre ele?

A aparição dela de camisola, naquele início de noite, o surpreendeu. Carol trabalhou um turno longo no hospital?

A encantadora forma arredondada de seus seios e mamilos, pontudos em antecipação ao toque de um amante, na camisola quase transparente, tornou-se o foco da sua atenção. Inferno. Não pretendendo apreciá-la como um ⁶voyeur faria ou ceder aos seus anseios de lobo, deu um passo à frente para que pudesse ver que não estava sozinha. Ele quis encorajá-la a fechar as cortinas e retornar para a cama, alertá-la que os lobos nesta floresta eram muito mais do que apenas lobos. Eles também eram homens, iguais a quaisquer outros, com desejos mundanos que precisavam ser saciados.

⁵ Em que a luz passa parcialmente ou de forma difusa; translúcido

⁶ Indivíduo que experimenta prazer sexual ao ver estímulos sexuais, objetos associados à sexualidade ou o próprio ato sexual praticado por outros.

Ao invés de fechar as cortinas, ela o desafiou com seus olhos. O que havia chamado sua atenção sobre essa mulher, mesmo durante a investigação, foram os atraentes traços clássicos de seu rosto: as maçãs do rosto eram altas e a pele perfeita, emoldurada com cabelos loiros e grandes e impressionantes olhos azuis que poderiam engolir um homem inteiro. Quando falava, adoráveis lábios cheios capturaram a atenção dele, mais que uma vez. Ela não era estonteante como uma estrela de cinema, ao invés disso, tinha a aparência de “garota da porta ao lado”, mas isto lhe atraía ainda mais.

Carol franziu a testa para ele e então fechou as cortinas com um puxão. Bom. Ela finalmente recuperou a razão.

Ele não podia esquecer que a enfermeira pensava que tinha a habilidade de fazer previsões psíquicas. Era uma questão de princípios, disse a si mesmo. Pretendia provar para ambos que ela conseguiu informações sobre o assassinato através de outras formas que não o sexto sentido. Ou percebeu inconscientemente a verdade, ou interferiu na investigação e não queria falar sobre isso.

Ainda assim, alguma coisa o atormentava mais profundamente sobre a mulher. Algum sentimento indescritível de que Carol poderia estar em apuros. Ela poderia significar problemas – isso parecia ser mais correto. Qualquer lobo recém-transformado certamente significaria.

Ryan tentou dizer a si mesmo que estava ali para sanar as dúvidas que o atormentavam; embora... algo mais o

incomodasse e ele simplesmente não conseguia dizer o que era.

Com as orelhas levantadas, sentou-se sobre as patas traseiras, incapaz de desviar o olhar da janela, pensando no retorno dela para a cama e então enterrada embaixo das cobertas. O desejo não solicitado de estar com Carol, aconchegando-a e aquecendo-a, perpassou seu cérebro. Merda, não precisava ser tentado ainda mais do que já foi.

Apesar de o caso ter sido resolvido e não ter razão de fato para voltar a Silver Town, participaria do festival de primavera na manhã seguinte para saber mais sobre as celebrações da matilha. Como fez antes, Ryan levaria a informação de volta ao seu pessoal, que queria algo que Darien e seu povo tinham – uma cidade liderada por um lobisomem.

Mas o Alfa relutantemente permitiu a ele investigar, por fora, como um forasteiro, para descobrir os assassinatos na matilha. Tinha certeza que Darien não apreciaria vê-lo novamente sob tais circunstâncias, não quando pretendia questionar Carol, mais além, sobre suas visões.

Darien certamente não aprovaria que Ryan espreitasse a propriedade florestal à noite. Especialmente quando não tinha nenhuma boa razão para estar tão próximo da casa dele como agora, não importava o quanto tentasse convencer a si mesmo que tinha.

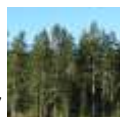
Um clique na porta dos fundos chamou a atenção do lobo e ele rapidamente se levantou e entrou na floresta para evitar que o Alfa ou seu pessoal o vissem. A porta abriu. O queixo de Ryan caiu.

A pequena Srta. Nightingale saiu da casa em direção ao pátio lajeado, olhando em sua direção. Ela não estava vestida com roupas quentes o suficiente para a noite do lado de fora, ela usava: uma boina turquesa que estava empoleirada sobre sua cabeça, um fofo suéter também turquesa que acariciava seus empinados e redondos seios, jeans azul-claro que exibiam suas pernas bem torneadas e felpudas pantufas azuis que faziam seus pés parecerem o dobro do tamanho.

Ele levantou as sobrancelhas. Diabos. Ela não tinha nada que ter vindo aqui fora desse jeito – doce, fofa e vulnerável – sem jeito algum de defender a si mesma caso alguém perigoso estivesse à espreita. O que ela pretendia fazer? Procurar por ele? Perguntar o que ele queria?

Em princípio, Carol ficou imóvel, só observando entre as árvores. Exatamente onde ele a estava olhando através de uma alameda de 7abetos de Douglas. Mas não pensava que pudesse vê-lo.

E então? Ela esfregou as mãos como se estivesse numa missão de caçar lobos e caminhou em direção às árvores, indo direto para ele! A ideia de que o caçaria o atraiu de uma



forma puramente primitiva. Sua determinação de ferro causou estragos à necessidade dele de manter as coisas estritamente profissionais. Intencionais é como descreveria as ações dela. E se ele fosse más notícias?

Mas não era, muito embora, agora, tivesse o mais forte impulso de rodear a floresta até ela e persegui-la de volta. Um jogo entre lobos. Uma competição. E mais. O que o fez imaginar se Carol entenderia as maneiras de lobo deles, mesmo não tendo crescido em seu meio. Também estava curioso até onde ela iria para descobrir quem ele era.

Ao invés de persegui-la, moveu-se mais para dentro da floresta, como se a atraindo para sua armadilha, e escutou seus passos firmes. Eles estavam mais apressados agora, enquanto tentava alcançá-lo antes que desaparecesse para sempre, imaginou. Ou talvez o fato de que ele não estava à vista deu a ela mais coragem.

Carol parou a poucos passos de distância, as folhas verde-acinzentadas dos abetos arrastando em seu braço, seus olhos procurando na mata escura enquanto ele a observava. Seu coração bateu mais forte – a necessidade de caçar estava em seu sangue. Então, ela levantou o nariz como os lobos fazem, tentando sentir o cheiro dele.

Vendo-a reagir como uma de sua espécie — cheirando por aromas, inclinando a cabeça enquanto escutava mais cuidadosamente, tentando localizá-lo como um lobo numa caçada – sentiu uma nova onda de respeito atravessá-lo. Ele

não tinha visto esse lado de Carol antes. Combinava bem com ela.

Rapidamente virou a cabeça e, quando o viu, seus olhos se arregalaram. Brilhantes. Imensos. Sedutores.

Incapaz de se controlar quando deveria estar irritado com a impulsividade dela em sair de casa sem proteção, deu a Carol um sorriso leve. Essa mulher seria a sua ruína.

E agora? Ryan queria forçá-la a voltar para a casa. Por outro lado, provavelmente nunca teria outra chance como esta de questioná-la com privacidade. Ele riu para si mesmo. Sim, se transformaria, ficaria aqui nu no frio como humano e questionaria Carol como se fosse uma suspeita de um dos seus casos. Seria um interrogador tão impressionante e assustador que ela rapidamente despejaria a sua história.

Ele respirou profundamente e inalou seu perfume feminino. Adocicado, como pêssegos e jasmim misturados juntos em uma tentadora combinação, seu cheiro desencadeou a memória persistente de quando conseguiu chegar perto dela antes. Mas não tão perto. O Alfa e seu pessoal se asseguraram disto. Era como se ela fosse uma princesa de contos de fada em uma gaiola dourada e somente aqueles mais próximos do círculo de amigos de Darien e Lelandi estavam permitidos a se aproximarem.

Um sentimento de satisfação passou por ele porque finalmente tinha uma audiência privada, embora isso não o ajudasse muito enquanto estivesse em sua forma de lobo.

Não cheirou nenhuma indicação de que ela estava com medo, o que poderia tê-la colocado em apuros se tivesse saído sem se preocupar com as intenções dele.

— Quem é você? — ela perguntou, suas sobrancelhas profundamente franzidas conforme envolvia os braços apertados em volta da cintura, na defensiva, mas firme em sua postura.

Estava considerando se transformar. Ela fez uma pergunta que sabia que ele não poderia responder de outra forma. O que Carol faria então? Correria para a casa gritando para alertar Darien e todos lá dentro? Ryan mataria a mulher de susto, com certeza.

Ele balançou a cabeça em direção a casa do jeito que os lobos fazem, ordenando que ela voltasse.

Determinação estava estampada em seu rosto e balançou a cabeça. — Transforme-se. Diga-me o que você quer.

Sem sua permissão expressa, seu queixo caiu novamente. Não podia acreditar que ela tinha lhe dado ordens. Ele, um alfa macho e líder de matilha. Carol sorriu um pouco, estreitando os olhos. Astuta. Atraente. Não pensava que ele se transformaria.

Ela pediu por isso. Ryan se aprumou, esticando a cauda, reunindo o desejo de mudar. As sobrancelhas dela se levantaram um pouquinho.

O calor fluiu através de cada vaso sanguíneo, espalhando-se ao longo de cada veia e artéria. Seus músculos alongaram-se, reajustando-se, e então, em um instante, estava em pé como um homem diante dela. A brisa fria roçou sua aquecida pele nua e ele esperou que Carol escapasse ou, ao menos, o encarasse nos olhos para evitar olhar para a sua nudez.

Uma levíssima respiração chamou sua atenção, mas ela rapidamente se recuperou e o apreciou, seu olhar flutuado por todo o caminho até os pés descalços, avaliando-o calmamente. Ele nunca tinha visto uma mulher examiná-lo de forma tão excitante.

Ela mudou seu olhar de volta para o rosto dele. —Você parece agradável e saudável para mim. Eu pensei que talvez precisasse de cuidados médicos.

Foi quando ficou claro para ele. Srta. Nightingale não se chatearia com sua nudez. Carol estava acostumada a ver homens nus. Por que esse pensamento o irritava? Talvez, nem tanto por ela já ter visto muitos homens nus, assim como os lobos viam quando se transformavam, mas que não pensasse que a masculinidade dele não era especial de jeito nenhum. Apenas... saudável. Ainda que pudesse jurar que ela olhou para ele de uma maneira muito mais do que apenas médica.

— Bem?

— Incisiva, Srta. Wood.

— Me chame de Carol. Se você vai falar comigo na floresta escura sem nem um fiapo de roupa, parece bobo ser tão formal.

— Eu sou...

— Chester McKinley. Eu não o reconheci em sua forma de lobo, mas me lembro de você querendo ajudar tão galantemente Lelandi a achar o assassino da sua irmã, não importando o quanto Darien desaprovasse.

O tom que Carol usou não soou como se estivesse impressionada com o galanteio de Ryan. Na verdade, ela pareceu totalmente irritada em vê-lo. Apesar do tom dela, ele não conseguiu se livrar da fascinação que a mulher causava nele.

— Me chamam de Ryan.

Ela hesitou em falar e então perguntou, indo direto ao ponto: — Então, Ryan. Por que você está aqui? Darien sabe?

— Não. Eu queria falar com você sobre...

De repente, luzes inundaram a varanda dos fundos e Jake gritou: — Aqui! Ela saiu em direção à floresta nesta direção!



CAPÍTULO 2

— Oh, não. Vá embora – Carol sussurrou para Ryan na escura floresta, ao mesmo tempo soando vulnerável e desesperada. Darien e seus irmãos certamente estariam em pé de guerra enquanto procuravam por ela. — Se Darien me encontrar com você e você estiver... — Ela apontou para a nudez dele, seu olhar prolongando-se para baixo. — Eles ficarão furiosos.

— Ele vai sentir o meu cheiro assim mesmo e verá meus rastros de lobo. — Ryan não pôde dizer por que ele atrasou sua partida. Talvez estivesse preocupado que a tivesse colocado em apuros por conta das suas ações. No entanto, o sentimento inexplicável permaneceu corroendo-o. Quando ele quis interrogá-la durante a investigação e depois de ter sido ferida, Darien não havia permitido. Ryan não gostava de ser frustrado em qualquer missão de averiguação dos fatos que saía para realizar. E ele não seria desta vez, também.

— Vá — Ela implorou.

— Amanhã eu vou falar com você na festa.

— Darien não vai permitir isso. Você sabe que não.

Independentemente disso, Ryan sentiu uma pontada de culpa. A única razão pela qual veio aqui foi para ver Carol e provar que não tinha nenhuma habilidade especial. Por um instante, pensou que ela parecia esperançosa de que quisesse vê-la por algum outro motivo, algo mais íntimo. O que mexeu profundamente com ele.

Ryan precisava se lembrar de que a sua própria matilha de lobos não tinha um lobo recém-transformado há algumas décadas. Assim, ele não estava acostumado com a ideia de que alguém como Carol pudesse ter dificuldade para se adaptar à vida do grupo, onde o líder devia garantir que a novata não se desviasse muito e causasse problemas colossais que não pudessem ser facilmente resolvidos.

— Carol...

Ela balançou a cabeça. — Vá, agora. Vou tentar vê-lo amanhã.

Ele rangeu os dentes e ouviu os passos apressados vindo na direção deles. Então, se transformou e, no galope de um lobo, partiu para o rio para esconder seus rastros novamente. Eventualmente, retornaria para a sua pousada e ficaria em seu quarto durante a noite. No entanto, talvez não fosse capaz de ficar com o aposento se Darien descobrisse sobre ele.

Ryan queria enfrentar Darien e seu povo e explicar porque estava lá esta noite, sabendo que eles iriam questionar Carol impiedosamente sobre o que tinha visto na floresta. Embora, nu como estava, ele não teria tido nenhuma chance de se explicar, especialmente quando não conseguia formular nenhuma razão meio lógica para justificar o fato a si mesmo.

— Carol! — Darien disse com um tom forte, mas preocupado.

O líder da matilha carregava o fardo de manter todo o seu povo seguro, Ryan sabia muito bem. Ele foi em direção ao rio e pensou ter visto um lampejo de pele vermelha. Coiote? Outro lobo vermelho? Ele olhou de volta na direção que veio. Não poderia ter sido Carol, e duvidava que fosse Lelandi.

A menos que fosse aquele primo sorrateiro de Lelandi, Ural. Ou algum outro membro da família. Por que zanzar aqui no escuro, na floresta, como ele mesmo fazia? A coluna de Ryan endureceu ao considerar o que poderia ter acontecido à Carol se tivesse encontrado quem quer que seja que estava sozinho no escuro.

Ele nunca gostou de coincidências e raramente acreditava nelas. Seus instintos de investigador o pressionaram a investigar o vermelho no caso de ele ser um problema para o povo de Darien.

Com uma rápida virada na direção do lobo, Ryan correu atrás do outro macho.



A imagem de Ryan nu ainda estava pairando nos pensamentos de Carol quando ele saiu correndo em sua forma de lobo. Embora seus olhos, piscinas de cor âmbar-escuro⁸, fossem fascinantes o suficiente para quase fazê-la esquecer de qualquer outra coisa. Seu cabelo cor de café-escuro, enrolando em torno de suas orelhas, tinha suavizado, de alguma forma, os traços fortes e angulares de seu rosto, a sombra de uma barba aumentando a sexy robustez. Não o viu em cinco meses, mas esse tempo não diminuiu a maneira como se lembrava dele — o jeito como a havia estudado meses atrás, quando explicou a Darien o que ela tinha vislumbrado em suas visões e ajudou-o a levar o assassino à justiça.

Ryan a observou da mesma forma agora. Ele parecia intrigado. Provavelmente porque nunca conheceu alguém como ela. Pelo menos era o que pensava.

Mas então, ela estava novamente pensando no seu corpo nu. Saudável. Claro. Elegantes músculos rígidos tonificados à perfeição, mamilos escuros e um umbigo recuado feito para ser lambido, a pele brilhando, seu sexo excitando-se mesmo enquanto ela admirava-o, projetando-se de um arbusto de pelos castanho-escuros, pernas



musculosas e pés grandes, tudo muito bem proporcionado, povoavam sua imaginação. Ela certamente não o tinha visto dessa forma antes.

Carol acreditava que, porque se transformou em uma de sua espécie, ver um homem nu tão formoso como Ryan não iria afetá-la. Observou que isto era um pensamento ingênuo. Especialmente quando teve que dar uma olhada em seu sexo, duas vezes. Faria alguma diferença se tivesse sido uma lobisomem por eras e visto outros ficarem nus e mudarem de forma em qualquer momento numa matilha?

Talvez. Era como viver em uma colônia nudista e ficar acostumada a ver todo mundo nu sempre. Nada demais. Muito embora os membros da matilha não se transformem o tempo todo. Assim, eles não ficavam frequentemente nus na frente uns dos outros. E mudavam tão rápido que, a olho nu, a transformação era principalmente uma indefinição de formas maravilhosa.

Ela pensou que não seria afetada, sendo uma enfermeira e tentando olhar para ele de uma forma clínica, mantendo um ar de indiferença. Certo. Não tinha conseguido. Agora, não podia esquecer a imagem de sua complexão poderosa, pensando em como seria estar com alguém como ele na agonia deliciosa de uma apaixonante relação sexual. Seu rosto ruborizou com o pensamento.

— Carol! — Darien retrucou de novo. Ela reconheceu o medo em sua expressão, embora frequentemente franzisse o rosto para esconder as emoções.

Ele andou em sua direção, cabelos escuros, olhos escuros, um guerreiro pronto para a batalha. Seus irmãos o ladearam, todos os olhos sobre ela, a tensão correndo solta, suas posturas prontas para atacar se tentasse fugir. Para onde deveria correr? Ela era tão ignorante sobre tantos aspectos em ser uma *lupus garou*.

Lelandi a avisou o quão vulnerável estaria sozinha como uma recém-transformada *lupus garou*. Mas não queria viver solitária também. Apesar das restrições da matilha, ainda amava todos eles. Ela amava a proteção, o carinho e do jeito que pareciam sem noção, às vezes, a respeito de como lidar com a singularidade dela.

Mesmo assim, agradecia a Deus porque ainda não tinha se transformado em uma loba. Mas o desejo da mudança tornaria impossível que combatesse isto para sempre. Não tinha planos de ir a qualquer lugar. Ali era um lar, tal como era, e pelo menos, ela trabalhava no hospital agora que era um deles. Trabalhar como enfermeira foi o que sonhou desde que era uma menina e tinha quebrado a perna. Queria ajudar outras pessoas com necessidade, assim como a equipe médica a ajudou. Portanto, era perfeito para ela.

—Estou indo — disse de forma mal-humorada, conforme Darien e seus irmãos se aproximavam. Realmente desejava que não a vigiassem tanto. Estava bem e não precisava deles pairando sobre ela como um bando de velhas galinhas maternais. —Eu pensei que vocês três estavam no trabalho.

Jake e Tom a olharam como se quisessem garantir que estava bem e, em seguida, procuraram rapidamente a área circundante, tentando localizar os rastros de Ryan.

— Foi por isso que você saiu de casa? Porque pensou que eu não saberia? — Darien a pegou pelo braço e a levou de volta para a casa. Ele virou-se para olhar por cima do ombro para os seus irmãos, deu uma fungada no ar, e resmungou. Empertigando-se sobre ela, Darien deu-lhe um olhar feio.

— O que diabos fazia aqui sozinha com McKinley? Só porque eu e meus irmãos não estávamos em casa e Lelandi estava dormindo, não significa que é seguro para você correr na floresta sozinha durante a noite. — Então ele a observou, estreitando os olhos, e balançou a cabeça. —É melhor que ele não queira você como companheira.

Seus lábios se separaram em surpresa. Deveria saber que Darien reconheceria quem Ryan era, mas por que um líder de matilha cinzento estaria interessado numa loba vermelha recém-transformada? Entretanto, por que diabos ele queria tanto vê-la, possivelmente incitando a ira de Darien?

Ela suspirou. Ryan era viril, robusto e sexy com um corpo inesquecível. Diabos, ele era um banquete para os olhos carentes, com certeza. Esperava que tivesse agido menos como uma estudante, que não tinha visto um pacote como aquele num homem em muito tempo, e mais como uma enfermeira preocupada com as suas necessidades médicas.

Mas, mais do que sua boa aparência física, Ryan era protetor, carinhoso e dedicado. Ele realmente estava interessado em conhecê-la melhor?

Ela sorriu, a cada passo ficando mais feliz enquanto se dirigia a casa. Sempre teve uma queda por machos alfas. Não que tivesse qualquer intenção de ser uma mandada, mesmo que ele agisse com os melhores interesses no coração. Sua fascinação com alfas era que eles eram um desafio. Betas não a atraíam muito.

Mas então, seus passos desaceleraram. Quando ele esteve aqui antes, percebeu em sua postura e censura que não acredita em suas habilidades psíquicas. Com esse tipo de atitude, Ryan não poderia estar interessado nela.

Carol endureceu e lançou um olhar por cima do ombro na direção em que ele correu. Então, o que realmente fazia aqui?



Mais tarde naquela noite, depois de não localizar o lobo vermelho que fugiu na mata próxima à casa de Darien, e irritado além do imaginável, Ryan chegou à conclusão de que o *lupus garou* usava algum tipo de perfume mascarador para caçadores. Caso contrário, teria chegado a ele em algum momento. O que significava que o lobo não estava fazendo nada de bom.

Esgueirando-se pelo território de Darien, o vermelho tinha sido cuidadoso em não marcar a área, assim como Ryan, embora o instinto fosse difícil de controlar, como um alfa, em sua forma de lobo. Sentiu o cheiro das marcações feitas por Darien e outros membros da matilha quando cruzou a fronteira invisível no território deles mais cedo. As marcas eram um aviso para outros lobos e predadores que a terra já estava ocupada.

Ryan deparou-se com rastros de lobo e pelo vermelho num galho de pinheiro, mas o cheiro da localização atual do macho lhe escapava. Quando cheirou o pelo deixado para trás, não havia odor algum.

Ele foi atrás do lobo vermelho por alguns quilômetros, mas o rastro o levou a um rio e parou na margem rochosa. Mesmo que a invasão do macho fosse problema de Darien, não o dele, um irritante pensamento continuou a assolar Ryan enquanto virava e se dirigia pela floresta para a cidade. Por que o lobo estava vigiando a casa de Darien?

Suas ações não faziam qualquer sentido e não pôde evitar preocupar-se com Lelandi e Carol, as duas únicas lobas vermelhas no grupo. Exceto pelo médico de Lelandi, que estava emprestado à matilha de Darien no momento. Mas ele vivia próximo à cidade, não à casa de Darien. E o intruso era um macho. O que fez Ryan acreditar que estava interessado em Carol ou Lelandi. Ou nas duas.

Relutantemente, seguiu a linha de árvores e finalmente chegou à parte de trás da Pousada Hastings, onde alugou um

quarto com vistas para as árvores, perfeito para a privacidade. Ele tinha deixado a janela aberta para que pudesse facilmente entrar. Quando saltou para a abertura, no entanto, percebeu tarde demais que alguém tinha fechado a maldita coisa.

Suas patas dianteiras bateram no vidro duro e ele grunhiu e saltou para trás. Droga. Girando sua cabeça, viu Bertha Hastings, a proprietária do estabelecimento, espreitar pela janela da cozinha. Por um tempo, ela só o olhou, não o reconhecendo. Um lobo solitário. Não era da matilha dela. Um forasteiro.

Ele sentou e esperou.

O rosto redondo de Bertha transformou-se num semblante feliz com os cachos prateados, que tinham caído de um coque, roçando suas bochechas e uma pitada de pó branco na ponta do seu nariz arrebitado. A mulher finalmente o reconheceu? Ela não esteve na batalha quando os vermelhos e cinzentos entraram em combate. E ele não esteve em sua forma de lobo em qualquer outro momento perto de Bertha.

Ela abriu a janela, ergueu o queixo, e respirou fundo. Então, sorriu novamente, desta vez com os olhos de acordo a saudação alegre.

A dona da pousada sabia que era ele. Ryan respirou aliviado quando ela desapareceu da janela. Então a porta se abriu, e Bertha fez um gesto para que se apressasse para

dentro. Ele hesitou, preocupado que pudesse ter alguns convidados humanos. Mais vigorosamente desta vez, ela acenou novamente para que entrasse.

Galopando, entrou na cozinha. O cheiro de morangos e chantilly, bolos polvilhados de açúcar, pato assado e talos de aspargos grelhados no azeite encontraram sua aprovação. Ele sentiu o cheiro novamente, o que a fez sorrir.

— O jantar será servido em alguns minutos. O que você realmente está fazendo aqui, Ryan McKinley? — Bertha perguntou ao puxar a chave de uma estante e correr pelo corredor, as chaves tilintando em seu chaveiro.

Ele pensou que, com tantos anos que ela deve ter vivido, não acreditaria que fosse apenas participar da festa da primavera no dia seguinte, como disse. Seguiu-a logo atrás, querendo chegar ao quarto antes que um hóspede humano o visse e ficasse histérico.

Bertha destrancou a porta e o deixou entrar. — Fechei a janela porque o aquecimento deste lugar é bem ruim. Eu não percebi que você saiu para dar uma corrida como lobo. Tenho uma porta eletrônica para lobos na cozinha, se você precisar sair. Nenhum hóspede humano está hospedado na pousada agora, sintase livre para ir e vir como quiser e na forma que preferir.

Ele tinha visto a porta para lobos no check-in, mas não queria que Bertha soubesse que sairia, imaginando que teria curiosidade sobre o que estava fazendo. E não sabia se ela

tinha algum hóspede humano, embora isso pudesse mudar caso alguém tivesse feito check-in enquanto estava fora.

Ela fez sinal para o quarto com estampas florais em vários tons de verde em fundo branco, paredes verde-bandeira escuras, móveis brancos, e um vaso cheio de cravos verdes e brancos frescos. O lugar o fez sentir-se como se estivesse hospedado em um quarto na floresta, só que sem formigas e problemas climáticos.

— Este é o quarto que Lelandi usava quando chegou. Ela certamente trouxe consigo um ninho de vespas de problemas, embora, no final, tudo tenha acabado bem — disse Bertha e, em seguida, levantou uma sobrancelha. Ela deu um suspiro resignado.

— Você não está pensando em aticar a cidade também, não é? Devo advertir Darien que está aqui. Mas duvido que você seja uma ameaça real. Acho que não veio para ver Lelandi desta vez. — Então, as duas sobrancelhas de Bertha se levantaram como se ela tivesse descoberto o mistério por conta própria. — Oh, não é Lelandi. Carol, então? — Seus lábios se curvaram de uma forma maliciosa.

Ryan esperou pacientemente Bertha sair, mas ela parecia preocupada em adivinhar o porquê de estar ali e em deixar ele saber que conclusões estava tirando da situação.

— Ah... agora eu entendo. Vou deixar você com seus negócios. — Ela se virou para sair, mas parou e disse por cima do ombro. — Darien está se preparando para incentivar

um dos membros da nossa matilha e Carol a serem companheiros. Então, se estiver interessado... — Ela suspirou. — Eu não deveria estar dizendo isso, uma vez que você não é um dos nossos, mas acho que pode lidar com ela melhor que todo mundo, já que é um alfa e paciente também.

— Carol se mostra forte e que não precisa de ninguém para cuidar dela enquanto está cuidando de todos os outros. Não acredito nisso. Por trás daquela competente, eficiente e habilidosa enfermeira, existe uma mulher que precisa de alguém para lhe dar apoio moral de tempos em tempos. Jake seria um bom candidato, mas eles brigam muito, de uma maneira despreocupada. E Tom, bem, eu não sei o que ele está pensando metade do tempo. Você talvez queira intrometer-se e fazer uma oferta por ela. Só posso dizer que vale a pena.

Bertha sorriu amplamente, em seguida, fechou a porta e deixou Ryan em paz.

Não gostou de ouvir que Jake brigava com Carol. Depois de tudo o que passou, ela precisava de alguém que a apoiasse e não a confrontasse. Ele se transformou e vestiu suas roupas, pensando no que Bertha disse sobre ele ser paciente. Sim, imaginou que podia ser descrito dessa forma. E também metódico, obstinado e meticuloso.

Mas disponível para uma companheira? Ele balançou a cabeça. Tudo o que precisava eram respostas.

Seu celular tocou e ele agarrou-o. Rosalind. — Olá? O que há de errado?

— Você a viu?

Não importa quantas vezes dissesse a sua irmã que isso era estritamente profissional, ele não conseguia convencê-la. — Eu pretendo vê-la amanhã. — Pelo menos esse era o plano.



CAPÍTULO 3

Na manhã seguinte, apreensiva quanto à possibilidade de Jake ou Tom terem encontrado Ryan ontem à noite, Carol apressou-se para se vestir com jeans, seu suave suéter violeta favorito, que sempre a fazia se sentir pronta para qualquer aventura, e tênis. Se os irmãos tinham discutido com Ryan, ninguém havia dito nada sobre isso. O que a fez se preocupar ainda mais que eles estivessem escondendo a verdade dela.

Sair de fininho para ver Ryan privadamente seria um verdadeiro desafio, se Darien e seus irmãos não o tivessem afugentado e ele ainda assim conseguisse entrar no festival. Sem saber o que esperar da festa de primavera, já que apenas lobisomens eram permitidos e não tinha ido antes, estava animada em participar.

Mal tinha dormido, perguntando-se o que Ryan queria dela e esperando que ele não tivesse entrado em um monte de problemas com Darien e seus irmãos na noite anterior. Sem falar que, mais duas vezes, as malditas ondas de calor invadiram seu corpo, um prelúdio irritante para a mudança.

Felizmente, ela foi capaz de pará-las com uma visão recorrente do homem com listras vermelhas e brancas.

A música festiva podia ser ouvida tocando no prado perto da floresta e isto levantou seu ânimo. A matilha de Darien reunia-se em uma comemoração apenas para lobisomens, o que só funcionava devido à sua localização privada, e a música fez parecer como se um grupo de fadas tivesse descido sobre a área.

No andar de baixo, ela cheirou bacon frito. Tinha que ser Jake. Ele sempre era o primeiro a levantar e gostava de cozinhar.

Em seguida, o aroma de rosa e lilás ataçaram seus sentidos — a fragrância da primavera, bem como do verão. As rosas e lilases haviam chegado, com os cumprimentos da floricultura local, enquanto o resto das flores foi cultivado no próprio jardim de Lelandi. Tudo, desde a escada até as cornijas da lareira foi decorado com o melhor da natureza: pinhas, penas, açafão, tulipas vermelhas, roxas e amarelas, e uma pitada suave de luzes brancas - como se um jardim florido tivesse encontrado um lugar quente e aconchegante dentro de um espaçoso covil de lobos para escapar do clima ainda frio de primavera.

O que realmente animou seu passo foi a ideia de que se encontraria com Ryan novamente e saberia por que queria vê-la. Ele estava interessado nela? Não era que não quisesse um companheiro, simplesmente queria ter alguma escolha na questão. Até agora, ela não ficou atraída por ninguém da

matilha, exceto pelos irmãos de Darien e eles não mostraram qualquer interesse nela. Talvez, a razão pela qual teve a visão de Ryan foi porque ele era aquele destinado a fazê-la se apaixonar.

Ou não. As visões dela podiam ser irritantemente enganosas, obscuras ou simplesmente sinistras.

Quando entrou na cozinha, as costas de Jake estavam viradas para ela, enquanto mexia o bacon em uma frigideira de ferro fundido. — Bom dia, Carol. — Ele disse sem se virar.

Ela ergueu o nariz e sentiu seu cheiro. Jake tinha um odor picante, de mato fresco - como se tivesse acabado de vir de fora e trouxesse outra carga de lenha. Muito embora já houvesse cinco meses desde que foi transformada, não estava acostumada a todos usando seu olfato para saber que ela estava por perto. Achava que eles tinham habilidades psíquicas como ela, embora Lelandi a tivesse assegurado que não. Exceto pela estranha habilidade dela de sentir as fortes emoções do seu irmão Leidolf.

Leidolf agora era o líder de uma matilha vermelha em Portland, no Oregon, e era totalmente intrigante. Ele era solteiro e muito disponível, mas não estava interessado em uma vermelha recém-transformada. Não, ele era da realeza. Isso significava que sua ascendência podia ser vinculada a do primeiro *lupus garou* e muitos poucos seres humanos a tinham contaminado. Carol macularia enormemente a linhagem se alguma vez ele pensasse em acasalar com ela. Mas, alguns dias atrás, Lelandi havia espalhado a notícia

para eles: parecia que seu irmão tinha finalmente encontrado seu par.

Jake pegou alguns ovos em uma tigela, despertando-a de seus pensamentos sobre o outro homem. Jake era um cara interessante. Ele era difícil de ler, escondendo suas emoções, sombrio e pensativo como o seu irmão mais velho, Darien. Mas ao contrário dele, Jake tinha uma barba e seus olhos eram quase negros. Sempre que tinha tempo, se dirigia para a floresta, não para caçar ou pescar ou ser um homem macho, mas para tirar fotos de flores silvestres. E tentava não dar importância ao que fazia.

— Ovos, bacon? — ele perguntou.

Ela não mais desejava frutas no café da manhã. Ovos e bacon eram muito mais o seu estilo agora. Carol soltou a respiração em um suspiro pesado, odiando todas as mudanças que experimentou.

Jake lançou um pequeno sorriso para ela por cima do ombro. — Não me diga que você costumava ser uma vegetariana e manteve isso em segredo de nós nestes últimos meses.

— Não. — Ela não se preocupou em esconder a irritação em sua voz.

Ele riu. Carol o tinha ouvido discutir com Darien de que ela precisava de um companheiro e rápido. Mas Jake não estava oferecendo-se. E por mais doce que o irmão mais novo deles, Tom, fosse, ele não parecia interessado também.

Então, o que restava para ela? Um montão de machos de várias idades, todos solteiros, que estavam morrendo para conseguir uma fêmea para acasalar porque eram muito raras, ou assim lhe disseram. Sam, o barman, era um galã, mas Silva e ele eram um casal, embora eles ainda estivessem na fase de namoro de seu relacionamento. *Lupus garous* não faziam sexo casual, então, isto significava que o namoro provavelmente acabaria em breve, tão quente e fortes estavam ficando as carícias entre eles.

— Vai ficar melhor. — Com o tom de voz mais grave, Jake colocou o prato cheio com ovos e bacon na frente dela. — Você vai se ajustar.

— Claro. — Ela não acreditava que isto aconteceria.

— Darien diz que você está lutando contra a mudança. Cinco meses. — O olhar de Jake prendeu-se ao dela com a acusação. — Você não pode adiar a transformação para sempre e, se continuar tentando, é certo que isto vai colocá-la em apuros.

— Eu ouvi o sermão antes, Jake.

— Sim, mas deveria dar ouvidos à advertência. — Ele terminou o café e voltou para pegar mais. — Se você não mudar, vai forçar Darien a proibi-la de trabalhar no hospital.

Carol abafou um suspiro. Darien não podia tirar isso dela. Podia?

Jake lançou-lhe um olhar simpático. — Você não terá nenhum controle sobre a transformação em breve. De repente, estará arrancando suas roupas e virando loba em qualquer lugar, a qualquer momento. Não incomoda o resto de nós, mas o que os pacientes humanos achariam? Não podemos deixá-los saber o que nós somos. E você é um grande risco no momento.

Ela não podia permitir a mudança. Sentia o desejo crescer conforme a lua cheia se aproximava, mas pelo que Lelandi dizia, sempre que a lua aparecesse, mesmo nova ou crescente, lobisomens podiam se transformar. E eles tinham que fazer isto pelo menos uma vez durante o ciclo lunar. Lelandi não precisava, sendo da realeza. Ela podia mudar a qualquer momento ou nunca. Exceto por uma vez: quando temera por seu irmão em sua luta até a morte com o assassino de Larissa, ela não tinha sido capaz de se transformar de volta imediatamente.

Carol pensou que isto era parte da razão pela qual temia se transformar, que seria uma loba para sempre. Mas a visão que teve a aterrorizava ainda mais. O médico vermelho da antiga matilha de Lelandi, Dr. Weber, se transformaria e, então, seria incapaz de mudar de volta. Pelo menos achava que este era o caso.

Certamente, Darien e todo o resto sacudiriam suas cabeças para ela em descrença. Não externou sua preocupação a ninguém, mas deveria fazer isso. Lelandi era como uma irmã para ela agora e se alguém acreditaria em

suas visões, seria ela. Ou, pelo menos, Carol esperava que acreditasse.

Sentado à sua frente, Jake sorriu. Um brilho malicioso apareceu em seus olhos quando ele fez uma pausa, o garfo carregando um montinho de ovos à boca. — Pronta para sua estreia?

Ela ignorou e cutucou seus ovos.

— Darien não vai esperar muito mais tempo. Não quando há dez homens em nossa matilha que estão insistindo que você fique disponível para namoro.

Seus lábios se separaram por um segundo e ela não conseguiu disfarçar sua surpresa com a rapidez necessária. Darien não permitiu que os homens chegassem perto dela? Até certo ponto, ficou aliviada ao pensar que os solteiros não a rejeitaram porque era esquisita. E que Darien estava preocupado o bastante com o seu bem-estar para esperar até que estivesse mais preparada para isso.

Mas ficou indignada por ser tratada como uma heroína de algum romance histórico. Disponível para namoro. Certo.

— Ah, qual é, Jake. Parecem os tempos medievais, em vez do século 21!

Ela torceu o nariz, contrariada com o pensamento desagradável. Mesmo que adorasse ler romances como esses, não queria ser tratada como uma daquelas mulheres.

Embora, nas versões ficcionais, eles eventualmente acabavam vivendo felizes para sempre.

— Ei, quando uma escassez de mulheres existia no velho-Oeste, as mulheres eram valorizadas. Você devia sentir-se honrada. Além disso, nós já lhe dissemos que baseamos muito do que fazemos em tradições milenares. Quando uma coisa boa funciona... — Ele encolheu os ombros.

— Honrada? Ha! Tudo o que um homem queria naquela época era uma mulher para costurar suas meias, cozinhar suas refeições e aquecer sua cama.

Jake sorriu. — Não há necessidade de costurar meias ou cozinhar refeições aqui. Aquecer a cama... — Ele levantou uma sobrancelha, o sorriso ainda se prolongando. — Isso é outra história.

Ela deu-lhe um olhar irritado. — Eu me sinto pressionada a tomar uma decisão que não quero sequer pensar agora.

Ele balançou a cabeça, seu tom uma tentativa de ser reconfortante. — Você não terá que fazer nada de imediato.

Não acreditou nisto nem por um minuto. E "nada de imediato" significa o que? Que tinha dias? Semanas? Poucos meses para tomar uma decisão? Ela compreendeu a preocupação deles - tinha que ser vigiada constantemente e um movimento errado da parte dela poderia colocar todos em perigo. Ter um companheiro iria ajudá-la a ajustar-se mais facilmente ao seu novo papel. Ainda assim...

Com o cabelo castanho mais claro que o de seu irmão e olhos mais âmbar, Tom caminhou até a cozinha e limpou a garganta. — Dá um tempo, Jake.

Tom sempre foi seu cavaleiro quando precisava, mas, mesmo ele, estava mantendo distância no que se referia a qualquer tipo de ligação emocional desde a festa de Ação de Graças. Ela se perguntava se Jake e Tom ficaram perto dela naquela época apenas porque Darien lhes tinha dito para observá-la, para manter os outros machos longe até que ele dissesse que o momento era certo.

Ela pigarreou baixinho e Jake ergueu as sobrancelhas. — Tem algo que você deseja compartilhar?

Carol lançou-lhe um olhar irritado e pegou outro pedaço de bacon.

— Mervin está realmente interessado — disse Jake.

Ela não se importou que ele estava brincando. Já estava cansada da conversa.

— Jake. — Tom lançou-lhe um olhar de advertência. Sendo o mais novo dos trigêmeos, mesmo só por cinco minutos, Tom não podia evitar que a hierarquia fosse bem estabelecida. Jake não estava disposto a ouvir o seu irmão mais novo.

— Você terá cortes de cabelo de graça se acasalar com ele — Jake persistiu.

— Ele é barbeiro, não corta o cabelo das mulheres. — Carol sabia que o comentário tinha a intenção de ridicularizá-la por ter um corte de cabelo na altura do queixo e por não deixá-lo crescer mais como as outras mulheres *lupus garou*. Ela não ia mudar.

— Um monte de nós vai brincar hoje à noite na floresta — Tom disse casualmente. — Você gostaria de ir com a gente, Carol?

— Obrigada, Tom, eu adoraria. — Não. Pobre Tom. Ele só tinha boas intenções e continuava tentando fazê-la se sentir como parte da matilha. Mas ela não podia mudar. Não voluntariamente. Durante cinco meses, ele ficou tentando encorajá-la a fazer parte da família de verdade e ser um deles. — Mas não hoje à noite.

Jake e Tom trocaram olhares, como se eles concordassem que sua hóspede era incrivelmente difícil de lidar.

Para mudar de assunto para um que queria resolver, ela perguntou: — Quando é que Puss terá permissão de voltar para casa comigo?

Mesmo que não fosse a casa dela, e embora tivesse parado para visitá-lo no canil todas as noites depois do trabalho, ela queria sua bola de pelos enrolada em seu colo a noite quando relaxava, lia um livro, assistia televisão ou brincava com o gato com um feixe de luz enquanto ele tentava capturá-lo, ou escondia a mão debaixo das cobertas

enquanto ele tentava achar o objeto escondido. Certamente, Dr. Mitchell, o veterinário, deixava Puss ter rédea solta sobre a clínica e canil, mas ela o queria em casa para abraçar e brincar! Carol considerou trazer o gato sorrateiramente para casa, esperando que Darien visse o quanto ele significava para ela.

Sua pergunta ficou no silêncio, e então, Lelandi e Darien entraram. Ele tinha o braço em volta da cintura dela, e os dois pareciam perfeitamente saciados. Carol se conteve de balançar a cabeça, tristemente desejando que tivesse alguém em sua vida assim. Eles pareciam perfeitos um para o outro, apesar de terem seus desentendimentos. Ela sofreria alegremente com as discordâncias com um parceiro em potencial, se pudesse ter o brilho que Lelandi carregava desde que acasalou com Darien.

— Bom dia a todos — ela disse, dando a Carol um grande sorriso. Com seus longos cabelos ruivos ondulando ao longo de um conjunto de corrida de veludo azul-escuro, Lelandi parecia pronta para competir nos jogos do festival, embora Carol tivesse ouvido que Darien havia suspenso o concurso de cabo de guerra. Ele não disse o porquê e ninguém sequer especulou, o que ela achou estranho.

Lançando um breve olhar sobre Carol, Darien estava de volta ao seu olhar de negócios, como de costume. — Jake, eu preciso de você para fazer alguns arranjos para um encontro hoje à noite.

Jake voltou sua atenção para ela. Ótimo. E agora?

Eles estavam pensando em fazer a apresentação dela à sociedade como se tivesse acabado de chegar à maturidade e fosse elegível para a "corte" como faziam nos romances históricos que amava? Algumas regiões ainda mantinham festas de apresentação ou bailes para grupos de mulheres jovens bem relacionadas. Ela supôs que era agora bem relacionada — se viver com Darien e Lelandi fosse o equivalente lobisomem disso. No entanto, apresentá-la à "sociedade lobisomem", em sua idade, parecia absurdo.

— Você teve uma apresentação formal? — perguntou a Lelandi. Ela soube que a mãe e o pai da outra mulher, ambos vieram de famílias líderes de matilha, então imaginou que ela era importante nos círculos sociais dos lobisomens.

— Oh, sim.

Carol mexeu com o guardanapo no colo. — Mas você acasalou com Darien. — disse incisivamente.

— Humm, sim. Eu estava meio que indisponível para os membros da minha matilha, especialmente quando o homem dos meus sonhos continuava vindo até mim em meu sono. — Lelandi olhou para Darien, que pegou a mão dela e apertou-a.

Carol amava como os dois se apreciavam, como se o mundo parasse enquanto eles olhavam fundo na alma um do outro naquele momento poderoso.

No entanto, o tópico que tentava argumentar caiu no esquecimento, embora não achasse que isto mudaria alguma

coisa de qualquer jeito. Darien faria do seu jeito, acontecesse o que fosse.

Como se estivesse lendo a mente dela, ele disse:

— É a nossa maneira, tem sido assim ao longo dos séculos. Nem todos encontram companheiros desta forma, é claro, mas... — Ele encolheu os ombros.

O que foi deixado implícito era mais revelador do que qualquer outra coisa. Carol aprumou-se e tentou não franzir muito a testa. Ultimamente, tinha feito muito isso e sua mãe sempre dizia que, se continuasse assim, ela teria rugas para sempre gravadas em sua testa. — Mas já que eu sou recém-transformada, não tenho escolha, certo?

— Oh, não — Lelandi disse rapidamente. — A escolha de quem você quer ver, namorar e acasalar é sua. É de vocês dois. — Ela deu uma olhada em Darien indicando que era melhor ele concordar.

Jake deu a Carol um sorriso maligno. — Mervin está convidado, certo?

Se o pé da mesa não estivesse no caminho, ela o teria chutado.

— Claro, se ele estiver interessado. — Darien carregou os pratos até a mesa para Lelandi e para si, arrumou-os e, em seguida, puxou a cadeira quando ela trouxe as xícaras de café deles.

— Ele está interessado, com certeza. Verdadeiramente interessado — disse Jake.

— Acho que isso significa que eu abandonarei minha brincadeira na floresta hoje à noite — Tom disse com um suspiro.

Evitando olhar para Carol, Darien se sentou à mesa. — Não precisa. Jake pode lidar com isso.

— Eu vou ajudá-lo. — Tom deu a Jake um olhar que indicava ser melhor ele se comportar.

Por que Tom não podia estar interessado nela? Reparou que quando Lelandi e Darien estavam juntos, ou Sam e Silva, ela cheirava a atração sexual distinta entre eles. Não notou este aroma especial quando algum homem estava perto dela. O que isto significava? Achava que ninguém estava interessado. Diabos, ela não tinha um namorado de verdade desde que começou a escola de enfermagem, quatro anos atrás, e agora que era uma lobisomem, não podia nem excitar um bando de lobos com tesão que não tinham companheiras.

Do jeito que Lelandi estava lançando olhares furtivos, Carol soube que ela queria falar sobre algo longe dos caras. Provavelmente um fraternal conselho entre lobas sobre encontrar-se com um homem, sozinha na floresta. Mesmo que ele estivesse como lobo. Num primeiro momento.

Darien devorou rapidamente o café da manhã, beijou a bochecha de Lelandi, e então disse a seus irmãos:

— Vamos. A celebração não começa realmente até que apareçamos.

Ela sabia que isto incluía Lelandi, mas... alguma coisa não estava sendo dita.

Jake e Tom olharam para Carol. Sim, essa era a sociedade secreta dos lobos e realmente não fazia parte dela. Os homens apressaram-se para sair enquanto Lelandi começou a retirar os pratos. Ela se levantou para ajudar.

— O que ele queria, Carol? — Lelandi perguntou casualmente, mas Carol notou a desaprovação em seu tom de voz.

Tentando parecer indiferente, perguntou:

— Quem?

Lelandi virou-se e tocou o braço dela de forma apaziguadora, com os olhos preocupados. — Eu não posso imaginar o quão difícil é para você tentar se ajustar às nossas maneiras, mas precisa perceber que Darien só faz o que é melhor para você e para o nosso povo.

— Eu não queria que fosse transformada contra sua vontade ou sofresse como sofreu. Mas, agradeço a Deus que sobreviveu ao ataque. Você é como uma irmã para mim agora, hoje e sempre. — Ela abraçou Carol e respirou profundamente. — Sempre saiba disso.

Um sentimento de pertencimento tomou conta dela brevemente. Estava contente por ter uma irmã quando

tinham perdido as suas próprias. Esperou Lelandi dizer algo mais sobre Ryan, para alertá-la sobre ele, mas por qualquer motivo, ela continuou a lavar as canecas de café e colocá-las na máquina de lavar, sem dizer uma palavra. Talvez, ela pensou que Carol não quisesse ouvir de qualquer forma. E tinha esse direito. Não podia ser um beta como a maioria das pessoas na matilha. Na maior parte do tempo, não fazia o papel de loba subserviente a menos que sentisse que não tinha outra escolha.

A visão que teve no dia anterior continuava atormentando-a. Ela sabia que tinha que dizer a Lelandi. Quanto mais pensava nisso, mais receio tinha que a outra mulher não acreditasse nela.

Manter as mãos ocupadas para falar sobre o assunto seria mais fácil. Carol enxaguou um prato sujo e colocou na máquina de lavar.

— Lelandi... eu... bem, eu sei que às vezes é difícil para os outros acreditarem que posso ver coisas que ainda não aconteceram. Até que elas possam ser provadas. Quer dizer, se eu dou um aviso e, então, o que previ realmente ocorre. Então é perfeitamente verificável. Às vezes, sei que é verdade mesmo quando a visão não aconteceu, mas às vezes... — Ela encolheu os ombros.

Lelandi colocou o pano de pratos no balcão de azulejos e parou de limpar as migalhas de pão e o café derramado, sua expressão era uma tentativa de ser neutra, mas sua mandíbula estava ligeiramente apertada. — Qual é o

problema? — Sua voz era a mesma, mas pontilhada com preocupação.

—É... é só que eu vi o Dr. transformar-se num lobo e depois, bem, ele não conseguia mudar de volta.

As sobrancelhas de Lelandi levantaram-se e, em seguida, ela sorriu. Qualquer sinal de preocupação desapareceu, e ela voltou a limpar o balcão. — Ele transforma-se de volta. Todos nós fazemos isto.

—Teve uma época que você não conseguia.

Lelandi parou e pareceu pensativa. —Sim, mas isso só tem a ver com os meus fortes sentimentos por certas pessoas. E só aconteceu duas vezes, cada vez que meu irmão quase morreu. Levou algumas horas, talvez mais, para voltar para a minha forma humana. Então, eu estava de volta ao normal. Ninguém que conheci durante meus longos anos de vida teve problemas mudando de forma.

— Mesmo lobos recém-transformados sempre voltam?

— Você se viu nessa situação? Incapaz de transformar-se de volta?

Carol balançou a cabeça lentamente. Mas ela descobriu que a única razão para que não tivesse esta visão foi porque se recusava a mudar e foi capaz de combater isto com sucesso. Por quanto tempo mais, ela não tinha certeza. Também observou que Lelandi não respondeu exatamente a

pergunta. — Algum dos lobos recém-transformados que você conhece foi incapaz de transformar-se de volta?

— Não que eu já tenha ouvido falar. Além disso, o doutor é um vermelho real. Não há influências humanas em sua linhagem por gerações. Assim como eu, ele pode mudar à vontade. — Lelandi sorriu e deu um tapinha no ombro de Carol. — Dr. Weber vai ficar bem. Você disse que suas visões eram breves vislumbres do futuro. Assim, ele se transforma, e você simplesmente não o vê mudar de volta. Isto é tudo.

— De verdade, Carol. Eu expliquei como estava ligada às emoções mais fortes dos meus irmãos e sempre fomos muito próximos uns dos outros. Esse foi todo o problema que houve sobre a minha incapacidade de mudar de forma de volta. Não se preocupe.

Mas Carol se preocupava. Lelandi estava certa de que não podia ver uma sequência longa do evento que ocorreria, mas assim como ela sentia fortes laços com as emoções de seu irmão, Carol tinha fortes sentimentos com suas visões. E ela sabia que algo estava terrivelmente errado. Tinha que ser que o doutor não poderia mudar de volta. Não conseguia imaginar o que mais poderia ser.

Ela suspirou. Até que pudesse ver algo mais que convencesse Lelandi, sabia que nunca chegaria a lugar nenhum nesse assunto. Poderia muito bem falar com ela sobre o que sabia que estava incomodando a outra. — Na floresta na noite passada... Ryan disse que tinha algo para me perguntar. Isso foi tudo.

Lelandi parou de tirar as coisas da pia e se virou embasbacada para Carol. — Ryan?

— Humm, Chester Ryan McKinley, mas ele me pediu para chamá-lo de Ryan.

— Ele se transformou de um lobo e ficou nu na sua frente para falar?

Carol deu de ombros. — Não foi grande coisa. Eu tive uma visão com o lobo e precisava saber quem ele era e o que queria. Ele não poderia me responder muito bem como um animal. E Ryan foi um perfeito cavalheiro, assim como sempre foi com você.

Os olhos verdes dela se estreitaram, Lelandi deu um suspiro elegante e colocou seus cachos vermelhos atrás das orelhas. — Ele foi um cavalheiro comigo porque sabia que seria um homem morto se não fosse. Os homens são lobos, sem trocadilhos. Lobos lascivos.

— Se Ryan tiver alguma ideia sobre você — o que ele muito bem pode ter, agora que você é uma de nós — é melhor ficar longe dele. Darien e seus irmãos vão acabar com ele, se tentar interferir na política da matilha. Ele não está aqui por convite e ontem à noite invadiu o nosso território sem permissão. Darien está bastante irritado com isso.

Com o coração apertado, Carol olhou para fora da janela da cozinha. Ela curava as pessoas como profissão e da última vez que tinha olhado pelas janelas do solário foi quando a matilha se reuniu no prado para derrotar um assassino. Não

conseguia lidar com essa parte de ser uma lobisomem. Talvez, inconscientemente, isto era outra coisa que a incomodava sobre ser parcialmente uma loba. Se ela se transformasse, teria o desejo de matar?

Com as mãos trêmulas, Carol colocou o último dos talheres sujos na máquina de lavar. — Eu vou... Eu vou te ver no festival.

Ela apressou-se para fora da cozinha para avisar para Ryan ir embora imediatamente, se o visse primeiro.

Lelandi gritou para ela: — Não fique no caminho de como Darien lidera a nossa matilha, Carol.

Claro, quando já era uma estranha, com tantos pontos contra ela, o que mais alguns importariam?

Por que os homens da matilha de Darien ainda a queriam? Eles estavam apenas desesperados? Ela os tinha visto sorrir como se estivessem interessados. Achava que eles não se aproximaram ainda por causa da decisão de Darien. Mas, ainda assim, se incomodou com o pensamento mesquinho de que eles conseguiriam muito mais do que esperavam se fossem atrás dela. Não achava que qualquer um dos machos beta poderia lidar com sua singularidade.

Ela suspirou e empurrou a porta do solário.



CAPÍTULO 4

Lelandi sorriu para Carol enquanto ela saía correndo da casa. Podia falar até que ficasse com o rosto azul, tentando fazer com que Darien a ouvisse sobre as circunstâncias especiais de sua amiga, sem que fizesse a mínima diferença. Tampouco o desejo dela em salvar a pele de Chester – mais precisamente, Ryan – mudaria o interesse de Jake ou Tom em Carol, ou talvez Ryan fosse o par dela.

O que quer que pudesse fazer para ajudar, estava pronta. Ela estava convencida de que o homem certo faria maravilhas para ajudar sua nova irmã a aceitar o que era agora. E o tempo estava se esgotando. Logo, Carol, inevitavelmente, mudaria de forma e quando isso acontecesse, rezava para que ela estivesse em casa, ou apenas com sua própria espécie. Lelandi tinha convencido Darien a continuar permitindo que Carol trabalhasse no hospital, mas ele cancelaria isso em breve se ela não se transformasse logo.

A melhor amiga de Lelandi, Silva, caminhou até a cozinha com uma garrafa de água na mão e uma fita

vermelha na outra. Com seus cachos escuros empilhados em cima de sua cabeça, ela estava vestindo shorts curtos, um par de botas de cano alto e uma camisa curta que acabava na cintura e mostrava seu umbigo. Lelandi segurou um sorriso.

Era melhor Sam descer do muro sobre se comprometer com Silva, ou ele teria muita concorrência nos jogos hoje.

— Eu ouvi que McKinley esteve furtivamente em torno das terras ontem à noite para ver Carol — disse Silva, com as sobancelhas levantadas.

Lelandi encolheu os ombros.

Silva sorriu. — Ele esteve! — Então, franziu a testa. — Ai meu Deus, os machos solteiros vão querer derramar sangue se ele aparecer nas festividades. — Ela inclinou-se sobre a pia da cozinha e olhou para fora da janela. — Você deveria estar com ela, você não acha? Quero dizer, nós duas. Se nós a acompanharmos, McKinley não vai chegar perto e Darien e seus irmãos não terão que machucá-lo.

Ela se virou para Lelandi. — Então, o que aconteceu ontem à noite? Ouvi que Carol estava na floresta com ele. Sozinha.

Não estando prestes a dizer a ninguém o que sua amiga compartilhou em confiança, ela suspirou. — E quanto a Sam? Ele vai protegê-la no jogo das faixas?

Silva riu. — Claro, se ele não proteger, é problema dele, não meu.

Mas Lelandi sabia que Silva queria Sam e que ele realmente a queria. Não tinha certeza de como fazê-los finalmente se renderem e tornarem-se companheiros. Ela esfregou seu estômago distraidamente e pensou que tinha que colocar os dois na direção certa.

— Vamos lá, Silva, vamos ter um pouco de diversão. — E rezou que diversão fosse tudo o que teriam — e não batalhas entre vontades masculinas.



Carol aproximou-se do bosque, onde talvez Ryan pudesse aparecer e falar com ela, enquanto todo mundo estava ocupado brincando. Mas então viu quatro homens vasculhando os arredores. Ryan nunca conseguiria falar com ela a sós novamente.

— Vamos lá, vamos pegar uma fita — Lelandi disse, juntando-se a ela e puxando-a pelo braço para levá-la a se aproximar de um grupo, em sua maioria homens, que estavam dividindo-se em faixas. Azul para uma equipe. Vermelho para a outra.

— Sorria. O mundo não vai acabar. Nós jogamos jogos como este o tempo todo, tanto como lobos, assim como humanos, embora não em formas distintas. É da nossa natureza mostrar solidariedade, trabalho em equipe e cooperação. É quem nós somos e como nós sobrevivemos.

Além disso, os irmãos de Darien irão protegê-la contra os grandes lobos maus.

Carol não estava preocupada com o jogo tanto quanto com a batalha que poderia acontecer se Ryan aparecesse. E agora, se sentia como se fosse um peão no esquema das coisas, a tão desejada conquista de um bando de solteiros sedentos para acasalar.

Rindo de si mesma, pensou que só acreditaria quando visse isto.

Lelandi acenou para Sam, o barman da Taverna de Silver Town. — Ele vai cuidar para que os machos não fiquem muito brincalhões com você.

Com 1,93 de altura, Sam era um adversário formidável. Ele coçou a barba negra, seus olhos escuros observando a multidão, a brisa balançando seu cabelo preto na altura do ombro. Parecia mais com um urso disfarçado de lobo.

Carol estava realmente ansiosa por um pouco de diversão. Qualquer coisa para mostrar que ainda estava viva. Não achava que Sam iria cuidar dela como faria com a sua garçonete. Ele já estava de olho em Silva com interesse lascivo enquanto ela se juntava a Carol e Lelandi.

— Estão prontas para jogar, senhoritas? — Silva piscou para Carol. — Ryan McKinley é um lobo determinado, então eu aposto que ele estará aqui. Apesar disso... — Silva disse, apontando para a floresta — Darien está tentando garantir

que ele não venha por aquele caminho de novo. — Ela acenou com a faixa vermelha. — Para que time que vocês vão?

Lelandi esperou para falar até que Carol falou. Ela soltou a respiração e saiu em direção à mesa. — Azul. — Olhou por cima do ombro para Silva. — Então, eu posso roubar sua faixa. Sem me meter em muita confusão. — Ela sorriu.

Silva riu. —Você vai se sair bem, querida. Nunca duvide de si mesma.

Com expressão sombria, Jake apareceu do nada. A partir do olhar em seu rosto, Carol descobriu que ninguém havia visto qualquer sinal de Ryan ainda. Jake vinha na direção dela e presumiu que era o fim de jogar qualquer jogo. Mas ele lhe deu um pequeno sorriso e pegou uma faixa azul que estava empilhada sobre a mesa. — Eu vou lhe dar cobertura.

Foi quando Darien apareceu. Ele viu Jake com Carol e depois escolheu uma faixa vermelha. Lelandi sorriu e, em seguida, prendeu a faixa azul no cinto, atrás dela. Já que Darien estava obrigando Carol a ter algum encontro fora de moda naquela noite, ela mudou de ideia sobre ir atrás da faixa de Silva e pretendeu mirar em Darien ao invés.

Gritinhos das crianças — jogando o mesmo jogo, mas para os participantes mirins em outro campo aberto — chegaram até onde Carol estava, então, o sinal veio para o jogo dos adultos começar. Tom correu para pegar uma faixa

para se juntar a equipe de Carol. Ela deveria ter percebido que os dois irmãos seriam seus protetores novamente.

De início, foi uma corrida louca, com todo mundo correndo em todos os lugares para pegar faixas. Alguns dos machos solteiros beta não olhavam diretamente para Carol, mas ela tinha uma suspeita de que a tinham como alvo a todo o momento tanto quanto os que olhavam com um sorriso. Foi quando Sam se juntou ao seu grupo e ela deu aos solteiros um sorriso diabólico. Carol tinha toda uma equipe de machos alfas como guarda-costas dando cobertura.

Darien observava Lelandi, que estava olhando para ele desafiadoramente. Mas tão logo ele correu atrás dela, ela correu para conseguir uma faixa de um dos machos solteiros que iam atrás de sua nova irmã. Carol esqueceu Ryan, sobre o desejo de Darien conseguir um par para ela, sobre o interesse dos machos solteiros nela. Esqueceu-se do encontro hoje à noite e da transformação. Tudo o que pensou foi na faixa vermelha de Darien, enquanto ele tentava obter a faixa azul de Lelandi.

Perto o suficiente para ela ouvir, Jake riu e disse ao seu irmão mais novo: — Normalmente, ninguém além de Lelandi teria a coragem de ir atrás de Darien. Exceto por você e eu, quando for a hora certa.

No fundo, Carol queria a fita do líder da matilha só para provar que ele não mandava nela como pensava.

Acreditou que estava livre para pegar a faixa dele quando dois homens apareceram em sua visão periférica, vindo diretamente para ela. Eles não estavam apenas protegendo o seu companheiro de equipe, mas o líder da matilha, tendo também a oportunidade de obter a faixa dela.

Como um forte jogador de futebol americano, Sam derrubou o homem, deixando o cara deitado de costas com um "oof". Jake entrou para matar, por assim dizer, no outro cara. Sorrindo, Jake piscou para Carol nesse ínterim, o que lhe deu o aval para tentar a fita de Darien novamente.

Lelandi girou e dançou na frente de Darien, mantendo-o distraído enquanto ele tentava pegar a fita dela, assim Carol poderia agarrar a dele.

Por acidente, Carol apalpou as nádegas dele, seu rosto corou de vergonha. Em seguida, ela foi pegar a fita como um último esforço. E agarrou o... ar.



Inclinando-se contra uma das mesas repletas de fitas, com os braços cruzados sobre o peito, Ryan McKinley assistiu Carol deslizar, deslocar e esquivar-se das bestas que iam atrás dela, todo o seu corpo em movimento, como uma ágil dançarina exótica. Requintada e hipnotizante. Ele não conseguia se lembrar de um tempo em que gostou de assistir a um jogo tanto assim. Normalmente, preferia jogar. Esportes para o público não era coisa sua.

Carol, e não qualquer das outras mulheres jogando o jogo, foi aquela que capturou sua imaginação. Sua bunda bonitinha balançava em seu jeans apertado conforme saltava para trás e para a frente, com as mãos estendidas e pronta para agarrar a faixa de Darien. Sua agilidade, rapidez e o riso em seu sorriso e olhos fazia ser um prazer assisti-la.

Sua ânsia de ir atrás do verdadeiro prêmio, quando ninguém mais ousaria, fez Ryan sorrir. Pena que ele estava ali apenas para esclarecer o assunto deste lance psíquico. Entretanto, o misterioso negócio do vermelho na floresta na noite anterior era outra situação que precisava esclarecer ao avisar Darien sobre isto, se ele já não soubesse.

Um homem tentou alcançar Carol, empurrando Sam para chegar até ela, e todos os músculos do corpo de Ryan se contraíram. Ele se controlou para não sair correndo para o campo de jogo para protegê-la. Ela já tinha uma força de guarda-costas e não precisava dele. E não queria pensar sobre o porquê isso o incomodava.

Ele não esperava que ela jogasse o jogo com tanto entusiasmo. Mais reservada, não tão envolvida, talvez. Mas não como uma gata selvagem indo atrás do ouro. E o ouro era a fita de Darien. Ela tinha coragem, ou talvez não percebesse o que opor-se ao líder alfa significava. O fato de que ela ia obstinadamente atrás dele mostrava a sua verdadeira força de caráter. Ryan não pôde evitar ficar impressionado. Malditamente impressionado.

Carol esquivou-se de outro homem, um solteiro elegível, sem dúvida, e virou-se, puxando a fita dele ao invés. Ela já tinha três fitas amarradas na sua cintura, a megera.

Lelandi captou o olhar de Ryan, levantou a sobrancelha e sorriu. Pelo menos ela não era contra ele estar ali. O olhar dela deslocou-se para onde Carol estava movendo-se novamente em torno das costas de Darien.

Silva, de repente, notou Ryan e balançou a cabeça. Em seguida, um homem alto, vestindo o uniforme de um quarteto de barbeiros, tentou aproximar-se de Carol, mas muitos outros bloquearam o caminho dele. O homem movimentou-se ao redor como a barra giratória vermelha e branca da barbearia, tirando a faixa azul, enquanto tentava alcançar Carol.

Jake viu Ryan, parou de brincar, e foi em direção ao forasteiro, seus olhos se estreitaram e sua mandíbula tencionou. Ryan imaginou que ele lhe diria para ir embora. Mas, ao invés disso, se juntou a ele, encostou-se de costas contra a mesa ao seu lado e depois cruzou os braços.

— O que você está fazendo aqui? — A voz de Jake era calma, o que o surpreendeu, como se ele estivesse meio que esperando que Ryan aparecesse e não se importasse de uma forma ou de outra.

Mas não acreditou no tom de complacência de Jake. Todos os três irmãos podiam ser facilmente provocados se

achassem que o bem-estar de qualquer um dos membros da matilha estava em perigo.

— Estou aqui para terminar meu relatório. Alguns detalhes que queria esclarecer com Carol.

— Nada mais do que isso? — Jake parecia cético e voltou sua atenção para a mulher em questão. — Eu nunca esperaria que fosse ver isto finalmente.

Surpreso por ela ter estado descontente na matilha, considerando o quão alegre parecia, Ryan franziu a testa. Seu primeiro pensamento foi que os membros do grupo de Darien não a tratavam bem. Ele rapidamente reconsiderou, pensando que talvez isto tivesse algo a ver com sua transformação tão recentemente.

— Ela não está contente em ser uma de nós?

— Ela está aprendendo a se ajustar.

Aquilo não parecia nada bom. Quando Jake não disse mais nada sobre o assunto, Ryan perguntou:

— Quais são os problemas?

— Todo mundo é diferente no modo de lidar com a transformação. Alguns abraçam as mudanças. Outros não.

Isso não sossegou o mal-estar que Ryan sentiu sobre a situação. — E ela está lutando contra a conversão.

—Pode-se dizer que sim.

Ryan nunca havia pensado que Carol podia não gostar de ser uma lobisomem, nem que alguém seria infeliz com suas recém-descobertas habilidades. Poder se curar mais rápido, a capacidade de ver à noite e sentidos aguçados de olfato, visão e audição. O aumento da longevidade. A resistência do lobo. Claro, ele tinha nascido um *lupus garou*, por isso era difícil imaginar alguém lidar com as mudanças de um dia para o outro.

Ele coçou o queixo e observou-a um pouco mais, vendo o jeito como ela realmente estava aproveitando o jogo. A partir de suas observações, não podia visualizá-la como uma mulher que estava em conflito com a sua metade lobisomem. Parecia que ela estava divertindo-se muito. Até ontem à noite, quando o caçou, deve ter apreciado a visão noturna de loba e seu olfato apurado, o que a ajudaram a localizá-lo no escuro.

Carol foi atrás da faixa de Darien novamente.

Ryan sorriu para a determinação que ela exibia e a forma que Darien aparentava não se importar e até parecia divertido. — Eu não pensei que Darien ficaria tão contente que ela tentasse levar a melhor em cima dele, embora pareça estar lutando para não mostrar seus sentimentos.

Jake riu. — Ele quer incentivá-la a ser uma de nós. Eu acredito que se outra pessoa tentasse pegar a faixa dele, além de Lelandi, você veria agressão de verdade. Não que ele esteja facilitando para Carol, não se engane. Não é típico da gente. Para ela pegar a faixa dele, terá que fazer por merecer. Mas tem sido difícil fazê-la se abrir desde que se transformou. E

Darien não pode evitar se sentir aliviado. — Ele olhou para Ryan. — Você sabia que ela não mudou de forma ainda?

Ryan lançou seu olhar de descrença. — Alguém que é recém-transformado não é capaz de lutar contra a mudança por tanto tempo. Talvez por algumas semanas, no máximo, além do período de tempo quando é lua nova e só a realeza pode se transformar. Mas, cinco meses? Ela deve estar mudando quando ninguém está por perto.

Jake balançou a cabeça e olhou-a novamente. — Eu não acredito nisso.

— No quarto dela à noite, então? — Ryan perguntou. — Você não pode vigiá-la a cada momento. — Ele cruzou os braços. — Ela está se transformando. — De jeito algum uma lobisomem recém-transformada podia possuir a força interior para combater a forte atração da lua por tanto tempo.

Ryan observou o cantor-barbeiro tentar contornar Tom e alguns outros homens da equipe de Carol, mas o macho foi incapaz de fazer qualquer progresso. Ela merecia alguém melhor do que um indivíduo que se vestia como se ainda estivesse vivendo no passado.

Percebendo que seria melhor falar sobre a outra preocupação que interessaria Darien e sua matilha, Ryan disse a Jake: — Quando fui até a casa na noite passada, descobri um lobo vermelho na vizinhança, um macho. Ele saiu correndo para o oeste quando me viu. Tentei localizá-lo para saber quem era e o que fazia na área, mas perdi o rastro

dele. Alguma relação com Lelandi? Um dos membros da antiga matilha dela que pode ser um problema?

A expressão de Jake era de descrença pura. —Nós não sentimos nenhum sinal dele. Apenas você. Tentando inventar desculpas para explicar a razão de ter rondado na floresta próxima de casa, na noite passada?

— Investigando. — Ryan encolheu os ombros. —Eu gosto de amarrar todas as pontas soltas antes de encerrar um caso definitivamente.

— Exemplo?

Ryan lhe deu um pequeno sorriso. — Uma questão que Carol pode esclarecer para mim.

Jake balançou a cabeça. — Você não acha que ela é vidente. Não importa o quanto queiramos acreditar no contrário, ela soube de coisas que deviam ser impossíveis saber. Confie em mim. Eu não estava certo se acreditava nas alegações dela de imediato tampouco, embora Darien estivesse. Ele estava preocupado que o que ela tinha visto pudesse causar a morte dela e de Lelandi.

— Tudo pode ser explicado cientificamente. Ela ouviu conversas, viu coisas que não era para ver, mas não como uma visão de futuro. — Mas, e se realmente teve uma visão daquilo que ela disse?

— Divirta-se provando o contrário. Então, o que aconteceu com o lobo vermelho? Você o perdeu? — A voz de Jake era cheia de cinismo.

— Como você disse, você não conseguiu detectar o seu cheiro. Muitos de nossa espécie estão começando a usar sprays de caçadores para evitar a detecção. O que só pode significar uma coisa: ele está aprontando algo.

— Não como você, hein?

Ryan abriu um largo sorriso e se ajeitou um pouco. — Encontrar os bandidos é o meu negócio, se eles estão traindo suas esposas — humanas, principalmente, é claro — ou cometendo fraude de seguros ou alguma outra ação socialmente inaceitável. É o meu trabalho expô-los. Acontece que eu sou dos mocinhos.

— Qual é, McKinley. Não me diga que você não está intrigado pela vermelha solteira. Ela é única, interessante e agradável aos olhos. Mas você nunca vai acasalar com ela se não acredita em suas habilidades.

Carol era um inferno de muito mais do que apenas agradável aos olhos e Ryan não conseguia entender porque Jake não estava interessado em tê-la como sua companheira. A não ser que ele não quisesse lidar com uma mulher que supostamente tinha sexto sentido.

— Então, diga a verdade. O que está impedindo você de persegui-la? — perguntou Ryan.

Jake deu um sorriso malicioso.

O que diabos isso significava?



CAPÍTULO 5

No campo de jogo, outro cara brutamontes da equipe de Darien avançou atrás de Carol com um brilho malicioso em seus olhos enquanto ela tentava pegar novamente a faixa do Alfa. A perseverança sempre foi um modo de vida para ela. Mire no que você quer e obtenha-o. No entanto, conseguir um emprego no hospital significou tornar-se uma lobisomem em primeiro lugar, o que não foi exatamente o que pensava que teria que enfrentar.

Sam estava de pé, pretendendo combater a nova ameaça contra ela, quando Silva o distraiu. Sorrindo, esquivando-se ao redor dele, ela tentou agarrar a fita de Sam. O barman sorriu para Silva, mas ao invés de tentar obter a fita dela, ele deu um ataque frontal bem em cheio e prendeu a garçonete de um jeito sexy. Fixando-a no chão com seu corpo, Sam se aninhou entre as pernas dela. Esqueça as faixas. Seus lábios estavam grudados e eles estavam ocupados com uma nova forma de entretenimento.

Carol suspirou. Um guarda-costas abatido. E de que jeito.

Ela investiu para fita de Darien. Seus dedos fecharam-se no pedaço de seda. Ela puxou, pura euforia elevando o seu humor, e soltou a faixa.

No mesmo instante, Darien puxou a faixa de Lelandi e enfiou-a no cinto com uma piscadela satisfeito para sua companheira, que sorria para ele e balançava a cabeça.

A multidão de jogadores — e dos mais velhos *lupus garous* torcendo nos bastidores — pararam de falar e de rir e ficaram chocados em silêncio.

Carol sorriu e, em triunfo, levantou a faixa de Darien, que flutuava ao vento como uma orgulhosa bandeira de honra. — Peguei uma!

Mas não é a de qualquer um.

Darien lhe deu um pequeno sorriso, parecendo satisfeito em vez de irritado que ela tinha conseguido roubar a sua faixa. Esse pequeno reconhecimento a fez se sentir como se estivesse dez andares mais alta. Que, por um instante, ele realmente a aceitou. E isso significava que todo mundo a aceitaria também. Ela esperava.

Todo mundo começou a bater palmas e torcer.

Darien carinhosamente afagou a fita de Lelandi no cinto, mas então, sem aviso, ele foi atrás da faixa de Jake primeiro. Seu irmão, já o olhando com cautela, fugiu para longe dele a tempo e Darien dirigiu-se para Tom com um brilho maligno nos olhos, de forma agressiva, sem amarras o impedindo

desta vez. Carol percebeu que ele a estava deixando para os machos solteiros em vez de retaliar e pegar a fita dela.

Ela voltou para proteger sua retaguarda e mirar nos caras que estavam atrás dela, nunca se divertindo tanto em sua vida.

Seis faixas até agora, e...

Bang! Ela foi atingida, empurrada de costas, derrubada pelo... pelo demônio de listras vermelhas e brancas de sua visão. Mervin, o barbeiro?

Ele cheirava a fortes tônicos capilares e suor. Ela gemeu, pensando apenas em como seria estar acasalada com ele. Mervin era o único homem na cidade que usava um traje o ano inteiro – algo parecido com a roupa de quarteto de barbeiros⁹, com gravata borboleta, casaco de listras vermelhas e brancas e calça escura, mesmo para jogar um jogo tão agitado como este. Em algum momento ou outro durante o jogo, ele perdeu seu chapéu de palha branco.

Pelo menos, enquanto a tivesse presa em suas costas, ele não conseguia pegar a faixa dela. Entretanto, o barbeiro não estava se esforçando muito para pegá-la também, percebeu tardiamente. Mantendo-a presa debaixo dele, Mervin parecia estar apreciando outro esporte perfeitamente.



Ela se contorceu, tentando desestabilizá-lo, mas suas ações só trouxeram um sorriso aos lábios finos do macho. Seus olhos amarelos-claros sorriram bem intensamente. Ótimo.

Sem aviso, Mervin voou para o lado, com os olhos arregalados e boca aberta. Seu salvador, Ryan McKinley, agachou-se ao lado dela e pousou a mão levemente em seu ombro, suas sobrancelhas se unindo em uma carranca profunda, seus olhos escuros como uma noite de tempestade.

— Você está bem?

O campo de jogo inteiro ficou em silêncio novamente e o coração dela batia forte, em pânico.

— Você não deveria estar aqui — ela sussurrou. — Eles estão procurando por você.

— Carol está bem — Darien disse, sua voz firme enquanto se aproximava.

Darien ofereceu sua mão para ajudá-la a se erguer. Ao invés disso, ela agarrou o joelho de Ryan e começou a se levantar. Ryan tomou rapidamente a mão de Carol e puxou-a em pé, mantendo-a próxima do seu lado de uma forma protetora, o calor de seu corpo aquecendo o dela, os dedos ainda segurando os seus de forma possessiva.

Mas ela estava mais preocupada em protegê-lo!

Darien deu a Ryan um olhar sombrio, mas nem um pouco intimidado, ele apertou a mão de Carol,

tranquilizando-a, e lançou um sorriso malicioso para o chefe da matilha. — Bom jogo.

Lelandi rapidamente se adiantou e acenou com um punhado de fitas. — A equipe azul ganhou!

Ainda assim, todos esperaram que Darien reagisse, quer fosse sobre o jogo ou Ryan, ou ambos. O Alfa olhou para um de seus homens, que levantou as fitas capturadas pelo seu time, menos a de Lelandi, que ele ainda tinha enfiada orgulhosamente em seu cinto. Sua equipe tinha definitivamente bem poucas.

Darien deu a Lelandi um sorriso maligno. — A equipe da Lelandi ganhou. Vamos comer! — Ele passou o braço em volta da cintura dela, dando a Ryan um olhar de advertência e, em seguida, acenou para Tom e se dirigiu para a casa.

Carol deu um hesitante suspiro de alívio. Tão tensos como todos estavam enquanto esperavam para ver como o líder de matilha trataria dos assuntos, ela não pode liberar a tensão que apertava seu peito. Percebeu que a pressão não iria embora até que Ryan deixasse a área definitivamente.

Pegando a deixa do irmão, Tom se aproximou deles. — O que você está fazendo aqui?

— Nenhum de vocês fala com o outro? — Ryan moveu a mão para as costas dela e acariciou-a uma vez, de uma forma tranquilizadora. — Eu disse a Jake que queria falar com Carol sobre uma questão relativa à investigação de assassinato.

Os olhos de Tom se arregalaram um pouco. —Por quê? O caso foi resolvido. Todos os culpados foram responsabilizados.

—Apenas algumas perguntas sobre... técnicas de investigação.

O coração de Carol apertou. Isso era tudo? Ou Ryan disse aquilo apenas para disfarçar? Ele ainda estava ao lado dela da maneira protetora de um lobo, seus corpos tocando-se levemente, o calor ondulando através dela. Ele com certeza parecia querer algo mais do que apenas questioná-la.

— Por que você esteve aqui ontem à noite, rondando? — Tom perguntou.

Ryan não disse nada, o que fez Carol imaginar novamente se ele tinha um assunto que não queria discutir com mais ninguém.

Tom inclinou a cabeça para o lado, deu um olhar que disse que não confiava nele e, em seguida, fez um breve aceno de cabeça. —Tudo bem, faça suas perguntas a ela.

— Em particular.

Franzindo a testa, Tom hesitou. Então, fez um gesto para a lateral da casa. —Ali. É o máximo de privacidade que você conseguirá.

As pessoas rondavam, provavelmente interessadas no que Tom faria com Ryan, ou o que ele tinha em mente fazer com Carol. A maioria dos espectadores era de machos

solteiros, incluindo um particularmente ferido barbeiro, que estava tentando retirar as manchas esverdeadas de grama de seu casaco de listras vermelhas e brancas.

Ryan pegou o braço dela e levou-a para o lado da casa. Seu toque era gentil, atencioso e protetor, e cada vez que se aproximava, uma faísca de interesse parecia acender entre eles. Carol olhou para ele, esperando... bem, esperando que quisesse mais dela. Namorá-la ou cortejá-la, ou o que quer que lobisomens faziam antes de decidirem que eles eram os mais certos um para o outro e unidos por toda a vida. Não que estivesse pronta para um compromisso de longo prazo, mas alguns encontros seriam legais, só para ver se ele era mesmo o tipo dela.

— Carol... — Ryan soltou o seu braço e enfiou as mãos nos bolsos, a cabeça inclinada para falar mais reservadamente com ela. — Tem certeza que você não ouviu conversas, o que fez com que chegasse às conclusões que chegou e fosse capaz de resolver o caso?

Instantaneamente, ele alimentou a ira dela. Carol cruzou os braços e estreitou os olhos para ele. Então, realmente não estava interessado nela. — O que você está sugerindo?

Ele limpou a garganta. — Darien e seus irmãos não me deixaram falar com você sobre este assunto quando eu estava aqui antes, inicialmente, porque você tinha sido bastante ferida, e depois disso... — Ryan encolheu os ombros. — Eles

estavam sendo protetores, eu suponho. Mas depois de pensar ainda mais na sua situação...

— Por cinco meses? — A voz dela estava repleta de aborrecimento, mas se perguntou por que ele realmente pensou sobre isso por tanto tempo. Apenas uma necessidade cega em saber a verdade? Ou havia mais na história do que estava falando?

Calmamente, ele ignorou a explosão dela e continuou. — É só que você pode parecer ter poderes psíquicos, um sexto sentido ou algo assim, mas na verdade... — Ele deixou as palavras desaparecerem, permitindo que tirasse suas próprias conclusões, seu olhar estudando os olhos dela, observando sua reação. Como um investigador e ex-policia faria. Muito provavelmente cansado. Acreditando no pior de alguém que pensava que poderia ter algo a esconder.

Na verdade, o que ele acreditava?

Ela abriu a boca para falar, mas então, fechou os lábios. Droga, desde seu sétimo aniversário, depois de quase se afogar num lago - bem, tecnicamente, se afogou no lago, foi declarada morta, e depois reviveu, ela tinha essas visões indesejáveis. Pensou que todos os outros também tinham, até que mencionou uma visão para sua mãe.

Ela ainda se lembrava daquele dia como se fosse ontem. Explicou como tinha visto um homem dirigindo uma caminhonete na rua onde moravam e atropelando um de seus colegas de classe. Só que o acidente não aconteceu até

dois dias depois. E o menino morreu. Pesadelos se seguiram, acordando-a enquanto tentava recuperar o fôlego, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto, seu travesseiro encharcado.

Horrorizada e incapaz de lidar com o que viu, ela finalmente contou aos seus pais. Eles imediatamente a mandaram para um médico especial para livrá-la desses episódios. Depois de três anos de visitas, ele desistiu dela, declarando-a como completamente sem esperança. Bem... ainda pior do que isso. Para acalmar seus pais, disse de forma apaziguadora, mas não muito sincera, que ela provavelmente superaria isso. A verdadeira razão pela qual desistiu dela como paciente com tanta pressa era mais profunda do que isso.

Esperando por sua resposta, Ryan limpou a garganta e enfiou as mãos nos bolsos.

— Sinto muito. Você tinha uma pergunta para mim? — Ela tamborilou os dedos sobre o braço dobrado, um sorriso insincero formando em seus lábios. Ele não lhe fez uma pergunta, mas o modo como falou foi definitivamente um estratagema para levá-la a responder às suas observações. E ela não morderia a isca.

— Você não supõe que talvez tenha chegado às informações que conseguiu, através de algum outro meio além de uma conexão psíquica?

—Humm, claro. Isso foi o que aconteceu.

A boca de Ryan curvou-se levemente, mas ela podia dizer que não acreditou em sua rendição.

Antes que fosse envolvida pela cultura lobisomem, Carol manteve sua habilidade secreta. Agora que as pessoas desta matilha sabiam sobre ela, realmente não se importava se alguém fosse cético. Contanto que eles não tentassem dizer-lhe que não tinha um sexto sentido porque isto era impossível. Supunha que isto era tudo por causa do Dr. Metzger e a maneira como seus gélidos olhos azuis olhavam através de seus óculos de aros de metal para ela, enquanto seu grande queixo inclinava-se para baixo, condenando e julgando.

Se as pessoas não acreditam nela em privado, tudo bem. No entanto, geralmente, se a confrontavam desse jeito, ela sorria maliciosamente e dizia como estavam certos. Nunca sentiu a necessidade de defender o que podia ver quando os outros não podiam, ou às vezes quando tocava um objeto.

— Mas você realmente acredita no contrário – Ryan finalmente disse.

Desta vez, o sorriso dela foi brilhante e fiel aos seus sentimentos. Não podia evitar de gostar de Ryan, apesar dele negar suas habilidades. Ele tinha um estilo fácil, mas determinado de ser, e não brusco como Darien, ou provocativo como Jake, ou com medo de perturbar como Tom. A determinação dele era igualada apenas pela dela.

Olhou para os homens que estavam próximos, incluindo Tom e Jake. O que piorou a situação. Por que quaisquer dos machos alfa não podiam mostrar qualquer interesse de verdade nela? Não era uma garota que gostava de betas. Supôs que era porque seu pai tinha se tornado tão oprimido pelo tratamento de sua mãe. Ela não conseguia se ver casando, ou acasalando, com alguém assim.

— Carol? — Ryan disse, sua voz profunda de barítono novamente a tirando de seus pensamentos distantes.

Ela realmente precisava dormir mais. Voltou sua atenção para Ryan. Ele pensou que não estava sendo honesta sobre suas habilidades, quando ele não foi honesto sobre por que havia se escondido na mata na noite passada, observando-a na janela. Não precisa ser vidente para saber que algo mais estava acontecendo entre eles. Hora de virar o jogo. Desequilibrá-lo.

Tentando parecer como se esta fosse uma maneira perfeitamente natural para ela agir, sorriu, colocou os braços ao redor do pescoço dele e inclinou-se contra o suéter macio que cobria seu corpo duro, o que a lembrou instantaneamente do quão forte era quando não estava vestindo uma peça de roupa. Pretendia apenas dar-lhe um beijo lento na boca, só para provar a ele que tinha outro assunto, que não queria admitir. Do contrário, talvez Tom ou Jake finalmente mostrassem algum interesse nela. Mas, mais do que tudo, queria que Ryan esquecesse do assunto de suas

habilidades antes que ela dissesse algo com raiva que não deveria.

Para sua surpresa, ansiosamente capturou sua boca com a dele. Não com cautela, construindo o desejo em carícias lentas e cuidadosas, mas criteriosamente, como se estivesse carente de afeto por um tempo muito longo. Sua mão segurou a parte de trás da cabeça dela, a mão livre à deriva mais embaixo nas costas, segurando-a no lugar.

Não tinha a intenção de responder tão plenamente ao beijo tampouco, mas a necessidade desenfreada dele precisava ser alimentada com a dela. Esquecendo-se que tinham uma plateia, ela abriu os lábios para aceitá-lo, para abrir um caminho íntimo entre eles, suas línguas dançando, tocando, explorando. As mãos dela agarraram-se ao suave suéter da nuca dele e o seguraram ainda mais apertado. Ela apertou seu corpo contra seus músculos rígidos e, descaradamente, quis mais.

Mas, então, ele a soltou e retirou os braços ao redor de seu pescoço, os olhos esfumaçados e escuros, com uma expressão de certa forma indecifrável, as mãos ainda segurando firmemente os pulsos dela. Suas respirações vieram rapidamente conforme seus corações batiam freneticamente no ritmo de uma corrida. Ryan abriu a boca como se fosse dizer algo, mas Carol não quis ouvir o pedido de desculpas que imaginou que fosse oferecer ou outra palavra sobre suas habilidades, se era isso o que ele tinha em mente.

Ela falou rapidamente em seu lugar. — Eu aceito. Venha me pegar para um encontro às seis horas. Em ponto.

Carol mostrou que ele não estava tanto no controle da situação como podia pensar.

Então piscou, soltou-se, e saiu em direção à casa sem olhar para trás, o sangue crepitando com excitação e irritação.

Ela pigarreou baixinho. Todas as ideias românticas idiotas que nutriu sobre Ryan McKinley... e tudo o que ele realmente queria era que confessasse que não era vidente?

Duvidava que Ryan fosse levá-la para sair e duvidava ainda mais que Darien permitisse isso. Mas se de fato acontecesse, ela ficaria longe do encontro de machos solteiros hoje à noite e daria a Ryan McKinley algumas boas verdades.



Ryan ficou olhando para Carol conforme ela caminhava, cedendo um sorriso para Jake e Tom, antes de desaparecer dentro da casa. O que diabos aconteceu?

Ela pensou que se o beijasse, esqueceria o motivo de ter vindo aqui para vê-la? Inferno, se pensou isso, ele odiava admitir que, por um momento, funcionou. Nunca uma mulher o pegou de surpresa desse jeito. Nenhuma tinha aquecido o seu sangue a proporções vulcânicas com o jeito como seu corpo ficou pressionado contra o dele, sua língua

deslizando em sua boca e dançando de forma erótica com a dele.

A faísca de eletricidade entre ambos não podia ser negada. Então, o que tinha dado nele para beijá-la de volta? Costume. Se estivesse interessado em uma mulher, a avisaria disso. Mas, certamente não tinha planejado ir nesta direção. Não que ela não fosse intrigante como o inferno, mas com certeza não estaria interessada em alguém como ele, que não acreditava em suas "habilidades especiais".

Ela lhe contaria a verdade hoje à noite em um encontro?

Ou eles se meteriam em maiores problemas, se passassem mais tempo a sós? Nem mesmo esteve sozinho com ela.

Ele respirou o ar que ainda cheirava ao doce perfume feminino, uma mistura de jasmim e da grama fresca na qual deitou depois que Mervin a derrubou de costas. Ainda podia sentir a maneira como seu corpo ficou pressionado contra o dele, seus seios e coxas, macia, curvilínea e sensual. Se não mantivesse distância dela, esqueceria o que tinha que fazer ali. Era esse o seu truque? Desviá-lo com a sedução de uma sereia e manter seus segredos para si? A megera.

Tudo o que queria era para encerrar o arquivo sobre o caso de assassinato em Silver Town definitivamente. Então, por que aquela ideia não o atraiu? Ele deveria estar satisfeito de voltar para casa e continuar com os seus próprios assuntos.

Tom e Jake olharam com raiva para ele e, em seguida, seguiram para a casa. Ryan estava começando a pensar que este caso não seria esclarecido facilmente, especialmente se ela utilizasse sua sedução para se enrolar com ele. No entanto, um desejo profundamente primitivo rosnou para ser libertado e não tinha certeza se queria mantê-lo sob controle – muito embora Carol fosse recém-transformada e, provavelmente, não entendia no que ela estava se metendo.



— O que Ryan McKinley queria? — Lelandi perguntou a Carol, conforme cozinhava um cheeseburger duplo na cozinha, onde o aroma de hambúrgueres temperados, cheesecake e torta de limão com merengue enchiam o ar.

Todo mundo já tinha levado a sua comida para o lado de fora, ou para a sala de jantar ou de estar, e risos e conversas flutuavam pela casa como a brisa fresca através da janela aberta da cozinha.

Carol serviu um hambúrguer num pão e cobriu com uma fatia de pickles e tomate. Embora estivesse furiosa por dentro, ela sorriu para Lelandi.

—Ele queria um encontro. Isso não é legal?

Lelandi se atrapalhou com seu prato e quase o deixou cair. — Você não pode estar falando sério. Darien nunca vai permitir isso.

Silva, a quem Carol jurava entreouvir conversas melhor do que qualquer lobisomem vivo, entrou na cozinha. — Minha nossa... parece que McKinley está querendo morrer ou ele é um lobo muito determinado. Ouvi dizer que ele beijou você como se não houvesse amanhã.

Ouviu? Ou ela tinha visto algo por uma das janelas?

Silva deu uma risadinha. — É. Os solteiros estão prontos para um confronto.

Com os olhos arregalados, Lelandi perguntou: — Ele beijou você e, então, pediu um encontro? — Ela balançou a cabeça. — Ele tem coragem. — Mas seu tom de voz refletia um traço de aprovação e Carol notou a sombra de um sorriso na expressão dela.

Carol quase riu ao pensar que tinha sido a responsável por sugerir o encontro e que se não tivesse forçado Ryan a provar algo para os outros caras, ele nunca a teria beijado. Como não podia acreditar nela sobre suas habilidades psíquicas depois de tudo o que tinha acontecido? Mesmo a família de Darien acreditava.

Na verdade, ela achava que algumas pessoas da matilha estavam com um pouco de medo dela por causa disso. E se alguém fizesse algo que não deveria e então Carol tivesse uma visão e compartilhasse o crime com Darien? Pelo menos, isto era o que pensava que talvez incomodasse alguns deles. Além disso, realmente não achava que Ryan viria esta noite.

Lelandi sorriu e ergueu o hambúrguer. — Você sabe que quando Darien disse a Ryan que não queria que interferisse na investigação, ele teimosamente se recusou a aceitar um não como resposta. — Ela encolheu os ombros. — Eu duvido que aceitará desta vez também.

Carol não sabia que Ryan foi avisado que não poderia ajudar com a investigação, porque Darien não tinha gostado da ideia. Mas não podia acreditar que esta questão sobre ela ter ou não habilidades psíquicas fosse um assunto tão importante que ele bateria de frente com Darien sobre isso.

— Então, qual é o motivo da reunião? — Ela perguntou, imaginando que teria que se preparar para o que vinha a seguir. Esquecer Ryan e dos motivos ocultos dele.

— Você não vai ficar sozinha com um bando de homens, Carol, se é isso que está preocupando você. Eu estarei lá com Darien, comandando a festa. Silva vai estar lá e Sam também, servindo refrescos. Duas mulheres estão vindo de outra matilha. Elas gostam do que nós temos aqui, onde os lobos administram a cidade e não os humanos. Uma é bibliotecária e quer começar uma biblioteca na cidade. E a outra é massagista. Eu acho que ela vai ser um verdadeiro sucesso.

De repente, Carol não se sentiu tão importante. Não que quisesse acasalar por toda a vida com alguém que não estava interessada..., mas, competir com uma massagista? Carol provavelmente superaria a bibliotecária. Ela balançou a

cabeça para si mesma. Esse comportamento ainda era bárbaro. E não cooperaria com isto.

Lelandi estava despejando uma lista de nomes de casais casados que estariam presentes, mas Carol observou a maneira como esfregava os dedos sobre a barriga de vez em quando e a boca dela se escancarou. — Você está grávida?

O olhar de Lelandi mudou de seu cheeseburger para Carol, seus lábios se separaram por um segundo, e então ela sorriu. — Quatro meses e meio.

Silva imediatamente colocou a mão na barriga da outra mulher. — Caramba. Por quanto tempo você ia esconder esse pequeno segredo de nós, docinho?

— Pelo menos até depois dos jogos de hoje. Se eu tivesse mencionado isso antes, Darien não teria me deixado jogar. Você sabe como ele é.

Era por isso que o alfa estava sendo muito cuidadoso com ela no campo de jogo e porque Lelandi vinha cochilando com mais frequência. Ele devia ter percebido que sua mulher estava grávida. Carol sorriu.

— Uau, isso é realmente um motivo para comemorar. Trigêmeos. Assim como eu tinha previsto.

— Você sabe qual é o sexo deles? — Silva perguntou.

Três meninos, mas Carol olhou para Lelandi para ver se ela queria saber.

Lelandi balançou a cabeça. — Não. Se você sabe, não me diga. E eu não quero dizer que estou grávida esta noite. Esta é a sua apresentação. Não a das outras, muito menos. Elas já foram apresentadas para a corte na matilha de lobos delas. E nenhuma gostou de suas perspectivas futuras. Então é por isso que estão aqui. — Ela deu outra mordida em seu hambúrguer.

— Elas nasceram como *lupus garous*, não foi? – Carol perguntou, esperando que pelo menos uma delas fosse recém transformada.

— Sim. E elas não se dão bem. Então, estou esperando que uma fique e que a outra procure outro lugar. Já as entrevistei e ambas parecem bastante agradáveis por si mesmas. Mas há alguma hostilidade entre elas, tem algo a ver com a família, eu acho.

Silva pegou um prato com batatas fritas e hambúrguer. — E se dois caras se interessarem por essas mulheres e ambas acabarem ficando aqui?

— Nós teremos problemas. Darien já aconselhou os homens e disse que se casais forem feitos, um deles provavelmente terá que se mudar. Mas, encontrar uma companheira é tão importante que os homens estão dispostos.

Carol deu uma risada curta. — Especialmente com a chance de ser uma massagista.

— Eu não sei, Carol. Você é conhecida, uma de nós, e ninguém teria que deixar a matilha. — disse Lelandi.

— Humm, nada mais, então?

Lelandi sorriu. — Tenho certeza que não me expressei direito, não é? Os caras têm falado sobre você. Eles calam a boca quando estou por perto, mas estão intrigados.

— A mesma coisa comigo. — Silva acenou com a batata frita. — Assim que ouço o seu nome sendo mencionado na taverna, verifico a mesa ao lado deles, mas os caras me veem chegando e terminam a conversa. Então, sim, eles estão interessados.

— Com certeza. Durante cinco meses, eles estiveram incomodando Darien — ou seus irmãos, para que pudessem transmitir as informações para Darien — para deixá-los namorar você — disse Lelandi.

— E você foi a responsável por evitar que eles me namorassem. — Carol sentiu-se aliviada de certa forma. Pelo menos estava feliz que não tinham evitado ela porque achavam que era muito diferente.

Seus olhos verdes piscaram com humor e Lelandi riu. — Não foi tudo culpa minha. Darien queria que você se ajustasse a ser uma de nós e ele quer que você se transforme primeiro. Nunca pensei que alguém que foi recém-transformada pudesse impedir a mudança por tanto tempo, apesar de tudo.

Pela primeira vez, Carol estava feliz com suas habilidades psíquicas, se isto era o que a impedia de se transformar. Só esperava que pudesse adiar a transformação para sempre, ou que suas visões do doutor ser incapaz de voltar para a forma humana fossem um erro. Que a preocupação com ele fosse algo inofensivo.

Mas o evento desta noite era com o que tinha que lidar agora. Esperava que Ryan viesse atrás dela, que Darien permitisse isso e que fosse capaz de ignorar todo o assunto - mesmo que isso significasse ter que lidar com o interrogatório do macho.



CAPÍTULO 6

North evitou estar em qualquer lugar perto das duas mulheres, ambas lobas cinzentas de outra matilha e recém-infectadas pela peste de bioengenharia que Miller inventou para eles. A sedução do dinheiro havia funcionado. Assim, a partir de uma certa distância, observou a aparência de Marilee e Becky. Sensuais, ele pensou. Era como enviar o Cavalo de Tróia como um presente. As mulheres assistiriam à reunião e infectariam o maior número do maldito povo de Darien e o próprio, se pudessem. A vingança era uma merda.

O único problema era se Carol ficasse doente. Ela era aquela que ele queria. Uma vermelha, transformada por seu próprio primo. Ela seria dele e, sendo uma enfermeira, poderia combater os efeitos da doença, se Miller estivesse mentindo sobre suas intenções.

As mulheres entraram na casa e brevemente viu a companheira de Darien sorrir e fazer um movimento para que elas a seguissem. Carol também cuidaria de Lelandi, caso esta ficasse doente. Não era culpa dela que tivesse deixado sua matilha vermelha. Maldito antigo líder e suas maneiras brutais.

North respirou fundo e escapuliu para a floresta. A encomenda havia chegado.

Sua próxima missão seria agarrar Carol antes que fosse tarde demais.



Normalmente, Ryan se vestiria casualmente em uma missão de investigação, com jeans e camisa de gola alta ou camiseta, dependendo do clima. Então, por que diabos estava se vestindo para este "encontro"? Ele zombou de si mesmo por dar tamanha importância à questão enquanto olhava para o espelho do banheiro de seu quarto na pousada. Passou a mão sobre a sombra de uma barba que lhe dava um olhar mais lupino e considerou a possibilidade de fazê-la novamente ou não.

Merda, no primeiro encontro que teve, ele levou a garota para uma lagoa. Foi uma situação improvisada e nenhum deles se importou com o que estavam usando ou não enquanto a noite avançava. Claro, ela era humana e os níveis de hormônios deles estavam muito altos. Ao longo dos anos, ele havia sido tão espontâneo quanto. Se interessava por uma garota humana, tornava o fato conhecido e, se ela fosse da mesma opinião, tinham um caso de uma noite só.

Mas com Carol, ele sabia, no fundo, que não era a mesma coisa. Ela precisava de um companheiro. Um “caso de uma noite só” estava fora de questão e embora continuasse

dizendo a si mesmo que não tinha nada a provar, à merda se não conseguia se livrar da necessidade de superar os outros machos, se ela até mesmo estivesse interessada em mais alguém.

Ele vestiu a jaqueta esportiva, esperando convencer Darien que precisava falar com Carol rapidamente para que pudesse parar de interferir nos negócios da matilha e voltar para casa. Pelo menos, isto foi o que disse a si mesmo.

Assim que chegou à área de estar para os hóspedes na pousada, Bertha Hastings cumprimentou-o com um sorriso e um brilho nos olhos. — Sua irmã, Rosalind, ligou. Perguntou se estava tudo bem, porque você não atendia o telefone celular. Eu disse a ela que você estava vendo os jogos mais cedo e teria um encontro esta noite.

— Ela perguntou se estava com Carol. Como não estive no evento anterior, não pude dizer. Eu mencionei que você a levaria a um encontro hoje à noite. Sua irmã ficou realmente quieta depois disso, em seguida, rapidamente me agradeceu e disse adeus. Mas devo dizer que você está realmente muito bonito. Aproveite a reunião.

— Obrigado. Eu farei algumas perguntas a Carol e tomarei o meu rumo. — E trocar uma palavra com Rosalind novamente. Droga, no momento em que terminasse os seus negócios ali, sua irmã teria feito todo mundo pensar que estava perseguindo Carol e logo estaria acasalando com ela.

— Só há uma pergunta que vale a pena ser feita. — Bertha sorriu ainda mais amplamente e se dirigiu para a cozinha. —Se vocês, jovens, quiserem algo para lanchar depois, traga-a aqui após seu encontro. Há muita comida para todos.

— Obrigado. — Não seria necessário. Assim que falasse com Carol, retornaria o mais rápido possível para Green Valley e para os negócios que deveria estar conduzindo.

Com os ombros retos, ele caminhou para fora, em direção a sua caminhonete, e respirou profundamente o ar frio da noite. Estava pronto para tentar convencer Darien a lhe permitir ver Carol mais uma vez. E para acabar com essa obsessão de esclarecer as coisas com ela.



Quando Carol desceu do seu quarto antes da reunião, os homens e as mulheres já estavam se acomodando no solário. Ela estava vestindo calça jeans, botas e um suave casaco rosa, tentando parecer calma e casual ao invés de mais nervosa do que gostaria de admitir.

Ela planejava ir para a cozinha tomar um copo de vinho para acalmar seus nervos quando Ryan entrou pela porta da frente com Sam e Silva. O coração de Carol acelerou.

Ele vestia um casaco esportivo azul-escuro e uma camisa listrada azul e prata. Deixou três dos botões abertos a

partir da gola para baixo, dando a aparência de que estava pronto para desabotoar todos os outros na pressa de uma emergência. Ela não conseguia decidir se isso significava se transformar ou fazer sexo, mas ele definitivamente parecia pronto para qualquer dos dois.

O jeans lhe deu uma aparência mais casual, o que Carol aprovava totalmente, mas, então, seu olhar mudou para o rosto dele para ver sua expressão. A sombra de uma barba agraciava sua face angulosa, deixando um pouco áspero e fazendo-o parecer mais como um homem que aproveita o ar livre do que alguém que se senta em um escritório o dia todo.

Ryan estudava o rosto dela, assim como um investigador cauteloso faria, observando sua reação por ele estar ali. Em vez de sorrir, levantou uma sobrancelha como se dissesse que estava aqui a pedido dela. Vamos acabar logo com isso. Ela não podia acreditar. Mas, pontualmente às seis, lá estava ele. Talvez Lelandi estivesse certa. Quando Ryan colocava alguma coisa em sua cabeça, não desistia. Não ficaria surpreso se ficasse tempo suficiente para descobrir que ela era realmente vidente?!

Isso poderia levar bastante tempo, considerando que suas visões eram imprevisíveis e que ele provavelmente era muito teimoso sobre o assunto, recusando-se a acreditar no paranormal.

Carol soltou a respiração. Ela presumiu que Darien ficaria puto por Ryan estar ali. Jake também, porque ele

tinha feito todos os preparativos para o evento. E porque esta era a apresentação dela.

Darien e seus irmãos entraram no hall para interceptar Ryan, todos eles com olhares severos e resolutos. — Seu encontro terá que esperar até o fim do evento. Onde você pretende levar Carol? — perguntou Darien.

Seu coração bateu mais forte. Darien estava permitindo o encontro?

Mas o seu segundo pensamento foi que isto era muito parecido com quando tinha 16 anos, saindo para o seu primeiro encontro de verdade com um garoto e seu pai advertiu energicamente o rapaz antes de saírem! Nada de andar em vans, motocicletas, ou visitar casas quando os pais não estão lá. Essa foi a única vez que seu pai agiu realmente como um alfa. Ela sempre suspeitou que sua mãe o tinha aconselhado anteriormente quanto ao que dizer.

Carol tinha 26 anos agora, pelo amor de Deus, e não precisava de palestras paternais antes de um encontro!

Ryan sorriu um pouco. — Ao cinema.

A resposta de Darien foi concisa. — Nós não temos cinema aqui.

Ryan devia saber disso. Safado. Mesmo assim, ela amou o seu senso de humor e a forma como desafiou Darien. Os irmãos dele o apoiavam em praticamente todas as situações que surgiam. Ninguém da matilha discordava do alfa. Ela

gostou de ver alguém que o desafiava de uma forma despreocupada.

— Nós vamos pegar alguma comida para viagem e voltar para o meu quarto na pousada para assistir algo na tevê então. — Ryan deu a Carol um sorriso desconcertante e piscou.

Um macho puro e conquistador, tudo isso junto apareceu naquele leve sorriso e piscadinha sexy que prometiam uma noite quente de puro prazer. Depois da maneira como eles tinham se beijado na frente de uma plateia, estarem sozinhos no quarto dele não soava como uma aposta segura de jeito nenhum. Ela tinha certeza que Darien pensaria assim também.

Cada centímetro de sua pele corou com o calor e, se não fosse mais esperta, talvez se preocupasse que a mudança estivesse por vir. Mas, o calor que marcava a transformação iminente era muito mais profundo. Lelandi explicou que era como se este se estabelecesse na medula dos ossos e os derretesse. E supôs que era assim porque os ossos eram reformulados para a forma do esqueleto de um lobo ou de volta em de um humano. O que experimentava agora era mais um calor superficial, desencadeado por puro constrangimento.

Darien balançou a cabeça para a sugestão de Ryan de levar a comida para o seu quarto e assistir tevê por lá. Ele tentou esconder a expressão, mas Carol tinha vivido com o companheiro de Lelandi tempo suficiente para reconhecer

que estava lutando contra um sorriso. Ele admirava machos alfas e ela podia dizer que, enquanto o irritasse que Ryan era um estranho se intrometendo nos negócios da sua matilha, o cinzento era um desafio. E Darien gostava do jogo quando alguém tinha a audácia de se opor a ele de uma forma não ameaçadora de tempos em tempos. Carol se perguntava se Darien se lembrava de si mesmo ao ver o outro macho.

Com bom humor, Ryan cruzou os braços. — Tudo bem. O que você sugere?

— A taberna. Beber alguma coisa. Eles estão servindo sanduíches de rosbife esta noite. Vocês podem aproveitar a música. É o melhor lugar na cidade para um encontro.

Também era lotado com toneladas de membros da matilha prontos para observar todos os movimentos deles.

— Tudo bem. De acordo, Carol? — perguntou Ryan, com uma sobrancelha levantada.

— Claro, após o evento — ela resmungou. Era o fim de tentar se livrar da apresentação, embora tivesse gostado que ele perguntou se concordava com os novos planos e não apenas decidiu sem a opinião dela.

— Você vai trazê-la para casa à meia-noite. — Darien acrescentou. Então ele deu a Jake e Tom uma olhada.

O que significava que eles seriam os olhos e ouvidos do alfa na taverna, junto com todo mundo lá.

Darien apontou para o solário. — Vamos?

Carol desejou que pudesse ter se livrado completamente da reunião, lidado com Ryan e resolvido o assunto em privado e sem demora. Mas como de costume, seria do jeito de Darien.

Lelandi saiu da cozinha e colocou o braço em volta da cintura dela. — Eu deveria ter dito mais cedo que o encontro da matilha é uma reminiscência dos tempos antigos e que até mesmo alguns humanos adotaram a ideia depois que souberam que a nossa gente fazia isso. Embora não tivessem ideia do que éramos. Em seguida, tornou-se moda na Inglaterra e em outros locais apresentar as mulheres para a sociedade como admissíveis para se casar.

— Os lobisomens começaram o costume?

Lelandi sorriu. — Sim. Nós apenas nos atemos às nossas tradições por mais tempo que a maioria.

Carol vislumbrou os longos vestidos das mulheres e os outros artigos mais restritivos de roupa e se perguntou como diabos eles conseguiam remover todas as vestes, se o desejo de se transformar os atingisse. Viver naquela época certamente teria sido um desastre para ela. Primeiro porque teria sido considerada uma bruxa se revelasse seus segredos paranormais. E uma lobisomem ainda por cima? Teria sido queimada na fogueira, com certeza.

Ela olhou para trás para ver onde Ryan estava, mas ele tinha desaparecido. Darien ou seus irmãos o tinham expulsado da casa até que pudesse voltar para buscá-la para

o encontro? Não deveria ficar desapontada por ele ter ido embora, considerando a razão pela qual queria vê-la mais tarde.

Ainda assim, acreditava que preferia a companhia dele à dos machos beta da matilha de Darien. Ela suspirou e perguntou a Lelandi: — As bebidas estão sendo servidas?

Lelandi apenas sorriu e guiou-a para o solário.

O cômodo estava banhado em luzes quentes, com decorações florais de primavera emitindo o doce aroma de jasmim e rosas. Assim que entrou, viu as duas mulheres da outra matilha. Ambas eram impressionantes e Carol murchou um pouco, sentindo-se simples e imperceptível. No entanto, algo sobre as mulheres lhe deu o que pensar. Ela era terrível para lembrar nomes, mas rostos, especialmente marcantes como os das duas fêmeas, destacavam-se em sua mente. Não conhecia essas mulheres, exceto talvez de passagem. Mas aonde as tinha visto antes?

— Becky é a de cabelos pretos, a bibliotecária, ali ao lado do sofá de couro. E Marilee é a de cabelo castanho, a massagista, ao lado da lareira — Lelandi sussurrou para Carol.

As duas mulheres olharam para ver quem era a recém-chegada. Franzindo a testa, não pareceram satisfeitas, mas Carol se perguntou por que estavam incomodadas. Becky era uma beleza de cabelos e olhos negros, seus cachos grossos cascadeavam sobre os ombros. Ela parecia sofisticada e

sensual, principalmente vestindo um suéter rosa com um decote que ia até o sutiã. Nem um pouco parecida com o modelo de bibliotecária que imaginava. As da faculdade que frequentou? Usavam terninhos, óculos e coques. Esta gata não parecia que lesse quaisquer coisas eruditas. Talvez ela gostasse de romances históricos também.

Carol deu-lhe um rápido sorriso. A mulher deu-lhe um recatado sorriso de volta.

Marilee era uma morena com o mesmo tipo de cabelo luxuosamente espesso que acariciava seus ombros, olhos castanhos escuros e uma blusa laranja de seda, bem decotada, que também apresentava um amplo decote.

Ambas usavam jeans pretos e sandálias pretas de saltos e com tachinhas e pareciam vestidas para matar. E as duas eram mais altas que Carol uns bons dez centímetros. O que a fez sentir-se inadequadamente baixa – desde seu curto corte de cabelo até sua baixa estatura – e nem um pouco vestida tão sofisticadamente ou sexy. Se descreveria como mais casual e esportiva. Não uma sereia, de jeito algum.

Ela olhou para Darien e seus irmãos, esperando alguém fazer um anúncio formal, mas ninguém fez. O evento parecia ser apenas uma ocasião para se conhecer e cumprimentar, onde os caras eventualmente reuniriam a coragem para falar com as mulheres à procura de parceiros. Embora Carol não estivesse nessa categoria de bom grado.

Nenhum dos homens era muito alfa e nenhuma das duas mulheres parecia ser, de modo que ninguém fez um esforço para falar com ninguém.

Lelandi e Darien e os outros casais acasalados falavam livremente entre si sobre assuntos comuns, mas Carol sentiu que era mais um truque para deixar todos à vontade. Para fazer com que parecesse que eles não estavam cuidando das mulheres.

Vestido com um novo casaco de listras vermelhas e brancas, sem manchas evidentes de grama, Mervin atravessava a sala, vindo em sua direção, e deu um olhar frio a alguém. Carol se virou para ver quem. Ryan. De onde tinha vindo? Mas para onde estava indo a incomodou ainda mais. Ele seguia direto para Marilee. Claro. A massagista sexy.

— Desculpe por hoje cedo — Mervin disse, aproximando-se em demasia de Carol, e chamando a atenção de Ryan.

Se as costas dela já não estivessem contra a parede em um modo defensivo, teria se afastado de Mervin.

A colônia enjoativa se agarrava a ele como uma pesada nuvem de pimenta da Jamaica, quando a espécie dela normalmente não se incomodava com as fortes fragrâncias humanas.

— Você está bem? — ele perguntou.

Pensando no jeito que a prendeu no chão durante o jogo e não queria deixá-la levantar, Carol deu-lhe um olhar de desprezo.

— Era para ser um jogo de faixas, não uma luta.

Ela não o deixaria escapar, acreditando que achou o seu comportamento aceitável. Se deixasse, tinha certeza que ele continuaria se comportando dessa maneira.

Ele não parecia nem um pouco arrependido e olhou para Ryan. — Eu não sei o que ele vê em Marilee.

Carol não pretendia, mas quase rosnou quando falou. — Talvez ele precise de uma boa massagem nas costas.

Mervin bufou. — Ele não deveria estar aqui. Este é um encontro para a nossa matilha e não para forasteiros como ele.

— Tenho certeza que não tem intenção alguma de ir atrás de qualquer uma das mulheres aqui esta noite. — Ou talvez ele fosse. O que ela sabia?

Mervin deu a Carol um olhar como se ela não pudesse estar falando sério. — Ele é um macho alfa. Eles sempre vão atrás de mulheres disponíveis e fazem a sua escolha. Ouvi dizer que você tem um encontro com ele. Cancele.

Uma risada curta saiu de seus lábios. Duvidava que ele dissesse algo assim para Ryan, mas pensou que poderia intimidá-la e ela se encolheria e concordaria?

— Por quê?

— Ele está tentando lhe fazer ciúmes falando com Marilee. Mas todos nós sabemos que você é a mulher que ele quer. Que outra razão teria para se infiltrar na casa de Darien ontem à noite? Por que beijou você do jeito que fez fora da casa?

Ela descartou a preocupação de Mervin e cruzou os braços de forma irritada. Nem por um instante, pensou que Ryan estava conversando com Marilee porque queria fazer ciúmes para ela. E ele só a beijou porque estava tentando provar algo a Mervin e aos outros que observavam a interação deles. Ela ainda se perguntava por que o outro líder cinzento esteve rondado a casa de Darien.

Ela olhou para Ryan, que estava descontraído e informal com Marilee. Os olhos da mulher brilhavam com intriga. Seus lábios curvados num sorriso. Ela podia não ser uma alfa, mas fazia da sedução uma arte. Merda, seja o que for que dissesse a ela, ele certamente já tinha conseguido seu telefone. Marilee estendeu as mãos e deslizou-as sobre os ombros dele. Instantaneamente, Carol quis tirá-las de cima de Ryan, como se ele fosse dela. De onde esse pensamento indesejável veio, não tinha a menor ideia.

Marilee agitou seus longos cílios.

Esta era outra das deficiências de Carol. Ambas as mulheres tinham cílios longos e grossos que vibravam lindamente. Os dela eram loiro-claros e curtos. Mesmo com rímel que dizia fazê-los mais longos e mais perceptíveis, os

seus não foram feitos para tremer de uma maneira provocativa.

A mulher olhava agora com adoração para os olhos de Ryan, sua língua varrendo os lábios já cintilantes que foram revestidos de gloss rosa. Se o palhaço a beijasse, o encontro estaria cancelado.

Todos pareciam rapidamente fascinados com as atitudes dos dois. Alguns dos solteiros pareciam irritados, franzindo suas testas, de braços cruzados ou as mãos enfiadas nos bolsos. Outros pareciam admirados enquanto observavam o outro macho, com pequenos sorrisos em seus rostos. Talvez, fazendo anotações mentais sobre o que funcionava ao tentar chamar a atenção de uma mulher?

— Vamos para a taberna pedir uma bebida, Mervin. — Carol estava farta deste fiasco. Mesmo que preferisse estar em qualquer lugar, com qualquer outra pessoa, pelo menos Mervin teve a coragem de ir atrás dela.

Mervin brincou com sua gravata borboleta e olhou para Darien.

Oh, pelo amor de Deus. Ele tinha que pedir permissão?

Ela se dirigiu para a sala de estar, imaginando que todo mundo estava tão intrigado com Ryan e sua conquista que ninguém notaria que havia ido embora. Assim que saiu do solário, Mervin correu atrás dela. — Nós não podemos deixar a reunião. Não sem a permissão de Darien.

Tenha culhões, ela quis dizer. Isso era uma coisa que gostava sobre Ryan. Ele se impunha sobre Darien, não importando quais fossem as circunstâncias.

Carol atravessou a grande sala de estar em direção às escadas.

Mervin apressou-se atrás dela e agarrou-lhe o braço bruscamente. Ela cerrou os dentes, todo o seu corpo tencionou com irritação pura.

Voltando-se rapidamente, soltou seu braço. — Não me agarre desse jeito de novo — rosnou baixo, incapaz de conter sua raiva. Em parte, por ter sido abordada e em parte porque a massagista estava bajulando Ryan e ele parecia gostar. Com Carol, ele era estritamente profissional. O lance psíquico, e o que podia fazer com isso, era o único interesse dele nela.

Tão logo a fúria de ser atacada de surpresa se apoderou dela, um calor correu por seu corpo e Carol se encolheu. Oh diabos... não... a... transformação.



CAPÍTULO 7

Atravessando correndo a grande sala de estar, Carol apressou-se em direção às escadas até o seu quarto, antes que fizesse o impensável: ficar nua e transformar-se na frente de Mervin. Deus a perdoe! Se ele a agarrasse novamente, não seria responsável por seus atos.

— Você não pode abandonar a reunião — Mervin disse, meio zangado e meio suplicante conforme ia atrás dela.

Sem olhar para trás ou para ele, ela subiu as escadas de dois em dois, rezando para que conseguisse chegar até o quarto e pudesse se concentrar em parar a mudança antes que esta se apoderasse dela. E que Mervin não a seguisse.

Como se o instinto a movesse, agarrou os botões do suéter antes de chegar ao topo da escada. Seu coração batia tão forte que os sons das cataratas do Niágara corriam em seus ouvidos, mas, pelo menos, Mervin deve ter parado ao pé da escada e não a seguiu até ali. Ela imaginou que se tivesse sido Ryan, não permitiria que fosse embora. Pensando melhor, não achava que ele a teria abordado do mesmo jeito que Mervin, incitando a maldita mudança em primeiro lugar.

— Carol! – Lelandi gritou da sala de estar.

Merda. Carol correu para o quarto, com o suéter desabotoado e seus dedos lutando para desafivelar o cinto. Agora sabia por que a maioria da sua espécie não usava acessórios. Ou camisas ou casacos com botões também.

Ela mergulhou para dentro do aposento, fechou a porta e trancou-a.

Os passos frenéticos de Lelandi se aproximavam pelo corredor acarpetado, ou pelo menos, presumiu que era ela quem estava vindo.

Carol fechou os olhos e ficou parada, esperando que suas visões não falhassem com ela agora. Qualquer coisa que pudesse impedir a mudança.

— Carol? — Lelandi bateu levemente na porta, sua voz era suave.

Ela tentou ignorar o pedido de sua amiga, o calor continuava percorrendo cada músculo, através de cada veia.

— Carol, abra a porta para que possamos conversar. — Desta vez, ela usou um pouco mais de força em suas palavras. Uma ordem, não uma sugestão.

Vá embora, queria gritar. Ela tinha que se concentrar.

— Mervin a aborreceu? Darien quer saber. E Mervin será marginalizado por todos da matilha se tiver feito isso.

— Não, Lelandi, estou bem. Apenas... Eu descerei em um segundo. — Rangendo os dentes, ela se despiu até ficar de calcinha e sutiã.

Então, o quarto borrou-se na inconsciência, como uma janela para o futuro, enchendo a sua mente.

— Entre, Carol — Lelandi disse, com a voz pontilhada de medo enquanto rapidamente fez sinal para ela entrar em seu quarto. Lelandi torcia as mãos enquanto observava Darien em sua forma de lobo caminhando para frente e para trás. — O que está acontecendo? Eu não entendo o que está havendo. Como podemos parar isso? — Os olhos verdes dela focaram em Carol e se encheram de lágrimas. —Ele não consegue mudar de volta.

Darien. Primeiro o doutor, agora o líder de matilha deles? Mas o que podia fazer? O que ela poderia fazer numa situação inicialmente evocada em sua mente? Era tarde demais para Darien. Muito tarde para o doutor.

— Carol, você tem que fazer alguma coisa! — Lelandi implorou, com a voz tensa, embargada pela emoção.

Os sentimentos de inadequação a inundaram, como muitas vezes acontecia quando não tinha controle sobre os eventos futuros. O medo do que poderia acontecer com ela aumentava a sua determinação de nunca mudar.

A fechadura da porta se abriu, imediatamente interrompendo sua visão. Lelandi devia ter usado um grampo de cabelo para abrir a porta do quarto, droga.

Os lábios dela se separaram, Lelandi olhou para ela vestindo apenas sutiã e calcinha de renda cor de pêssego. — Oh, Carol. — Ela rapidamente fechou a porta à medida que mais passos faziam barulho pelo corredor. — Não lute contra a mudança. Só vai piorar as coisas.

Como ela sabia?

Uma batida soou, mais pesada, mais masculina.

— Nós estamos bem — Lelandi gritou da forma mais assertiva que podia.

— Mervin chateou Carol? Há um forasteiro cinzento que está pronto para destruí-lo, não que eu certamente não vá repreender severamente Mervin — Darien rosnou pela porta.

Lelandi ergueu as sobrancelhas para ela.

Balançou a cabeça. — Não. — Apesar de pensar que Mervin ter apertado seu braço tinha resultado na vontade de mudar, ele realmente não fez nada para justificar toda a confusão. Oh merda, ela tinha que encontrar uma forma de controlar a compulsão da mudança no caso de algo parecido acontecer novamente.

— Você tem certeza? — Darien perguntou, seu controle já se esvaindo.

Lelandi analisou Carol, mas ela balançou a cabeça e franziu a testa novamente.

— Não há nada de errado — sussurrou.

Sua amiga não parecia ter acreditado. — Eu vou falar com você mais tarde, querido — disse a ele — Mas ela diz que não.

— Tudo bem. Mas quero que ela volte para a festa rapidamente. — Darien foi embora.

Tinha certeza que ele também não acreditava nela.

— O que aconteceu para provocar a necessidade de transformação? — Lelandi perguntou de uma maneira suave, como se ela fosse frágil e se quebraria se não fosse gentil.

Carol cerrou os dentes. Se havia uma coisa que não era, era frágil. — Eu não estava me preparando para mudar de forma. — Ela foi até o armário e puxou um vestido esvoaçante, cor de pêssego, com um bom decote e uma saia enviesada que acariciava suas pernas quando andava. E o vestiu. — Eu simplesmente não me sentia bem vestida.

Lelandi deu um leve sorriso. — As outras mulheres não são uma concorrência de verdade, sabe. Os homens estão muito mais intrigados com você, especialmente depois que jogou de forma tão agressiva no campo esta tarde. E pegar a fita de Darien? — Ela deu uma risada brilhante. — Eles adoraram.

— Todo mundo ficou chocado em silêncio.

— Bem, tudo bem. Inicialmente, com certeza. Mas, assim que viram como Darien recebeu de bom grado, eles amaram como você o enfrentou. Ninguém teria ousado.

Embora Silva faça isto de tempos em tempos. Quanto aos homens, eles ainda não sabem sobre as outras mulheres. Você é uma mercadoria conhecida.

— Eles não gostam que eu não tenha me transformado.
— De repente, um pensamento ocorreu a Carol. Por que não podia fingir que tinha mudado quando estava sozinha? Então, eles parariam de se preocupar com ela. — Não que eu não tenha mudado quando ninguém está por perto para ver.

Lelandi inclinou a cabeça para o lado e deu-lhe um olhar que dizia: Caia na real. — Eu sei que você não se transformou. Se Darien souber que estava tendo problemas com isto hoje à noite, ele vai querer saber o que causou e como você conseguiu deter a transformação.

Carol morria de vontade de saber como Lelandi suspeitou que ela nunca se transformou. Deve ser uma coisa de lobisomem. Ela fechou as costas decotadas de seu vestido e pôs os sapatos de salto agulha, ainda se sentindo malvestida, mas agora como se estivesse caçando homens.

— Eu amei o vestido, Carol. Você deve usar roupas como esta mais frequentemente.

— Comprei-o para ir a uma festa realizada por uma das estudantes de enfermagem de uma das minhas aulas de biologia. Eu sentei como uma garotinha tímida durante toda a festa quando descobri que os vários homens médicos presentes eram comprometidos com outras mulheres, que não estavam na festa, mas procuravam alguma diversão extra

pela noite. Eu não tinha carona ou dinheiro para chamar um táxi, então fiquei até o fim.

— Mas eu amei a cor. — Passou a mão sobre o tecido sedoso. E o corte parecia bom para ela, então não teve a coragem de se livrar do vestido. Agora se sentia muito exposta para o evento atual, como se estivesse tentando provar algo para as outras mulheres, ou para os homens, quando não tinha intenção de fazer tal coisa.

— Você vai ficar bem? — Lelandi perguntou, enquanto Carol desaparecia no banheiro ao lado.

Ela colocou nos lábios um cintilante gloss pêssego. — Sim, tão bem quanto possível. — Diante das circunstâncias.

— Quando você entrou na mata com Ryan na noite passada, viu qualquer sinal de um lobo vermelho?

Franzindo a testa, Carol saiu do banheiro. — Não, por quê?

— Você já teve alguma premonição sobre nós termos problemas com um lobo vermelho?

— Não. — A voz preocupada de Lelandi perturbou Carol. O que aconteceu agora?

Lelandi atravessou o cômodo até a porta e abriu-a. — Ryan afirma que o lobo estava rondando os bosques que rodeiam a nossa casa. Como apenas nós duas somos vermelhas aqui, além do Doutor... — Ela encolheu os ombros, mas Carol podia dizer que tentava esconder sua apreensão.

— Não seria o seu primo, Ural?

— Não, eu entrei em contato e ele ainda está na matilha do meu tio. Quem quer que seja, usava algum tipo de spray de caçador.

Se não foi Ural, foi alguém da antiga matilha dela? Alguém que sobreviveu à batalha?

Carol abriu a boca para falar, mas lembrar como aqueles que tentaram matar Lelandi usaram sprays de ocultação para caçadores, trouxe de volta um flash horrível de memória. Ela apertou os lábios e fechou os olhos, o terror da noite na qual foi mordida voltou em um instante. Os perversos caninos do lobo vermelho ansiavam mordê-la, os lábios curvados para trás, nariz enrugado, o rosnado, os dentes afiados afundando, a dor aguda, o frio entorpecente e, em seguida, a escuridão.

— Carol?

Tentando ocultar um tremor, abriu os olhos e deu um sorriso amarelo.

— O que você estava pensando?

— Em ser mordida.

Lelandi lhe deu um abraço sincero e, então, puxou-a para a porta e para o corredor. — Isso foi o que pensei. Mas o delegado Peter Jorgenson matou o lobo que mordeu você.

Um franzido profundo marcou a testa de Lelandi e Carol teve a impressão de que ela sabia algo mais. — Havia alguém da sua antiga matilha que estava na batalha e sobreviveu?

Sua amiga parou no meio do corredor e respirou fundo.

— Connor. Darien matou seu irmão gêmeo. Ele pareceu inofensivo aos outros, quando parou de lutar para assistir a batalha do meu companheiro com o meu ex-líder de matilha, então, eles o deixaram ir embora. Mas depois, nós soubemos que, durante a batalha, havia outro lá embaixo chamado North, primo daquele que mordeu você. Como Connor, ele desistiu da luta e Jake o deixou viver.

Um arrepio atravessou a espinha de Carol. — Será que nenhum deles quer vingança pela morte de seus parentes?

— Possivelmente.

Mas a maneira como ela disse isto, enquanto descia as escadas, soou mais como se pensasse que o vermelho tinha outro interesse.

— Qual a outra possibilidade?

Lelandi olhou por cima do ombro para Carol, com a expressão preocupada. — O irmão de Connor a mordeu, mas ele morreu. Agora, um dos homens, o irmão ou o primo, pode querer reivindicar você, em parte porque é uma vermelha e em parte porque, nos velhos tempos, quando um homem precisava de uma mulher e, às vezes, uma mulher queria um homem em particular, eles os mordiam e os transformavam.

Em seguida, tomavam o lobisomem recém-transformado como companheiro.

— Neste caso, um parente deles a transformou, mas você ainda não tem um companheiro, assim, Connor ou North podem sentir que você pertence à família. Mas também, eles podem quere-la por vingança. Claro, estou apenas supondo. Eu não tenho ideia se algo disso é verdade.

Carol engoliu em seco enquanto um mal-estar tomava conta dela.

— Outra possibilidade é de que ele é apenas um lobo vermelho que cheirou você ou eu no território de um cinzento e ficou curioso sobre nós duas.

— Improvável, não é? – Carol perguntou. Apenas a inflexão na voz de Lelandi disse que ela não acreditava nisso.

— Você está certa. Toda a área está repleta de *lupus garous* cinzentos, o que deveria ser um obstáculo suficiente.

— Lelandi tomou a mão dela e apertou-a de forma tranquilizadora. — Darien espalhou o boato de que você tem um guarda-costas em todos os momentos. Todos os machos solteiros se inscreveram ansiosamente para fazer turnos.

Como as coisas podiam ficar piores?

Carol hesitou na parte inferior da escada. Voltar ao solário, depois de sua fuga do grande salão, era um grande desafio. Ela não era tímida, mas também não era muito

comunicativa. Certamente seria o centro das atenções quando voltasse, embora preferisse misturar-se.

Quando entraram na grande sala, todos os olhos voltaram-se sobre elas. Sobrancelhas e lábios levantaram-se conforme o interesse dos solteiros foi despertado pela visão de Carol no vestido. Ryan parecia estar atormentando Mervin num canto da sala, o pobre barbeiro de costas para a parede enquanto o outro estava quase nariz a nariz contra ele. A mandíbula de Ryan caiu quando avistou Carol com o canto do olho, a expressão assustadora instantaneamente desaparecendo. Agora, desejava não ter mudado as suas roupas mais casuais e conservadoras para algo que realmente chamava a atenção dos rapazes.

Ela enrijeceu as costas e olhou para as duas mulheres que a observavam e conversavam entre si, ambas lhe dando um olhar frio. Droga, Carol não seria mais uma garotinha tímida. Os caras eram solteiros e, embora não achasse que ficaria realmente interessada o suficiente em algum deles para acasalar, tinha que lembrar a si mesma que se apenas conhecesse um deles, podia achar que ele realmente era alguém que poderia amar. Ainda assim, por agora, tudo o que pretendia fazer era se divertir.

— Podemos ter um pouco de música? — Ela sussurrou para Lelandi.

A outra mulher sorriu de volta. — Silva, você pode pôr a música para tocar? Vamos dançar!

Foi o que bastou. Um dos homens correu a frente para agarrar o braço dela e tentou dizer a si mesma que queria isso: não se transforme!

Quando ele agarrou seu braço, ela respirou profunda e calmamente e se concentrou em seu cabelo esvoaçante marrom escuro e ar intenso, no terno de chocolate e gravata combinando, em desacordo com o seu olhar selvagem, e tentou não pensar na força do seu toque entusiasta, que poderia desencadear a mudança.

— Meu nome é Christian e eu não poderia ter ficado mais orgulhoso de você por roubar a fita de Darien durante o jogo de hoje.

— Verdade? — Carol disse, segurando-o à uma distância de um braço estendido enquanto ele a movia através do piso de ladrilhos para dançar. Seus olhos escuros olharam para ela como se estivesse fascinado, mas sua voz era um pouco estridente demais para fazer com que sentisse algo mais sério sobre ele. — Todos pareciam chocados em silêncio.

Christian sorriu. — Só até vermos como Darien reagiria àquilo. Eu sei que você não entende tudo sobre as regras da matilha ainda, mas Darien é o líder, então, o que ele diz é lei. Não que nós não discordemos dele algumas vezes, mas mantemos isto para nós mesmos.

Betas. — E Lelandi?

— Ela é companheira do alfa então, com certeza, tem muito a dizer. Mas, no final, recai sobre os ombros de Darien ter certeza de que todo mundo siga as regras. Seus irmãos também ajudam a aplicá-las. Assim, quando alguém faz algo que é contrário a essas diretrizes, espera-se pacientemente. Darien acha aceitável ou não? Você pode não pensar assim, mas o jeito como ele levou-a para sua casa significa que você está sob sua proteção e ninguém quer fazer nada para chateá-lo no que lhe diz respeito.

Ela bufou. — Darien é protetor. Eu reconheço. Mas ele está mais irritado comigo do que qualquer coisa.

— Isso é porque você está lutando contra a mudança. É o que a diferencia do resto de nós, mas pior do que isso, um dia desses você não será capaz de controlá-la. E vai colocar a todos num beco sem saída.

Não gostando do jeito que ele franzia a testa e a mudança súbita em sua voz, ela pretendeu afastar-se, mas Christian apertou seu agarre. Estava com medo de que se lutasse com ele, poderia desencadear a vontade de mudar novamente.

Já podia ver a cena: ela tirando as alças do vestido, expondo seu sutiã, puxando-o para baixo o mais rápido que podia. Então, antes que percebesse, estaria nua na frente de uma multidão que ficaria chocada, divertida ou interessada. Definitivamente o entretenimento da noite. E o papo durante anos referente a sua apresentação. Ela abafou uma risada. Sim, apresentação, uma ova.

Christian não pareceu perceber a tensão em seu corpo e continuou a falar como se não a tivesse incomodado. —Eu sou o seu primeiro guarda-costas. E vou levar o trabalho a sério. Qualquer um que tentar chegar até você vai ter que lidar comigo.

— Qualquer um? — Perguntou, curiosa para saber se isso significava que ele não tinha a intenção de deixar qualquer um dos outros solteiros chegar perto dela também.

— Quaisquer machos vermelhos. — Ele disse, sorrindo. — Eu manteria qualquer homem longe, mas não por esse motivo. Darien enviou alguns dos machos acasalados para a floresta novamente hoje à noite, procurando por ele. O vermelho não vai ter a chance de chegar perto de você. Nunca.

Não querendo pensar sobre ser perseguida, Carol mudou de assunto. — O que você acha de Marilee e Becky?

Christian olhou para Becky, que estava dançando com Mervin. Carol quase riu quando os viu juntos. Becky estava mantendo distância e Mervin olhava para Carol. Outro solteiro se agarrou a Marilee.

Com uma expressão feroz, Ryan estava sozinho, de braços cruzados, olhando para ela. Perguntou-se por que estava tão irritado, tão perigoso. Talvez estivesse irritado porque outro homem solteiro tinha roubado Marilee dele.

— Garotas bonitas — disse Christian. —Elas farão alguns bons caras como companheiros.

Garotas bonitas? Sexys quando nuas talvez, mas bonitas? Não nesta vida.

O que ela realmente queria ouvir era que Christian não achava que as mulheres eram dignas de consideração. Não que estivesse interessada nele, especialmente pela forma como pensava a respeito de sua luta contra a mudança, mas...

A música terminou e antes que ele pudesse dançar com ela novamente, Tom se intrometeu: — Importa-se, Christian?

Mesmo que se importasse, o que ela tinha certeza que ele fazia pelo olhar descontente em seu rosto, os irmãos de Darien tinham prioridade como sub-líderes em ter seus desejos atendidos.

Com a boca curvada para baixo, Christian inclinou-se educadamente e depois se afastou. Não podia acreditar que Tom tivesse sequer perguntado a ela. Ele a manteve separada de seu corpo, muito honrado, muito respeitoso, mas quando falou, sabia que Darien o induziu a dançar com ela.

— Mervin a incomodou de alguma forma? – Tom começou.

Amava o jeito como ele era sempre protetor com ela. Desejou que ele sentisse algo romântico por ela, mas presumiu que os sentimentos dele eram mais de amor fraternal para uma irmã que precisava de proteção. — Não, Tom. Eu apenas decidi mudar de roupa.

Tom olhou para seu vestido e sorriu. — Uma aparência diferente do habitual. Isso é o que os caras gostam muito em você. Você é tão... imprevisível.

— Isto também os incomoda.

Tom, sendo o típico pacificador, logo mudou de assunto. — Você viu algum vermelho na floresta quando falou com McKinley?

— Não. Lelandi já perguntou. — Ficou surpresa por ela já não ter contado a Darien e seus irmãos.

— Você tem certeza?

Carol fez uma careta para Tom. — Eu disse que não vi ninguém. Apenas Ryan. Por que você acha que eu mentiria?

Tom limpou a garganta, as bochechas levemente coradas. — Darien está apenas... bem, preocupado que você tivesse contatado um macho vermelho de outra matilha. Acredite em mim, ele quer o melhor para você. Se há algo que não está nos dizendo... não queremos matar alguém que nós achamos que a está perseguindo, quando ele é realmente um interesse amoroso.

— Tom — disse Carol, incapaz de esconder sua exasperação. — Se alguém estiver me seguindo, eu não encorajei isto. Primeiro, nenhum de vocês me deixa fora de vista o tempo suficiente para ter feito contato com mais alguém. E segundo, se, por algum milagre, eu tiver um encontro com alguém de fora da matilha, você não acha que,

se eu gostasse dele, diria a vocês para que não acabassem com ele?

Tom não disse nada de imediato e quando a música acabou, ele parou. — Não. Eu acho que você estaria com medo de contar a Darien se estivesse interessada em deixar a matilha. Veja o que aconteceu na noite passada. Você estava sozinha com McKinley na floresta escura. Nem uma palavra a qualquer um de nós. Só soubemos disso quando chegamos porque Jake foi verificá-la, encontrou a porta do seu quarto aberta e nenhum sinal seu em casa. Eu encontrei a porta dos fundos destrancada e você tinha corrido para dentro da floresta.

Ele estava certo. — É justo. Agora que o assunto surgiu, eu lhe asseguro que não tenho interesse em qualquer macho vermelho. Nem cinzento também. — Ela sorriu docemente.

— Tudo bem — Tom a liberou para outro homem e deu-lhe um olhar que significava que seria melhor ele manter distância. Em seguida, dirigiu-se para falar com Darien.

— Meu nome é Avery — o homem disse a Carol, tomando-lhe o braço. Seus olhos claros, cor de âmbar, combinavam com seu terno marrom claro e, em comparação com Christian, ele tinha um olhar muito dócil. Suas ações eram condizentes com isto, seu toque era leve, nem um pouco invasivo.

— Eu ouvi que McKinley quer falar com você hoje à noite sobre a investigação. Darien não está feliz com isso.

Ela encolheu os ombros. Não estava feliz também.

— E agora McKinley parece ter como alvo Marilee, como se não pudesse decidir quem ele quer.

Carol olhou ao redor, para os casais dançando, e viu Ryan com a massagista. Ele estava de volta para um encontro promissor. Ela tentou esconder uma careta. Ryan manteve uma distância de Marilee, mas a mulher tentou aconchegar-se perto. Desejando o macho alfa? Ela soube que ele era um líder de matilha não acasalado? Ou voltar a ela mostrou-lhe que realmente estava interessado?

— Você já dançou com ela? — Carol tentou ficar alegre, não irritada, quando não deveria se importar nem um pouco.

Avery endureceu. — Ela parece ter a intenção de fazer um movimento em McKinley mais do que pretende com qualquer um de nós.

Exatamente como Carol suspeitava. Ou ela realmente achava Ryan mais atraente do que os outros homens, ou o almejava por causa de sua posição.

Becky ainda dançava com Mervin, mas ele continuou lançando olhares em sua direção. Pobre Becky. Carol conhecia a sensação, tendo ido a um encontro às cegas com um cara que só tinha olhos para a amiga que foi no encontro duplo com outro homem.

— Então, o que você acha de Becky? — Ela perguntou a Avery.

— Eu não tive a oportunidade de conhecê-la. O que aconteceu entre você e Mervin?

— Nada. — Cara, não imaginou que isso sairia tão fora de proporção. Mas, pensando bem, os membros de uma matilha eram muito unidos, ela estava aprendendo isto, muito mais do que uma comunidade humana, embora muitas vezes as fofocas se espalhassem de grupo social para grupo social, não importando se eram humanos ou não. Só não esperava todo o interrogatório.

A música acabou e, de repente, Ryan entrou em cena para dançar com Carol, como um silencioso lobo predador se aproximando de sua presa. Ela não tinha certeza se isso significava que ele queria dançar com ela ou rasgar Avery em pedaços.

Instantaneamente, tudo mudou entre eles. Avery fez uma careta e hesitou em se afastar. Ryan não deixou isto detê-lo. Ele deslizou sua mão ao redor de suas costas e puxou-a para perto, longe de Avery. Ela não podia anular o aborrecimento que sentia por ele, não só porque pretendia interrogá-la mais tarde para tentar provar que era uma fraude, mas também porque parecia muito ansioso em conhecer a massagista melhor. Isso não deveria importar, mas, irritantemente incomodava.

Ela afastou-se dele e segurou-o à parte, como havia dançado com os outros, sem querer ir longe demais a ponto de negar-lhe uma dança e depois ter de explicar para Darien, os irmãos dele e Lelandi, por que tinha dito "não" para uma

dança. Tinha certeza de que todos pensariam que ele fez algo terrivelmente escandaloso. E então o mandariam embora. O que a incomodava mais do que deveria ter permitido.

Exceto pela música, todos estavam quietos e temia que estivessem observando cada movimento que eles faziam.

De uma forma cavalheiresca perfeita, ele se mexeu com ela através do cômodo, sem dizer uma palavra, não pressionando o assunto. Então, quando pensou que não podia suportar a tensão entre eles por mais tempo, Ryan abaixou a cabeça e sussurrou em seu ouvido, enviando feixes quentes cascadeando através dela: — Quer ir embora?



CAPÍTULO 8

A decepção atravessou Carol quando Ryan perguntou se queria deixar o evento. Ele não queria abraçá-la apertado e dançar, afinal. Só queria acabar com essa farsa, questioná-la para satisfazer alguma necessidade estúpida e ir embora de Silver Town. Ou isso, ou queria dançar com ela, mas juntinhos e, além disso, nada mais.

E então percebeu o quanto desejava estar com um homem como Ryan.

Que diabos. Pelo menos, ele queria dançar intimamente com ela, ao contrário do jeito que tinha mantido Marilee a distância de um braço. Carol soltou a respiração, puxou-o para perto e se derreteu contra seu abraço quente, amando o jeito como o sentia.

Ela não tinha estado com um cara que a atiçava assim desde que era uma jovem de dezenove anos, apaixonada por um mulherengo de vinte e um, que a tinha usado e jogado para escanteio por uma mulher muito mais excitante depois de alguns meses. Pensando agora nisso, aquela mulher era

semelhante à Marilee, com cabelo e olhos escuros e longos cílios.

Carol suspirou profundamente. Não se importava que Ryan talvez estivesse apaixonado por alguém que se parecia ou agia como a massagista. Era só uma dança, afinal de contas.

Ryan não disse nada sobre Carol tê-lo segurado perto de início. Ele apenas respondeu na mesma moeda, movendo-a pelo chão lentamente, seus corpos pressionados juntos indecentemente, aquecendo-a por todo o caminho desde o topo da cabeça até a ponta dos dedos dos pés.

— Carol? — ele finalmente perguntou, apressando a questão de ir embora.

— Claro — Começou a se afastar, imaginando que poderia muito bem acabar logo com isso se Ryan realmente não queria dançar com ela. Mostraria à Darien que não faria parte da tolice que era este evento por mais tempo. Pelo menos, esperava que pudesse. Ele talvez tivesse algo a dizer sobre isso.

— Depois que terminarmos essa valsa. Romper a dança depois que nós mal começamos seria inapropriado. — Sua voz era rouca e aquecida e seus olhos estavam nublados de desejo, ou talvez fosse simplesmente luxúria.

Foi quando notou a ereção crescente pressionada fortemente contra sua coxa. Isto não estava lá quando ele

primeiramente a puxou para mais perto. Talvez, Marilee não o tivesse intrigado como Carol pensou.

Ela colocou sua perna entre as dele de uma forma sugestiva, esfregando-se contra sua ereção. Ensine-o que não se pode querer abraçá-la firmemente de início e não enfrentar as consequências. Um grunhido gutural escapou dos lábios dele. Carol reprimiu um sorriso e colocou a cabeça no peito de Ryan para que ele não pudesse ver a diversão em seu rosto, e ouvir seu coração batendo em um ritmo acelerado.

O cheiro dele – de homem macho e de sangue quente - sem colônias espalhafatosas para encobrir sua deliciosa fragrância masculina, apenas o cheiro amadeirado de cedro, sálvia e de frutas cítricas provocou um desejo inesperado nela. E uma reação que não esperava... seus hormônios ficaram descontrolados e um aroma almiscarado dela mesma chegou às suas narinas.

Seus lábios se separaram em surpresa. Ela ainda não conseguia se acostumar a ser capaz de captar uma lufada de cheiros tão íntimos que só os animais selvagens normalmente poderiam senti-los. Colocou uma mão nas costas dele e deslizou a outra até o peito, sentindo os músculos sob o tecido felpudo, cada toque tornando-os ainda mais tensos.

As mãos de Ryan deslizaram por suas costas, mais para baixo, até que ele estava tocando as nádegas de uma maneira sexual, inclinando-se sobre ela, fazendo-a ficar molhada para ele. Carol quase riu. Era o fim da sua tentativa de seduzir-lhe para prestar atenção nela. Ryan era um lobo perfeito e bem

versado na arte da sedução. Lelandi estava certa. Com ela, ele foi um perfeito cavalheiro. Com Carol, era uma história totalmente diferente.

Se os dois não fossem lobisomens, ela teria sugerido que se deslocassem para um hotel em outra cidade. Não que jamais se sentiu assim sobre um homem num primeiro “encontro”, mas seus hormônios de loba deviam ter algo a ver com isso. Ou talvez fosse apenas Ryan, que trouxe à tona o desejo nela. Só que a espécie deles não fazia sexo casual. O ato era uma promessa de um compromisso como companheiros para a vida toda.

Que pena. Uma brincadeira sexual com um lobo macho como ele teria prometido muito prazer, tinha certeza.

— Darien não gosta que nós estejamos dançando tão perto. — Ryan sussurrou em seu cabelo, mas não fez nenhum movimento para se distanciar dela e por isso era grata.

O toque do hálito quente dele sobre seu couro cabeludo enviou uma nova sensação de formigamento correndo através dela. — Humm, eu nunca soube que você se importava com o que ele pensa.

— Não é assim. — Ryan murmurou com voz rouca. — Eu respeito o território de outra matilha.

Ela deu uma risada curta. — Como você não queria desistir de tentar resolver o assassinato de Larissa, apesar de

Darien não o quer aqui, intrometendo-se no negócio de sua família? Você persistiu até que achou o seu homem.

As mãos de Ryan moveram-se para a parte inferior das costas dela, como se tivesse atingido um ponto fraco. Claro, ela resolveu o caso através de seus talentos psíquicos. Era isso que ele não gostava? Que ela, em vez dele, tinha solucionado o caso? Ou isto era estritamente por causa de como foi capaz de fazer tal coisa?

Tudo bem, podia muito bem conversar sobre algo menos delicado. Não queria que ele se afastasse no meio da dança e agisse como se ela fosse muito repugnante para se tocar. Talvez Ryan se sentisse assim, mas ela certamente não queria que mostrasse isso na frente de todos os outros.

Foi quando percebeu como quase todos estavam olhando para eles, mesmo aqueles que dançavam na pista.

Lelandi sorriu para ela conforme passava por eles com Darien, dançando delicadamente e perto também. Ele estava franzindo o cenho para Ryan, e muito. Silva sorriu enquanto valsava com Sam, mas ele estava se comportando como se estivesse tão irritado com McKinley quanto Darien. O mesmo com Tom e Jake nas laterais da pista. As mãos de Tom estavam em seus bolsos e ele balançou a cabeça. Jake cruzou os braços e deu-lhe um olhar irritado, ao invés de dá-lo para seu companheiro de dança.

Sim, ela sabia que era tudo sua culpa. Deveria ter mantido alguma distância de Ryan. Ela sorriu e piscou para

Jake. Sua expressão severa ficou ainda mais acentuada. Ensine-o a não provocá-la sobre Mervin estar interessado.

Não precisou ver o que os machos solteiros pensavam da situação. Ela só esperava que não partissem pra cima de Ryan mais tarde e dessem-lhe um tempo difícil. Embora, tão alfa como era e quão betas eles eram, pensou que não tinham a menor chance.

— Então, o que você achou de Marilee? – ela perguntou, numa tentativa de ser leve e despreocupada.

Imediatamente, as mãos de Ryan voltaram para a bunda de Carol e descansou-as lá, o toque sensual fazendo seu coração acelerar. Então, o que essa reação significava? Ele gostou de Marilee e desejava que estivesse com as mãos sobre a bunda dela ao invés de onde estavam? Carol odiava como sempre analisava demais os comportamentos das pessoas.

— Humm. — Ela não gostou da maneira como disse isso, pensando que ele gostaria mais de estar com Marilee, como um cara com tesão. Enquanto continuava a dançar com Carol, esmagada contra seu peito, sua perna estava travada entre as dela, movendo-se em intervalos para roçar seu monte numa carícia sedutora.

Podia imaginá-lo fechando os olhos e visualizando que tinha a mulher quente e sensual em suas garras apertadas, ao invés dela, com seus cabelos longos encaracolados, os luxuriosos lábios brilhantes, os cílios escuros e vibrantes... o conjunto: alta, morena e com seios grandes. Não baixinha,

pálida e... bem, Carol tinha peitos de bom tamanho também, mas isso era tudo.

—Ela não... faz... o meu tipo. — disse ele lentamente.

Carol deslizou com Ryan por todo o piso de ladrilhos suavemente, tentando apenas se deixar aproveitar o momento, mas não podia ignorar a ideia que lhe remoía que ele gostava mais das outras mulheres. Elas eram cinzentas, tinham nascidos como tais e não eram um enigma como ela. Por que não iria preferi-las?

Quando ela não disse nada em resposta, ele suspirou:

—Ela é muito pegajosa... muito... melosa, muito...

— Gostosa?

Ele riu. —Eu estaria mentindo se dissesse que ela não era gostosa. Mas isso não significa que estou interessado. — Ele levantou o queixo de Carol e olhou em seus olhos. —Você não tem que provar nada a ninguém aqui esta noite.

O que isto significava? Perguntou-se se ele sentia uma conexão com ela, talvez por causa de sua resolução do assassinato — não da forma como ele faria, mas como ela podia — como ele fazia em seu trabalho. Como uma colega investigadora, muito embora não tivesse investigado nada. Talvez ele realmente não sentisse nada pelas outras mulheres. Só que aquela era muito bonita.

— Você dançou com Becky? — Perguntou, querendo saber o que ele pensava dela. — Ela parece precisar ser resgatada de Mervin.

O rosto de Ryan ficou sombrio. — O que aconteceu entre você e Mervin?

Sem esperar que ele fosse questioná-la sobre Mervin também, apertou os lábios em aborrecimento. E desejou que não tivesse mencionado o nome do outro macho.

Carol balançou a cabeça. — Não aconteceu nada entre nós.

— Você é uma péssima mentirosa.

Ela endureceu suas costas. Não importava que ele estivesse certo, não precisava que lhe dissesse aquilo.

Ryan imediatamente acariciou suas costas, como se tentasse acalmá-la. — Eu vou saber de uma forma ou de outra, Carol. É o que eu faço. — Sua voz voltou a ser sombriamente sedutora.

Ela pigarreou, embora o admirasse por investigar obstinadamente uma situação até que descobrisse a verdade. Só queria que não fosse o foco de uma de suas caçadas. — Você já não o assustou e conseguiu a verdade dele? — perguntou.

— Eu sempre busco confirmação. Dessa forma, sei a verdade de fato. — Ele deslizou as mãos para baixo dos seus braços nus com um movimento sensual, pegou seus pulsos e

os desvirou para observar a sua pele, com o toque gentil, preocupado. — Ele não feriu você.

Seus lábios se separaram em surpresa. Ryan suspeitava do que tinha acontecido? Nesse ritmo, percebeu que a verdade apareceria de qualquer forma. Só que ela não mencionaria o maldito desejo de se transformar. — Ele tentou me impedir de sair da casa. Isso foi tudo.

— Tudo bem. Foi isso o que ele disse. E depois? Você decidiu colocar esta roupa? — Ele deslizou as mãos por suas costas novamente, pele contra pele, então, mais para baixo, acariciando o corpo dela sob a seda justa e deixando um rastro de desejo escaldante. — Por quê?

Ela ainda estava absorvendo a sensação sensual de seu toque quando lutou para responder de forma inteligente, não importando o quanto ele a abalasse, tanto com suas palavras, como com suas ações. — Você sabe, se realmente quiser uma chance comigo, vai ter que parar de questionar os meus motivos o tempo todo. E, francamente, Chester Ryan McKinley, não é da sua conta.

Ele sussurrou em seu ouvido: — Por que você acha que estou tentando tê-la?

Ela sorriu um pouquinho. — É a sua natureza. Você quer o que não pode ter.

Ryan lhe deu uma risada rouca e moveu as mãos para suas nádegas novamente. — Se eu quisesse você, não se engane, Carol, você seria minha.

Ela riu e descansou a cabeça contra o peito dele novamente. — Eu amo um homem com um senso de humor.

—Humm. — Ele continuou a dançar lentamente, sua ereção pulsando pela necessidade, que ela alegremente despertou, e suas mãos traiçoeiramente deslizaram sobre suas nádegas numa carícia sensual. Se ele não a queria, com certeza era um mestre em enganar.

Carol começava a pensar que talvez Ryan realmente estivesse interessado nela e sua habilidade psíquica era o que ainda o incomodava. Então, para sua decepção, a música terminou e outro homem parou ao seu lado, pronto para dançar com ela em seguida. Esperou que não achasse que gostaria de dançar juntinho com ele também.

Mas, Ryan iria resgatá-la e levá-la à taverna ao invés, como queria, ou a cederia para o cara que agora estava batendo com o pé no chão, com as mãos nos quadris, uma expressão irritada escurecendo seu rosto?

— Desculpe. — Ryan disse ao homem. — Ela me prometeu duas danças.

Carol ficou chocada e sem palavras e rapidamente fechou a boca aberta.

O cara franziu o cenho. — Mas...

A música começou de novo e Ryan a puxou mais para dentro do grupo de casais que dançavam.

— Eu pensei que nós iríamos ao nosso encontro a seguir. — Ela disse, divertida que ele parecia relutante em deixá-la ir.

— Estamos no nosso encontro. Primeiro aqui, em seguida, na taverna.

— Sim, mas não é um encontro de verdade e você está deixando um monte de homens com raiva. — Carol fez uma careta para ele, realmente esperando que não entrasse numa briga com os outros homens. Interiormente, riu. Ninguém jamais lutaria por ela.

— Eles vão superar isso quando eu for embora.

Seu coração deu um pequeno aperto, quando não deveria ter se importado nem um pouquinho. Ela deveria saber. Talvez, ele já tivesse os olhos postos numa mulher de sua própria matilha.

Assim que a música parou, Ryan apressou-se com ela pelo salão, com a mão presa em seu pulso, movendo-se rapidamente. Felizmente, seu toque não estimulou a vontade de mudar.

Carol estava com medo de ver quem viria atrás deles — Darien, os irmãos dele, Sam — todos pretendendo pôr um fim àquilo. Mas, tudo o que aconteceu foi que o solário ficou extremamente quieto. Sem música, sem conversas, apenas os saltos dela clicando no piso de cerâmica, indo em direção ao vestibulo enquanto Ryan apressava-se até a porta da frente.

E então, o grito severo de Darien veio do solário: — Lembre-se do que eu disse, McKinley! Traga-a de volta à meia-noite.

Surpresa que ele houvesse permitido aquilo, ela se perguntou se Lelandi o havia convencido a deixá-la sair com Ryan.

— Eu sinto que estamos fugindo. — Carol disse, franzindo a testa, mal conseguindo acompanhar os longos passos dele enquanto oscilava em saltos altos, conforme ele a puxava para fora da casa, até o seu veículo.

Ryan ergueu as sobrancelhas. —Apenas uma reunião para acertar algumas coisas.

Isso era o que ele pensava.

— Espero que você não fique muito desapontado quando voltar sozinho para a cama hoje à noite sem as respostas que procura. — Deu-lhe um doce sorriso conforme ele abria a porta da picape e ela subia no banco do passageiro.

A expressão dele era evasiva. — Minha consciência está limpa e eu durmo bem à noite. E quanto a você?

Ela se virou e olhou para fora do para-brisa enquanto ele ainda segurava a porta, à espera de sua resposta. Não dormia bem de jeito algum. Certamente não na noite passada depois de lutar contra o desejo de mudar de forma durante a madrugada. Sua falta de sono não tinha nada a ver com ter uma má consciência, e sim, com a lua e um lobo chamado

Ryan que apareceu para ela numa visão. Mervin, também, vestindo seu casaco de listras vermelhas e brancas.

— Eu durmo maravilhosamente bem. — Ela deu a Ryan um sorriso rápido.

Ele sorriu. — Claro. É por isso que você tem olheiras sob seus olhos. Sou treinado para observar pessoas e objetos. Eu percebo as coisas. — Deu uma respiração profunda. — Isso não vai demorar muito.

O que lhe convinha muito bem. Carol cruzou as mãos no colo e balançou a cabeça. — Vamos acabar logo com isso. Quanto mais cedo, melhor. — Mas ela queria olhar no espelhinho do quebra-sol e ver por si mesma se tinha olheiras sob os olhos. Não notou quando passou batom nos lábios ou aplicou a maquiagem mais cedo.

Ele fechou a porta dela, contornou o veículo e subiu no assento do motorista.

Não havia como descobrir o que estava acontecendo na mente investigadora de Ryan McKinley, mas por que ficou incomodada com a ideia de que ele iria embora em breve?

Ele a analisou por um momento e depois assentiu. Mas algo estava errado na forma como agia. Como se tivesse que terminar aquilo para que pudesse chegar a algo mais importante na casa dele, embora não quisesse largar o negócio aqui tão rapidamente também. O que era tudo aquilo, afinal?

Ryan deu a volta com a picape em torno da garagem e, em seguida, dirigiu-se para a cidade.

Não, era algo mais profundo do que isso. Algo sexy, mais primitivo, mais lobo. Se ela mudasse de forma, isto iria ajudá-la a reconhecer melhor o que estava acontecendo entre eles? Ou era o seu cinismo habitual sobre os homens que bloqueava a sua capacidade de perceber o que realmente acontecia?

Desistindo de analisar excessivamente ainda mais a situação, inclinou-se para o banco e sentiu o cheiro do perfume de couro novo. Ela observou o painel impecável e um medalhão pendurado no espelho retrovisor conforme este balançava com o movimento da caminhonete. Tentou vislumbrar as palavras gravadas no medalhão, em uma placa de bronze sob o nome MacKinlay.

— O que significam estes dizeres?

— *“Não forcamos nenhum amigo, não tememos nenhum inimigo”*, este era o lema do clã Farquharson. Mas alguns dizem que era associado ao Buchanan, ao invés. Outros referem que um povo chamado MacAnleighs poderia ter sido mais relacionado à nossa origem.

Ele não disse mais nada e ela induziu-lhe: —Vá em frente. Raízes familiares me fascinam. Às vezes, o significado de um nome dá uma dica das origens de uma família. Talvez, algo sobre suas personalidades que é passada de geração em geração.

A boca dele se curvou um pouquinho. — Nunca se sabe. Já que tivemos mais familiares na área de Braemar, seguimos o lema do clã Farquharson. McKinley é uma variação do MacKinlay. Alguns dizem que o nome se originou a partir do gaélico “*Mac Fhionnlaoich*” que significa: herói justo.

— Herói justo. Humm. Está vendo? O que eu disse?

— Sim, mas há outro significado que é dado. *Filho*, da partícula “Mac”, *do guerreiro branco*.

— Ele esperou pela resposta dela.

Carol sorriu. — Parece que, com a ocupação que você escolheu, carrega o gene que valida a pretensão tanto do lema, como do significado do seu nome.

— Eu tento fazer jus ao nome, para fazer meus antepassados orgulhosos.

Ela percebeu o cobertor posto sobre o assento entre eles, a lã xadrez predominantemente azul e verde, com faixas pretas e vermelhas acentuando-a. Passou a mão sobre o tecido macio.

— É velho — disse Ryan.

— Isto representa o clã McKinley?

— Sim. Foi de meu avô.

Arrepios correram ao longo de seus braços. Lelandi tinha explicado a Carol como *lupus garous* viviam vidas longas — 30 anos humanos correspondiam a um ano *lupus*

garou depois de eles atingirem a puberdade. Desse modo, o avô dele poderia muito bem ter lutado nas batalhas de clãs e até mesmo ter sido um chefe de clã. Ou não. Ele pode ter sido apenas um pastor de ovelhas, pelo pouco o que sabia. Ela tinha lido tantos romances sobre highlanders que a ideia de que poderia estar sentada ao lado do descendente de um daqueles homens fortes, sem calças, sem sapatos e sem... ela sorriu... homens sem cuecas e com ¹⁰kilt, a fez derreter um pouquinho.

Ryan olhou para ela e deu-lhe um leve sorriso. Suas bochechas coraram instantaneamente com o calor. Ele piscou. — Você pode ter visões do futuro, mas eu desejaria poder ler sua mente.

Seu rosto corou novamente. Ela empurrou um pouco de seu cabelo atrás da orelha e olhou para fora do para-brisa. — O que seu avô fazia como profissão?

— Lutou para o clã, tomou para si uma companheira, criou um bando de crianças e talhava em seu tempo livre.

— Talhava?

Ryan riu. — Isso era o que ele fazia. Tocava gaita de foles também.

Ela suspirou e tocou o cobertor no banco, imaginando como seria entrar num de seus romances e sentir o xadrez suave no corpo endurecido de um Highlander, até que ele o

¹⁰ O kilt [quilt] é uma saia masculina, pregueado na parte de trás, trespassado na parte da frente, de comprimento da cintura até aos joelhos e sem o uso da cueca.

tirasse e o estendesse sobre as ¹¹urzes. Com uma mão estendida, se ofereceria para levá-la pelo seu mundo e mostrar-lhe o quão ousado um Highlander podia ser.

Com os lábios secos, Carol passava a língua sobre eles, quando pegou Ryan olhando para ela novamente.

—Alguma vez você já esteve no Festival Escocês do Colorado e Jogos Highlands das Montanhas Rochosas? — perguntou saudosa. Ela amou o lugar na única chance que teve para visitar. Todos os Celtas vestidos em diferentes tartans. A música. Os jogos. A comida.

— Para ouvir as flautas e tambores, caminhar ao som das músicas celtas, dançar nas competições, participar do cabo de guerra e do desfile de clãs? Eu participei todos os anos durante os últimos quatro.

— Você ganhou?

— Todo ano.

— De verdade?

Ele sorriu. — A verdade é que a força de um lobisomem me dá um pouco de vantagem. — Encolheu os ombros. —Eu não posso evitar. Você já esteve lá?

Ela suspirou. —Uma vez. Todos aqueles homens de kilts e com pernas de ótima aparência quase me arruinaram.



Ryan deu-lhe um pequeno sorriso. —Você tem ascendência escocesa?

— MacDonald, do lado da família da minha mãe. Nosso lema: “Por mar e terra”. Temos uma manopla segurando uma cruz como brasão do clã¹². Logo depois que fui ao festival, fui para a faculdade, mas espero ir neste verão novamente. Talvez eu veja você por lá.

E ver Ryan num kilt, com as pernas nuas, seus bíceps e costas nuas se esforçando para puxar uma corda enquanto os homens do outro lado lutavam para ganhar a disputa. Darien provavelmente nem a deixaria ir às festividades, a menos que alguém do povo dele estivesse disposto a vigiá-la.

Ou se ela já tivesse um companheiro. E, então, o seu companheiro provavelmente não estaria interessado em ir para lá, a menos que ele tivesse raízes celtas. Ela mordeu o lábio inferior. Tinha que encontrar outros homens que lhe atraíam como Ryan, já que não achava que Jake ou Tom fariam um movimento na direção dela.

Então, um novo pensamento veio a ela. A bibliotecária e massagista eram de outras famílias. Por que não podia ir até a matilha delas, ou até mesmo para a de Ryan, e ver se alguém que era mais adequado a ela estava numa dessas matilhas?



Carol deu um tapinha na coxa de Ryan, fazendo-o tenso e acelerar enquanto corria pela estrada.

— Eu tenho uma ideia. Quando você tiver a sua próxima reunião, irei para Green Valley e conferirei os solteiros por lá. — disse ela. — Você tem alguns bons escoceses destemidos na matilha?

A boca de Ryan abriu como se ele fosse fazer um comentário, mas, em seguida, rapidamente a fechou. Ele bateu os polegares no volante e finalmente disse: — Darien não permitiria isso.

Ela estava um pouco surpresa com a reação dele.

—Engraçado, eu pensei que você fosse ser menos contra isto do que ele. Ouvi dizer que um líder de matilha que consegue incentivar fêmeas não acasaladas a aceitarem solteiros de seu grupo ganha pontos extras.

A mandíbula de Ryan se apertou e ela presumiu que atingiu outro ponto fraco. Mas não tinha certeza de o porquê desta vez, a menos que alguém da matilha dele pudesse ficar verdadeiramente interessado nela.

— Na verdade, eu vou verificar na matilha de Becky e Marilee enquanto posso. Certamente, vou encontrar alguém por quem eu fique interessada. Você não acha?



CAPÍTULO 9

Inferno e maldição. Ryan não podia acreditar no quanto a pequena loira podia afetá-lo. Num minuto está tocando o xadrez de sua família enquanto ele desejava usar aquilo naquele momento, perguntando-se quando ela faria a pergunta que todas as mulheres faziam. Ele usava algo sob o kilt? Ha, o que Deus lhe deu. No seguinte, está querendo encontrar um companheiro na matilha dele?

Como Carol podia pensar que as outras mulheres eram sensuais e ela não, estava além da compreensão dele, mas a noção de que iria até sua matilha e conferiria alguns de seus machos solteiros era impensável. Não que aquilo não ajudaria em sua posição. Mas caralho. Vê-la acasalada a um de seus homens, nenhum dos quais ideal para ela... não aguentaria.

Mesmo a noção de que iria conferir a matilha das outras mulheres não caía bem para ele. Quem sabia que tipo de homens existiam lá? Aquelas mulheres não estavam interessadas nos solteiros de lá. Por que Carol ficaria? Além disso, ela era um caso especial. Com necessidades especiais, porque foi recém-transformada. Tinha que ter exatamente o homem perfeito.

Ryan não se arrependia de dançar coladinho com ela. Pensou que talvez estivesse se sentindo insegura com a forma que as outras mulheres estavam vestidas porque mudou de roupa, para o vestido de seda justinho, e queria que ela soubesse que era tão sensual quanto no suave suéter rosa e jeans que vestia anteriormente. Ele amava casual e confortável.

Mas nunca esperou que ela transformaria seu corpo num inferno em fúria. Mesmo agora, ainda estava com sua ereção a meio mastro, em parte por causa do jeito que dançou com ele, o calor, a fragrância e suavidade de seu corpo ainda demorando-se em seus pensamentos. E em parte por causa da maneira que acariciou sua coberta, imaginando o corpo dele envolto nesta e o tocando. Isso o fez endurecer ainda mais.

Tentou não franzir muito a testa para ela conforme estacionava na Taverna de Silver Town, o estacionamento bastante vazio. Falaria com Darien sobre garantir que não checasse a outra matilha. Ou a matilha dele.

— Pronta? — perguntou enquanto ela olhava para fora da janela.

Carol levantou a cabeça para olhar para Ryan, com expressão assustada, e ele pensou que algo estivesse errado.

— Carol?

Ela sorriu, mas a expressão foi forçada. — Claro. Vamos acabar logo com o interrogatório. Rapidamente. Eu tenho

certeza de que você tem um negócio mais importante para cuidar em casa.

Parou de sorrir e seu olhar virou rebelde. O que o agradava muito mais do que quando lhe dava um sorriso falso. Perguntando-se sobre sua própria sanidade, balançou a cabeça e saiu da caminhonete para chegar a porta dela.



A pergunta de Ryan a puxou para fora de uma visão tão rapidamente que a surpreendeu, mas já que não acreditava que pudesse ver o que via, ela não tinha quaisquer planos de dizer a ele. No entanto, dada a maneira como a olhava, percebeu que ele iria questioná-la sobre isso de qualquer maneira.

— O que você estava pensando quando chamei a sua atenção? — perguntou Ryan, ajudando-a a sair do veículo.

O frio cortante... o sedoso cabelo ruivo flutuando sobre o rosto dela... masculinos olhos caramelos estreitados, uma armadura acolchoada e um cansaço do qual não podia libertar-se.

— Carol? — Ryan perguntou de novo, com a mão firme em seu braço enquanto a guiava em direção à taverna.

— Nada.

Mas, pelo olhar que lhe deu, sabia que não era verdade. Ele deu um pequeno aceno com a cabeça. Mas por que ela se importava? Ryan não acreditaria que teve outra de suas visões. De qualquer forma. E o significado da premonição a confundiu como antes, então o que deveria dizer? Mesmo se o sonho tivesse sido mais esclarecedor?

Ela acompanhou o ritmo acelerado dos passos dele, observando os lobos entalhados na madeira que guardavam as portas duplas do bar. Se soubesse logo cedo o que aquilo significava. Território de lobisomens. Antes de ter se tornado uma lobisomem, Carol tinha ido apenas uma vez à Taverna de Silver Town, durante o festival de outono quando as portas foram abertas tanto para os não membros, como para os membros. Ela não percebeu que, para serem sócios, os cidadãos tinham de ser lobisomens de carteirinha.

Ryan apressou-se para abrir a porta da taverna, as dobradiças enferrujadas guinchando quando empurrou o carvalho pesado para o lado. Os ventiladores rústicos que circulavam o ar eram provavelmente novos, mas pareciam antigos o bastante para terem sido pendurados desde o tempo que o lugar abriu, no século XIX.

O espelho esfumaçado por trás do longo bar polido definitivamente estava lá desde os primórdios e o balcão estava gasto em vários locais onde as pessoas se apoiaram contra ele, bebendo a sua escolha de bebida. Ela imaginou as sombras das pessoas de outrora refletidas no vidro sujo. Silva jurou que faria Sam substituí-lo por novos espelhos, mas ele

gosta de coisas rústicas e não quis concordar com aquilo. Talvez porque fosse mão de vaca também.

Luminárias alaranjadas, penduradas bem no alto por barras de latão, iluminavam suavemente as mesas de madeira escura, algumas redondas para grupos menores, as longas e retangulares eram para grupos maiores. O lugar estava quase vazio, com apenas alguns casais mais velhos desfrutando as bebidas e as conversas. O falatório cessou quando Ryan e Carol entraram.

Muitos daqueles da matilha de Darien ainda estavam no evento. Sam e Silva retornaram em algum momento e estavam preparando sanduíches de carne assada e bebidas, o aroma da carne assando enchendo o ar. Silva correu para cumprimentá-los e os acompanhou até uma mesa no centro do bar, cercada por outras mesas.

Um lugar sem privacidade alguma.

— Nós gostaríamos de uma por ali, obrigado. — Ryan guiou Carol até uma mesa num canto do bar onde eles estariam fora do trânsito, meio escondidos nas sombras, silencioso e fácil de conversar em particular. E indisponível.

— Esta é a mesa de Darien. — Carol sussurrou, com o batimento cardíaco acelerado, mas suspeitava de que Ryan já sabia disso.

Silva bateu com a caneta no bloco de pedidos. – O chefe se senta aqui com Lelandi e seus irmãos. Eu vou lhe mostrar outra mesa.

— Ele não virá aqui esta noite. — Ryan disse a ela e puxou uma cadeira para Carol com tanta autoconfiança que o seu movimento alimentou a própria confiança dela.

Com os olhos caramelos endurecidos, Sam limpava o bar. — Darien pode não estar aqui esta noite, mas seus irmãos estarão, é garantido. E eles também se sentam aí.

— Não hoje à noite. — Ryan deu-lhe um olhar que significava que não seria dissuadido. — Darien sugeriu que nós viéssemos aqui no nosso encontro. Então, eu tenho certeza que ele não vai se importar se tomarmos o local mais privado e fora do caminho.

Silva olhou para Carol como se esperando que ela fizesse Ryan voltar aos seus sentidos. Carol apenas sorriu, imaginando, “mas que diabos”, e tomou seu lugar. Ela já tinha feito o suficiente para criar uma cena ou duas, por que não outra?

— Aham. Eu acho que a captura da fita de Darien hoje me dá direito a uma recompensa.

Ryan deu um pequeno aceno de aprovação, puxou a sua cadeira para fora e sentou-se.

Sam serviu uma cerveja para um homem no bar e inclinou a cabeça brevemente para Silva, dando a sua concordância. Ela soltou a respiração.

— Tudo bem. Está por conta de Sam se Darien aparecer esperando sua mesa e a encontrar ocupada. O que vocês gostariam de beber?

— Um daiquiri de morango. — disse Carol.

As sobrancelhas de Silva dispararam até sua franja. — Você sempre pede Chablis. Tem certeza?

— Sim, hoje é um motivo de celebração.

Ryan recostou-se na cadeira. — Uma cerveja para mim, Silva. E dois sanduíches de rosbife quentes para nós dois também.

Silva acenou com a cabeça. — Você sabe, está se espalhando a informação que está aqui para questionar Carol sobre o caso do assassinato e que, em seguida, vai embora de vez. É melhor ser rápido, se é tudo o que tem que fazer, porque os solteiros estão nervosos sobre você estar aqui. Estão circulando rumores que é mais do que isso.

— Eles têm muito mais com que se preocupar do que comigo estando aqui.

Com o rosto iluminando-se, Silva disse: — Oh? — O que significava que ela estava encantada de espalhar qualquer que fosse a nova fofoca pela taverna e pela cidade.

— Algum macho vermelho está andando por aqui sem a permissão de Darien, possivelmente, visando Carol ou Lelandi, ou ambas. É com ele que todos deviam estar mais preocupados.

Silva deu a Carol um olhar preocupado.

Tentando parecer despreocupada, ela encolheu os ombros. — Todos os solteiros atuarão como meus guarda-costas e Lelandi também estará bem protegida. Nada para se preocupar.

— Ryan será o seu guarda-costas também? — Silva perguntou, esperançosa.

Carol tentou um tom indiferente para a resposta dela, mas saiu mais irritada do que tinha planejado. — Ryan vai para casa assim que me interrogar.

Silva deu a ele um olhar severo. — Podia pelo menos protegê-la. Seja bonzinho enquanto a questiona. Se não for... bem, Sam vai cuidar de você. Acredite em mim, você não quer isso. — Ela virou e dirigiu-se ao bar para pegar as bebidas deles.

Carol adorava ter Silva como amiga. — Faça as suas perguntas para que possa voltar para casa.

Ele olhou para Silva enquanto ela falava com Sam, pedindo as bebidas. — Você não quer esperar por sua bebida primeiramente, Carol?

— Por quê? Você acha que vai me fazer dizer a verdade?

Ryan deu um sorriso ardiloso para ela.

— Isso não vai funcionar.

O sorriso dele se alargou.

— Eu quero dizer que me embebedar não vai funcionar para que lhe diga a verdade. — Fez uma pausa. — Quero dizer... — ela disse, totalmente exasperada consigo mesma: — Não direi nada além da verdade, seja o que for. Como você suspeita que eu soube sobre o assassinato de Larissa?

— Você ouviu alguma coisa. Não estou dizendo que conscientemente tentou esconder algo. Só que...

— Bem, merda, é bom saber. — Ela não tentou esconder sua irritação. Ryan poderia muito bem saber que não gostava dele estar interrogando-a como se tivesse algo a esconder. — A verdade é que você não acredita em parapsicologia. Certo? — Ela ergueu o queixo ligeiramente.

Ryan teve que manter o rosto sério sobre aquilo. Ele não achava que chegaria a algum lugar com Carol se sorrisse, embora pensasse que ela não tinha nenhuma habilidade. Simplesmente não acreditava em nada que não pudesse ser provado cem por cento. O que ela dizia ser capaz de fazer não aguentaria qualquer tipo de escrutínio e não poderia ser usado num tribunal de direito.

— Apenas os fatos, senhora. Fatos físicos, rígidos e sólidos. — disse ele.

— Tudo bem. — Ela endireitou-se e ele amou sua determinação. — Você sabia que eu era uma prisioneira na casa de Darien antes da batalha entre os vermelhos e cinzentos ter ocorrido?

Sem ter conhecimento daquilo, Ryan franziu a testa e ponderou. — Antes de você ter sido transformada? — Ele tamborilou com os dedos sobre a mesa e logo parou. — Claro. Eles temiam por sua segurança porque descobriu algo sobre o assassino. Estavam com medo de que quem quer que ele fosse se certificasse de silenciar você também.

Parecendo que lutava para evitar mostrar sua irritação, Carol cerrou os dentes. Então, se inclinou para frente e fuzilou-o com um olhar severo. Mas não importava quão irritada parecesse, ele não conseguia deixar de pensar quão atraente ela era, seus olhos azuis aquecidos e cerrados, com o rosto levemente corado.

— Você está certo, é claro. O motivo também foi porque Lelandi estava ferida e eu seria sua enfermeira pessoal. Mas o maior motivo? — ela perguntou.

— Esclareça-me.

Silva se juntou a eles com uma bandeja de cervejas e um daiquiri de morango. Ela se inclinou sobre a mesa e, em seguida, depositou a espumosa bebida vermelha de Carol e a cerveja dele.

— Antes de ter sido transformada, mas muito antes, ela realmente viu a nossa espécie divertindo-se na floresta, teve uma premonição sobre isto.

Ryan não esperava que Silva desse a explicação e ele realmente queria que ela caísse fora, mas acenou com a cabeça. A suposta premonição era certamente fácil de

explicar. — Ela poderia ter visto isso acontecer, mas não como uma premonição.

Silva sorriu. — Diga a ele, Carol. Diga-lhe como você nos viu.

Carol parecia como se pensasse que não acreditaria nela e ele não tinha certeza se iria incomodar-se em explicar. Ela pegou um morango de um minúsculo canudinho rosa da bebida, envolveu os lábios brilhantes em torno dele e, em seguida, sugou-o por um momento. Ele jurou que era a coisa mais erótica que tinha visto em um maldito longo tempo. E que fez isso de propósito, para atirá-lo novamente.

Então, ela deu uma mordida, mastigou e engoliu. —Eu vi homens e mulheres transformando-se na floresta perto da casa de Darien. Eles tiraram suas vestes e, num piscar de olhos, eram lobos.

O olhar dele desviou-se para ela mergulhando o morango de volta na bebida e, então, observou como lambia o líquido doce da fruta. Isso o fez pensar na forma como a língua dela tocou, provou e provocou a dele mais cedo, de uma forma muito sedutora quando a beijou. E estava malditamente pronto para repetir o desempenho. Quão atraente seria provar o sabor doce de morangos em sua língua!

Não pretendendo permitir que a megera o distraísse mais, limpou a garganta: —Eu ainda digo que você poderia

ter visto isso e, em seguida, imaginado que ocorreu em uma visão. Sonhado, o que for.

Carol lambeu os lábios de uma forma tão sensual que jurou que estava tentando excitá-lo mais uma vez. Mesmo que ela não estivesse fazendo isso de forma consciente, certamente tinha esse efeito sobre ele. Ela mergulhou o morango de volta na bebida, puxou-o para fora, colocou-o em sua boca e suspirou.

Assim que terminou a fruta, apontou com o pequeno canudo para ele. — Não, eu vi todos se transformarem no escuro e a noite estava nebulosa. Como uma humana, não teria sido capaz de ver o que vocês podem.

Ele ainda não acreditava naquilo. — A luz da casa deve ter iluminado a floresta de alguma forma.

Carol deu uma risada curta. — Sim, claro. Mesmo você não poderia acreditar em algo tão ridículo. Eu me vi seguindo os outros pela floresta. Não tinha sido transformada ainda. A visão foi vaga. Eu só sabia que Lelandi não estava com os homens e as mulheres lá. Mas reconheci algumas das pessoas da matilha e tentei avisá-la sobre o que Darien e sua gente eram.

— Ela não era de Silver Town e, porque é baixinha, pensei que não fosse uma de vocês. Eu pensei que era como eu e que Darien pretendia mudá-la. Nunca suspeitei que alguém pudesse nascer como um lobisomem.

Silva nivelou seu olhar em Ryan. — Sim, então como você explica isso?

Carol amou como Silva alfinetou Ryan. Ela sabia que se Lelandi estivesse aqui, conspiraria contra ele também. Não que não conseguisse controlar a situação sozinha, mas era bom ter as garotas a apoiando. Nunca teve amigas como estas antes.

A testa de Ryan franziu enquanto observava Silva de forma descontente. — Você não deveria estar nos trazendo sanduíches?

Silva sorriu. — Claro senhor. — Ela disse para Carol: — Se ele lhe der qualquer problema, doçura, é só me avisar. — E saiu com a bandeja de cervejas para outra mesa.

Foi aí que todo o grupo do encontro pareceu chegar à taverna de uma só vez. Darien entrou primeiro com seu braço possessivamente ao redor dos ombros de Lelandi. Ele olhou para Ryan e Carol sentados em sua mesa, mas em vez de fazer uma confusão, acompanhou sua mulher até uma mais próxima dos banheiros.

Carol respirou aliviada, contente que pelo menos Darien não parecia estar preocupado com isso. Talvez Ryan estivesse certo em pensar que o alfa tinha arranjado aquilo, de modo que não se importava em abrir mão da sua mesa para eles.

Conforme Jake os seguiu para dentro, resmungou, embora soasse mais divertido do que realmente irritado: —

Sam precisa de uma bronca se toda vez que nós viermos até aqui, ele permite que alguém de fora se sente na nossa mesa.

Darien passou o braço mais para baixo, em torno da cintura de Lelandi, inclinou-se e beijou a bochecha dela. — Funcionou bem da última vez.

Cinco homens acompanharam Becky até uma mesa. Marilee tinha vários outros babando por ela enquanto eles pegavam uma mesa e arrastavam-na contra outra mais distante. Mervin estava com o segundo grupo e deu a Ryan outro olhar severo.

Carol observou as mulheres por um momento, ainda tentando se lembrar de onde as tinha visto. No hospital? Como pacientes? Mas elas não eram dali. Por outro lado, Lelandi disse que as entrevistou, talvez, por isso, estivessem por lá desde dois dias antes do encontro. Ou talvez mais cedo, para ver o que Silver Town tinha a oferecer antes de sequer manifestarem interesse em participar do encontro.

— Então, onde estávamos? — Carol perguntou a Ryan, pronta para acabar com aquilo. Não havia como convencer o teimoso homem da ciência que o que ela podia premonizar poderia realmente acontecer.

— Você estava dizendo que viu nossa espécie se transformando enquanto ainda era estritamente humana. Então, Darien teria que transformá-la se alguém da matilha de Lelandi não o tivesse feito durante a batalha.

— Provavelmente. Mas você não entendeu o que eu quis dizer. Não os presenciei mudarem de forma na floresta. Eu os vi numa visão do futuro muito antes da batalha começar. Quando finalmente vi a cena de verdade, já tinha sido transformada.

Podia perceber que ele não acreditava numa palavra daquilo. Nenhuma reação, nenhuma expressão para indicar o que estava pensando. Tentando descobrir a próxima pergunta que faria para ver se podia destruir em pedaços a história dela e provar que tudo aquilo era algo inventando por sua mente vívida?

Devia contar a ele sobre o fantasma que viu uma vez. Isso certamente acabaria muito bem. Quando disse a alguns amigos sobre isso, aqueles que acreditavam em aparições sabiam que dizia a verdade. Os outros tinham a mesma expressão que Ryan agora. Descrença, nem mesmo um pequeno sorriso de diversão. Não, ele não estava entretido. Estava muito arraigado em fatos científicos para acreditar em fantasmas ou qualquer outra coisa do reino sobrenatural.

— Aposto que você nunca leu sobre mundos de fantasia quando era jovem. Nunca acreditou no coelhinho da Páscoa ou no Papai Noel. — disse ela.

Ele deu um largo sorriso que a fez desejar que não tivesse feito o comentário.

— O quê? — Ela soltou a respiração. — Não me diga que você e sua espécie não acreditam em mundos de fantasia.

Você é uma fantasia em carne e osso, todos vocês... bem, todos nós, se quiser realmente ser correto.

— A fantasia está no olho de quem vê. Nós somos materiais para lendas, não exatamente fantasia.

— Certo, então eu tenho visões psíquicas e você acha que isso é fantasia. Mas, para mim, é real.

Por um instante, ele pareceu considerar as palavras dela como plausíveis. Mas então disse: — Eu acredito que nós estabelecemos esse fato. — Encolheu os ombros. — Se eu acreditei em Papai Noel? Só se tivesse uma pelagem de lobo às vezes. — Ele sorriu novamente.

— Nossas versões dos contos de fadas podem surpreendê-la. Chapeuzinho Vermelho? O lobo, tão cuidadoso com as crianças como um bom cão de família pode ser, estava tentando acompanhar Chapeuzinho até a casa da sua avó em segurança. O lenhador era o vilão. Ele não deu ao lobo a chance de provar que era um dos mocinhos. O lenhador olhou para o lobo e imediatamente o rotulou como um predador. Nossos filhos, é claro, leem a versão original também, para que saibam o que os outros estão falando. Mas nós sentimos que temos um pouco mais de mente aberta.

Ela levantou as sobrancelhas. — Acho que o lobo não é o vilão em Os Três Porquinhos também.

— Não, armaram completamente para cima dele. — Ryan lhe deu aquele sorriso de lobo que lhe convinha muito bem. Ele tirou seu cartão de crédito, bateu-o em cima da

mesa enquanto olhava para ela e, então, finalmente, perguntou: — Você sente que há uma razão para ter as visões?

Ela encolheu os ombros. — Você não acredita mesmo.

— Se eu acreditasse, por que você acha que as tem?

— Eu não tenho ideia por que algumas pessoas têm uma conexão psíquica e outros não. Provavelmente, assim como ninguém sabe por que alguns têm memória fotográfica ou podem criar uma música sem qualquer formação ou são gênios em matemática ou física quântica. Deixa a vida mais interessante quando não somos todos iguais. Você não concorda?

Ele observou-a e ela jurou que estava ponderando sobre aquilo. Talvez não fosse um caso perdido, afinal de contas, quando se trata em acreditar em algo que não era exatamente comprovado cientificamente.

Carol suspirou profundamente. — Ninguém na minha família tem quaisquer habilidades paranormais. Pelo menos não que esteja disposto a falar. Ninguém queria que eu revelasse os meus talentos tampouco. Até mesmo tive agradáveis pequenas discussões com um psiquiatra, desde quando eu tinha sete anos.

— O Dr. Metzger tentou fazer uma lavagem cerebral em mim por três anos, tentando me convencer de que eu tinha uma imaginação fértil. Que habilidades paranormais não eram possíveis. Que elas não poderiam ser recriadas num

ambiente científico. Em outras palavras, aqueles de nós que têm essas habilidades cometem erros como ratos de laboratório e não conseguem “acertar” o tempo todo. Então, nós somos impostores. Todos nós.

A mandíbula de Ryan apertou-se de um lado. Ela não estava certa sobre qual mensagem isto passava.

— Você sabe o que fez o Dr. Metzger, finalmente, desistir mim? — Levantou as sobrancelhas, esperando que Ryan fizesse sinal para que continuasse. Ela nunca tinha discutido o motivo com ninguém, exceto com sua mãe, do porque o psiquiatra tinha ficado muito bravo com Carol. Não deveria contar a Ryan, mas por alguma razão, queria que ele acreditasse nela. Não que contar-lhe a história sobre o médico faria qualquer diferença, mas...

Ryan não disse nada por um momento e então perguntou: — O que o fez desistir de você, Carol?

— Eu vi a mulher dele e o filho por nascer morrerem num acidente de carro antes de acontecer. Pelo menos, achava que ia acontecer. Eu não sabia nada sobre eles. Poderiam ter morrido anos antes. Mas vi a mulher bem grávida dirigindo o carro e ela se parecia com a imagem que ele tinha em sua mesa, provavelmente tirada pouco antes do acidente. Eu tinha certeza que era uma visão de algum acontecimento futuro.

— Não teria contado a ele sobre isso, mas pensei que talvez, apenas talvez, pudesse impedi-la de dirigir. Nós

morávamos em Denver naquela época, mas o médico vivia fora da cidade. Na minha visão, era inverno e as estradas estavam congeladas e escorregadias. O carro dela derrapou e bateu em uma árvore. Dr. Metzger não acreditou em mim. Ficou muito irritado ao invés. Disse que eu estava criando a história porque estava brava com ele por tentar me ajudar. Ajudar-me! Ha!

Silenciosamente sentiu vergonha, lembrando-se daquele dia tão bem. Lágrimas quentes encheram seus olhos, sua garganta fechando-se.

— Ele disse que eu era uma pessoa horrível por inventar uma história daquelas.

Ninguém nunca tinha lhe dito nada semelhante. Não alguém que deveria considerar o que era melhor para ela de coração. Carol respirou profundamente, os sentimentos daquele dia enchendo-a com remorso. Durante anos, desejou nunca ter dito algo a ele sobre sua esposa. Pelo menos, não teve que o ver nunca mais depois daquilo.

Olhou para a mesa, lutando contra as lágrimas amargas. — Ele bateu com o punho na mesa e me xingou. O gigante de gelo e seus gélidos olhos azuis tornaram-se mais sombrios e mais frios. As lágrimas rolaram pelo meu rosto. Eu tinha apenas dez anos na época. Ninguém nunca tinha ficado tão bravo comigo sobre qualquer coisa.

— Droga, Carol. A licença dele deveria ter sido revogada.

Ela balançou a cabeça. — O pior ainda está por vir. Quando deixei seu consultório, ele chamou minha mãe e, por trás de sua porta fechada, disse que não me veria mais. Que eu era um caso perdido. Que estava inventando histórias horríveis. Minha mãe perguntou que tipo de histórias, mas ele não quis contar. Escutei-o dizer a ela, através da porta do consultório, que se eu fosse internada num hospício, acabaria rapidamente com a minha necessidade de inventar essas histórias.

Ryan parecia estar prestes a levantar-se da cadeira e ir até o outro lado da mesa para confortá-la, mas não precisava de seu toque reconfortante. Tinha lidado com os problemas e eles estavam no passado. Pelo menos, era o que dizia a si mesma. Entretanto, a lembrança dos olhos penetrantes de Metzger e do jeito que ele bateu com o punho na mesa estava para sempre impressa em seu cérebro.

— Minha mãe ficou me perguntando o que eu disse ao médico. Não pude dizer a ela, não até mais tarde naquela noite. No começo, realmente esperava que o médico “especial” pudesse me ajudar a encontrar uma solução para as minhas habilidades. Às vezes, desejava não as ter. Às vezes, desejava que todos os outros pudessem fazer tais coisas, assim saberiam qual era a sensação. Mas negar os meus “talentos” não era viável. Então, eu só não admiti que os tinha.

— A esposa do Dr. Metzger morreu?



CAPÍTULO 10

Carol deslizou um pouco da sua cadeira na taverna enquanto estava ciente do olhar intenso de Ryan sobre ela. Não encontrou nenhuma satisfação em estar certa sobre a esposa do Dr. Metzger. Só desejou que ele a tivesse salvo antes que sua visão tivesse se tornado realidade.

— Sim, a esposa dele morreu. Não imediatamente. Três dias depois, ela seguia para Denver ou estava a caminho de Denver, quando sua SUV deslizou no gelo e bateu em uma árvore. Ficou em coma por alguns dias e, então, ela e o feto morreram.

Quando Ryan não falou, acrescentou: — Não é uma ciência exata. Eu não sabia quando iria ocorrer. Mas, geralmente, quando tenho uma visão, é algo que vai acontecer em breve.

Carol cerrou os dentes e engoliu a amargura que vinha quando sabia que algo ruim ia acontecer e não podia fazer nada sobre isso.

— Minha mãe tentou esconder o fato, não querendo me perturbar. Mas estava procurando a notícia na televisão,

esperando que, se fosse passada, mamãe finalmente acreditaria em mim. No entanto, nós nunca conversamos sobre isso. Acho que sempre fiquei com medo que ela pudesse pensar que seria uma boa ideia me internar.

Ryan esticou o braço, pegou a mão de Carol e apertou-a. Embora pensasse que não apreciaria tal gesto, amou o jeito que ele deu a ela um pouco do consolo que poderia ter usado anos atrás. No entanto, por mais que tentasse dizer a si mesma que podia lidar com aquilo, talvez realmente ainda não estivesse fazendo um grande trabalho.

— Merda, Carol, eu não tinha ideia.

— Sim, bem, ninguém tem ideia quando não vive com um sistema de alerta precoce em sua cabeça.

— O que aconteceu com o médico?

— O Dr. Metzger se afastou de Denver e eu sempre me perguntei o que ele achava das minhas habilidades desde então. Talvez, se tivesse outros pacientes que “sofressem” do mesmo tipo de ilusões que eu, ele iria tratá-los com mais respeito. Dar-lhes o benefício da dúvida. E talvez se tivesse me escutado, poderia ter salvado sua esposa e filho. Eu não sei. Eu queria muito salvá-los, mas ninguém jamais teria acreditado em mim.

Ryan franziu o cenho, mas não soltou a mão dela. — O futuro pode ser alterado?

— Eu não sei ao certo. Minhas visões são nebulosas, não são plenamente desenvolvidas na maior parte. Então, suponho que, nesses casos, a verdade da questão não foi realmente revelada.

— Você sempre prevê algo ruim?

Ela passou a mão livre por cima do copo gelado. — Não. Isso traz problemas com os presentes de Natal e sobre mantê-los em segredo. Especialmente de mim.

— Porque você pode tocar num objeto e saber algo sobre o seu conteúdo?

— Às vezes, até sua história. Eu posso ver flashes de quem tocou nele e por quê. Às vezes, um vislumbre do departamento onde o item foi comprado.

Aquilo trouxe um sorriso sexy nos lábios de Ryan e seu polegar acariciou-lhe a mão com uma suave carícia. Aquele pequeno toque e o sorriso nos lábios dele fizeram borboletas vibrarem em seu estômago.

— Eu gostaria de poder ler mentes — disse ela.

Ele riu. — Eu posso imaginar que você talvez descobrisse algumas coisas que outros não gostariam que soubesse. — Mas então sua expressão ficou severa e ele mudou de assunto. — Quem é o vermelho que estava rondando a casa de Darien? Ele está atrás de você ou Lelandi? Ou é algo totalmente diferente?

Pelo menos deixou de questioná-la sobre suas habilidades psíquicas. — Lelandi acha que pode ser o irmão ou um primo de quem me mordeu. Os homens são chamados de Connor e North.

Ryan fechou a boca escancarada e sentou-se bem reto. — Eu pensei que todos eles tivessem morrido. Droga, um deles quer você por vingança.

— Ou Lelandi. Ou talvez ele só me queira. Não por vingança. Apenas como uma companheira. — Ela deu de ombros como se não importasse. Definitivamente não queria ter nada a ver com a antiga matilha de Lelandi. Certamente não queria ser pensada como a posse de alguém porque o irmão ou primo dele a transformou.

Ryan olhou para Darien, que ainda estava sentado do outro lado da taverna com Lelandi e seus irmãos. — Você disse que Darien ordenou que os machos solteiros a vigiassem?

—Aham. Quem mais?

Rangendo os dentes, franziu o cenho. — Eles não são treinados para este tipo de trabalho. Mervin é um maldito barbeiro. Avery? Ele vende gasolina no posto local.

— Ele é o dono do posto de gasolina e da loja de conveniência.

Ryan ignorou o comentário. — E Christian? Ele é um vendedor de carros usados.

— Gerente e proprietário da *Carros antes Amados*. Pelo menos dois dos carros que ele tem a venda são novos.

Ryan sacudiu a cabeça. — Certo. Nenhum deles é qualificado para protegê-la.

— Eu vou ter que me arriscar. Além disso, qualquer um deles só tem que se transformar e cuidar do problema. — Pelo menos ela pensava assim. Todos eles tinham caninos muito maus quando necessário.

— Nós todos somos caçadores quando em nossas formas de lobos, Carol. Não é a isso que estou me referindo. Em suas ocupações humanas, eles normalmente não caçam assassinos.

Ela estendeu a mão e acariciou a mão dele. — Eu tenho certeza que vou ficar bem.

— Você vai ter uma premonição e isto vai salvar você. — Ele cuspiu as palavras, como se não pudesse acreditar que ela fosse tão ingênua.

— Como eu tive sobre ser uma de vocês? — Ela levantou as sobrancelhas. — Não. As premonições são irritantemente imprevisíveis. Então, se eu tivesse uma, não significaria que ajudaria a me manter segura.

Seus lábios se separaram e ele inclinou a cabeça para o lado, com uma expressão estranha no rosto. — Você já teve alguma ultimamente?

— Não alguma que você acreditaria. — Ela tomou um longo gole de sua bebida para acalmar seus nervos.

Queria dizer a alguém que acreditasse nela, porque sabia que algo terrível iria acontecer a algumas das pessoas da matilha e eles teriam que descobrir uma maneira de parar aquilo. Mas droga, se as pessoas que normalmente acreditavam nela não o fariam sobre isso, de jeito nenhum um investigador particular confiaria em suas visões quando não achava que ela fosse capaz de ter tais habilidades.

Ela balançou a cabeça. Não. Até que visse mais do problema, não poderia pedir a ajuda de ninguém.



Ryan nunca pensou que Carol tivesse sido atormentada por visões quando jovem e que seus pais a mandaram para um psiquiatra por isto. Merda. O bastardo deveria ter tido a sua licença cassada pela forma como tratou Carol. Odiava ver o quanto a experiência anterior a afetou, mesmo que lutasse para não revelar seus sentimentos.

Se ela era tão jovem, aos sete anos, quando começou a ter visões, talvez pudesse realmente ter tais habilidades. Ele balançou a cabeça para si mesmo. Como um investigador, precisava averiguar esta nova pista antes que começasse a saltar para conclusões infundadas.

Também estava dividido sobre a nova informação sobre o vermelho que poderia estar perseguindo as mulheres. Realmente achou que era o primo de Lelandi, Ural, e nenhum problema de verdade. O cara era um incômodo, mas não uma ameaça.

Se fosse o irmão ou primo de quem mordeu Carol, ele estava atrás dela? Ou de Lelandi? As duas seriam os alvos principais de uma matilha descontente que havia perdido uma batalha contra os cinzentos. E os dois machos vermelhos podiam ser perigosos.

Darien iria garantir que Lelandi tivesse a máxima segurança como sua companheira e ele ficava com ela a noite toda, logo, nenhum problema aí. Mas Carol... Darien não podia estar falando sério sobre pôr os patéticos betas para servirem como guarda-costas dela. E a ideia de que qualquer um deles ficaria com Carol durante a noite... merda, isso fazia sua pressão arterial explodir.

Mas algo mais a estava perturbando. Algo que vinha incomodando desde a caminhonete quando estacionaram perto da taverna. E ela não estava dormindo, embora Ryan não pretendesse chateá-la ao notar os círculos sob seus olhos e queria saber o que inquietava tanto o sono dela. Depois que mencionou isso, percebeu que não formulou a questão de forma destinada a solicitar a verdade. Em vez disso, a contrariou.

Podia muito bem acabar logo com isso e perguntar o que ela pensava ter previsto enquanto ele tentava manter a mente

aberta. Inclinou o queixo ligeiramente para baixo e, com a sua mais (ou pelo menos o que ele esperava ser), reconfortante expressão, disse: —Eu sou um homem razoável. Pode falar.

Ela observou-o durante alguns segundos e ele se perguntou qual história teria inventado. Finalmente respirou profundamente e pareceu chegar à conclusão de que poderia muito bem falar. Diverti-lo, talvez. — Darien transforma-se, mas não pode mudar de volta à sua forma humana. Lelandi fica muito preocupada com isso, mas eu não tenho a menor ideia sobre o que fazer.

O que ela pensou ter imaginado não era possível. Ele não disse nada e a expressão em seu rosto disse que sabia que estava perdendo tempo com ele.

—Você disse a eles? — Perguntou-se como reagiram à notícia. Não que isso iria convencê-lo a acreditar em algo que realmente não podia entender.

— Claro que não. Quero dizer, não a Darien. Lelandi, sim. — Mas, pela expressão sombria no rosto de Carol, presumiu que Lelandi não acreditou nela. Ele desejou que ela tivesse, pelo bem de Carol.

— Ela pensou que aquilo que você sabia não tinha nenhum valor. — Ryan cruzou os braços, suspeitando que Lelandi não acreditou nela pela mesma razão que ele. O que Carol pensou ter visto simplesmente não podia acontecer.

Provavelmente, eram pesadelos provocados por todas as mudanças na vida dela recentemente.

Ela terminou sua bebida e olhou para a mesa e ele percebeu que talvez a tivesse chateado ao trazer à tona o assunto das recentes visões.

Ryan soltou um suspiro pesado. — Carol, este pesadelo que você tem, sobre Darien não ser capaz de converter-se de volta, é o que a está incomodando e impedindo-a de se transformar? E, conseqüentemente, acabando com suas noites de sono? Porque eu tenho que lhe dizer que o caso de Lelandi, quando estava com medo que seu irmão morresse e não podia mudar de volta, é o único caso que eu já ouvi.

Ela sorriu como se ele estivesse tão errado que isso a divertiu de uma maneira cética, e então, se recostou na cadeira e logo mudou de assunto.

— Então, se eu precisasse de um guarda-costas, como você tem as qualificações, poderia contratá-lo? Já que você não acredita que ninguém aqui é qualificado. Embora isso dependa da sua remuneração. Não posso ser muito leviana com a minha renda suada.

Ele franziu o cenho, não gostando de sua mudança de assunto, então, não teve escrúpulos de trocar o tópico de novo, pensando sobre o que Jake confiou a ele, sobre Carol não ter se transformado ainda. Não acreditava que ela pudesse lutar contra a mudança por cinco meses.

—Você já mudou de forma, não é? Sem que ninguém soubesse e teve que correr como loba, não achando tempo para dormir para compensar isso. Estou certo?

O canto da boca dela subiu. —Claro, eu já me transformei. E você está certo. Corro na floresta à noite, mas preciso trabalhar no hospital durante o dia e não tive tempo para tirar um cochilo como loba. Você realmente é um grande detetive. Mas estou certa de que você já sabia disso.

Ela era muito tímida e mudou muito facilmente de indignada para complacente. Ele deu um pequeno sorriso. — Você não pode lutar contra a mudança.

—Não, quando você está certo, está certo.

Preferiria que continuasse indignada. Desse jeito, ela era muito agradável e estava brincando com ele. Então tomou outro rumo. — Eu não encontrei sinais de seu perfume de loba na floresta. Você não corre por lá.

— Correto de novo. Eu corro ao redor do quarto de hóspedes à noite. Não uivei ainda, apesar de tudo. — Encolheu os ombros. — Não tenho certeza de como fazer isso.

Ryan levantou uma sobrancelha. — Isto vem com a mudança. É parte natural de quem você é. Instintivamente, se precisar uivar para avisar aos outros onde está, reunir a matilha, alertar os outros de longe, você uiva. Se não, não faz isso.

— Claro. Eu não precisei uivar.

Ele apoiou os braços sobre a mesa e inclinou-se, incapaz de se livrar daquilo que sabia que tinha que ser a verdade. — Você não pode se recusar a mudar.

Ela sorriu. — Recusar-me a mudar? Claro que não posso. É impossível. Todos ficam me dizendo isso.

Caralho. Ela não podia parar a mudança. No entanto, a mulher era incomum. Intrigante. Talvez, de fato tivesse a força interior para lutar contra isso. Ele tentou mais uma jogada.

— Como você se sente quando se transforma?

— Peluda.

Ryan riu e depois ficou sério novamente. — Como está impedindo de se transformar?

Carol sorriu um pouquinho com seus olhos e lábios. Algo sobre esta expressão o fez pensar numa loba rebelde, cheia de malícia, travessa e não confiável.

— Não me diga. Suas visões estão impedindo você de...

— A boca dele se abriu quando se lembrou do outro incidente. — Quando Mervin agarrou-lhe no salão, provocou a sua necessidade de se transformar, não é?

A expressão dela congelou e não disse uma palavra.

O que revelou o que realmente aconteceu. — Você mudou de roupa, mas não para competir com as outras mulheres. Isso não é típico de você. Droga, estava tirando suas roupas quando Lelandi entrou no quarto.

Ryan deveria ter estado lá, não o sonso do Mervin. Embora, se tivesse visto Carol combater a mudança, não tinha certeza do que teria feito. Tentar convencê-la a mudar, descobrir o que pudesse sobre como ela estava lutando, talvez.

— Você não teve escolha. De alguma forma, parou a transformação e, para encobrir o fato de que estava em apuros, pelo menos na sua maneira de pensar, mudou de roupa. Lelandi reconheceu o que você estava fazendo?

Carol balançou a cabeça. —Eu não posso esconder nada de você, não é?

Ryan esfregou o queixo. De jeito nenhum ela podia evitar a mudança por causa das supostas visões. No entanto, nunca ouviu falar de alguém tão recentemente transformado sendo capaz de controlar esse aspecto de sua nova condição.

— Você é um perigo para si e para os outros, Carol. Tem que permitir a mudança ocorrer.

— Você está certo. — Indignada, levantou-se da mesa. — Tom pode me levar para casa, eu irei me transformar e correr ao redor do terreno por um tempo. Desculpe se não pude esclarecê-lo mais, mas...

A taberna ficou num silêncio mortal.

Ryan levantou-se, elevando-se sobre ela. Carol olhou para ele e jurou que seu olhar implorava-lhe para acreditar nela. Parecia tão vulnerável, um pouco pálida e a escuridão

sob seus olhos eram mais evidentes agora. Parecia cansada: cansada do questionamento, de ser obrigada a participar de atividades de lobisomem, as quais não estava acostumada, e agora precisava se preocupar com o vermelho que talvez a estivesse perseguindo.

— Qual visão que você teve que parou a mudança?

— Que Darien se transforma num lobo e não consegue mudar de volta. — Ela sussurrou, com lágrimas nos olhos. — E eu me sinto culpada porque acredito que teria mais liberdade se ele estivesse preso como lobo por um tempo, mas Lelandi está tão assustada e eu penso em como seria se todos os da nossa espécie acabassem na mesma situação. E depois? Se eu me transformar, vou estar condenada a ser uma loba para sempre. — Ela mordeu o lábio inferior.

— Isso não pode acontecer. — Ele pegou sua mão e apertou-a. — Carol, você não pode continuar lutando com isso. É parte de quem somos. É a nossa natureza. A sua e a minha.

Ela engoliu em seco, soltou a mão e cruzou os braços firmemente em volta da cintura. — Qual melhor maneira de descobrir a verdade sobre as minhas visões do futuro do que ficar por aqui e me proteger enquanto é meu guarda-costas pessoal?

Ryan puxou-a de volta para a cadeira, observando-a e refletindo sobre a ideia. Quando ela retomou seu assento, ele se sentou, mas a conversa no bar não começou de novo.

— Você vai me dizer sempre que tiver o desejo de mudar. Não importa quando ou onde esteja. E vai me avisar cada vez que tiver uma visão? Não importando do que se trata?

Ela empinou o queixo. — Com prazer.

Ele sorriu e terminou sua cerveja e, em seguida, estendeu a mão para que pudessem aperta-las. Carol suspirou e ofereceu-lhe a sua. Ele deu-lhe um aperto firme, sentiu o calor e uma faísca de eletricidade, e viu a esperança em seus olhos, aquelas grandes poças de um azul líquido. Ryan sentiu que se olhasse para eles por muito tempo, se afogaria com puro prazer. Ele a soltou, cortando a ligação. De alguma forma, tocá-la o fez sentir como se pudesse ser capaz de persuadi-la a se transformar quando os outros de sua matilha não tiveram muito sucesso.

Riu de si mesmo. Ela precisava de um companheiro que a encorajasse a render-se.

Silva imediatamente correu com outra cerveja e seus sanduíches. — Ai meu Deus, McKinley, você não pode estar planejando ficar aqui.

— Você não ouviu toda a nossa conversa, não é? — Carol perguntou, com a voz um pouco trêmula.

— Bem, não, eu estava servindo as mesas e Darien, que está do lado oposto da taverna, me fez algumas perguntas. Apesar do que todos dizem, não tenho uma audição tão

afiada. Mas ouvi você perguntar se Ryan seria o seu guarda-costas.

— Ele não tem a aprovação de Darien — Silva alertou. — E você sabe como ele é com estranhos interferindo em nossos negócios. — Ela suspirou. — Você e Lelandi certamente sabem como agitar uma matilha. Vocês precisam de algo mais para acompanhar os sanduíches?

Privacidade. Ryan pigarreou: — Parece bom para mim. Obrigado, Silva.

Ela mal esperou Carol responder e, quando balançou a cabeça, Silva caminhou até o bar para pegar outra bandeja de bebidas e sanduíches, então correu para deixá-la sobre uma mesa. Depois disso, apressou-se para a mesa de Darien.

— Se você quiser que todos saibam sobre o seu negócio, conte a Silva. Ela vai espalhar a novidade. — Carol disse.

Ryan já tinha percebido aquilo. Ele observou a reação de Darien conforme Silva falava. Os olhos dele estreitaram-se um pouco.

Jake imediatamente olhou em sua direção e deu um sorriso. Ele deve ter percebido que estava à altura do desafio. Tom franziu a testa sem rodeios. Também esperava isso. Lelandi sorriu. Darien sacudiu a cabeça, deu a Ryan um olhar severo e então ouviu algo que sua companheira lhe disse. Ele se inclinou e beijou-lhe os lábios.

— Então, o que você acha? Isso foi um sim ou um não?
— Carol perguntou.

Ryan sentiu como se o estivesse testando, mas mudou os planos dela. Não descansaria até que soubesse a verdade.
— Você é aquela com visões do futuro. O que você vê?

Ela sorriu. Isso seria um verdadeiro teste de vontades. Carol ergueu o sanduíche. — Nada em quaisquer visões do futuro, mas diria que Lelandi o convenceu a lhe dar uma chance.

— Ele vai permitir. — Ryan confirmou, sem hesitação em sua resposta. — Ou isso, ou deve colocar um de seus policiais ou irmãos com a tarefa de proteger vocês. Eles vão se concentrar em Lelandi, caso ela esteja em risco. Porque, aconteça o que acontecer, ele tem que considerar que alguém da antiga matilha dela pode querer vingança. E roubar a companheira de Darien pode ser exatamente a ideia que eles têm. Assim, até que seja provado o contrário...

— Eu sou mais dispensável.

Ryan ergueu as sobrancelhas, sem acreditar que ela pensaria isso. Ninguém numa matilha era dispensável. — Eu sou muito capaz de protegê-la. — Ele deu uma respiração profunda. — O que estava tentando dizer é que, até que seja provado o contrário, vocês duas precisam ser vigiadas.

— Tudo bem. — Ela deu uma mordida em seu sanduíche, em seguida, colocou-o no prato e olhou para Ryan. — Eu não tinha certeza do porquê vi você numa

premonição antes. Elas sempre são importantes por algum motivo e tem alguma ligação comigo. Talvez seja isso.

Ele arqueou uma sobrancelha. —Você me viu em uma premonição?

— Sim, eu mencionei isso antes, mas você não estava prestando atenção.

— O que eu estava fazendo? — Tentou soar como se acreditasse nela. Perguntou-se se era uma daquelas pessoas que contavam histórias para chamar a atenção. Ele tinha um amigo assim no Texas, que jurava nem sequer perceber que ficava embelezando a verdade, porque acreditava fortemente nas suas próprias histórias.

— Vi você me observando da floresta como um lobo. Foi por isso que fui até a janela e olhei para as árvores e também o porquê de ir lá fora quando o vi ali e depois o segui. Eu queria saber quem era e o que queria. Agora acho que foi porque você viu o lobo vermelho e vai me proteger dele. — Carol sorriu, a expressão doce e inocente, mas tinha certeza que era uma fachada.

Ela era bonita e bondosa. Mas ele não acreditou naquilo. Apesar de ter se perguntado o que a tinha trazido à janela. E por que foi vê-lo na floresta. — Você parecia irritada comigo a princípio.

— Você me despertou. Eu trabalhei um turno de doze horas no hospital e estava tentando ter um sono muito

necessário. — Ela não parecia sincera e não quis olhar nos olhos dele. Algo a tinha impedido de dormir.

— Eu vou tentar ser mais delicado da próxima vez. Mas, no futuro, se você espiar um lobo na floresta e não souber quem ele é, não o procure.

— No futuro. — O jeito que falou indicou-lhe que, se sentisse vontade de fazer tal coisa, correria para dentro da floresta novamente.

Isso fez seu intestino embrulhar com preocupação. Gostaria que a donzela em perigo fosse obediente. Faria o seu trabalho muito mais fácil. Ele comeu o último pedaço do sanduíche macio, a carne derretendo na boca. Então, limpou os dedos no guardanapo e levou-o até a boca.

— Terei que voltar para Green Valley para pegar algumas roupas e outras coisas. Darien e seus irmãos podem mantê-la em segurança até então. No máximo em três horas estarei de volta.

— Obrigado.

Esforçando-se para ser profissional, o que certamente perdeu de vista quando primeiramente a beijou e depois dançou com ela, Ryan disse: —Tenho um trabalho a fazer. Não precisa me agradecer.

Os lábios dela se curvaram ligeiramente. Tinha a suspeita de que viu a verdade através dele. À merda se seu

lado mais primitivo não queria levá-la para fora de sua cadeira e beijá-la de novo. Esqueça o profissionalismo.

Ela deu-lhe um forte aceno de cabeça. — Certo. Onde você vai dormir?

— Perto. Não há sentido em ser seu guarda-costas, se não estiver por perto. E, Carol?

—Humm?

— Vista algo que não seja a camisola de seda que usou na noite passada. Não preciso da distração. — Ele lançou-lhe um sorriso ardiloso, piscou e levantou-se. Então, enfiou o cartão de crédito de volta na carteira e depositou o dinheiro na mesa.

— Eu vou falar com Darien e, em seguida, seguir o meu caminho. Não deixe a taverna sem que ele ou seus irmãos a escoltem para casa.

Carol olhou para a outra mesa. —Tenho certeza que eles não deixariam eu ir embora sem alguém me acompanhar.

Olhando para eles, dois dos machos solteiros se levantaram de seus assentos. — Cristo. — Ryan xingou baixinho e ofereceu a mão. —Venha. Vamos falar com Darien juntos e você pode sentar-se à mesa dele até que vocês estejam prontos para sair.

Merda, o que estava errado com ele para ficar tão possessivo quando aquilo era estritamente profissional? Mas

não podia deixar de perceber que tudo aquilo estava se transformando num pesadelo real.



CAPÍTULO 11

Depois de obter a aprovação de Darien para ser o guarda-costas de Carol, Ryan voltou para casa onde pegaria algumas mudas de roupa e ligou para seu sub-líder pedindo que supervisionasse a matilha e sua irmã, além de assumir as funções da prefeitura como seu adjunto até que voltasse.

Mas sua irmã estava lhe dando uma grande dor de cabeça. Se não tivesse certeza que daria mais problemas se a levasse junto, ele a teria deixado na Pousada de Silver Town. Desse modo, estaria por perto e poderia vê-la periodicamente. Mas suas vendas na estufa estavam subindo rapidamente com o advento da primavera e sabia que ela não iria querer deixar o seu negócio por qualquer coisa.

— Chester Ryan McKinley! — Rosalind o repreendeu enquanto continuava a decorar a lareira da sala de estar com folhagens, a fragrância das velas de lilás perfumando o ar. — Não se afaste de mim quando estou tentando discutir isso com você.

Ryan parou no meio do caminho, deu a volta e franziu o cenho para a irmã, a única na matilha que conseguia se safar

ao falar com ele assim, mas só na privacidade da casa deles e ela sabia muito bem disso. — A discussão acabou.

— Por quê? Você fala sobre a mulher constantemente. Não consegue esquecer como ela descobriu quem era o assassino quando você estava investigando o crime muito bem com os seus já testados e verdadeiros métodos científicos. Por que não pode acreditar que ela é vidente?

— De acordo com Bertha, a dona da pousada onde se hospedou, você não foi só aos jogos observar Carol, mas foi a sua apresentação e levou-a para um encontro. Agora vai ser o guarda-costas dela? Admita que sente algo por ela. Além disso, você poderia usá-la naquele caso que não consegue resolver.

— Você se lembra da última vez que insistiu para eu usar um vidente? O desastre que foi?

Os lábios e os olhos caramelo de Rosalind sorriram. — Tudo bem. Então, Madame Dulaney era uma farsante das grandes. Nada demais.

— Nada demais? — A voz dele se elevou, embora quisesse controlar seu temperamento, mas a falsa vidente quase lhe custou tudo. — Claro que, se eu não tivesse concordado em sair com a filha mimada de Bennagin, ele teria me processado e tirado tudo que possuímos.

— O seguro de seu negócio teria coberto isso.

Ele deu-lhe um olhar mordaz.

Rosalind encolheu os ombros. —Além disso, a senhorita petulante “eu possuo tudo abaixo do sol” logo desistiu. Três encontros e ela estava feliz por se livrar de você. Com certeza sabe como fazer uma garota se sentir desvalorizada. Bem, no caso dela, odiada.

— O que você queria que eu fizesse? Transformá-la e torná-la minha companheira? — Ele balançou a cabeça com a ideia horrível.

Rosalind sorriu um pouquinho. —Não. Então ela seria minha parente. Mas, a partir de tudo o que você me contou sobre Carol Wood, esta mulher é a certa.

— Eu lhe expliquei que ela provavelmente ouviu as conversas que a levaram à evidência. Nada a ver com previsões psíquicas. Além disso, não preciso de um vidente para dizer-me que o marido de Eleanor não está saindo com ninguém às escondidas. Aquela mulher está paranoica como de costume.

— E quando começar outro caso? Carol poderia ajudá-lo. — Rosalind amarrou outro laço de cetim rosa na guirlanda de cedro. — Você poderia me ajudar com a poda durante a primavera, sabe.

— Eu sou muito desajeitado quando se trata de decorar.

Os olhos dela ficaram tristes e sua expressão lúdica desapareceu. Ryan soltou a respiração em derrota. Supôs que Rosalind sentia falta da mãe ajudando-a a decorar para as diferentes estações do ano. Caminhou até a mesa onde as

flores cortadas da estufa estavam postas em vasos de cristal com um único ramo de azevinho entre eles. Ele levantou uma sobancelha.

Rosalind tentou esconder um sorriso. — Por que, como isto se relaciona com as minhas plantas de primavera? Carol é uma vermelha agora. Uma loba rara. Uma fêmea na idade certa para o acasalamento. A menos que você não esteja interessado nela porque é recém-transformada. Mas ter uma companheira recém-transformada oferece vantagens. Você seria responsável por ela, mostraria-lhe os costumes do nosso povo, teria alguém que poderia moldar ao seu gosto. Parece-me que ela se adequaria perfeitamente a sua disposição.

Ryan bufou. —A mulher não é nem um pouco submissa.

Aquele comentário trouxe um sorriso sincero aos lábios de sua irmã. Ela gostaria que ele tivesse uma companheira impertinente, suspeitava. E inferno, sua irmã e sua companheira muito provavelmente se ligariam de forma feminina e se uniriam contra ele. Não que não conseguiria lidar com elas, mas realmente não precisava de irritação adicional.

Ele colocou o azevinho sobre a mesa do café, pegou um laço de renda com babados e atrapalhou-se para amarrá-lo a guirlanda. Decoração era trabalho para uma mulher. Ele olhou para a lareira. As chamas ardiam quentes na noite fria de primavera e a madeira já estava empilhada até o máximo numa caixa de cobre nas proximidades.

— Você cortou lenha suficiente para nos manter aquecidos durante os próximos três anos. O que me leva a outro ponto. Você só corta madeira quando algo o está incomodando. E ultimamente só quando o nome de Carol Wood surge na discussão. De repente, você está lá fora derrubando árvores novamente. — Ela levantou uma sobrancelha.

Ryan a ignorou e pegou outro laço rosa com babados da mesa. Sua irmã era uma extraordinária jardineira. Quando se tornou uma psicóloga em seu tempo livre?

Psicóloga... merda, o psiquiatra. Dr. Metzger. Aquele que provocou tanta dor em Carol. Assim que tivesse uma chance, faria uma pequena pesquisa sobre a história dela. O problema era que podia não ser capaz de verificar que a mulher do médico morreu depois que Carol contou sobre sua visão, a não ser que conversasse com o psiquiatra e pudesse verificar a data. Mesmo assim, o médico provavelmente não lhe diria nada sobre a sessão por causa da confidencialidade do paciente.

A mãe dela! Mas sua mãe lhe diria algo? Só havia uma maneira de descobrir.

— Eu estive conversando com você e não ouviu uma palavra do que disse. — Rosalind entrelaçou um colar de pérolas através da guirlanda. — Se você adiar em ir atrás dela (e eu não quero dizer ser apenas sua babá), Darien certamente irá convencê-la a acasalar com um dos elegíveis e

muito dispostos solteiros da matilha dele. Eu não esperaria muito tempo. Se você a quer...

— Chega, Rosalind! Eu não tenho ideia de onde você tirou tal absurdo. Quando foi que insinuei que estava interessado na mulher, a não ser para aprender a verdade sobre como ela soube desvendar o caso?

Rosalind apontou com o cotovelo para a mesa de café e continuou a enrolar o fio de pérolas ao redor da guirlanda. — Nesse notebook, você tem fotos dela.

— Eu adicionei fotos de muitas das pessoas de Darien enquanto investigava quem poderia estar envolvido no crime.

Rosalind terminou com as pérolas, caminhou de volta para a mesa, abriu o notebook e apontou acusadoramente para a imagem de Carol bem na frente - exatamente onde a havia deixado.

— Certo, mas por que tem sete fotos de Carol? Você arquivou todo o resto de seus documentos sobre o caso, então por que as fotos dela ainda estão aqui? Você disse desde o início que não acreditava que ela fosse uma suspeita.

— Caralho — murmurou baixinho. Rosalind era aquela que fazia tempestade em copo d'água. — O caso não está encerrado até que eu descubra como ela soube das provas que confirmaram a identidade do assassino.

Com os olhos arregalados, Rosalind olhou para ele. — Você acha que ela é uma co-conspiradora? Culpada de participar do assassinato?

— Não. Claro que não. Carol era humana na época. Eles não a teriam envolvido. Mas ela ouviu consciente ou inconscientemente a conversa e eu gostaria de saber qual, para o registro.

— Humm, então por que não prova isso de uma vez por todas? Faça com que trabalhe com você num caso e deixe que o ajude a resolvê-lo. E se ela não for vidente, mas apenas muito boa em descobrir pistas, assim como você? Talvez, se der alguma chance para essa mulher... — Sua irmã tinha um jeito de soar jocosa quando lhe convinha.

— Mesmo se eu quisesse, duvido que o líder da matilha concordaria que acasalasse com ela. — Isso saiu antes que tivesse a chance de parar as palavras. Merda. A verdade da questão é que, se ele a quisesse e ela estivesse mutuamente de acordo, ninguém seria um obstáculo para o casal.

Os lábios de Rosalind se separaram e então ela rapidamente sorriu.

Ele deixou escapar um suspiro de exasperação. Recusava-se a admitir abertamente para sua irmã que a pequenina loira de olhos azuis estava em sua mente 24 horas por dia. De maneira tal que não conseguia se concentrar em qualquer caso de investigação particular, nem gerenciar de perto ser prefeito de Green Valley e líder de matilha. Ryan

não conseguia identificar o que o atraia mais nela. Sim, Carol era um espetáculo, mas ele não a teria notado se não fosse por toda a atenção que recebeu ao solucionar o caso do assassinato através da partilha de seu conhecimento psíquico.

Isso não era verdade, tampouco. A aparência dela definitivamente lhe chamou atenção. Mas, o jeito que tentou proteger Lelandi de ser transformada, sem saber que ela já era uma *lupus garou* desde o nascimento. E a força de Carol em não cair aos pedaços durante a batalha que poderia tê-la matado e como não fugiu em flagrante terror, essas qualidades continuavam incomodando-o.

— Você não vai saber se Darien não concorda que acasale com ela até que tente. Você não pode negar, Ryan. Não para de olhar essas fotos e agora se ofereceu para ser seu guarda-costas? Mas é claro que ela sugeriu isso, o que, para mim, soa como se estivesse tão envolvida quanto você nessa... situação. Você não pode discordar de mim que está morrendo de vontade de ficar com ela por mais tempo. Ah, claro, tentou parecer como se estivesse casualmente se preparando para ir embora, mas não acho que já o vi tão seriamente inquieto e distraído sobre qualquer coisa. Ou pessoa.

Ryan balançou a cabeça e caminhou em direção à porta dos fundos. O vermelho que estava rondando a casa de Darien precisava ser capturado e confrontado. No entanto, Carol e Lelandi precisavam ser protegidas. Isso era tudo.

— Se você cortar mais madeira, não vamos mais ter uma floresta. — Rosalind brincou.

Ryan empurrou a porta e bateu-a atrás dele, em seguida, olhou para a pilha de madeira empilhada tão alto quanto o galpão de dois andares. Ela estava certa. Por mais que odiasse admitir. Eles tinham lenha suficiente para pelo menos três invernos.

Ótimo. Ele daria uma corrida como lobo. Limpar seus pensamentos em uma longa corrida pela floresta que agora tremia com uma brisa do Norte, antes que decolasse para Silver Town.

Ryan caminhou para o galpão. No interior, o aroma da terra adubada e molhada enchia o ar, enquanto flores cresciam de bulbos resistentes ao frio em plantadores retangulares e plantas sensíveis ao inverno aconchegavam-se juntas em cima de esteiras aquecidas. O galpão era o viveiro dos “bebês” de Rosalind e ela defendia o lugar com a ferocidade de um lobo, nada ali podia ser mudado sem a sua permissão.

Não que se importasse. Estava feliz que ela tinha uma ocupação que tanto apreciava e que a mantinha fora dos negócios dele, na maior parte do tempo, e longe de problemas. Ele rapidamente tirou a camisa, botas, meias e jeans e, então, depositou-os num pequeno banco de madeira. O frio revigorante o gelou até os ossos. O que ajudou a congelar seus pensamentos de Carol Wood e seus curiosos olhos azuis.

Em seguida, os músculos se aqueceram na transformação, alongando-se e acomodando a mudança rapidamente até que estava de pé sobre as quatro patas, a dupla camada de pelos aquecendo-o melhor do que qualquer casaco feito pelo homem.

A camada mais curta e esfiapada prendia uma lamina de ar quente perto da pele, enquanto os pelos mais longos e grossos repeliam qualquer resquício de geada, neve ou chuva. Os compridos tufo de pelo que cresciam entre as almofadas das patas davam-lhe uma boa aderência conforme corria através da fina superfície de gelo que já cobria o pátio dos fundos, enquanto circulava no local para certificar-se que Rosalind ficaria bem. Apesar de seu policial ter lhe dito que ficaria por perto para checá-la de duas a três vezes por dia.

Droga, Ryan tinha bastante trabalho para fazer aqui e nenhum deles incluía se envolver nos problemas de uma mulher recém-transformada. Então, por que realmente estava indo ao território de Darien Silver após uma corrida rápida em sua forma de lobo?

Amaldiçoou sua vontade indesejada de estar com a mulher novamente, mas depois de seu exercício e assegurar-se que tudo estava quieto em volta de sua casa, não se sentiu nem um pouco mais calmo. Transformou-se no galpão do jardim, voltou para a casa e deu a sua irmã um abraço com algumas instruções escolhidas com cuidado. Ela ansiosamente concordou em segui-las, o que o fez suspeitar

que não faria tal coisa. Em seguida, correu para a sua caminhonete.

Darien tinha decretado que ele dormiria no solário em um sofá-cama. Como Ryan protegeria Carol se dormisse no outro lado da casa?

Teria que quebrar as regras. Seu trabalho: do seu jeito.



— Exatamente quem está pagando Ryan para ser o guarda-costas de Carol? — Darien perguntou a Lelandi enquanto andava pela suíte principal mais ao fundo do corredor. Carol ouviu um toque de humor irônico em sua voz conforme tirava a roupa no banheiro privado do seu quarto.

Odiava que seu senso de audição fosse tão bom que pudesse captar cada palavra, abafadas, mas ainda audíveis, se eles falassem alto o bastante. Percebeu que a maioria dos lobisomens ignorava as conversas que não queriam ouvir. Mas não era capaz de fazer isso ainda, especialmente quando era sobre ela. Isso a fez se sentir como se fosse outra Silva, entreouvindo papos que não deveria.

— Darien, Carol está disposta a pagar pelos serviços dele, mas é o nosso papel já que o vermelho em nosso território muito provavelmente seja da minha antiga matilha. Portanto, é minha responsabilidade, o que significa que é sua também.

— Nós não precisamos de um guarda-costas de fora. — Darien resmungou. Agora parecia irritado. — O que há com McKinley, afinal? Ele é o prefeito de Green Valley, líder de matilha ativo em tempo integral e ainda visita com frequência nossa cidade.

— Ele sente algo por Carol. Certamente você também vai perceber isso, assim como qualquer outro daqui já entendeu.

Darien rosnou.

— E se ele for a pessoa certa para ela? Quero dizer, seus irmãos poderiam ser, mas eles não têm mostrado nada além do que afeto fraternal por Carol. Tom é mais protetor e Jake se deleita em provocá-la, mesmo assim, ele a protegeria com sua vida. Mas, Ryan... bem, você viu o jeito que ele dançou com ela. E antes disso, a maneira como veio ao seu socorro quando Mervin a abordou. Eu não cheguei a ver, mas Silva disse que eles compartilharam alguns beijos fora de casa. Ela é uma alfa. Precisa de alguém que seja forte de caráter. Ryan faria um bom par.

— Nós temos muitos membros na matilha que fariam um bom par com ela. Uma lobisomem alfa não precisa ter um companheiro alfa. Pelo que sabemos, ela talvez precise de um homem em quem possa mandar a vontade. — O assoalho rangeu um pouco mais com os passos dele. — Tudo bem, então McKinley vem aqui para fortalecer a nossa segurança, mas me irrita terrivelmente que ele ache que os nossos homens não possam protegê-la. Eu só estou permitindo isso porque você assim o quis.

Mais nenhuma palavra foi dita. Não era preciso entreouvir o resto da conversa.

Carol ligou o chuveiro e colocou uma música new age. Em seguida, começaria a relação sexual. Pelo menos, o barulho abafaria os gemidos e suspiros.

Carol entrou no chuveiro e fechou os olhos enquanto a água quente escorria sobre sua pele. Lelandi estava certa em pensar que Ryan realmente se interessava por ela? O desejo sexual estava lá, isso era certo. Toda vez que se aproximou dele, o sangue dela chiou. Seu coração batia num ritmo acelerado.

Mas não era apenas sua resposta a ele. As ações de Ryan fizeram com que seus hormônios se agitassem num frenesi animado. A maneira como a observou — embora tivesse que lembrar a si mesma que ele provavelmente estava tentando entendê-la — e a forma como o seu olhar se enchia de admiração às vezes, de desejo em outras, sabia que provocava mais efeito nele do que queria deixar transparecer.

Mesmo que eles não fossem um casal, estava determinada a provar para ele, enquanto trabalhasse como seu guarda-costas, que suas habilidades psíquicas eram reais. Não deveria se importar se acreditava nela ou não. Imaginava que mais da metade da população do mundo não tinha fé em tais coisas. Mas se importava que ele acreditasse. Que soubesse que sempre foi honesta.

Ela pegou o frasco de sabonete líquido e espremeu um pouco na mão. Então, deslizou o sabonete perolado sobre os ombros, seios e barriga.

Um distinto baque soou nas proximidades, abafado pela água correndo do jato forte do chuveiro. Darien soltou uma bota no chão de seu quarto? Parecia que tinha vindo do quarto dela, no entanto. Escutou atentamente, mas não ouviu mais nada, exceto o fluxo contínuo da água caindo e o místico ritmo new age de tambores, flautas e apitos. Deveria ter sido ele ou Lelandi fazendo barulho. Ou apenas sua imaginação.

Ela passou o xampu no cabelo e no rosto, o cheiro de pêssegos enchendo suas narinas com a doce fragrância refrescante. Seus dedos arrastaram o sabonete sedoso para debaixo dos braços.

Depois disso, tudo aconteceu tão rápido que foi um borrão. Os anéis da cortina do chuveiro deslizaram para o lado. O ar mais frio do banheiro bateu na sua pele molhada. O cheiro da cebola e do alho que o intruso comeu permeou o ar, logo antes que um soco doloroso lhe atingisse o braço. Suas pálpebras e boca se abriram. O sabonete queimou seus olhos, lágrimas instantaneamente lavando o ardor, mas borrando ainda mais sua visão. Uma mão pesada tapou sua boca para abafar um grito.

O calor espalhou-se rapidamente através de seu sangue e sentiu como se estivesse deslizando no nada. A água quente ainda caía por cima dela, seus olhos ardendo, e palavras

sussurradas penetravam a escuridão enquanto alguém a segurava firmemente. Os cheiros de homem, de floresta, de suor e medo nublaram seus sentidos.

— Adormecida. Vamos levá-la para fora daqui antes que sejamos pegos. — disse o homem com pressa, um ruído abafado.

Não reconheceu a voz áspera e preocupada. Seu último pensamento foi se perguntar onde estava seu guarda-costas quando precisou dele terrivelmente. Maldito Darien por forçar Ryan a dormir no solário do outro lado da casa. Isso se ele mesmo tivesse voltado de Green Valley para vigiá-la. Mas ouviu Lelandi discutindo com seu marido tão logo voltaram para casa da taverna. Ouvia que ele não queria Ryan no mesmo quarto com ela. Que iria provocar os outros machos solteiros. Que aquilo o encorajaria a quere-la como companheira.

Assim que eles descobrissem que estava desaparecida, seria tarde demais.

Teria lutado contra a sujeição de seus sequestradores, se pudesse ter se orientado neste novo mundo. Mas tudo o que via era escuridão, sem visão de lobo agora. E tudo o que sentia era a dormência se espalhando por cada centímetro de seu corpo. Respirações pesadas e grunhidos, não dela, encheram seus ouvidos.

Um movimento repentino e uma mudança brusca de ar frio para o ar gélido a assustaram. Seu corpo úmido e com

sabão ficou arrepiado como a brisa fria chicoteando em seu cabelo pegajoso, encharcado de água e ainda cheio de xampu, e na sua pele nua. O frio cortante a rodeava enquanto o lustroso cabelo vermelho flutuava sobre seu rosto. Seus olhos se encheram de lágrimas e sabonete, brevemente viu uma imagem borrada de olhos caramelo estreitados enquanto olhavam para ela — um homem preocupado com aparência, com o início de uma barba rala. Então, sucumbiu a um cansaço do qual não conseguiu libertar-se. Vagamente, era como se estivesse vendo a premonição que teve na caminhonete de Ryan, do lado de fora da taverna, novamente. Só que o frio era muito real.

Ela flutuou, foi empurrada, e ouviu o ranger de passos no escuro, a respiração pesada e batimentos cardíacos acelerados que revelaram o pânico de seus sequestradores. Um dos homens apertou-a contra o seu corpo, com o peito coberto por um colete acolchoado que o fez fofinho e não duro e forte. Cobertos por uma camisa de flanela, os braços dele também eram macios.

Queria enterrar-se profundamente em cada parte que estava quente onde quer que a tocasse. O calor dele ajudou a aquecer seu corpo, mas sentiu-se tão mole como um macarrão encharcado e gelado. Tentou abrir os olhos para ter uma melhor imagem do homem, mas ardiam do sabonete e ela mal conseguiu. Eles estavam muito borrados com lágrimas para conseguir ver alguma coisa. Sua cabeça estava como que vazia e flutuando separada de seu corpo.

Então, finalmente entendeu: embora não tivesse certeza se aquilo era uma visão de algo por vir ou um pesadelo, ou um pouco de ambos. Não conseguia distinguir quando sua mente entrou em outra realidade, induzida pela droga.

Jake andava em sua forma de lobo através da grande sala depois de um passeio no meio da noite com vários outros. Só que ele não mudou de volta. Nenhum deles conseguiu. Carol assistiu impotente. Os olhos verdes de Lelandi pediam a ela para fazer alguma coisa. Mas o que podia fazer? Apenas avisar a sua espécie para não se transformar. E olhe o quão bem isso funcionou! Droga!

Então, o mundo desvaneceu-se em outra coisa. Um cômodo que nunca viu antes veio à tona. Uma televisão grande agarrava-se à parede cuja metade superior era ensolarada e iluminada com arandelas de bronze em forma de leque para dar a ilusão de luz e a metade inferior coberta de painéis de carvalho claro. O quarto não tinha janelas, como se estivesse enterrado nas entranhas da terra. Ricos sofás de couro marrom e um tapete marrom claro completavam a decoração. Um quarto masculino, pensou. Mas algo não estava certo. Luzes brilhantes de outro aposento invadiam a iluminação suave daquele cômodo. Com a maior apreensão, moveu-se sem ir em direção à porta banhada num branco brilhante.

Alguém estava lá dentro. Sombras cruzaram a porta brevemente conforme a pessoa se movia, bloqueando a luz

parcialmente. Ela tinha que ver dentro do quarto. Tinha que ver quem estava lá.

Dois tiros foram disparados.

—Ei! — De uma grande distância, Sam quebrou o mundo futuro onde Carol se encontrava. Instantaneamente, seus pensamentos tornaram-se dela novamente, só que não conseguia se lembrar do que aconteceu, onde estava ou o que estava fazendo. Tiros foram disparados. Não foram?

O frio a tirou do devaneio: o chuveiro, o sabonete, os sequestradores! Abriu a boca para falar, para gritar, para chamar a atenção de Sam.

Tiros foram disparados de perto. Dos sequestradores. Em Sam.

O cheiro acre da fumaça da arma chegou até ela.

Sua boca se fechou. Balas de prata? Não podia ser a causa da morte de Sam. Melhor deixar os canalhas levá-la embora.

— Soem o alarme! — Sam gritou.

O homem que a segurava xingou baixinho, apertou seu abraço sobre ela, cambaleando num ritmo um pouco mais rápido.

— O que diabos está acontecendo? – Darien perguntou, aproximando-se da voz de Sam.

Eles estavam indo atrás dela. A sensação de que era um dos membros da matilha deu-lhe alguma paz de espírito, mas o perigo que o atirador representava, se Sam ou Darien chegassem perto, era grande demais para ignorar. As balas matariam Darien, Sam e todos os outros que se aproximassem demais. Eles não podiam arriscar. Não se arrisquem!

— Três homens correndo nessa direção. Eles pegaram Carol! — Sam gritou de volta. —E eles têm armas!

Outro tiro foi disparado e ela tentou se contorcer, mas nenhum músculo a obedeceu.

— Carol! — Darien gritou.

Ela tentou falar, gritar, mas não tinha voz.

De repente, sentiu que estava caindo, solta como um saco de mantimentos frios. Devia ter sentido um forte impacto, mas seu corpo não sentiu nada, além de um ligeiro sobressalto. Agora, foi deixada sobre a grama cheirosa e quebradiça pela geada, para congelar até a morte. Enrolou-se numa posição fetal, tentando se aquecer, quando uma grande mão agarrou seu ombro e ela estremeceu. Eles não iriam deixá-la para trás, afinal. No mesmo instante, sentiu uma estranha mistura de alívio e tristeza.

— Você está viva. — disse ele com a voz baixa e sombria, mas reconfortante.

Ryan? A sensação de alívio enorme tomou conta dela. E uma vaga questão surgiu. Quando ele retornou de Green Valley? Imaginou-o correndo para resgatá-la em um cavalo branco, enquanto usava o tartan dos McKinley, o kilt atingindo os joelhos, o cinto com a espada na cintura, uma camisa aberta no pescoço, o rosto carrancudo enquanto a levantava do chão frio e...

— Eu a peguei! — Ryan envolveu-a em algo quente e macio que cheirava a ele, seu distinto cheiro masculino de sabonete fresco e calor, especiarias e do vento sobre os abetos, de floresta. Era a manta xadrez? Imaginou-o agora vestindo apenas a camisa longa que ia até o meio da coxa e botas de couro resistentes que iam até os joelhos, com uma expressão preocupada e severa.

— Você está bem? — perguntou, levantando-a do chão frio. Ele a puxou enquanto corria, seus braços tão apertados ao redor dela que sentiu que iria esmagá-la. Mas o calor e sua proteção a confortaram.

E quando chegassem ao castelo do lorde, ele ia beijá-la e dizer o quanto a amava, como não poderia viver sem ela. Seria um membro de seu clã já que gostariam que se juntasse a eles. Apesar de ela ser uma MacDonald. O clã McKinley lutou contra o MacDonald? Não sabia, mas esperava fervorosamente que não.

— Carol, você consegue se concentrar? — Seus olhos escuros observaram-na por um momento enquanto corria em direção ao seu destino.

Abriu os lábios, mas não conseguiu colocar uma palavra para fora, fechou os olhos e concentrou-se nele e na maneira como a abraçou tão... tão possessivamente.

Ryan apertou-a com força novamente e beijou seus lábios suavemente, o que chamou sua atenção. Assim que abriu os olhos, mesmo com a visão embaçada, viu os lábios dele curvarem ligeiramente para cima, mas a testa ainda estava franzida com um grande vinco.

Depois do que pareceu uma eternidade, os pés dele pisotearam degraus de madeira (quando ela pensava que deveriam ser de pedra) e, então, seguiram para dentro. Sentiu o calor do castelo e o cheiro de tortas de maçã vindo da cozinha ao longe.

—Ai meu Deus... Carol. Ela está bem? — Lelandi perguntou. — O que aconteceu?

Lelandi? O romance Highlander que estava vivendo morreu instantaneamente e lembrou-se das tortas que ela, Lelandi e Silva fizeram após o retorno da taverna e do seu encontro com Ryan.

—Eu acho que ela foi drogada. Não disse uma palavra desde que a encontrei. Ela mal consegue abrir os olhos e está inerte e indiferente. — Ryan correu pela casa.

Carol sentiu o cheiro das rosas sobre a lareira enquanto passava por ali. Sentiu as pernas dele levantarem, suas coxas batendo contra as costas dela enquanto subiam as escadas. No que estava envolta, senão no xadrez dele?

— Onde você estava quando Sam deu o alarme? — As palavras de Lelandi foram ditas logo atrás dele, os passos dela nas escadas acarpetadas eram mais leves, mas tão apressados quanto.

— Eu estava procurando nas matas lá atrás quando ouvi os tiros e o grito de Sam. Quando me aproximei dos sequestradores, eles devem ter me ouvido e a soltaram.

— Oh, Carol. — A voz de Lelandi estava claramente abalada. — Leve-a para o quarto. Vou chamar o doutor.

Então, o mundo nebuloso pareceu desaparecer. Carol estava segura e em casa, por enquanto, com o homem dos seus sonhos. E livre.



CAPÍTULO 12

Ryan abraçou Carol mais firmemente conforme o seu corpo ligeiramente tenso parecia perder toda a força novamente. Conseguiu a aprovação de Darien para ficar e protegê-la, mas o alfa da matilha disse que ficaria no solário, que ficava muito longe do quarto de Carol para ser de qualquer ajuda. Embora planejasse se sentar na cadeira ao lado de sua cama mais tarde, de qualquer jeito. Se não podia servir como seu guarda-costas da maneira que achava que lhe ofereceria a quantidade certa de proteção, não havia sentido em estar ali.

Se não tivesse olhado em volta do terreno exterior antes de se retirar para a noite, nunca ouviria os homens correrem com ela do outro lado da desconexa casa de dois andares a tempo. E se não tivesse quase chegado até eles para identificá-los de vista, não a teriam soltado e a deixado para trás, estava bastante certo. Por isso, estava grato.

— Carol, você pode me ouvir? Sou eu, Ryan. — disse com a voz suave, querendo que ela soubesse que era ele e não um dos homens que a haviam tomado como refém.

— Humm. — Ela disse, mexendo-se um pouco.

Por pouco que fosse, ainda estava feliz em ouvir a resposta dela. — Até o doutor chegar aqui com algo para neutralizar o efeito do sedativo que usaram, você vai se sentir bem confusa. Sua pele e cabelos estão cobertos de sabonete e Lelandi não tem forças para lavá-los no chuveiro sozinha. Um banho de banheira levaria muito tempo para ser preparado e não podemos esperar, não do jeito que você está tremendo. Vou ter que lavá-la no chuveiro.

— Humm.

Ele tomou isso como um sim, embora não tivesse outra escolha.

Quando chegou ao banheiro, o chuveiro já tinha sido desligado, mas o cômodo estava cheio da umidade quente, os espelhos com vapor, o aroma de pêssegos doces ainda presente no ar. Deitou-a sobre uma toalha no chão de azulejos, mas, tão logo a soltou, ela estendeu as mãos ligeiramente para cima, em busca dele.

— Eu estou bem aqui, Carol. — Ele a convenceu, apertando suas mãos, odiando ter que deixá-la abandonada por um segundo sequer quando parecia não entender o que estava acontecendo.

Em seguida, soltou-a novamente e ligou a água quente. Assim que se despiu de tudo, menos da cueca, e quando a temperatura da água ficou boa, desembrulhou-a de seu casaco de plumas de ganso e levantou-a nos braços.

Ela estremeceu e ele apertou-a com força contra seu corpo enquanto entrava na banheira.

— Eu vou colocá-la para baixo, tirar o sabonete e, depois de seca-la, vou pô-la na cama. O doutor estará aqui em breve.

Lelandi correu para dentro do banheiro. —O que os outros solteiros vão achar? — Seu tom era mais divertido que alarmado. Ela olhou para ele enquanto estava apenas em sua cueca com Carol nua em seus braços. — Aqui, deixe-me ajudar. — Ela disse, estendendo a mão para agarrar o braço de sua amiga.

— Eu a peguei — Ryan disse, colocando Carol para baixo na banheira, não querendo que Lelandi fizesse qualquer trabalho pesado em sua condição.

Lelandi entregou-lhe a ducha de mão e ele lavou o rosto e os cabelos de Carol, o jato de água o molhando também. — Ela provavelmente tem sabonete nos olhos. Se eu não conseguir que os abra, o doutor vai ter que enxaguá-los.

— Ele não pode vir. Disse que a droga vai se esvair. Silva vai pegar algum remédio que irá ajudar a conter o sedativo. O doutor tem três casos de gripe suína e um menino humano a quem o irmão acidentalmente quebrou o nariz jogando basquete e uma das humanas grávidas está em trabalho de parto agora, então, ele tem que permanecer no hospital. Os Enfermeiros Charlotte e Matthew estão ocupados ajudando-o.

— Eu deveria ter estado com ela. Esses bastardos nunca teriam chegado perto. — Ryan levantou o queixo de Carol e aplicou um fluxo constante de água em seu rosto.

Lelandi pegou uma toalha da prateleira próxima. — Eu tenho certeza que Darien vai concordar agora em lhe permitir ficar perto dela.

— Um pouco tarde. — Ryan murmurou. A partir de agora, faria aquilo do jeito dele.

— Eu me sinto da mesma maneira, mas você conhece Darien. Você é um forasteiro. — Lelandi entregou a Ryan uma toalhinha morna e molhada. — Ele ainda queria que um de seus machos solteiros a seduzisse. Agora, você está se tornando um verdadeiro obstáculo para seus planos.

Com seus próprios sentimentos confusos, não estava prestes a revelar os seus pensamentos sobre o assunto. — Como você se sente sobre o que ele acha? — Quando ela não respondeu, Ryan olhou para Lelandi e observou a diversão irônica em seu rosto. Ele balançou a cabeça. — Jake ou Tom seriam companheiros toleráveis para ela, mas não os machos betas.

— E quanto a você? — Lelandi perguntou suavemente.

Com o fluxo do chuveiro, enquanto vertia a água sobre o cabelo de Carol, ele quase não ouviu as palavras de Lelandi. — Estou aqui para fazer um trabalho. Servir como seu guarda-costas. Isso é tudo. — No entanto, mesmo enquanto falava as palavras, não se sentia sincero nem um pouco.

Lavou suavemente os olhos de Carol, terminou de enxaguar o cabelo dela e correu a água sobre seu rosto novamente e para baixo de seu corpo, onde um brilho de sabão ainda cobria sua pele e arrepios apareceram. Precisaria ser um santo para não perceber suas suaves curvas femininas, sua vulnerabilidade e sua beleza.

Mas estava tentando ao máximo manter seus pensamentos de lobo sob controle, assim como sabia que ela tinha feito quando o observou depois que se transformou e comentou: “*Você parece agradável e saudável para mim*”. Viu a admiração em seu olhar, percebeu que ela olhou duas vezes para o seu tamanho e não se deixou enganar pelo fingimento dela. Não quando ele ouviu seu coração batendo rapidamente e viu o leve rubor tingir suas bochechas lindamente.

Os olhos dela subitamente piscaram e ela os apertou.

Com seu coração batendo forte, ergueu seu queixo suavemente. Se não tivesse uma audiência, teria beijado seus lábios, talvez a seduzindo a abrir os olhos.

— Você pode fazer isso de novo, Carol? Abrir seus olhos para que eu possa tirar o sabão?

Ela tentou, mas mal conseguiu levantar as pálpebras, o rosto fazendo uma careta. Então, ficou completamente mole de novo, profundamente envolvida no sono induzido pela droga.

— Você é muito bom com ela. — disse Lelandi.

— Estou acostumado a ajudar vítimas de crimes. — Embora não fosse capaz de se sentir impessoal neste caso. Não quando Carol estava nua e tão indefesa. Agachado à frente dela, espremeu a água para fora de seu cabelo com uma mão, a outra segurando o ombro para impedi-la de escorregar.

— Ah, e o beijo que você compartilhou com ela mais cedo, antes do encontro?

O que poderia dizer sobre isso? Um erro? Dançar muito malditamente perto dela no encontro também foi um erro? Não, nada daquilo foi. Apenas alguma descontrolada necessidade de se aproximar, de possuir, de anular sua compulsão para saber como ela desordenava tanto seus pensamentos. De mostrar que a achava muito mais intrigante do que as outras mulheres na reunião. Merda, talvez ela tivesse habilidades psíquicas. O tipo que incluía o controle da mente.

Muitos de seus antepassados escoceses acreditavam em bruxas. Nos velhos tempos, muitas mulheres praticaram as artes da cura de formas incomuns. Carol era uma enfermeira e tinha laços ancestrais nas Highlands da Escócia, então, talvez algumas de suas antepassadas estavam entre estas curandeiras e ela herdou seus genes. Ele se repreendeu por pensar naquilo.

— Você pode desligar a água? — Não disse nada em resposta à pergunta de Lelandi, imaginando que ela já tinha decidido que estava apaixonado pela Pequena Senhorita

Nightingale. Não que ela não fosse desejável, mas realmente precisava de alguém que pudesse acreditar completamente nela.

Lelandi entregou-lhe uma grande toalha branca e fofinha. O pano contrastou com a pele de Carol, corada pelo calor do chuveiro, enquanto enrolava a toalha ao redor dela.

— Você pode conseguir algo para ela usar que não seja aquela camisola de seda transparente?

As sobrancelhas de Lelandi dispararam para cima quando lhe entregou uma toalha para o cabelo molhado. — Como você sabe o que Carol usa à noite?

— Ela estava de pé na janela me olhando na floresta. Difícil não notar.

Os lábios de Lelandi se separaram. Então, em silêncio, ela balançou a cabeça e saiu do banheiro enquanto Ryan envolvia o cabelo de Carol na segunda toalha e, em seguida, erguia-a da banheira.

Carregando-a até o quarto, ele viu Lelandi segurando a cintilante camisola transparente que tinha visto Carol vestir na noite anterior. Esta lhe lembrou da deusa vestida em seda em pé na janela, olhando para ele, tão sedutora como sempre.

— Acho que ela não está acostumada a dormir nua como o resto de nós ainda. Ela tem algumas outras

camisolas, mas todas são mais curtas e mais reveladoras. — disse Lelandi.

Carol parecia pequena e sonolenta em seus braços e linda. Mas a ideia dela deitada nua ou usando aquela peça de roupa de dormir de seda, ou algo ainda mais curto e mais revelador, enquanto dormia ao lado dele na cama, apertou sua virilha ainda mais.

— Ela tem moletons? Uma longa camisa? — Droga, considerando que tudo o que poderia usar o fazia pensar nela como sexy pra caralho.

Lelandi olhou para as boxers encharcadas de Ryan. — Não deixe que Darien o veja assim.

Como poderia evitar que enxaguar o corpo nu de Carol o deixasse duro como aço? Muito embora tivesse feito o seu máximo para manter seus esforços tão profissionais como possível. Ele era apenas humano e bastante lobo, afinal.

— O que fez Darien perceber que ela tinha sido sequestrada? — perguntou, depositando-a na cama.

Lelandi estendeu uma camiseta clara. Ele ajudou-a a puxá-la sobre a cabeça de Carol. Quando eles a estenderam para baixo, esta mal cobria as tentações femininas dela.

Lelandi deslizou o edredom até seus ombros.

—Jake ainda estava de pé, editando suas fotos de flores silvestres em seu computador.

Ryan ergueu as sobrancelhas.

— É o hobby dele. Sam estava observando seu trabalho, mas ambos pensaram ter ouvido algo bater contra a lateral da casa. Sam correu para fora enquanto Jake correu pelas escadas para verificar Carol. Ele encontrou o chuveiro dela ligado e um rastro de água que levava até a janela. Os homens usaram uma escada e deixaram-na lá. Fora da casa, Sam sentiu os vermelhos e um sabonete perfumado que pairava no ar. O mesmo xampu que Carol usa. Jake alertou Darien e eu acordei Tom. E aqui está você, o cavaleiro que a resgatou.

Sim, se ele fosse um verdadeiro cavaleiro, não teria permitido que ela fosse levada em primeiro lugar.

Ryan olhou para a porta do quarto. Ele percebeu, então, que não havia nenhum som de qualquer outra pessoa na casa, sem evidências de que o grupo que perseguia os sequestradores tinha retornado. O que não era bom.

— Vou secar o cabelo dela. Você, vá se vestir.

— Nós estamos sozinhos? Só você, Carol e eu? — ele perguntou. —E se os homens tivessem tentando levá-la também enquanto todos a deixaram sozinha?

— Eu tenho dentes grandes, se alguém resolver aparecer para me levar. Liguei para o xerife e seu delegado e eles estão a caminho.

— Droga, isso não é cedo o bastante. E esses caras têm armas.

— Eu ouvi. Onde o mundo vai parar? — Lelandi soou irreverente, mas sua expressão preocupada representava seus verdadeiros sentimentos conforme ligava um secador de cabelos e começava a correr o ar quente sobre a cabeça de Carol.

Ryan assistiu Lelandi passar os dedos suavemente através das mechas úmidas, do jeito que ele tinha feito quando tirou o xampu. Os sedosos cachos loiros deixaram de ser molhados e escuros e transformaram-se em macios fios dourados e ele pensou em como seria a sensação de passar os dedos pelos cabelos quando estavam secos.

Ignorando aquele pensamento, dirigiu-se ao banheiro para retirar suas boxers. — Pelo menos três homens estavam lá fora. Talvez quatro. Veja se consegue reconhecer qualquer um dos seus cheiros amanhã, quando for dia e você tiver bastante proteção.

— Eu vou fazer isso.

Sam invadiu o quarto e lançou a Ryan um olhar depreciativo. — Merda, o que aconteceu?

— Ela foi drogada. — Ryan se secou e vestiu a calça jeans no banheiro. — Alguém pegou alguns dos bastardos?

— Ainda não. Darien e seus irmãos mudaram de forma e estão seguindo eles. Ele me mandou de volta para ajudar a proteger as mulheres, caso os homens retornassem para a casa. — Sam andou até a janela do quarto e olhou para fora.

— Você acha que eles estavam atirando balas de prata?

— Pode ter sido. Os vermelhos não seriam páreos para nós cinzentos. — Sam virou-se para olhar para ele e franziu a testa. — Onde você estava que chegou até Carol tão rapidamente?

Ryan apanhou sua camisa. — Lá fora. Eu já tinha circulado o terreno uma vez e então pensei ter ouvido vozes sussurradas no outro lado da casa, indo em direção a floresta. Eu vim de uma direção diferente da qual você e Darien vieram. Como você estava gritando e eu estava de modo furtivo, eles não me ouviram chegar até quando foi quase tarde demais. Soltaram sua preciosa carga e fugiram o mais rápido possível daqui.

— Coisa malditamente boa, também.

O som de passos entrando na casa pela porta dos fundos chamou a atenção deles. Sam saiu do quarto.

— Tranque a porta. — Ryan alertou Lelandi. Pronto para se transformar e cuidar da ameaça, soltou a camisa no final da cama e correu atrás do outro macho.

Assim que chegaram ao pé da escada, viram Darien e seus irmãos entrando na sala grande. — Eles se transformaram e fugiram. — disse o alfa com a testa franzida e o rosto vermelho. — Onde estão Carol e Lelandi?

— Carol está sedada e dormindo no quarto. Lelandi está com ela. — disse Ryan. — Eu vou ficar com Carol até nós pegarmos os bastardos.

Jake rosnou: —Você não diz ao líder da matilha o que ele vai permitir, não no próprio território dele, McKinley.

Ryan suspeitou que ele estava mais bravo por terem perdido os homens que levaram Carol, do que por estar estabelecendo as regras no território de seu irmão. — Eu não vou mexer com isso.

Darien olhou como Ryan estava malvestido e sua própria carranca se aprofundou. — Onde está o resto de suas roupas? Você não mudou de forma lá fora, não é?

Ele só tinha conseguido vestir seus jeans. As boxers estavam ensopadas, jogadas na banheira. As botas, meias e uma ensaboada jaqueta permaneciam no chão do banheiro, enquanto sua camisa estava deitada sobre o pé da cama. Ficou sem tempo para mais nada quando pensou que os bandidos estavam invadindo a casa e talvez tivesse que se transformar para cuidar da ameaça.

Sam fez um gesto para as escadas. — Ele teve que tirar o sabonete de Carol. Mas Lelandi ficou com ele o tempo todo.

Embora o outro macho realmente não soubesse o que tinha acontecido, apreciou o apoio. Mas Darien o encarou, esperando ele dar a sua versão.

— Droga, Darien, sabonete endurecia o cabelo de Carol e cobria todo o seu corpo. Ela até mesmo tinha sabão em seus olhos. Lelandi não teria conseguido lavá-la. O que você esperava que eu fizesse? Deixá-la assim até que voltasse? Quanto a vigiá-la até nós pegarmos esses bastardos? Eu vou ficar com ela e essa é a minha palavra final.

A carranca de Darien atenuou-se um pouco. — Como um guarda-costas apenas. Você pode sentar-se na cadeira durante a noite e tirar uma soneca durante o dia. Eu vou ter outros vigiando-a enquanto você regulariza seu sono. — Darien marchou para as escadas.

Tom encarou Ryan e, em seguida, subiu as escadas atrás de seu irmão.

Sam moveu-se em direção à cozinha. — Eu vou pegar outra xícara de café para mim e vou sossegar por aqui.

Jake olhou para ele mais um pouco e, então, disse: — Darien não gosta que você queira Carol como companheira. Guarda-costas, minha bunda. Admita, Ryan. Você não pode parar de pensar nela. Mas não pode tê-la se não acredita em suas habilidades. Apenas lembre-se disso. Ela merece coisa melhor.

Ele se afastou para se juntar a Sam na cozinha.

Jake estava certo, é claro. O fato era que, não importava o quanto dissesse a si mesmo que videntes não eram reais, não podia deixar de questionar suas rígidas convicções.

Carvalho, agora queria acreditar nela mais do que queria provar que não tinha habilidades psíquicas.

Então, quando isso aconteceu?



CAPÍTULO 13

Carol entrou e saiu de mundos de pesadelos: de lobos e lutas, de dentes arreganhados, rosnando e grunhindo, de pelos arrepiados, narizes enrugados e olhos âmbar estreitados. Da mordida dolorosa que mudou sua vida para sempre. E então, como se isso não fosse ruim o bastante, reviveu a dor espetando seu braço, o frio congelante e a pegajosa umidade, seus olhos ardendo e exposta, nua para o frio de primavera.

Um gemido escapou de seus lábios e braços fortes puxaram-na para um corpo quente e musculoso. Ela tentou se lembrar quando sentiu aqueles braços em volta dela pela última vez com a sua consciência nebulosa induzida pela droga. Lembrou-se dos passos apressados, do aroma das tortas de maçã ainda presente no ar... de casa. E... Ryan. Foi ele quem a levou do frio e abraçou-a, aquecendo sua pele gelada com a roupa quente dele e com o corpo ainda mais quente. E agora?

Ela cheirou o seu perfume único, sua masculinidade, o vento em seu cabelo, o sabonete de pêssego em sua pele. O sabonete de pêssego dela? Ele tomou banho com seu xampu?

Não. Lembrou-se vagamente de ele tentar enxaguar o sabão dos seus olhos. O tormento ardente. Tentou cooperar. Realmente tentou. Mas seus olhos arderam muito para fazer tal coisa. Seu cérebro virou mingau de novo e escorregou na escuridão sem saída.

Então Lelandi falou baixinho para ela, o barulhento secador de cabelo quase abafando suas palavras enquanto tentava ouvi-las. — Vocês são um casal, querida Carol. Você só precisa garantir que Ryan perceba isso antes que seja tarde demais.

Já era tarde demais. Como podia amar alguém que não confiava em suas habilidades? Que acreditava que estava mentindo? Ou que era muito estúpida para saber a verdade?

Lembrou-se da cebola e do alho, o cheiro do homem que a raptou, o sentimento de desesperança, de querer lutar contra ele, mas ser incapaz de fazer tal coisa. Tentou se desvencilhar e gemeu baixinho, querendo gritar, contar a Darien, aos irmãos dele e a Sam onde estava. Mas, então, os estalos de tiros soaram e deu uma pequena arfada.

— Shh, Carol, você está segura. No seu quarto. Comigo, Ryan. Você está segura. Durma. — As palavras dele eram sonolentas, calmantes e masculinas. Seus braços apertados em volta dela, ancorando-a em si, sua salvação e proteção.

Ela respirou profundamente o aroma de Ryan, bloqueando todas as outras memórias e acomodando-se contra sua forma sólida. Sentiu a leve respiração quente

contra seu cabelo e soube que se o céu existisse, era aquilo. Talvez, não fosse tarde demais. Talvez, pudesse convencer o teimoso homem das ciências a abrir sua mente para outro mundo.

Aconchegou-se nele, o peito sólido servindo como travesseiro para sua cabeça, o coração dele batendo numa batida constante contra seu ouvido, o calor de seu corpo aquecendo o dela. A mão dele acariciava suas costas levemente, ternamente, de uma maneira reconfortante. Ela ronronou como Puss, hipnotizada com o toque suave de Ryan. E poderia ter ficado assim para sempre.

Inferno, Ryan realmente estava tentando ser um cavalheiro aqui. Mas a forma que os dedos de Carol se espalharam pelo seu peito, com um leve toque de pluma, a forma como se aconchegou mais perto dele, uma perna deslizando sobre a sua, a forma que ronronou baixinho como uma gatinha em êxtase. Estava tendo muita dificuldade em manter o relacionamento deles estritamente impessoal.

A camiseta dela subiu de novo e a suave barriga nua estava pressionada contra seu quadril, sua perna nua tocando a coxa dele. Ela ainda estava tão fora de si por causa da droga que não tinha inibições? Ou realmente o queria, como ele estava morrendo de vontade de tê-la?

Soltou a respiração em um suspiro pesado. Seu trabalho era proteger o seu corpo, não possuí-la. Depois do que sofreu a noite passada e há cinco meses, ela precisava se sentir

segura e protegida. Então, por que diabos ele tinha que ficar lembrando-se disso?

Talvez porque sua perna suave e sedosa deslizou até a coxa dele ainda mais longe e estava pressionando levemente a sua ereção. Era por isso.

— Carol? — ele sussurrou.

Ela não respondeu. Ryan achou que ela ainda dormia e nem sabia que estava torturando-o. Beijou o topo de sua cabeça e fechou os olhos, tentando, ele mesmo, dormir o que restava das primeiras horas da manhã. Como se isso fosse acontecer enquanto mantinha o braço em volta da sereia seminua e ela agarrava-se intimamente a ele.

As questões sobre o lance psíquico dela foram rapidamente ficando de escanteio pelo seu desejo de tê-la, como um lobo teria sua companheira.

Mas, então, os dedos de Carol provocaram o peito dele, mais de uma vez, e teve certeza que ela estava acordando ou já completamente desperta.

— Carol? — sussurrou novamente.

— Humm. — Ela finalmente disse e abraçou-o mais perto. —Você já desejou ser humano? — questionou em voz baixa, quase como se estivesse com medo de fazer a pergunta.

Ryan levantou o rosto e deu um sorriso sombrio. — Eu sou humano. O que está passando em sua cabeça?

Carol olhou para ele com aqueles belos olhos azuis, questionando-o, seduzindo-o. — Eu só queria saber se você já quis ter relações sexuais com uma lobisomem, mas não pôde porque então estaria acasalado por toda a vida.

— Se quisesse fazer sexo com ela, eu iria querer estar com essa mulher por toda a vida.

Os dedos de Carol roçaram sua pele quente novamente, em uma carícia tentadora, e agora que estava acordada e consciente de que estava quase nua e nem um pouco incomodada pela proximidade e intimidade deles...

— Bem, se você fosse humano, por inteiro, poderia ter uma amante lobisomem, sem consequências. — Ela continuou, suas palavras ainda saindo silenciosamente, como se não quisesse que o mundo soubesse que estava acordada ou falando com Ryan ou até mesmo sobre o que falava.

— É verdade.

Carol descansou contra ele em silêncio por algum tempo, enquanto ele acariciava o cabelo macio, seu corpo endurecendo, seu desejo por ela crescendo, apesar de seus esforços para manter sua vontade crescente de tê-la sob controle. Ela não estava tornando aquilo mais fácil. Considerando-se o batimento cardíaco acelerado e as mudanças sutis no doce aroma dela, a dica da excitação — e até mesmo a maneira como o tocou e acariciou suavemente, brincando com ele — ela tinha que estar sentindo algo também.

— Eu me pergunto como Sam e Silva conseguem. — Ela disse baixinho.

— Perdão? — Podia adivinhar onde aquela conversa levaria e ficou imediatamente interessado, contanto que ela soubesse onde estava se metendo e estivesse disposta a isso.

— Nada.

— Fazer o quê, Carol? Você que tocou no assunto. — Pressionou, esperando que não fosse assustá-la com o seu entusiasmo.

Ela limpou a garganta e sussurrou: — Tão quente e forte quanto o carinho entre eles está ficando, até mesmo em público, me pergunto como conseguem se segurar.

— Talvez eles não se segurem.

— Você quer dizer que eles já transaram? Consumaram o relacionamento? Estão secretamente acasalados?

Seus dedos pausaram sobre o cabelo dela. — Eles diriam a todos se estivessem acasalados. Não, eu acredito que não chegaram lá ainda.

— Ah. — Ela devia ter entendido a mensagem.

— É perfeitamente aceitável. — Ele queria empurrá-la de costas para demonstrar o quão longe lobisomens podiam ir uns com os outros antes de se comprometerem como companheiros, mas ainda estava com medo de que ela não estivesse pronta. — Nós não estamos falando de Sam e Silva aqui, não é?

O rosto dela corou e seus dedos ficaram imóveis.

— Eu tenho que admitir que estou um pouco surpresa. Mas não menos... interessada. — Quando ela não respondeu, pensou que a assustou, que não tinha aquilo em mente, que estava apenas curiosa sobre a situação de Sam e Silva. Ryan tinha que admitir que, porque era recém-transformada, relacionamentos entre lobisomem podiam ainda ser um mistério para ela. E sentiu-se um pouco canalha, acreditando que ela o queria.

Carol não disse nada por muito tempo e ficou tão imóvel — mal respirando, seu coração ainda batendo numa frequência acelerada — que ele não tinha certeza de como corrigir a situação.

Antes que pudesse falar, ela sussurrou: —Alguém pode nos ouvir.

Se pudesse, ele a teria levado para algum lugar privado, longe de Darien, da própria família dele e do mundo. Mas, se estava disposta... inferno, quem era ele para não satisfazer os desejos dela?

Foi quando a rolou de costas e capturou sua boca com a dele, com a intenção de beijá-la tão completamente que não seria capaz de fazer um som. A única coisa que lamentava era que não tinham tempo para deleitar-se com a sensação um do outro, de fazer a experiência durar.

Mas Carol parecia pensar o mesmo e separou os lábios, abrindo-se conforme seduzia a língua dela com a dele, seus

dedos deslizando por seu cabelo, suas mãos segurando o rosto dela no lugar, a acariciando. Um suave gemido escapou da garganta dela, estimulando-o.

Selvagem e ardente, desde o momento em que seus lábios e línguas se tocaram, ele sentiu seu sangue ferver com o calor e desejo. Sua ereção pressionou contra a cintura de Carol, ela soltou o cabelo dele e passou as mãos por suas costas nuas, pele com pele, seu toque deixando um rastro de fogo pelo caminho. Com sua boca gulosa na dela e sua resposta tão ferozmente apaixonada, sentiu os mamilos sob a camiseta de algodão brotarem contra seu peito, duros, irresistíveis e excitados.

Queria afastar-se dela para que pudesse cobrir um seio e sentir o mamilo delicioso, mas Carol abriu as pernas e se viu descansando entre elas, um perigoso convite ao sexo, à consumação e acasalamento.

E, pela primeira vez, realmente queria isso. Com ela. Por toda a vida. Mas Carol não estava pronta. Ainda não. Talvez nunca.

Seu corpo flexível arqueou-se, pressionando contra ele para solicitar que tocasse o mais íntimo de todos os lugares. Ryan engoliu um gemido profundo e tentou manter seus pensamentos intactos. Sem consumação. Apenas prazer, mesmo que isso o matasse.

Ele moveu-se para cima, montando sobre a perna macia, ainda a prendendo, inclinando-se contra o colchão

para que pudesse tirar a camiseta dela. E quando a livrou do tecido, acariciou seus seios agora inchados que estavam corados, os mamilos como cerejas escuras implorando por um beijo. Sua língua provocou um e ela fechou os olhos e cerrou os dentes para evitar outro gemido.

E então, seus dedos mergulharam no canal doce, quente, úmido, erótico, mas ele rapidamente silenciou outro de seus gemidos com um beijo intenso. Os dedos dela cravaram em suas nádegas ainda cobertas pelas boxers de algodão, seu corpo se contorcendo, arqueando, implorando pelo desfecho. Seus dedos continuaram a satisfazê-la com carinho, acariciando e depois empurrando dentro dela, enquanto observava seus olhos fechados e lábios entreabertos, ouviu suas respirações rasas e sentiu as mãos dela agarrando-se a ele.

Incapaz de não fazer aquilo, esfregou a ereção pressionando sua cueca contra sua macia coxa nua. Duro como pedra, desejando, enfiando, ele se sentiu queimado até o âmago pelo calor incandescente enquanto pressionava pela libertação.

Carol absorveu cada sensação dele, desde a maneira como seus dedos faziam milagres em seu clitóris, até a sua ereção empurrando contra sua coxa. Deus, queria-o dentro dela, onde tudo tinha se transformado numa queimação, em lava derretida. Ansiava pela libertação e implorou para ele, empurrando-o para apressar-se e terminar antes que morresse uma morte requintada pelo querer. Sem ser capaz

de segurar a onda crescente de prazer, ela gozou, o clímax enchendo-a com uma onda de satisfação, sua respiração irregular, seu corpo quente, corado, suado e docemente saciado.

O rosto de Ryan estava escuro e corado, sua respiração apressada, seus olhos castanhos esfumaçados e seu coração batia como se tivesse corrido por quilômetros como um lobo. Ela ficou extasiada com a sensação de seu toque, de sua selvageria, da sua gentileza também, o fato de que queria agradá-la e não falaria disso.

Ele era o herói de seus sonhos, a fantasia dos livros que tanto gostava de ler, o guerreiro que tinha de alguma forma perdido o kilt e usava, em vez disso, um par de boxers. O que não estava certo. Um Highlander não usava nada por baixo. Ela deslizou os dedos para baixo de suas costas e debaixo do cós da cueca e apertou suas nádegas, provocando um gemido de seus lábios.

Mas, ela puxou a cueca e ele apressou-se a retirá-la. Então, era todo dela. Carol passou os dedos sobre sua rígida longitude e sentiu-o saltar em suas mãos, apertou, acariciou e sorriu quando ele tentou beijar seus lábios. Mas já estava tão pronto que não conseguiria durar. Com outro toque, ela o mandou para um turbilhão e Ryan gozou. Continuou a acariciar e a maravilhar-se com a forma que ele reagia, seus olhos nublados de desejo, seu corpo estremecendo com a conclusão, chamando seu nome num sussurro rouco como se ela fosse enviada para salvá-lo.

Ryan a beijou como se nunca quisesse parar, a língua acariciando a sua novamente, a mão acariciando o queixo, o pescoço, o colo e o peito dela.

E então, ele gemeu mais uma vez, caiu ao seu lado de costas e puxou-a em seus braços. Eles estavam deitados em êxtase perfeito pelo que pareceu uma eternidade, flutuando, saciados e aquecidos nos braços um do outro.

— Tem lençóis limpos? — Ele finalmente sussurrou com a voz rouca.

Ela franziu a testa. Pegar os lençóis do armário no corredor, ao lado dos outros quartos, seria difícil de fazer sem alertar ninguém.

— No corredor. — Sussurrou de volta.

Ryan sorriu, beijou a ponta de seu nariz e puxou as cobertas de lado. — Vou pegá-los.

Rezou para que ninguém o questionasse se fosse pego.



— Ele estava dormindo com ela na noite passada. — Tom disse, sua voz irritada enquanto falava com alguém lá embaixo, na sala da casa de Darien.

Ryan sorriu e segurou-a mais forte na cama de seu quarto. Depois de uma longa noite de gemidos e lutando

contra as forças invisíveis e o sexo mais maravilhoso, Carol tinha finalmente se aquietado num sono profundo.

E sim, ele estava dormindo com ela, ou tentando, de qualquer maneira. Perguntou-se agora se o modo como gemeu durante a noite, meio que acordando pelos pesadelos, havia ocorrido em outras ocasiões. Era isso que a estava mantendo acordada ao longo da madrugada? Mas toda vez que apertou seu controle sobre ela, Carol relaxou e caiu num sono mais tranquilo. Não precisava ficar acordado a noite toda, sentado na cadeira, não quando era capaz de acordar ao menor indício de problemas e transformar-se rapidamente.

Os pesadelos que estava experimentando deram-lhe ainda mais motivos para ficar assim com Carol, envolto em torno dela como um casulo ao redor de uma borboleta despertando. Uma borboleta quase nua, já que a camiseta dela subia até o meio da cintura, apesar de ele puxa-la para baixo por duas vezes durante a noite. Até que eles tinham satisfeito um ao outro no selvagem, desenfreado e quase consumado sexo. Se ela tivesse lhe dado o sinal verde, poderia ter deixado a sua outra cabeça governar suas ações. Mas, agora, ela novamente vestia sua camiseta e ele as suas boxers, no caso de alguém aparecer para checá-los.

— Inferno, Tom, o que você espera de um líder alfa? Que ele se sente na cadeira respeitosamente? No outro lado do quarto? — Jake respondeu finalmente.

— Darien disse...

— Nosso irmão pode mandar em nosso próprio povo muito bem. Outros também. Mas Ryan, se você já não notou, não aceita um não como resposta. E ele joga pelas suas próprias regras.

Quase podia ouvir o sorriso na resposta de Jake. E, pela primeira vez, notou que o outro homem tinha lhe chamado de Ryan, não McKinley. Muito embora alfas possam não gostar de ter que bater de frente com outros, eles ainda se respeitavam por ter a coragem de defender o que sentiam que era certo. Se Ryan sentisse que Carol ficaria mais confortável sozinha na cama, teria sentado na cadeira a noite toda. Mas sabia o que era melhor.

Ela precisava do toque reconfortante de alguém. Se não do dele, de outra pessoa. E com certeza não queria que fosse qualquer outra pessoa. Se algum dos machos beta tivesse ficado com ela e Carol insistisse que consumasse a relação enquanto estava meio drogada, ela poderia ser uma loba acasalada agora. Não que tivesse qualquer conhecimento imediato sobre como os solteiros eram profundamente, mas não confiava em nenhum deles no que se referia a Carol.

Passou os dedos pelo cabelo macio, deleitando-se na suavidade. Até ontem à noite, quando ela falou sobre a provação que passou com o psiquiatra — e que até mesmo a sua própria família não acreditava nela — não tinha percebido como ter habilidades psíquicas poderia ter sido um problema enquanto crescia. Agora que também era uma lobisomem, tinha novos problemas e mais ajustes a fazer.

Com nenhum dos quais conseguia compreender como alguém era forçado a viver.

— Ele não é certo para ela. — Tom persistiu. — Não acredita em suas habilidades. Droga, Carol merece alguém que sabe o quão especial ela é.

Nisso Ryan podia concordar. Ela era realmente especial.

— Você viu o jeito que ele a beijou? Dançou com ela? Se você quer uma chance, é melhor fazer a sua jogada.

Tom respondeu: — Eu não tive sonhos com ela.

Um silêncio se seguiu.

Sonhos? Isso era outra coisa que Ryan não acreditava. A ideia de que alguém sonhou sobre acasalar com aquele que o destino havia escolhido. O sonho de acasalamento era algo com que Darien e alguns de sua família haviam sido amaldiçoados ou privilegiados. Então agora Tom pensava que os sonhos revelariam aquela para ele também?

Pura bobagem.

— Darien pode ter tido a capacidade, Tom. Mas pode ser que você não tenha. — O tom dele era conciliador, o que o surpreendeu.

Ele nunca ouviu Jake falar assim com o irmão. Mas tinha ouvido que ele não acreditava no sonho do acasalamento ou, pelo menos, não enquanto isto o envolvesse.

Alguém andou. Então, Tom disse: — Nesse caso, por que você não expressa como se sente sobre Carol?

Jake deu uma risada curta, mas esta soou forçada, artificial. — Parece que estou muito atrasado.

— Você não pode estar falando sobre Ryan. Carol precisa ficar aqui. Por Lelandi. Ela é da nossa matilha. Pertence aqui, com a gente.

— Ela precisa de um parceiro, em primeiro lugar. Se Ryan acabar por ser o cara, que assim seja. Talvez, ele possa convencê-la a se transformar antes que seja tarde demais. Nenhum de nós teve um pinga de sorte com Carol. Você sabe o quão perigoso é para ela não ter nenhum controle sobre sua mudança.

Isso era outra coisa com a qual Ryan concordava plenamente. Carol precisava acolher sua metade lobisomem sem demora.

Os irmãos pararam de falar e seus passos se extinguiram conforme iam em direção a cozinha.

Ryan beijou o topo da cabeça de Carol de uma maneira protetora, consoladora, desembrulhou seu corpo do dela e começou a sair da cama. Ela estaria se preparando para trabalhar no hospital em breve e ele tinha a intenção de ficar com ela a cada passo do caminho.

Carol virou-se e revirou-se na cama, com as mãos em busca de algo. Dele? Merda. Talvez, ela não tivesse que

trabalhar hoje. Arrastou-se de volta sob as cobertas e puxou-a em seu abraço quente, prometendo, desta vez, controlar melhor seus impulsos sexuais.

Ser um guarda-costas nunca foi assim tão... agradável. Suspeitava que isto nunca seria da mesma forma novamente.



Mais tarde naquela manhã, depois que tomou café com Darien, Ryan pretendia ligar para a mãe de Carol para saber sobre a situação com o psiquiatra. Mas não queria que ele, seus irmãos ou Lelandi soubessem disso e ficassem com a ideia errada. Se ouvissem que estava ligando para verificar se ela realmente teve uma visão do futuro, tinha certeza de que eles iriam colocá-lo na casinha do cachorro. Suas habilidades investigativas ditavam que perguntasse a mãe dela sobre o episódio com o médico para saber como ele a tratou e se ela acreditava nas habilidades de sua filha agora.

— Eu tenho que fazer uma ligação importante. — Ele disse a Darien enquanto terminava o último de seus ovos e outra fatia de presunto, o sol entrando pela janela da cozinha e aquecendo o ambiente. Lelandi o tinha encontrado meia hora atrás, se oferecendo para se sentar na poltrona e tomar conta de Carol enquanto ainda dormia. Ela estava usando o tempo para recuperar o atraso em seus estudos sobre psicologia comportamental.

Tom e Jake planejavam ficar na casa, vigiando as senhoras hoje. Os irmãos haviam assumido suas posições no solário e numa sala isolada, de modo que elas estariam seguras por enquanto.

Darien levantou uma sobrancelha e bebeu um gole de café. — Eu fiquei sabendo que você dormiu com Carol na noite passada.

Líder alfa. Protetor de seus membros da matilha. Sem rodeios. — Ela estava experimentando os terrores noturnos.

— Algo aconteceu entre vocês dois que eu deva saber?

Mais uma vez, direto ao ponto.

— Se você quer saber se nós acasalamos, não. Ela estava drogada e, conseqüentemente, adormecida na maior parte do tempo, embora seus pesadelos, em parte, acordaram na metade da noite. — Darien não precisava saber sobre o resto.

A campainha tocou e Tom saiu correndo do solário para atendê-la, passando pela cozinha no caminho para a porta da frente e dando a Ryan um olhar reprovador. Darien sorriu ironicamente.

Dois minutos depois, Tom carregava um vaso de rosas até o solário.

Darien apontou para o telefone de Ryan. — Vá, faça a sua ligação. Estamos todos aqui para cuidar de Carol até você voltar.

— Vai levar apenas um minuto. — Ryan foi para a sala e, em seguida, fez o caminho para o pátio dos fundos. Lá fora, ligou para informações, conseguiu o número de telefone de casa dos pais de Carol e os digitou.

— Olá? — perguntou uma mulher, soando como Carol, só que um pouco mais velha, mas com uma voz um pouco mais nítida.

— Olá, Sra. Wood. Aqui é Ryan McKinley.

Silêncio.

— Eu sou um investigador particular de Green Valley.

— Eu sei quem você é. — ela rosnou.

Ele fez uma pausa. Merda, Carol tinha contado para a mãe sobre ele?

— Eu estou ligando sobre... — Ele reformulou o comentário: — Carol me contou a respeito do seu calvário com o psiquiatra, Dr. Metzger. Sobre como... — O telefone ficou mudo em seu ouvido.



Carol acordou com o revirar das páginas no quarto e sentiu as pernas presas embaixo do edredom, mas Ryan tinha ido embora. A decepção desapareceu quando olhou para baixo e viu o que estava entalado entre suas pernas. Seu coração se alegrou. Puss. Seu gato malhado: macio, feliz e

adormecido. Não podia acreditar que Darien permitiu que seu animal de estimação deixasse o canil para que pudesse ficar com ela.

Um sentimento caloroso instantaneamente encheu-a de serenidade. Ela sorriu, puxou Puss em seus braços e abraçou-o profundamente. Então, olhou para Lelandi, que estava sentada na poltrona lendo um de seus livros de psicologia. A companheira do alfa estava determinada a se tornar uma psicóloga. Darien a apoiava, mas tinha muitas estipulações sobre seu trabalho. Sem ver machos que precisavam de seus serviços sozinha, a menos que tivesse sua permissão. Ele preferiria que apenas fêmeas procurassem-na para ajudá-las com seus problemas de vida. Mas, conhecendo Lelandi, se qualquer um marcasse uma consulta para discutir seus problemas, ela os veria. Com ou sem a aprovação de Darien.

Muito embora Carol tivesse tido uma má experiência com um psiquiatra, sabia que sua amiga seria perfeita como psicóloga. Ela tinha uma mente muito mais aberta, só para começar.

Desejou que Ryan ainda estivesse ali, embora estivesse com medo de as coisas esquentarem entre eles novamente. E desta vez, poderiam ser flagrados.

Por outro lado, talvez ele lamentasse aquilo que tinham feito. Tentou não pensar sobre isso, mas ainda assim, uma pequena agitação flutuava em torno da boca de seu

estômago. Vê-lo esta manhã sem deixar nada transparecer não seria fácil.

O motorzinho de Puss começou a roncar. Ele esticou-se um pouco e, em seguida, continuou a dormir, enrolado numa bola, de olhos fechados, respirando levemente. Carol estava emocionada por ter Puss de volta. Suspirando, deu-lhe outro aperto suave.

O que fez Darien mudar de ideia?

Lelandi ergueu os olhos do livro e deu-lhe um sorriso brilhante. — Você está acordada. Como se sente?

— Bem. Exceto pelo meu braço. — A pele estava machucada e o músculo dolorido. Carol pensou que o homem teria sido um péssimo enfermeiro.

— Um dos homens deu-lhe uma injeção. O hematoma deve desaparecer em breve. Você se lembra do que aconteceu?

— Alguém me agarrou no chuveiro. Furou a agulha no meu braço primeiro, embora, e me senti drogada. Então, ele me soltou na grama, eu acho. Devia estar atrasando-os uma vez que Sam e Darien os estavam perseguindo. Acredito que Ryan me encontrou. E me levou de volta para a casa. Lembro-me de ele enxaguar os meus olhos e, então, isso é tudo.

— Humm. Ele ficou com você ontem à noite. Alguma coisa... aconteceu entre vocês dois?

Carol levantou as sobrancelhas. — Você acha que nós tivemos relações sexuais na noite passada?

Lelandi sorriu um pouco. — Se você está acasalada, Darien precisa avisar os solteiros que não está mais disponível.

— Nós não fizemos nada ontem à noite. — Não que Carol fosse admitir, mas Lelandi estava observando-a de perto, como uma psicóloga talvez observe um sujeito. Esperava que não parecesse tão culpada como se sentia. — Ele dormiu comigo? — Perguntou-se como alguém tinha descoberto. Eles ouviram seus gemidos e suspiros durante o sexo?

— Foi o que Tom disse. Ele foi espiar você em algum momento durante a noite para ver se Ryan precisava descansar do trabalho de guarda e encontrou-o com os braços apertados em torno de você, com as costas nuas. Depois de Darien ter questionado Tom sobre cada detalhe pelo que pareceu uma eternidade, suspeitando que ele estava deixando um pouco da história de fora, Tom finalmente admitiu que tinha ouvido você choramingando e enfiou a cabeça para certificar-se que Ryan estava sendo honrado.

O coração de Carol quase parou. Tom os tinha visto no meio do frenesi sexual? — Ryan foi um cavalheiro. Apenas ajudou a me acalmar dos meus terrores noturnos.

— Sobre ser sequestrada? Ou outra coisa? Mais visões?

— Não me lembro. — Carol bocejou. Então, sentou-se abruptamente. — Que horas são? Preciso começar a trabalhar.

— Matthew e Charlotte estão trabalhando meio turno extra para cobrir você. Darien não quer que trabalhe hoje depois do que aconteceu ontem à noite. Dê uma pausa e você pode voltar ao hospital amanhã.

Carol deslizou-se de debaixo de seu gato adormecido, que se esticou um pouco, mas não se incomodou em abrir um olho. Atravessou o quarto até a cômoda antiga, abriu a gaveta e puxou um sutiã e calcinha.

— Eu estou bem. E de jeito nenhum farei Charlotte e Matthew trabalharem minhas horas. — Lutou muito para conseguir um emprego no hospital. Não ia fugir das suas responsabilidades agora. — Por que Puss está aqui?

Lelandi hesitou em dizer.

— Lelandi?

— Extraoficialmente, apenas entre mim e você, acredito que Darien sentiu-se mal por dizer a Ryan que ele não poderia ficar e então você foi sequestrada. Mas, oficialmente, ele acha que, se tiver praticamente tudo da sua vida de volta do jeito que era antes de ser transformada, você pode aceitar as nossas maneiras e mudar de forma.

Para ter sua vida de volta, deveria viver em seu próprio apartamento de novo. Em vez disso, Darien insistiu que

colocasse suas coisas no armazém e fechasse seu apartamento. A vida como conhecia tinha acabado. No entanto, se acostumou a estar com os outros, com Lelandi, Darien e os irmãos dele. O pensamento de voltar sozinha para sua casa e ter apenas Puss para conversar não agradava também.

Carol balançou a cabeça e pegou um uniforme de gatinhos de outra gaveta. — Se eu me transformar, não serei capaz de mudar de volta. Simples assim. — Ela entrou no banheiro e fechou a porta.

— Você viu isso em uma premonição? — Lelandi perguntou da cadeira.

— Não, mas não significa que não vai acontecer.

— Você diz que Darien se transforma e não consegue mudar de volta. Ele é o único?

— O doutor também. Jake fica na mesma situação. Você fica realmente chateada e quer que eu faça algo sobre isso. Mas não posso. Não tenho nenhuma ideia do que está acontecendo. Se cada um escolhe me ignorar, não posso ajudar ninguém.

— Nós amamos nos transformar, Carol. É parte de quem somos. — Mas desta vez sua amiga não parecia tão segura de si mesma.

Carol vestiu-se, escovou os cabelos e aplicou um pouco de maquiagem.

Quando abriu a porta do banheiro, Lelandi sorriu. — Pronta para o café da manhã? Com Sam e Ryan mastigando lá embaixo, além de Darien e seus irmãos, pode não haver mais nada. Mervin está lá também, mas ele come como um passarinho.

— Eu posso pegar um pão e chá verde no hospital.

— Bobagem. Se você quiser apenas chá e um pãozinho, os caras provavelmente não tocaram nisso. Mas no bacon e nas salsichas? Tenho certeza que Tom vai precisar fazer outra viagem para a loja. — Lelandi abriu a porta do quarto e caminhou para o corredor. — Então, você viu Darien, o doutor e Jake incapazes de se transformar e eu agitada. Você me viu na mesma situação?

— Ainda não. Mas talvez você esteja começando a acreditar em mim. — Carol observou a pequena estrutura de Lelandi enquanto descia as escadas, perguntando-se quanto tempo levaria para ela começar a mostrar. Logo, imaginou, com os trigêmeos a caminho.

— Você contou a Darien sobre os bebês? — Então ficou claro para Carol: talvez, por isso, Lelandi estivesse cautelosa sobre suas visões de alerta. Ela tinha mais do que apenas a si mesma para pensar agora.

— Ele adivinhou antes de realizarmos os jogos. Não ficou feliz que eu tenha tentado manter segredo. Temeu que, se alguém tivesse me abordado, eu poderia ter sido ferida, ou os bebês. Então, disse a todos os caras numa reunião

especial que, se eles fizessem o menor indício de movimento em minha direção, iria bani-los da matilha. É por isso que não permitiu o cabo de guerra. Ele ficou com medo que eu quisesse participar e pudesse ferir a mim mesma.

Carol tinha suspeitado de tal coisa.

Lelandi olhou para ela. — Durante o jogo, percebi que todos ficaram com medo de me tocar porque sou a companheira de Darien. Não sabia que ele os tinha alertado. — Então, deu outro sorriso resplandecente para Carol. — Alfas são assim. — Ela virou-se e atravessou a sala enquanto se apressava para alcançá-la. — Eu imagino que Ryan vai ser igual.

— Ele não acredita nas minhas premonições. — Carol deu de ombros. — As coisas não dariam certo entre nós. — Então, ela franziu a testa. — Quem mais sabe que Ryan dormiu comigo ontem à noite?

— Eu imagino que pelo menos metade da matilha. Talvez mais. Tom ficou muito irritado com isso. Quando ele falou para Jake, não conseguiu o apoio que queria, então, falou para Darien e Sam. Sam contou a Silva e você sabe do resto. Ela só quer o melhor, apesar de tudo. Quis avisar aos lobos da nossa matilha que, se eles a desejam como companheira, é melhor que façam algo sobre isso. Se Ryan quiser você, a mesma coisa. É melhor ele parar de enrolar.

Incrédula, Carol balançou a cabeça.

— Estou falando sério. — Lelandi apontou para o solário. — Você tem uma dúzia de vasos de cerâmica, vidro, bronze e cestas cheias de flores. Rosie, da floricultura? Ligou e me deu uma lista de nomes. Silva queria saber quem não tinha mandado flores para você e conseguiu isso com ela.

Carol suspirou. — Não é algo inviolável?

— Raramente, numa matilha. Você sabe quem não lhe mandou flores?

— Tom, Jake e Ryan.

— Dois dos três mandaram. Eu tenho que lhe dizer, me diverti terrivelmente.

Carol puxou Lelandi a uma parada do lado de fora da cozinha, onde a conversa dos homens tinha morrido. Ela distinguiu Darien e seus irmãos, Ryan, Sam e até mesmo aquele patético do Mervin falando no cômodo, antes de ouvirem a conversa de Lelandi e Carol.

A expressão de Lelandi iluminou-se. — Todo mundo, exceto Ryan, enviou-lhe flores. Um sinal evidente de que ele está apaixonado. Darien fez o mesmo comigo quando estava ferida.

Ryan e todos os outros na cozinha deviam ter ouvido o que foi dito. Cada centímetro da pele dela aqueceu-se com mortificação. Mas então, não se concentrou em quem não havia lhe mandado flores — percebeu que Ryan não era um romântico — mas em quem tinha... Tom e Jake.

Lelandi se inclinou e cochichou para Carol: — Jake não me deu flores tampouco quando todos os outros mandaram. Eu percebi que ele era muito sovina. — Ela se endireitou. — Portanto, pode haver algo aí, você não acha?

Lelandi deu-lhe uma piscadela conspiratória e Carol percebeu que estava fazendo o seu lance casamenteiro com ela, assim como sempre fazia com Silva e Sam.

Mas, e se Ryan e ela já fossem um casal? Ou talvez isto fosse apenas um teste da parte dele. Ver se a loba é a certa para o líder alfa. Lembrou-se mais uma vez de que realmente não entendia este negócio lobisomem tanto quanto precisava, se tomaria as decisões corretas a partir de agora. Com a cabeça erguida e seu estômago vibrando com o nervosismo indesejado, entrou na cozinha.

Ryan imediatamente chamou a atenção dela e, tão quente como seu rosto ficou, devia estar vermelha como um pimentão.



CAPÍTULO 14

Bem, aquela foi uma operação desordenada, North pensou consigo mesmo enquanto ele e dois de seus homens estavam na floresta, à quilômetros de Silver Town, tentando bolar um plano alternativo.

— Caralho, North. Você disse que isto seria moleza. Que ninguém nem mesmo sentiria falta da vermelha. Isso mostra o que você sabe. — Galahad, assim chamado porque pensava em si mesmo como um cavaleiro que tinha se preocupado com a direção que a matilha estava trilhando enquanto Bruin liderava, apontou para o chão e para o mapa tosco que estava desenhando no solo. — Aqui está o novo plano. Nós a pegamos no hospital. Quando ela for para sala de descanso. Ou no seu caminho até lá. Talvez quando estiver com um paciente.

North balançou a cabeça. — Miller não vai gostar disso.

— Droga, eu não confio nele. Ele renovou o porão daquele lugar velho, transformou-o em seu quartel privado, laboratórios e tudo mais, e eu juro que é como um bunker. Sem contar tudo o que está fazendo no local com toda essa

baboseira de bioengenharia. Ele é quieto e pensativo, pensativo demais. Algo está acontecendo em sua mente. Ele pode ser um gênio, mas eu juro que é um maluco com transtorno de personalidade também. — Galahad deu a North um olhar severo, enfatizando o seu desagrado com Miller.

— Um de nós pode ser um paciente. — disse Hank. Ele era irmão de Galahad, um vermelho bastante bom, mas um pouco preocupado demais com joguinhos de computador para o gosto do North. Hank parecia ter perdido todo o ponto do discurso de Galahad. Ou talvez, já tivesse ouvido aquilo antes e não acreditava que havia algo errado com Miller naquela ocasião ou agora.

— Se nós usarmos o cheiro do caçador, ninguém perceberia nada de incomum. Contanto que Lelandi não apareça no hospital e detecte um de nós. Ela é a única pessoa que nos conhece da matilha. — Hank acrescentou.

Galahad apontou um graveto para North. — *Ele* estava na casa quando a luta aconteceu. Darien e outros da matilha podem muito bem reconhecê-lo. Mas o resto de nós... — Ele encolheu os ombros. — Não estávamos lá e contanto que não possam nos identificar como vermelhos, nós poderíamos fazer isso.

North não gostou disso. A coisa toda era o seu plano e teria funcionado se o maldito líder cinzento da matilha de Green Valley, McKinley, não tivesse espiado Hank bisbilhotando na floresta ao redor da casa de Darien. Agora

North ficou de fora de todo o negócio. — Eu não quero Carol Wood ferida.

Hank sorriu para Galahad. — Eu lhe disse que ele a quer para si. — Então fez uma careta. — Você não deveria tê-la soltado e deixado-a para os cinzentos.

North lhe deu um olhar do tipo que dizia que seria melhor ele ter cuidado com o que dizia. Ninguém era exatamente o líder da matilha ainda. North queria ser, mas ainda estava batendo de frente com seu primo, Connor. Por isso, ninguém na matilha recém-formada o levava tão a sério como achava que deveria. No entanto, suspeitava que o bioengenheiro do seu grupo renegado de lobisomens tinha alguns planos mais grandiosos em sua própria mente.

Miller Redford gostava de trabalhar nos bastidores. North sentiu como se o resto dos machos solteiros fosse assumir todos os riscos, e, então, Miller sairia de seu laboratório bunker e acabaria com o prêmio e, talvez, até mesmo com a matilha. Ele era sorrateiro e inteligente. Não agia exteriormente como se fosse o tipo mandão, ficava mais com seu laboratório e seus estudos científicos. Mas Miller tinha um jeito de sorrir e virar os olhos quando North questionava suas intenções que o deixavam desconfiado.

— Ela é uma vermelha, transformada pelo meu primo e, como Connor está doente e fora de cogitação por enquanto, cabe a mim trazê-la para casa. — North disse a Hank e ao irmão dele. — Ela pertence a nós. Quanto ao que aconteceu? Merda, eles estavam se aproximando de mim. E teriam me

pegado se eu não a tivesse deixado para trás. Duvido que pegariam leve comigo depois que sequestramos Carol da forma como fizemos.

Galahad enfiou o graveto no quadrado, desenhado na sujeira, que representava o hospital. — Hank está certo. Admita, North. Você a quer. Mas ela tem que estar de acordo. Qualquer um de nós... — disse ele, gesticulando com seu graveto. — Pode conquistá-la. Portanto, cabe à mocinha.

— Ela não vai concordar com isso. — Hank agachou-se. — Os cinzentos já fizeram uma lavagem cerebral nela para permanecer com eles. Olhe para Lelandi. Aquele Darien Silver fez a mesma coisa com ela.

North olhou na direção de Silver Town. — Bruin e os dois irmãos dele foram a razão para Lelandi deixar a nossa matilha. Nós deveríamos ter matado os três quando tivemos a chance.

— Esse foi o problema. Nós nunca tivemos a chance. Caralho, até mesmo o seu primo que morreu estava mancomunado com eles. — Galahad deu um tapa no ombro do North. — O que está feito, está feito. Se pudéssemos, nós teríamos eliminado nossos líderes e, então, trazido-a para casa. Mas agora? — Ele encolheu os ombros largos. — Os nove de nós temos um pacto. Começar de novo. Três de nós precisam de companheiras. Carol Wood é uma vermelha. E não acasalada.

— E quanto as duas mulheres que pagamos para participar do encontro? — perguntou Hank.

— Elas são cinzentas e, com exceção do interesse em nosso dinheiro, isso é tudo. Precisamos de Carol Wood. Ela pertence a nós. — North olhou para trás na direção de Silver Town. — Precisamos dela e, esperançosamente em breve, ela terá uma solução para o nosso problema. Nós simplesmente não podemos deixar Miller saber o que temos em mente quando nos apossarmos dela.



Carol e Lelandi juntaram-se a Darien e seus irmãos, Sam, Ryan e Mervin para um pequeno café da manhã. Os homens pareciam já ter terminado o deles, com os pratos sujos remanescentes, mas todos bebericavam xícaras novas de café. O pior foi que os olhares de Carol e Ryan instantaneamente se encontraram e se sustentaram e ela soube que todos estavam observando as ações dele. O que tornou ainda pior quando sua pele corou com o calor como se tivesse acabado de entrar numa sauna.

Ryan parecia ter sentido a dor dela, mesmo assim, não quis soltar o seu olhar, como se quisesse que ela soubesse que não sentia remorso pelo que ocorreu entre eles. Carol não sentia tampouco, exceto que tinha uma audiência como testemunha e estava certa de que revelou sobre Ryan e suas atividades.

Correu para a chaleira e para a água aquecida para fazer uma xícara de chá.

— Você teve uma experiência traumática e precisa ficar aqui com... o seu gato. — Darien disse a contragosto, enquanto ela torrava a metade de um pão.

Pelo menos não estava falando sobre eles. Ela levantou uma sobrancelha.

— Puss. Muito obrigada por permitir que fique comigo. Ele vai dormir alegremente até que queira andar pelo quarto e, em seguida, voltará a dormir. Ele vai ficar bem. — Mas aquilo confirmou que Darien não gostava de gatos. Provavelmente uma coisa canina.

— Não vou fazer Matthew e Charlotte trabalharem turnos mais longos porque não compareci ao trabalho. Além disso, o Dr. Weber disse que mais quatro pacientes apareceram com casos de gripe. Não a suína, felizmente, então ninguém precisou ser internado durante a noite, mas o pessoal está sobrecarregado.

— Eu vou com você. — disse Lelandi. — Só para ficar por um tempo até que tenha terminado.

Carol passou manteiga no seu pão. — Absolutamente não. Não quero que você adoça com qualquer coisa. — Desligou a chaleira, percebendo que demoraria muito para fazer uma xícara de chá se Darien estava fazendo questão sobre ela ficar em casa. Indo em direção à porta com o pão na mão, passou por Jake que balançou a cabeça.

— O quê?

— Quando o chefe, e este é Darien... — Jake disse de forma sarcástica, apontando o polegar na direção de Darien. — Quer algo, ele consegue. Se ele diz que é para você ficar em casa, isso não está aberto a discussão. — Jake pegou seu prato e levou-o para a máquina de lavar louça.

Darien deu uma pequena risada.

Carol abriu um largo sorriso e agarrou a mão de Ryan, enquanto ele estava na expectativa da partida dela para o hospital.

— Eu tenho o meu guarda-costas. A menos que você ou Tom queiram o trabalho.

A mão de Ryan apertou a sua como se não estivesse cedendo-a para a proteção de ninguém. Ela olhou para cima para ver sua expressão. Ele levantou as sobrancelhas e deu um pequeno sorriso em resposta. Mas o sorriso indicava algo muito além do que qualquer coisa relacionada com sua proteção, como se ele estivesse pensando naquilo que fizeram de madrugada e, se não parasse de pensar sobre ele e seus rápidos movimentos também, faria algo sobre isso.

— Eu quero o trabalho. — Mervin disse, parecendo irritado e atraindo a atenção de Ryan.

— Estou pagando Ryan para servir nessa função. — Darien lançou um olhar severo ao outro macho.

Mervin parecia estar remoendo como a abordou na noite anterior.

— Viu? Desta forma, ele vai merecer seu salário. Se ele ficar de bobeira na sua casa, seria como pagar suas férias. — Carol disse, apertando a mão de Ryan. Ela não o deixaria. E o sorriso dele insinuava um segredo sombrio e desejo.

— Você vai ficar com ela mesmo quando estiver vendo um paciente. — Darien alertou seu guarda-costas.

Ele deu ao líder da matinha uma saudação zombeteira. — Não tinha planejado fazer nada diferente.

Carol franziu a testa, não acreditando que Darien sugeriria isso. — Políticas sobre a privacidade dos pacientes entram em jogo aqui. Elas determinam que Ryan não pode estar na sala de exames quando eu estiver vendo um paciente.

— Decida-se, Carol. — Darien disse, não disposto a ser desafiado no assunto. — Ou ele fica com você em todos os momentos, ou você fica em casa. Escolha.

Ela soltou sua respiração, forte.

— O doutor pode colocá-la somente nos casos com lobisomens. Não haverá quaisquer problemas de privacidade então. — Lelandi disse, tentando acalmar as coisas. — Darien está certo. Você não pode ficar sozinha em nenhum momento.

Carol não pretendia ficar. Planejava aprontar uma seringa cheia da mesma droga que pensava que o vermelho lhe deu. E iria dar-lhes de volta, se algum deles tentasse agarrá-la novamente.

— Isso deve funcionar. — disse alegremente, mas se os casos de trabalho fossem principalmente humanos, ela ajudaria e Ryan podia esperar além da porta do quarto de exames, apesar do que todos os outros disseram.

— Pronto? — ela perguntou a Ryan, puxando sua mão.

Ele pegou suas chaves. — Vamos cuidar de seus pacientes.

Jake puxou as chaves de sua caminhonete. — Eu vou acompanhar vocês, só por precaução.

— Eu vou com você. — Tom enfiou o celular no bolso.

Mervin correu para se juntar a eles.

Pelo menos se sentia segura com o seu séquito de guarda-costas, embora realmente não achasse que os vermelhos seriam ousados o suficiente para tentar levá-la do hospital de qualquer jeito. Apressou-se para comer seu pãozinho enquanto Ryan a acompanhava até a picape dele. Ela tomaria uma xícara de chá verde no trabalho mais tarde porque estava com medo que Darien mudasse de ideia e quisesse que ficasse, caso permanecesse na casa por muito tempo.

Um movimento na janela do seu quarto chamou sua atenção e ela olhou para cima para ver Puss observando-a através do vidro, sua cauda se contorcendo e as suas orelhas arrebitadas. Sentiu uma pontada de arrependimento por não poder ficar abraçada com ele por mais tempo.

— Você estava tendo pesadelos a noite passada. Sobre o quê? — Ryan perguntou, tirando-a de seus pensamentos.

Pensou que ele talvez falasse sobre seus movimentos noturnos. Ela suspirou, subiu na caminhonete e inclinou o queixo ligeiramente para cima. — Tive algo melhor do que isso. Uma visão. Pelo menos eu acho que era. Estava meio dopada no momento. Mas vi Jake se tornar um lobo e, em seguida, ele foi incapaz de se transformar de volta.

Ryan não disse nada enquanto subia na caminhonete e, em seguida, seguia para a estrada em direção à cidade. — Você teve uma visão de seu sequestro?

Ele ainda não acreditava que os homens da matilha haviam se transformado em lobos e não podiam voltar para suas formas humanas. — Não. Eu disse que as visões podem ser irritantemente imprevisíveis. Teria sido bom ver isso acontecer de antemão para... pelo menos me preparar, mas não é assim que funciona. — Ela olhou para fora da janela, observando os abetos passando. Mas, então, uma sensação desconfortável rastejou através dela quando se lembrou de outra coisa. — Oh, não...

— Oh, não... o quê?

Ela esfregou as têmporas, tentando lembrar os detalhes exatos. — Eu... eu tive uma visão antes de irmos para a taverna ontem.

Ryan olhou para ela. — Sobre?

— Um homem com um cabelo comprido e vermelho. Este balançou na minha cara quando ele se inclinou sobre mim. Ele usava um colete acolchoado. E eu me sentia tão cansada, tão incrivelmente cansada.

— A visão?

— De que outra forma você explica isso? — Ela perguntou em voz baixa, observando seu perfil tenso enquanto ele continuava a olhar a estrada conforme dirigia em direção à cidade. — Você me tirou dela quando me disse algo na caminhonete depois que chegamos a taverna. Eu não tinha ideia do que a visão significava.

A mandíbula dele apertou-se e seus olhos se estreitaram.

Ela olhou para fora da janela.

— Por que você não me disse nada?

— Nós não tínhamos um pacto naquela hora de que eu lhe contaria se tivesse visões e você não teria acreditado em mim de qualquer forma. Além disso, não me pareceu importante. E não pensei sobre isso quando estávamos na taverna.

Ryan resmungou: — Você disse que não as tinha a menos que fossem relevantes. Então, parece que esta seria importante. E disse que eram premonições de algo que iria ocorrer em breve. Deveria ter dito algo para mim. Você o reconheceu? Viu seu rosto?

— Meus... meus olhos ardiam. Lembro-me de como minha visão estava embaçada quando tentei vê-lo. Pensei que era a visão, mas acho agora que era porque meus olhos estavam cheios de sabão.

Ryan ponderou sobre aquilo, sem dizer nada por cerca de um quilômetro e depois balançou a cabeça. — Ótimo.

— Ótimo, o quê?

— Como isto funciona, Carol? Você evoca as visões? Algo as provoca? Ou elas simplesmente acontecem?

Ela estudou seu rosto severo. — Elas simplesmente acontecem.

— Você não pode forçar uma? — Ele a olhou, seus olhos tentando lê-la como um lobo faria.

Ela olhou para fora da janela.

Ryan não disse nada por algum tempo, mas, então, estacionou do lado da estrada. Assustada, olhou para ele, perguntando-se o que estava acontecendo agora.

Jake dirigiu-se para trás deles e estacionou. O celular de Ryan tocou e ele puxou-o do cinto e o abriu. — Sim, estamos bem, Tom. Nós apenas temos que discutir um pequeno

assunto. — Terminou a ligação e guardou o telefone. — Você pode forçar uma visão?

Ela franziu o cenho. — Não exatamente.

— Defina “não exatamente”.

— Não é normal, para mim, ser capaz de forçar uma visão.

— Mas?

Carol tomou uma respiração profunda. — Talvez sejam as mudanças em mim. Ser uma lobisomem. Ou talvez, conforme eu fique mais velha, tenha um pouco mais de controle. Eu não sei. Às vezes posso fazer isso imediatamente. Não qualquer uma em particular, mas de algo que está perto de acontecer.

— Como?

— Darien não sendo capaz de se transformar de volta.

— Seu desejo virando realidade? — perguntou Ryan.

Ela lançou-lhe o olhar mais gelido que podia, um que poderia ter congelado o lago próximo apesar de ser primavera. — Na noite de anteontem, vi alguém com um casaco com listras vermelhas e brancas me agarrando. A sensação que eu tinha não era medo, mas incômodo, então, soube que não podia ser tão ruim.

Ryan praguejou baixinho, estendeu a mão, pegou a de Carol e apertou-a. — Mervin no jogo.

— Sim. Ele é o responsável por me manter acordada metade da noite com as estúpidas visões dele.

Ryan suspirou. — Tudo bem. — Ele voltou para a estrada e seguiu o resto do caminho para a cidade.

Tudo bem? Agora, acreditava nela?

— E quanto a uma visão de algo mais? Previu alguns problemas no trabalho, talvez?

— Não. Vou avisar você sobre as premonições que tiver. Eu disse que faria isso.

Ele dirigiu em silêncio por um tempo e depois disse:

—Por que você evocou a visão de Darien?

Ela suspirou baixinho. Que diferença faria se Ryan soubesse? Olhou para fora da janela e disse baixinho:

—Para não mudar de forma.

Ryan ficou tão quieto que olhou para ele. Ele fechou a boca. Então disse:

— Droga, Carol. Você é uma bomba-relógio.

Ela sorriu. — Você quer dizer: realmente quente?

— Você é quente, tudo bem. E vai trabalhar apenas com pacientes lobisomens, como Darien ordenou. — Ryan olhou para Carol, sua expressão toda séria. Ela iria obedecê-lo de qualquer forma.

Ela sorriu de volta. — Claro. A menos que nós estejamos lotados com pacientes humanos.

Ryan passou as mãos sobre o volante. — Esse não foi o combinado e eu não vou concordar com isso. Você é uma mulher perigosa. Então, sobre esses pesadelos que está tendo...

Carol suspirou alto. — Eles são sobre as visões, sobre ser mordida e transformada, e me assombram. Provavelmente, provocados pela droga que os *vermelhos* usaram em mim. — Perguntou-se se a droga inibiu a necessidade da mudança na noite passada. Respirou fundo, aliviada que não tivesse tentado mudar enquanto Ryan dormia com ela. Ou fazia outra coisa. Um arrepio cascadeou para baixo de sua coluna vertebral. Fazer sexo podia provocar uma mudança?

— Você... acredita no sonho do acasalamento? — ele perguntou de repente.



CAPÍTULO 15

Com seu estômago apertando-se quando Ryan a questionou sobre o sonho do acasalamento enquanto a levava para o hospital, Carol preocupou-se que talvez ele acreditasse em tal coisa e estivesse procurando a mulher dos seus sonhos. E ela não fosse esta.

Ainda assustada, olhou para ele, incrédula. — Você acredita?

— Claro que não. Mas eu queria saber se você acredita.

— Oh — Seu estômago relaxou muitíssimo. Ela pensou sobre as histórias que Lelandi lhe contou e assentiu. — Claro. Lelandi e Darien eram companheiros de sonhos. Eu não sabia que tal coisa poderia existir até que ouvi falar do caso deles. Por que você puxou o assunto?

Ryan permaneceu em silêncio e Carol bufou. — Você me atormenta com algum pedacinho de informação e, em seguida, não compartilha comigo? E se eu fizesse a mesma coisa? Dizer que você não acreditaria na premonição que tive esta manhã, mas depois não lhe contar o que vi.

— Você teve?

Carol fez uma pausa e, então, soltou a respiração. — Não tenho certeza se foi a droga ou o quê, mas vi uma sala dourada e luzes brilhantes vindas de outro quarto. Fui atraída para as luzes, como se não tivesse outra escolha. E, então, os tiros foram disparados e eu ouvi... — Ela pensou por um momento. Ryan a olhou. Ela continuou: — Ouvi Sam gritando. Em seguida, mais tiros foram disparados. Então, o que trouxe este questionamento sobre o sonho de acasalamento de repente?

Franzindo o cenho, Ryan bateu os polegares sobre o volante e não lhe respondeu por algum tempo. Então, disse: — A sala dourada foi uma premonição de algo por vir, Carol?

— Pode ter sido nada mais do que o efeito da droga.

— Pense cuidadosamente. Você ouviu tiros na visão? Antes de Sam gritar?

— O tiroteio pode ter sido fora da premonição. Eu talvez o tenha ouvido enquanto estava vendo o quarto.

— Não — ele disse, com a voz sombria. — Os tiros soaram depois que Sam gritou. É por isso que eles dispararam em sua direção. Ao som da voz dele. Nenhum tiro foi disparado antes disso.

Carol considerou as implicações. Nada bom. Ela estaria numa sala, dirigindo-se para um outro quarto, cheio de luzes brilhantes, onde alguém estava atirando. Por que faria isso?

— O que você está pensando, Carol? — Estendeu a mão para apertar a dela, que estava gelada. Sua mão era quente, grande e segura.

— O quarto significa perigo.

— Então, você não vai para lá. — Ele olhou para ela e continuou a segurar sua mão.

— Certo.

Ryan não disse nada por um quilômetro e, em seguida, soltou a respiração. — Ok, então o que acontece na sala?

— Eu não sei. Isso é o que é tão frustrante sobre minhas visões. Não sei o que acontece. E sobre sua pergunta do sonho de acasalamento? — Carol o olhou, mordendo o lábio inferior. Ele sonhou com ela? Tinha quase certeza de que não sonhou com ele e estava certa de que teria lembrado.

— Tom disse que estava esperando a mulher que chegaria a ele pelos seus sonhos. — Ryan olhou para ela. — Eu pensei que você deveria saber.

— Ah — O que significava que, se Ryan não fosse a pessoa certa para ela, teria que riscar Tom de sua lista também. Suspirou com decepção. — Isso é bom saber. Mas uma mulher no sonho não é páreo para a coisa real. — Ela cruzou os braços ao redor da cintura.

— Como assim?

— Eu quero dizer que, se a mulher certa aparecer, estando em seu sonho ou não, tenho certeza que ele a iria

quere-la. — Ela olhou para fora da janela. Parecia ser o início de mais um dia ensolarado, nenhuma nuvem no céu... pena que tinha que trabalhar. Depois do terror da noite anterior, teria sido bom se enrolar na varanda de Darien com Puss dormindo em seu colo, uma xícara de chocolate quente e um bom romance de viagem no tempo, passado na Escócia, para ler. Ou se a casa estivesse vazia, poderia ter tirado uma soneca com Ryan, embora talvez não conseguisse dormir nadinha.

Entretanto, não teria apreciado tanto as duas coisas, sabendo que Matthew e Charlotte tinham que trabalhar mais horas para compensar a ausência dela.

— Jake não acredita no sonho de acasalamento. — Ryan disse, como se isso fosse fazê-la se sentir melhor.

— Aham. Eu não o culpo por isso. Tenho certeza que nunca evocaria minha alma gêmea dessa forma tampouco. Mesmo assim, é uma forma interessante de satisfazer algumas necessidades antes que elas possam ser verdadeiramente cumpridas. Você não concorda?

Ryan parou no estacionamento do hospital e Jake estacionou ao lado dele, do lado do passageiro. — Eu acho que qualquer substituto para a coisa de verdade não seria tão gratificante. — E deu um lento sorriso predatório.

Seu corpo sentiu-se como se tivesse assado no sol o dia todo, mas conseguiu dar um aceno de cabeça e um pequeno sorriso. — Lelandi me avisou que era um lobo.

Ele riu, mas antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, a porta dela se abriu. Virou-se para ver Jake segurando-a, esperando ela sair da caminhonete.

— Obrigada, Jake. — Deu a Tom um olhar de soslaio. — Eu ouvi dizer que está esperando uma companheira de sonho aparecer para você. Espero que não tenha que esperar muito tempo. — Ela sorriu, embora estivesse desapontada. Teria que excluí-lo da sua lista de promissores companheiros, o que pareceu deixá-la apenas com Jake. Apressou-se para dentro do hospital enquanto Tom virava-se para seu irmão e fazia uma careta.

— Você contou isso a ela? — Tom perguntou a seu irmão.

— Claro que não. Eu nem acredito nessa bobagem. — Jake olhou para Ryan, que ergueu as sobrancelhas como se não soubesse do que eles estavam falando.

Ryan foi atrás da Pequena Senhorita Nightingale. Qual parte do “ele era seu protetor durante todo tempo” ela não entendeu?

— Quem mais sabe? — Tom perguntou a Jake, seguindo-os para o hospital enquanto Mervin fechava a traseira.

— Eu juro que não contei a ninguém sobre nossa conversa. Não sei como Carol descobriu.

Ryan não era de entre ouvir conversas normalmente, a não ser que aquilo se adequasse a finalidade do seu trabalho como investigador particular. Mas, se Tom não estava realmente interessado em Carol e ela tivesse tal esperança, não queria que se decepcionasse. Ele caminhou atrás dela enquanto se dirigia ao fundo do corredor da clínica, a medida que Tom, Jake e Mervin arrastavam-se atrás deles.

O lugar cheirava a desinfetante, cera fresca para o chão, álcool e, na sala do pessoal, café moído na hora. Ryan não conseguia se imaginar trabalhando num ambiente hospitalar, dia após dia. Preferia muito mais o fresco exterior, onde se encontrava com moradores e empresários como prefeito enquanto formulava planos para melhorar a cidade; a fragrância de couro novo em sua caminhonete enquanto estava em modo de vigilância de investigador; e o aroma do cacau já borbulhando em seu escritório, graças a sua assistente administrativa. Ingrid devidamente mantinha o negócio funcionando sempre que estava numa missão em outro lugar.

Um alto enfermeiro chamado Matthew se aproximou deles, vestindo um uniforme azul e carregando uma tabela. Ele parecia profissional enquanto se dirigia a Ryan e Carol no amplo salão banhado em luz. Com cabelos e olhos escuros e uma compleição que era um pouco magricela e rígida, ele se parecia com a maioria dos outros cinzentos da matilha de Darien. O cara deu a Carol um sorriso aflito, o que o aborreceu mais do que queria admitir. O outro macho

encarou-o com um olhar que significava que não gostava dele seguindo Carol tão de perto.

— Ele é o guarda-costas dela. — Jake disse, explicando o relacionamento.

A expressão de Matthew permaneceu severa e ele disse para Carol: — Desculpe-me, não pude ir ao encontro. Trabalho, você sabe. Mas se quiser sair hoje à noite...

Ele deixou suas palavras sumirem. Se fosse Matthew, teria marcado o dia, não deixado no ar assim. A outra coisa que o aborrecia era que o resto da matilha sabia sobre o sequestro de Carol e, por isso, este palhaço devia saber. Caso contrário, estava certo que o enfermeiro teria perguntado por que precisava de um guarda-costas. Então, por que Matthew não disse nada sobre ela ser sequestrada e ofereceu-lhe consolo, proteção, ou algo assim? O cara era um completo perdedor quando se tratava de conquistar uma mulher, era por isso.

—Aonde você quer ir? — Ryan perguntou ao beta. — Num encontro?

A mandíbula de Matthew caiu. Carol parecia que estava lutando contra um sorriso. Jake sorriu. Tom balançou a cabeça. Mervin olhou-o como se tivesse perdido o juízo.

Ryan cruzou os braços. —Eu vou onde Carol for. Então... — Ele deu de ombros. —Onde você estava pensando em ir?

Matthew endureceu e falou novamente com Carol como se McKinley não tivesse se dirigido a ele. —Eu vou falar com você mais tarde. Preciso ver um paciente. Outro caso de gripe, eu receio. Ouvi dizer que ela foi a reunião na noite passada.

— A reunião? — Carol olhou na direção da área de espera e viu Marilee lendo uma revista. — A massagista?

— Aham. A outra, Becky? A bibliotecária? Ela já esteve aqui antes.

Carol fez uma careta. — Diagnóstico?

— Gripe.

— Ótimo. Portanto, elas expuseram Lelandi.

— Sim, bem, eu tenho certeza que Darien não vai gostar disso, mas, elas provavelmente não sabiam que estavam doentes. — disse Matthew.

— Marilee podia ter sabido. — Ryan argumentou. — Ela começou a tossir quando dançamos. Disse que era alergia. Se ela pegou gripe, podia muito bem ter suspeitado que era aquilo o que tinha. Deve ter ficado preocupada que Darien não iria deixá-la ir a reunião.

Matthew fechou o prontuário médico, seus músculos do pescoço apertando. —Esse é o problema com um Detetive Babaca. Todo mundo é culpado até que se prove o contrário.

— Tem alguma coisa em seu passado que você tem medo de compartilhar com a matilha, Matthew? Entendo que veio aqui depois que seu irmão e a família dele tiveram dificuldades na antiga matilha. Algo que poderia criar problemas para você aqui se o seu passado fosse examinado minuciosamente? Eu ficaria feliz em verificar isso para Darien como um favor para a família.

O rosto de Matthew corou e Ryan se perguntou o que o enfermeiro estaria escondendo. Carol pareceu não gostar que mencionasse aquilo na frente de Jake. Mas se o cara ia atacar a ética dos negócios dele, era um jogo justo.

—Nós vamos nos reunir outra vez para um encontro. — Matthew lhe deu outro pequeno sorriso, lançou um olhar mortal para Ryan e saiu apressado.

Satisfeito que havia espantado um potencial pretendente que não era bom o suficiente para Carol, Ryan esperou ela fazer seu usual trabalho de enfermagem.

— Estar no comando da minha agenda social não é o que você é pago para fazer. — disse com uma indignação fingida.

— Sou pago para vigiá-la onde quer que você vá e não importa com quem esteja, Carol. Esse é o acordo. — Ryan sorriu.

Entretanto, ela não parecia muito desapontada que tivesse atrasado o encontro com o enfermeiro, observou.

Jake sorriu para a conversa e, em seguida, tornou-se sério e começou a dar ordens. — Mervin, pegue uma cadeira e sente-se ao lado da porta dos fundos para que você possa se certificar de que ninguém que não conhecemos entre ou sai de lá. Tom, você pode vigiar a porta de entrada e a sala de espera. Eu vou verificar as salas de exame e o perímetro do local, enquanto Carol vê seus pacientes. E, Ryan, avise qualquer um de nós se precisar de uma pausa e ficaremos perto de Carol então.

Ryan deu um único aceno de cabeça.

Jake também deu um último comando a Carol. — Você vê apenas os pacientes especiais, nenhum dos outros, Carol. Um de nós tem que estar com você em todos os momentos.

Exasperada, ela suspirou. — Tudo bem. Eu tenho trabalho a fazer. — Dirigiu-se para uma sala de exames e se ocupou com algo relativo a enfermagem, Ryan presumiu, enquanto ele olhava em volta. Depois, ela foi para o seu posto, pegou o primeiro prontuário do paciente e voltou para a sala de espera.

Ryan queria falar com ela sobre o que aconteceu entre eles naquela manhã. Mas sabia que não devia, ou entraria em ainda mais problemas do que já estava metido. O jeito que ela olhou para ele na cozinha naquela manhã, corada com o embaraço, a fez ainda mais encantadora.

Percebeu que todos no cômodo: Darien, seus irmãos, Lelandi e ainda o patético do Mervin, suspeitavam que algo

mais aconteceu entre Carol e ele durante a noite do que tinham admitido. E lamentava que teria que ser mais... guarda esta noite. Sentar-se na cadeira teria que bastar.

Com a atenção sobre Carol, Ryan sentiu-se como um filhotinho seguindo seu mestre por aí quando ela gritou: — Senhorita Silverpenny? — Mas não se importava, desde que Carol permanecesse segura.

Silverpenny era um bom nome de cinzento e quando a pequena mulher idosa se levantou de uma cadeira na sala de espera, Ryan relaxou um pouco. Ela avaliou-o quando se juntou a eles e sorriu para Carol. — Como foi a reunião, querida?

— Ótima. — disse Carol, andando no ritmo mais lento da mulher até a estação de enfermagem e lançando um olhar para Ryan como se não quisesse que ele a contradissesse.

Mas inferno, não dançou com ninguém em eras que fizesse ele se sentir como um adolescente excitado como Carol fez. E teria permanecido na pista, segurando-a juntinho, balançando-se para uma nova canção, se não soubesse que teria que cedê-la para os outros machos solteiros depois de uma dança ou duas. Mais do que isso, no entanto. Não queria que ela dançasse com Jake ou Tom, não tão perto como eles haviam dançado, e teve medo de que Jake talvez tentasse se intrometer.

Cruzando os braços, Ryan inclinou-se contra a parede do outro lado da sala e fora do caminho enquanto Carol ajudava a mulher a subir numa balança.

— Eu juro que encolhi mais uma polegada e ganhei mais quatro quilos. — A senhorita Silverpenny resmungou, sua figura esguia num momento frágil.

Carol sorriu.

A mulher lançou um olhar por cima do ombro para Ryan. — Quando ela mede a mesma altura que eu, me faz tirar os sapatos. — Acenou para os sapatos de solas grossas de que usava, que acrescentariam uma polegada e meia a altura de alguém. Apontou um dedo acusador para Carol, embora seus olhos brilhassem de alegria. — E quando ela pesa o mesmo que eu, não me deixa tira-los. — Eles tinham que pesar pelo menos dez quilos.

A mulher lembrou-lhe da sua rabugenta e velhinha tia Tilda, amável e inofensiva.

— Você é o namorado dela? — Perguntou a mulher, com o tom sério agora.

Ryan abriu a boca para responder de forma negativa, mas Carol o fez primeiro, o que o incomodou intensamente. Não que se importasse de ela dizer a verdade, mas que parecia tão ansiosa para garantir que ninguém pensasse que poderia ser a pessoa certa para ela. O que estava errado com ele como um parceiro em potencial, afinal de contas?

— Não — Carol disse rapidamente a sua paciente, balançando a cabeça como se sua palavra não foi suficiente para convencê-la.

A mulher olhou para Ryan, ergueu as sobrancelhas e sorriu um pouco.

— Você talvez tenha ouvido que eu tive um problema na noite passada, e, bem, Ryan está cuidado de mim, para se certificar de que não haja outro incidente... — Carol continuou enquanto preparava um termômetro para medir a temperatura da senhorita Silverpenny.

Os olhos bondosos da mulher se arregalaram, e então, ela balançou a cabeça com firmeza. — Sim, você sabe como é aqui em Silver Town. Todo mundo foi alertado sobre o problema com os vermelhos e se alguém vir qualquer sinal deles, serão relatados. — Ela acenou com a mão para Ryan.

— Quanto a ele, eu pensei que fosse seu namorado. — Ela disse isso como se não tivesse ouvido Carol dizer que não era. — Você pode dizer, ao olhar para um homem, se ele é bom ou se não serve para nada. Ryan tem belas linhas de sorriso sob seus olhos. Não há muitas linhas de rugas entre as sobrancelhas, o que indicaria que franze bastante a testa.

Em seguida, dirigiu seu comentário a Ryan: — Bem-vindo... — Ela parou de falar quando um humano entrou em uma sala de exames através do corredor com o enfermeiro Matthew. — À vizinhança.

— Obrigada, senhorita Silverpenny, mas ficarei aqui apenas por uma estadia curta.

— Vai levar a nossa pequena enfermeira para longe com você? Ai meu Deus, o que vamos fazer sem você, Carol? Ela não ficou conosco por muito tempo, mas nós a adoramos. Quem rouba a fita de Darien num jogo, além de Lelandi, é claro, é alguém para ser admirado. — Ela agarrou a mão de Carol e apertou-a. — Nós sentiremos sua falta.

As faces de Carol se inundaram com cor. Ryan amava o rubor nas bochechas. Ela não tentou explicar mais além de que não iria a lugar algum e, em vez disso, tomou a temperatura da mulher e, em seguida, a pressão arterial. Depois, escoltou-a pelo corredor, levou-a para uma sala de exames e sentou-a na cadeira em frente da do doutor enquanto Ryan fechava a porta para a privacidade.

— Ele vai ficar com você o dia todo? — perguntou a senhorita Silverpenny. — À noite também? — Ela abriu um largo sorriso.

Sim, era igual a tia de Ryan, Tilda. Se sua tia soubesse que estava com Carol, ela já o teria feito acasalar, pelo menos, levando-se em conta as fofocas.

Com sua caneta sobre o prontuário da paciente, Carol pigarreou e perguntou: — Com o que você está tendo problemas hoje?

— Com alergias. Não importa se eu sou uma loba... — Ela olhou para Ryan. — Ou ando por aí como uma velha

senhora. Não consigo parar de espirrar. Se não é isso, minha pele coça terrivelmente. Mas, se eu tomar aquele enervante remédio contra alergia que o médico me deu, estaria dormindo por toda a minha vida.

— Os ácidos graxos do ômega-3, encontrado no óleo de peixes como salmão, arenque e sardinha, podem ajudar como agentes anti-inflamatórios naturais. — Ryan disse, tentando ser útil.

Carol abriu a boca para falar, mas ele continuou falando. — Minha tia Tilda teve problemas com a grama, ervas e mofo. Era alérgica a qualquer um deles. Nós não queríamos que se transformasse em loba porque seus pés e pernas coçavam muito de andar através da grama alta. Ela mastigava incessantemente a sua pele exposta até que mudasse de volta a sua forma humana.

— Ryan. — Carol disse, seu tom indignado. — Você é o meu guarda-costas. Não o médico e não um enfermeiro treinado.

— Desculpe — Ele virou-se para a Srta. Silverpenny: — Minhas desculpas, senhora. Mas você pode tentar um pouco daquele o óleo de peixe, nunca se sabe. Bom para o seu coração e o que mais lhe afligir. E também, embora não tenha sido provado cientificamente, as alergias da minha tia ficam melhores quando toma um pouco de mel caseiro diariamente.

A velha senhora sorriu para ele. — Obrigada, Ryan.

— Existe algo mais que está lhe incomodando, senhorita Silverpenny? — Carol perguntou, seu tom cortante.

— Oh, não, querida. Como já estou aqui, poderia muito bem ver o doutor enquanto posso, mas meu Deus, você deve contratar o seu namorado para o hospital.

— O médico vai estar aqui a qualquer minuto. — Carol agarrou o braço de Ryan com uma mão e a maçaneta com a outra, abriu a porta e puxou-o para fora e, em seguida, fechou-a atrás deles.

A mulher nunca tinha abordado Ryan de uma maneira tão brusca e embora achasse que não gostaria se mais alguém o fizesse, Carol era outra história. Inferno, ela era um barril de pólvora pronto para pegar fogo e seu toque firme estava provocando a libido dele de novo. Pena que não poderiam colocar todo esse fogo em bom uso.

Carrancuda, ela guiou-o contra uma parede e soltou-o, com as mãos nos quadris, as sobrancelhas franzidas numa expressão bonitinha, estando tão perto dele para manter a conversa privada que podia sentir o calor de seu doce corpo. Queria puxá-la para um abraço de corpo inteiro, beijar seus lábios, extrair o veneno de sua mordida e provar a ela que, por mais que a tivesse irritado, não podia ficar chateada por muito tempo.

Puxando-o de seus pensamentos caprichosos, ela disse: — Vamos deixar as coisas claras. Você não é um médico ou enfermeiro e não vai dar aos pacientes qualquer conselho.

Jake se aproximou do fim do corredor com um imenso sorriso que Ryan interpretou como se ele tivesse sido alvo da ira dela anteriormente. Ou talvez estivesse apenas se divertindo ao ver Carol sujeitando Ryan contra a parede com seu ataque verbal.

— Na sala de exame, você vai ficar contra a porta e parecer como um guarda-costas. Não meu namorado. Não um conselheiro médico. Um guarda-costas. Ponto. — disse à Ryan, seu corpo tão perto dele que podia respirar o aroma de pêssego dela, lembrando vividamente como lavou o sabão de sua pele na noite anterior, cada centímetro sedoso e macio. E mais tarde, quando a beijou profundamente, seus sentidos se inundaram da deliciosa fragrância dela, a doçura, a excitação e o calor do momento.

A maneira como seu peito subia e descia com a respiração apressada e o rubor em suas bochechas estimulavam alguma necessidade mais profunda nele. Até mesmo a maneira como o repreendeu o atraiu. Sabia que ela estava fazendo seu trabalho, certificando-se que seus pacientes tivessem a melhor recomendação, apesar de seu conselho ter vindo do seu médico local, então sabia do que estava falando. Amou o jeito como ela o enfrentou por seus pacientes, mesmo que soubesse que estava dando boas informações.

Ele a queria. Queria possuí-la mais uma vez. Compartilhar a intimidade. Sentir o calor ardente entre eles que só aumentava.

Um sorriso surgiu em seus lábios enquanto inclinava um pouco a cabeça em concordância, com o rosto quase tocando o dela. Queria muito beijá-la. Tinha certeza de que seu sorriso a levou a reiterar a questão.

— Estou falando sério. — disse ela, um pouco sem fôlego e muito corada. Podia dizer que estava tão afetada pela sua proximidade quanto ele. Ela acenou para Jake. — Se você não conseguir ficar quieto, Jake pode tomar o seu lugar.

Jake perdeu o sorriso e limpou a garganta enquanto se aproximava deles. — Não encontrei ninguém nas salas de exame desocupadas que não deveria estar aqui. Fora do hospital está tudo limpo. O policial Trevor está verificando as coisas lá na frente. Até agora nenhum problema com qualquer um que entrou pela porta da principal e ninguém tentou escapulir para dentro ou para fora pela porta dos fundos. Como vocês dois estão se dando? Precisa de uma pausa, Ryan? — A expressão de Jake era novamente divertida.

— Talvez um pouco mais tarde. — Ele disse, nunca afastando seu olhar dos penetrantes olhos azuis de Carol. — Eu vou praticar ser um guarda-costas um pouco mais. - Inferno, esqueça a cadeira. Vigiará o corpo dela na cama de novo esta noite. Ryan sorriu.

Carol se afastou dele, pegou o prontuário do próximo paciente e caminhou pelo corredor até a sala de espera.

Jake riu. — Ela cospe fogo quando está irritada. O que você disse para irritá-la?

— Disse a paciente que ela podia usar óleo de peixe para ajudar com suas alergias. Também teria mencionado um desumidificador de ar se ela estivesse tendo problemas com mofo. Funcionou com a minha tia.

— E você tem um diploma de...?

— Vida — Ryan foi atrás de sua incumbência.

Jake riu atrás dele.

De início, Ryan não conseguiu ver Carol na sala de espera da sua posição no corredor e seu coração bateu mais rápido enquanto acelerava o passo. Mas, quando chegou à área com cadeiras, observou-a esperando um homem cuja expressão se iluminou inteira quando a viu. Ele tinha a idade de Ryan, mancando em direção a ela e sorrindo com uma expressão que era uma tentativa de “Coitadinho de mim, preciso de sua simpatia”.

— Robert, você precisa de uma cadeira de rodas? — Ela perguntou docemente.

Não parecia tão profissional quanto Ryan teria gostado. Não tão séria. Mais amável e, bem, muito doce.

Conforme se aproximava, os olhos âmbar do homem, parecidos com o de um porco, mudaram de Carol para Ryan e ele jurou que Robert parecia estar prestes a ter um ataque cardíaco.

— A enfermeira perguntou se você precisava de uma cadeira de rodas. — disse, sua voz beirando a um grunhido enquanto avançava em direção ao homem musculoso.

A boca de Carol se abriu enquanto olhava para ele. — Ryan McKinley, o que está errado? O Sr. Grayce tem vivido na área desde sempre.

Olhou com raiva para o homem e cruzou os braços. — Você tem certeza?

Após esquecer que Tom estava ali, Ryan finalmente o notou encostado sobre o balcão de registros. Tom acenou para confirmar a declaração de Carol, com a expressão confusa.

Ela lhe lançou um olhar irritado e, em seguida, tomou o braço de Robert e ajudou-o a caminhar à uma sala de exames. Seu quadril pressionado contra o do homem enquanto ajudava-o pelo corredor num rastejar e Ryan jurou que o paciente se inclinou para ela mais do que o necessário. Carol deveria ter pegado uma cadeira de rodas para ele ou, pelo menos, muletas ou algo assim. Ela não precisava usar o corpo para segurá-lo!

— Onde estão as cadeiras de rodas? — Ryan rosnou.

Continuando pelo corredor com sua carga, sem olhar para trás, Carol ignorou-o.

Meio que escondendo um sorriso, Tom apontou para uma sala de armazenamento. Ryan entrou, pegou uma

cadeira de rodas e apressou-se para levá-la ao homem mancando. Apenas no caso dele estar realmente sofrendo, não poderia bater a cadeira na parte de trás das pernas de Robert como queria, mas daria ao pobre rapaz um assento para que não tivesse que mancar por todo o caminho até a sala de exames.

Parou a cadeira de rodas e agarrou o braço do outro homem, ajudando-o no assento, e depois agarrou as alças. Deu um sorriso a Carol enquanto a boca dela se alargava novamente. Então, ela a fechou.

— O mínimo que posso fazer como seu guarda-costas, Carol, é ajudar com o seu paciente.

Tão vermelho como o rosto dela parecia, ele estava certo que, na primeira oportunidade, ela tentaria substituí-lo como seu guarda-costas por mais alguém. Até mesmo Mervin.

Ele suspirou profundamente e empurrou Robert para dentro da sala que Carol apontou. Nunca suspeitou que vigiar a mulher seria tão difícil.

E esta foi apenas a primeira hora.



CAPÍTULO 16

— Ele é impossível! — disse Carol de seu celular para Lelandi e, em seguida, tomou outro gole da garrafinha de água para terminá-la. Estava fazendo a ligação da sala de descanso para o pessoal do hospital durante sua pausa. Apesar do quão irritada estava com Ryan, odiava admitir que sentia falta dele quando já não tinha que protegê-la durante suas visitas aos pacientes.

Ele estava parado com as pernas afastadas, braços cruzados, olhando pela janela da sala de descanso, ainda agindo como guarda-costas e escutando a conversa. Uma pequena sala de descanso. A audição de lobo.

Cafê borbulhava em um recipiente próximo, o aroma misturando-se com o de carne com molho de vinho, o almoço de alguém que foi apressadamente aquecido no micro-ondas do pessoal.

— Impossível. — Repetiu e lançou um olhar irritado a Ryan, mas ele estava de costas para ela, logo, não sentiu toda a força de sua irritação.

— O que ele fez de tão errado, Carol? Ryan deveria estar aí para protegê-la. Você tem que fazer concessões. Eu sei que é difícil ter alguém observando cada movimento seu. Mas ele está apenas tentando ajudar. — Lelandi estava tranquilizadora como de costume, como se estivesse praticando suas lições de psicologia em Carol.

Sentindo-se exausta de sua experiência na floresta na noite anterior e da traquinagem sexual entre Ryan e ela na madrugada, num êxtase saciado, Carol apoiou a bochecha em sua mão enquanto descansava o cotovelo numa das mesas da sala.

— Ele deu a assistência médica a seis dos meus pacientes! Seis! Desde remédios para alergia, até como aliviar dores de cabeça tensionais. Até mesmo lhes deu todo o tipo de aconselhamento dietético. E de onde é que toda essa sabedoria médica veio? De lidar com sua tia Tilda, que tem todas as doenças conhecidas pelo homem e pelo lobo.

— Algum dos seus conselhos foi perigoso?

— Bem, não, claro que não. Mas ele não os deveria oferecer!

— Quer que Jake fique com você em vez disso? Ele disse que ficaria. Ou Tom, se for o caso.

Carol levantou a cabeça e observou Ryan. Todo o seu corpo tinha tensionado. Algo que ela havia dito? Ou algo que viu do lado de fora da janela que chamou sua atenção?

Ele puxou seu celular para fora de seu cinto e então hesitou. Ela abriu os lábios para falar, mas, de repente, Ryan abriu o celular, digitou alguns números e disse: — Jake, ao sul do hospital, três homens se encontraram do outro lado da rua e, em seguida, correram para um beco. Sim, é claro que eles devem ser verificados. Eu gostaria, mas preciso cuidar de Carol. Todos os três estavam vestindo calça jeans e moletom, bem casuais. Eles estavam muito interessados no hospital. No entanto, não fizeram qualquer movimento para se aproximar. Um deles até mesmo se moveu até a sua caminhonete e, em seguida, a minha.

— Carol? — Lelandi disse ao telefone, invadindo a preocupação dela sobre a conversa de Ryan com Jake. —Você está me ouvindo? Você quer que Jake a guarde ao invés?

— Jake tem outra missão. — disse Carol. Ela suspirou. —Depois que Ryan terminar de me vigiar aqui, eu vou recomendar que ele vá para a escola de medicina.

Ryan fechou o celular, cruzou os braços novamente e continuou a observar pela janela.

Mesmo que não quisesse acreditar que os homens que ele viu eram os mesmos que a tinham agarrado, não pôde evitar o arrepio arrastando-se para baixo de sua coluna vertebral. Entretanto, o melhor remédio para o que a afligia era o trabalho. Ela olhou para o relógio. — A pausa acabou, Lelandi.

— Eu vou pôr o jantar quando você chegar em casa.

— Mal posso esperar. Vejo você mais tarde. — Ela fechou o telefone e disse a Ryan: — Pronto para voltar ao trabalho?

Ele virou-se e assentiu, seu rosto uma máscara de indiferença.

— Você acha que eram eles? — perguntou, levantando-se da cadeira e esperando que não soasse nervosa. Mas inferno, eles injetaram um monte de drogas nela, levando-a nua para o exterior frio e deixando-a quando pensaram que poderiam ser pegos. Não admirava que a incomodasse que talvez tentassem algo como aquilo de novo! Ela enfiou a mão no bolso e sentiu a seringa, sua arma de defesa se precisasse de uma.

— Podem ser. Ou não.

Não tinha certeza o que a resposta de Ryan significava. Ele manteve qualquer indício de emoção fora de suas palavras, por isso, elas não eram tranquilizadoras, mas nem alarmantes tampouco. Ela jogou a garrafa de água vazia no lixo e dirigiu-se para a estação das enfermeiras.

— Não é que eu não aprecie você estar aqui por mim, Ryan. Eu realmente aprecio. Mas você colocará a si, a mim, e ao hospital em um monte de problemas se continuar dando assistência médica aos pacientes.

Ele abriu a boca para falar, mas depois franziu a testa e puxou seu telefone fora do cinto. Enquanto a acompanhava de volta à estação, abriu o telefone.

— Sim, Jake? Os mesmos? — Ele coçou o queixo, estudando-a.

Outro tremor atravessou sua espinha. Ryan estava tentando manter a expressão neutra, mas ela podia dizer que ele estava preocupado pela forma em que uma pequena ruga apareceu entre suas sobrancelhas e que seus olhos se estreitaram ligeiramente.

Merda. Esperara que, depois que Ryan, Darien e os demais afugentaram aqueles homens na noite anterior, seria o fim. Que, hoje, eles estavam sendo cautelosos demais e amanhã não precisaria de Ryan ou de qualquer outra pessoa para ficar na sala de exame com ela.

— Tudo bem, Jake. Tom irá vigiá-la. Já estarei aí. — Ryan levantou uma sobrancelha para ela enquanto fechava o celular. — As mesmas regras de antes. Não veja nenhum humano. Tom ficará com você desta vez. Christian vai vigiá-la da sala de espera. Mervin ficou com a porta de trás. Eu vejo você hoje à noite.

— Você vai tentar encontrá-los? — Ela odiou a quão preocupada soou.

— É o que eu faço, Carol. Sou um investigador incrivelmente bom. — Ele moveu-se até Tom que já estava vindo pelo corredor em direção a eles. — Seu irmão ligou para você?

Tom se juntou a eles e ficou perto de Carol na posição de guarda. — Aham. Jake me disse para ficar com ela.

— Ela só deve ver os pacientes especiais.

Carol revirou os olhos para ele, perturbada porque não achava que ela podia lidar com isso.

Ryan meio que escondeu um sorriso. — Christian está em posição?

— Sim, ele correu para cá e está sentado na sala de espera, fingindo ser um paciente, mas queria ser aquele na sala com Carol ao invés.

Ryan sacudiu a cabeça. — Ele pode querer tudo o que quiser, mas ela precisa de um de nós para vigiá-la.

As palavras não ditas eram que precisava de um alfa para proteção. E Mervin e Christian definitivamente não eram alfas.

— Eu concordo. — Tom disse. — Pronta para atender o seu próximo paciente, Carol?

Ryan hesitou em sair. Ele achava que Tom não poderia lidar com aquilo?

— Eu vou ficar bem. — Carol enfiou a mão no bolso e correu os dedos ao longo da seringa.

Para sua surpresa, ele aproximou-se, seu olhar permanecendo no dela conforme enfiava a mão no bolso, deslizando os dedos sobre o tecido interno que cobria sua coxa, num carinho muito sensual, antes dele puxar a seringa.

Os olhos de Tom ficaram ainda maiores quando viu a seringa. —O que é isso?

— Uma arma. — disse Ryan. Ele entregou-a de volta para ela. — Você não vai precisar disso, mas se lhe faz sentir-se mais segura... mantenha com você. Eu volto depois. — Então, ele se afastou pelo corredor.

De repente, não se sentia tão segura. Claro que Tom era um alfa, mas Ryan era realmente alguém a ser temido se qualquer um lhe desse uma má impressão. Droga, teve medo que ele pudesse dar a Robert Grayce um derrame e o pobre rapaz tinha rasgado tendões por causa de uma queda feia na mina de prata. Ela pensou que poderia até mesmo ter lhe convidado para sair se Ryan não estivesse pairando sobre ele até que o doutor veio examinar sua perna. Mas sentia-se extremamente segura quando Ryan estava com ela.

Agora, sentia-se apreensiva novamente e, embora pensasse que ele poderia ser mais bem-sucedido do que qualquer um tentando caçar os homens por causa de seu trabalho como investigador e treinamento de ex-policia, ainda desejava que ele não tivesse ido.

— Você está bem, Carol? Quer ir para casa? — Tom perguntou, a preocupação gravada em sua expressão.

— Não, não posso deixar os outros trabalhando aqui sozinhos. Vou ficar bem. — Ela deu um tapinha no peito dele. — Eu tenho você. — E a seringa hipodérmica com o coquetel de tranquilizantes em meu bolso.



Ryan acabou dividido entre ficar e proteger Carol e localizar os bastardos que a tinham levado do chuveiro. Odiava que ela sentisse que ainda não estava segura, tanto que precisava manter uma arma — uma seringa, ao estilo enfermeira — com ela para a sua proteção. Por outro lado, admirava-a por ter a precaução de se proteger e sabia que ela tinha coragem de levar a cabo seu plano, contanto que um suposto sequestrador não conseguisse uma vantagem.

Se pudesse pegá-los, ele teria certeza que nunca mexessem com Carol novamente, ou Lelandi, se tivessem em mente ir atrás dela depois. Encontrou Jake e Darien, suas expressões severas e determinadas, perto da floresta onde os vermelhos tinham fugido.

— Nenhum de nós pode se transformar tão perto da cidade. — disse Ryan.

Darien ergueu as sobrancelhas para ele.

Jake balançou a cabeça.

Bem, merda, Ryan estava acostumado a ser um líder e a não desistir do comando, mesmo no território de outro lobo, pelo menos não num caso como este, que era uma situação perigosa. Darien acenou para eles começarem a se mexer. — Vários estão vindo para ajudar na busca.

— Nós... você quer que a gente se separe? — perguntou, tentando ser mais receptivo e não tanto no comando, mesmo que isso o matasse.

— Ryan, você é bom em rastreamento. Provavelmente melhor do que a maioria do meu povo. Sam e eu vamos nos unir. Jake vai com você. Apenas tome cuidado se eles atirarem novamente.

Apreciando os comentários de Darien, assentiu e saiu enquanto Jake corria para alcançá-lo.

Marchando ao lado dele, Jake balançou a cabeça. —Eu nunca, nem em um milhão de anos, teria pensado que Darien diria aquilo sobre você. Mas sabe, eu acho que ele está começando a gostar você. Então, acredita no sexto sentido de Carol agora?

Ryan se abaixou para verificar um galho quebrado e então seguiu para o oeste. — Ela teve uma premonição sobre ser levada.

— Caralho. — disse Jake.

— Eu me pergunto se ela pensou que teve a visão mais cedo, mas, na verdade, teve pesadelos sobre isso após o fato, quando estava ainda meio dopada. — Não que não acreditasse nela, mas no seu negócio, sempre olhava todos os possíveis lados de uma questão.

No entanto, aquilo não explicava no que ela pensava quando estava sentada na caminhonete com um olhar

distante, como se não estivesse realmente lá. Exatamente como quando ele estava profundamente contemplando um caso e Rosalind interrompia a meditação com uma pergunta. Suspeitava que Carol estava dizendo a verdade, que teve uma visão e que realmente tinha outras habilidades psíquicas.

— Continue pensando que Carol não tem habilidades psíquicas e eu vou ter que acasalar com ela. — disse Jake.

Ryan olhou para o outro alfa. Ele parecia malditamente sério. —Então, por que diabos você não acasala?

— Irritantemente, ela sente algo por você.

Ryan quase sorriu.

— Nesta premonição dela... ela não lhe contou que alguém podia sequestra-la?

Olhando para cima de uma pegada, Ryan deu-lhe um olhar exasperado. — Você vai me ajudar a procurar esses caras ou apenas falar baboseira?

— Ela contou?

— Não. Ela disse que suas visões são muito vagas. Que não sabia o que esta queria dizer.

— Problema. Toda vez que ela teve uma visão, era um problema. — Jake cheirou o ar. — Nessa direção.

— Sempre?

— Desde que eu a conheço, sim. Então, ela sempre vai dar trabalho, eu suspeito.

O que apoiava a opinião de Ryan que Carol precisava de alguém singularmente qualificado em sua vida. Alguém que pudesse lidar com as situações perigosas nas quais se encontrasse. Ela não era uma policial ou treinada em táticas militares. No entanto, se previsse um crime sendo cometido e tentasse pará-lo, ou se o criminoso descobrisse que ela sabia sobre suas práticas, poderia colocar-se numa imensidão de perigo. Além disso, precisava aprender a controlar a mudança. Pelo que ela admitiu para ele, precisava de alguém para ajudá-la durante a transição.

Ryan fez uma pausa para examinar as folhas dispersas. — Eles correram por aqui. — Ele apressou o passo. — Ela precisa de um alfa, Jake. — Mas não qualquer alfa.

— Sim, eu sei. Portanto, isso significa você, eu ou Tom, a menos que nós a deixemos ir a outra matilha.

—Mas Tom acha que ele vai encontrar sua companheira de sonho.

—Sim, e quem diabos disse a Carol isso? — Jake franziu a testa, em modo de irmão protetor.

Ryan escondeu uma carranca. — Ela precisava saber a verdade. Carol nutria alguma noção de que Tom podia estar interessado nela.

— Oh.

Ryan olhou para Jake. — E você também.

— Mas ela praticamente derreteu em seus braços durante a dança. E o jeito que beijou você... — Jake balançou a cabeça. — Acho que isso significa que vou ter que desafiá-lo.

— Desafiar-me?

— Sim, ver quem ganha a mocinha.

Ryan riu baixinho. — Tenho certeza que ela adoraria isso. Provavelmente decidiria acasalar com Mervin ao invés e desistiria de todos nós.

— Sobre o que disse ao enfermeiro Matthew. Você realmente acha que ele estava com problemas na sua antiga matilha? — perguntou Jake.

Ryan sorriu um pouquinho. — Somente no que se refere a lutar contra o irmão de seu alfa, por causa de uma mulher, várias vezes. Aquilo não foi muito bem aceito por seu líder ou pelo segundo em comando.

Jake pareceu surpreso.

— Eu investiguei todos — aqueles da sua matilha e os que estavam juntando-se — apenas como uma cortesia para Darien, caso algo fosse importante.

— Você contou a Darien?

— Não houve necessidade. A mulher escolheu o rival de Matthew. Ele veio aqui para lamber suas feridas. Percebi que foi por isso que não assediou Carol ainda. Provavelmente, ele ainda sente alguma coisa pela mulher que não o escolheu.

—Mas você fez soar como se ele tivesse algo a esconder.

Ryan cheirou o ar. — O próprio fracasso dele. — Ele parou subitamente e apontou para o caminho que os três vermelhos tinham tomado desta vez. — Lá. Por aqui.

— Darien disse para levá-los para onde for preciso. Se eles lutarem contra nós, que assim seja.

Ryan assentiu. Se tivesse posto as garras sobre o homem que sequestrou Carol bem antes, o desgraçado estaria morto, sem discussão.

Ele e Jake rapidamente tiraram suas roupas e se transformaram. O confronto seria entre dois cinzentos e três vermelhos, se Ryan pudesse decidir aquilo. Então, ele correu pela mata em perseguição enquanto Jake contornava as árvores a poucos metros de distância.

Pelo menos, desta maneira, os vermelhos que caçavam estariam longe de Carol e percebeu que ela estaria segura, não importava quem cuidasse dela.

Por mais de uma hora, perseguiram os vermelhos que eram surpreendentemente rápidos. Esperando pelo próximo movimento deles, os três separaram-se e Jake perseguiu um enquanto Ryan foi atrás do outro. Mesmo que houvesse apenas eles dois na missão, isto mostraria a força dos cinzentos e, possivelmente, inibiria os outros lobos de tentar alguma coisa depois.

Foi quando Ryan descobriu um sítio de acampamento, tendas, brasas e as latas de atum e embalagens de biscoito espalhadas pelo chão. O que chamou sua atenção a seguir foi o homem que ele perseguiu e que já não estava correndo como um lobo. Meio vestido com uma calça jeans, o peito peludo nu, botas desamarradas, o rosto coberto por uma barba ruiva desalinhada e olhos âmbares cerrados, ele apontou uma arma para Ryan enquanto pairava perto de uma picape, seu veículo de fuga.

Merda. Tempo de decidir numa fração de segundos: pular no homem armado ou fazer uma volta rápida, tentar evitar ser baleado na parte de trás da cabeça e correr na direção de Silver Town. Enfiar o rabo entre as pernas não era o jeito de Ryan.

Antes que pudesse saltar, ele ouviu o som de tiro. A bala ricocheteou numa árvore e roçou sua pata dianteira esquerda antes que ele alcançasse o bastardo. Apavorado, o rapaz atirou novamente, duas vezes, sem mirar. E Ryan correu para trás de um abeto de Douglas.

As balas atingiram a árvore ao lado dele com um *whap...* *whap!* Quando saiu de trás da árvore para sujeitar o homem, o vermelho mergulhou na picape, bateu a porta, ligou o motor e arrancou com o carro, deixando uma trilha de poeira em seu rastro.

Droga. A pata dianteira de Ryan queimava, embora o ferimento a bala fosse superficial, pelo o que podia perceber. Lambeu o ferimento, sabendo que sua saliva lobo podia

reduzir alguns tipos de infecção bacteriana e que os estudos mostravam que esta podia realmente ajudar na regeneração celular por causa de fatores de crescimento epidérmico da saliva.

Ele uivou para Jake, avisando-o que perdeu a sua presa e estava indo em frente, mas, então, captou o cheiro do outro homem que havia se separado dos três e correu atrás dele. Cuidar do corpo ferido podia esperar.

Jake uivou para Ryan em resposta. Um coro de outros lobos avisou-o onde estavam e que tinham recebido a mensagem dele. Se os vermelhos já não estivessem se cagando de medo, o som de todos os cinzentos na floresta, provavelmente faria isso.

Incapaz de manter o ritmo mais rápido que usou para chegar lá, Ryan finalmente diminuiu para um trote por um bom tempo, sua perna sangrando um pouco e a ferida ainda queimando, enquanto procurava pistas sobre o terceiro homem.

Jake logo se juntou a ele, cheirou sua pata dianteira e trotou ao seu lado. Não poderia deixar de invejar Darien e seus dois irmãos. Sua irmã significava o mundo para ele, mas ter alguém que agia como um irmão e cuidasse de você quando estavam em pé de guerra era uma experiência única. E bem-vinda.

No entanto, pelo jeito, Jake devia ter perdido sua presa também.

Enquanto Ryan continuava a procurar por pistas do outro homem, Jake parecia mais preocupado com sua saúde, olhando para trás na direção do hospital, circulando como se quisesse voltar. Talvez porque ele continuava mancando, embora tentasse muito não fazer isso. Incapaz de localizar o vermelho, finalmente desistiu e fez um gesto com a cabeça em direção à cidade. Parecendo aliviado, Jake baixou a cabeça uma vez em concordância. Os dois correram até suas pilhas de roupas.

Quando as alcançaram e, em seguida, mudaram de forma, Ryan se atrapalhou com sua camisa. Jake parecia estar prestes a oferecer-se para ajudá-lo, mas ele finalmente conseguiu. — O que aconteceu com o seu cara?

— Você foi ferido.

— Merda, Jake, eu ficaria bem. Você o perdeu, não é?

— Carol não teria me perdoado se eu o abandonasse ferido e você morresse. Nós não sabemos se as balas que eles atiravam eram de prata ou não. E eu não sabia se o seu ferimento era superficial ou algo mais sério.

Ryan sacudiu a cabeça. — Eu não disse que fui ferido quando avisei a todos o que faria.

— Os tiros foram disparados nas redondezas de onde uivou. Você disse que tinha perdido a sua presa e estava indo em frente. Não que iria me ajudar a encontrar aquele que eu estava atrás ou seguiria o outro, mas estava voltando para onde tínhamos deixado as nossas roupas. O que significava

que estava ferido. Só não achei que você tentaria rastrear o terceiro cara de qualquer maneira.

Lutando com o cinto, Ryan sorriu um pouco. — Você daria um bom detetive.

— Apenas uma observação da sua natureza. — Jake disse, sem emoção, contudo, pela forma como sua boca se elevou ligeiramente nos cantos, pareceu que ele apreciou o comentário. — Ainda assim, você não deveria ter ido atrás do outro cara. — Ele vestiu sua camisa. — Ser um herói ferido sempre impressiona uma moça. Por que não pensei nisso antes?

— Você levaria uma bala só para ganhar pontos com Carol? Eu duvido que ela ficaria muito feliz com o resultado. — Ryan bufou. — Além disso, um herói resolve o crime e salva a donzela em perigo. Eu só consegui ser baleado. Onde está o heroísmo nisso?

— É a intenção que conta.

Não estava se sentindo nem um pouco heroico. Ryan sacudiu a cabeça. — Além disso, não preciso de cuidados. É apenas um arranhão e as balas, graças a Deus, não eram de prata.

— O que significa?

— Eles não estão tentando nos matar. — Pelo menos, era o que acreditava desde que não usaram balas de prata. Balar uma árvore não tinha sido o plano do vermelho, Ryan

achava. — Mas se eles continuarem tentando levar Carol... — ergueu o ombro bom, com uma ligeira contração. — Eu não serei responsável por minhas ações.

— Você e eu. — Jake rosnou. — Ou Darien ou Tom, acredite em mim.



Depois que mais alguns dos alfas deixaram o hospital para perseguir os homens de North, ele tentou esgueirar-se como um paciente para ver Carol. Sabia com certeza que Lelandi não estava lá, portanto, ela não estaria no local para identificá-lo. Por alguns minutos, estaria sozinho com Carol numa sala de exames antes que o Dr. Weber, que também poderia identificá-lo, aparecesse. North deu um tapinha na seringa no bolso, desta vez com uma dose de tranquilizante muito menor para que ele pudesse levar Carol para fora da janela. Ela ainda estaria em seus pés, mas sonolenta e incapaz de lutar contra ele.

Com as suas mãos úmidas plantadas dentro dos bolsos do blusão, tentou parecer calmo, em vez de nervoso enquanto esperava a vez da enfermeira chamá-lo. Felizmente, a mulher no balcão não pareceu pensar nada sobre o fato de ele especificamente pedir por Carol. Enquanto observava uma revista, fingindo interesse em um artigo, seu foco permaneceu na recepcionista. Estava ouvindo suas conversas telefônicas para se certificar de que ela não alertasse ninguém sobre ele.

Percebeu que um dos homens sentados na sala de espera estava aqui para proteger Carol. Além dele, um idoso careca com roupa de correr, duas mulheres, uma com um menino pequeno, todos humanos, estavam à espera para serem chamados. North não tinha hora marcada, mas as mulheres também não, então, se encaixavam perfeitamente.

Com um cabelo rebelde, o jovem voltou sua atenção na direção do corredor, nenhuma vez olhando para North. Idiota. Se ele era um guarda, certamente seria fácil escapar dele. O homem não parecia doente e era definitivamente um cinzento. Estava ali desde antes que a mulher e sua filhinha chegassem e ainda estava sentado, sem ser chamado.

O enfermeiro fez um gesto para o homem idoso. — Sr. Howard? — O velho levantou-se rigidamente, resmungou sobre a mudança para a Flórida e as temperaturas mais quentes e seguiu-o pelo corredor.

O guarda estava ali antes do ancião também. North sabia porque observou o local por umas boas duas horas do outro lado da rua, longe de onde seus homens estiveram posicionados. O estratagema havia funcionado, atraindo os alfas a persegui-los. Felizmente, nenhum deles seria pego e seriam bem-sucedidos em sua missão desta vez. Embora tivessem reclamado sobre ele fazer o trabalho interno. Eles poderiam grasnar tudo que quisessem. Carol seria dele.

North engoliu em seco. Caramba, sua garganta estava em carne viva. Uma coceira começou lá e sem ser capaz de acabar com aquilo, ele tossiu. O que levou a outra tosse seca.

Merda, não precisava fingir estar doente e percebeu que estava destinado a sorte de seu primo em breve. Então, Carol veio do fundo do corredor, desta vez vestida em um uniforme de gatinho, seu cabelo loiro saltando com o seu andar, a memória dela nua em seus braços o fazendo ficar excitado mais uma vez. Ele quase a teve. De jeito nenhum seus homens teriam a chance de convencê-la que eram mais adequados.

— Sr. Graylink? — Carol chamou.

North escondeu um sorriso sinistro.



CAPÍTULO 17

O guarda, que estava na sala de espera do hospital, estava de olho em Carol até que ela mencionou o nome falso de North. Foi quando olhou para ele e pareceu perceber que talvez fosse alguém a ser observado. Mas o guarda não fez nenhum movimento e Carol sorriu enquanto North se levantava e caminhava em sua direção, tossindo para fazer efeito, embora o desejo de fazer aquilo estivesse lá de qualquer maneira.

— Como nós estamos, Sr. Graylink? — ela perguntou, caminhando com ele em direção à estação de pesagem.

— Venho doente. Com febre. Tosse. Tudo junto. — Odiava admitir aquilo. Como um lobisomem, geralmente só se transformava. Se fosse uma condição viral humana, seu lado lobo iria extingui-la pois era intransferível. A mesma coisa se tivesse uma crise de gripe canina. Mas, desta vez, esta era diferente. Seu primo era a prova disso.

North quase teve um ataque cardíaco quando viu o irmão mais novo de Darien, Tom, observando Carol da estação. Nada bom. Não percebeu que o outro macho estava

ali. O alfa estava olhando para ele com desconfiança. North era muito baixo para ser um cinzento e usava o spray de caçador, então Tom não poderia sentir que era um lobo também. Teve medo que, se não usasse um nome de cinzento, não pudesse entrar para ver Carol já que ela era recém-transformada. Agora, estava com medo que esconder seu cheiro criaria o mesmo problema.

Tom aproximou-se, respirou fundo, analisando o ar, e ergueu a mão. — Carol, você tem um outro paciente esperando por você.

North tossiu de novo, só que desta vez não conseguiu evitar. A maldita coceira em sua garganta não iria parar, porém estava tão dolorida que estava pronto para rasgá-la. Ele amaldiçoou Connor por contratar o bioengenheiro e o próprio homem pelo que tinha feito com a matilha renegada.

— Só desta vez, Tom. — Sorriu para North. — Você não se importa se Tom Silver permanecer na sala de exame com a gente, não é? — Ela encolheu os ombros. — Namorado perseguidor. Preciso ter um guarda-costas o tempo todo, até que pegá-lo.

North sorriu, esperando que sua expressão não parecesse muito malvada. Namorado perseguidor. Isso estava quase certo. Mas então, ficou sério e balançou a cabeça, mesmo que isto não fosse o que ele tinha em mente. Uma sala de exames sozinho com Carol, foi o que planejou. Percebeu que não tinha muita escolha. Caralho. Teria que

derrubar Tom e depois pegar Carol. Com sorte, não fariam muito tumulto e conseguiria concluir o plano.

Tom balançou a cabeça. — Darien disse apenas casos especiais.

“Especiais” seriam apenas *lupus garou* porque ela não controlava a mudança, North presumiu.

— Matthew está vendo um paciente. — Carol disse, parecendo exasperada. — Eu só vou estar com o Sr. Graylink por um momento. Você vai ficar comigo. Então, o doutor vai vê-lo.

— Não, Carol. Darien me mataria por causa disso. — Ele disse a North:— Desculpe. Por favor, sente-se mais uma vez na sala de espera. Matthew vai estar com você em um minuto.

North pigarreou com a garganta cheia de catarro. — Provavelmente não há nada que o doutor possa fazer, além de mandar repousar. A não ser que esteja com sinusite. Eu poderia muito bem voltar para casa.

— Quais são os seus sintomas? — Perguntou Carol. Ele amou o jeito carinhoso como ela falou.

— Carol. — Tom disse, exasperado.

— Se ele tem sinusite, precisa usar antibióticos. — disse com firmeza.

— E Matthew pode cuidar disso. — Tom não recuaria, mas tampouco ela faria tal coisa.

North esperou, o suor cobrindo sua testa.

O olhar de Carol mudou, franzindo as sobrancelhas. — Você teve febre?

— Trinta e oito graus. — Mentiu. Teve uma febre, mas foi baixa e havia desaparecido na manhã anterior. — Mas isso foi ontem à noite. Eu não tive esta manhã. E os meus dentes estavam doendo, além da minha cabeça e ouvidos. — O que era verdade.

— Venha aqui e eu vou medir sua pressão arterial e temperatura.

Tom cruzou os braços e o encarou. Em resposta, North tentou parecer discretamente doente e inofensivo. Apesar de se sentir péssimo, ainda conseguiria lutar bem.

— Sem febre. — disse Carol, num tom tranquilizador. — Venha comigo e pode esperar na sala de exame pelo doutor.

Tom deu-lhe um olhar como se pudesse estrangulá-la. Ela o ignorou. North escondeu um sorriso.

Quando entraram no quarto, ela fez um gesto para ele se sentar numa cadeira e ergueu um prontuário, esperando para questioná-lo sobre os seus sintomas. Tom observava-o como um predador e não tinha certeza se poderia supera-lo e Carol antes que o alarme fosse acionado.

Merda, ele estava aqui e era o seu show. Sem mais hesitação e com um balanço bem dirigido, bateu com o

punho na bochecha de Tom. Ele cambaleou para trás, colidiu com a mesa de exame e xingou.

Carol gritou e North soube que não tinha chance de levá-la agora. Ainda assim, puxou uma seringa do bolso do casaco, mas para sua surpresa, ela puxou uma de seu uniforme também. Por um momento, eles olharam um para o outro, seringas em punho como dois espadachins em batalha. Ele sorriu. A mulher era valiosa de se ter.

Então, ele se esquivou para fora da sala. Empurrou para o lado o enfermeiro que vinha em sua direção, saiu em disparada pelo corredor, passando por um assustado Dr. Weber, e mergulhou pela porta dos fundos antes que um cara com uma jaqueta de listras vermelhas e brancas pudesse até mesmo levantar-se da cadeira. Lobo beta.

— Você está bem, Tom? — Carol perguntou, tocando seu ombro e sentindo-se horrível sobre toda a situação.

Ele lançou-lhe um olhar furioso.

— Eu vou... pegar uma trouxinha de gelo.

Quando voltou à sala de exame, o doutor estava balançando a cabeça.

Parecendo envergonhado, Christian, que havia abandonado seu posto de guarda na sala de espera muito tarde para ter sido de qualquer ajuda, e Mervin estavam na porta observando-os. E não disseram nada, provavelmente pensando que Darien ficaria puto pra caramba com eles por

deixar um dos vermelhos chegar muito perto de Carol e, em seguida, deixá-lo escapar.

Tom olhou com raiva para ela. — Ele não era humano.

— Eu sei disso agora. — disse, irritada, mas também com remorso.

O doutor pigarreou: — Este era North, um vermelho da minha antiga matilha. Provavelmente usava um spray de caçador. Não senti seu cheiro enquanto corria por mim. Onde diabos está Ryan? Eu pensei que ele vigiaria você. — A conclusão foi que ele não teria deixado ninguém se aproximar de Carol como Tom e os outros deixaram.

Ela se sentiu mal também. Se não tivesse insistido em ver o paciente, querendo provar que ainda podia atender humanos sem qualquer ameaça de mudança, para que eles lhe permitissem ser uma enfermeira como devia ser, Tom não teria sido ferido ou estaria em problemas com seu irmão mais velho. Jake ficaria tão irritado quanto Darien, imaginou. E Ryan também.

Matthew enfiou a cabeça dentro da sala. —Tenho um caso de um menino que provavelmente precisa ser encaminhado para um cirurgião ortopédico em Denver, doutor.

O médico deu a Carol um olhar severo que a lembrou de que era uma da matilha e precisava obedecer a regras. —Eu vou cuidar dele. — disse a Matthew.

Tom tomou conta dos guardas. — Mervin, volte ao seu posto. Christian, fique fora da sala de exame até que Carol termine o turno.

Sentindo-se uma *lupus garou* fracassada, ela trabalhou por mais três horas, vendo um paciente doente atrás do outro, mas não podia deixar de se preocupar com Ryan e Tom, sabendo que causou problemas para eles.

Depois de terminar com outra fêmea cinzenta que estava gripada, pensou novamente sobre Ryan. Mesmo que não quisesse que ele colocasse a si ou a equipe do hospital em apuros por dar conselhos médicos, sentia falta de seus antídotos, tudo feito no espírito de querer ajudar os outros em necessidade.

Percebeu então que ele era semelhante a ela neste aspecto. Ajudando como investigador, procurando pessoas desaparecidas, cônjuges rebeldes ou fraudes de seguros. Como prefeito, tentando dar ao seu povo uma melhor qualidade de vida.

Olhou para fora da janela entre os pacientes, conforme Christian sentava-se fora da sala de exames dela e servia como guarda, enquanto Tom a vigiava do interior do cômodo. Ele finalmente parou de franzir o cenho para ela e estava resignado ao seu destino, mas odiou ver onde o vermelho o feriu, um lembrete de que nem todo mundo pode ser confiável, doente ou não.

— Ryan vai ficar bem. — Tom disse finalmente.

No momento, estava preocupada como Ryan, Darien e Jake reagiriam quando soubessem que North tentou levá-la novamente, desta vez do hospital, e Tom foi derrotado por ele.

— Ryan já foi baleado três vezes: um marido infeliz flagrado em adultério, um caso de fraude de seguro contra incêndio e uma tentativa de assalto no banco ao lado de seu escritório de investigação. Ele sempre sai vencedor. — Tom continuou.

Carol fechou a boca escancarada. — Como...

— Darien o checkou. Você não acha que ele o contrataria para ser seu guarda-costas sem ver se tinha coragem para fazer o trabalho, não é?

— Mas... se ele já foi baleado tantas vezes, Darien não teve medo de que não faria o trabalho direito?

— Ele teve centenas de casos ao longo dos muitos anos que viveu. Assim, proporcionalmente, atua muito bem.

— Você realmente não parece gostar dele. — disse ela, embora Tom a tivesse surpreendido desta vez, soando menos severo a respeito de Ryan do que antes quando os dois estavam se intrometendo no assunto um do outro.

— Eu acho que Jake deveria ser a pessoa certa para você. Então, nós a manteríamos na família.

Pela primeira vez, Carol viu que ele realmente agia como um irmão protetor. Ela sorriu. — É gentil de sua parte. Mas ele não demonstrou qualquer interesse concreto.

Tom balançou a cabeça e fez uma careta. — Ele só soube recentemente de algo que todos sabiam, eu receio.

Seu celular tocou e Carol olhou para o identificador de chamadas. Sua mãe. Ela ficava tão irada toda vez que se visitavam recentemente, porque alguém da matilha sempre as acompanhava. Lelandi, Silva ou um dos irmãos de Darien. Imaginou que sua mãe estava brava sobre isso novamente, mas não poderia lhe contar porque Darien sempre a quis acompanhada — que era uma lobisomem recém-transformada e podia deixar sua “condição” escapar.

Agora, após ser sequestrada, os membros da matilha estavam protegendo-a num grau ainda maior. Com esperanças, sua mãe não iria querer se reunir novamente em breve, embora ela adorasse ir às compras com Carol ou compartilhar um almoço. Mas como poderia explicar que estava sendo vigiada mais do que o habitual, de novo?

—Olá, mãe. E aí?

—Ryan McKinley me ligou.

O cérebro de Carol virou mingau. Nem em um milhão de anos pensou que Ryan ligaria para seus pais. — Ele ligou para você? Por quê? — Seu pai sempre foi um verdadeiro beta em termos de lobo, embora ele fosse humano como sua mãe. Ela certamente usava as calças na família.

Sua mãe hesitou em dizer o porquê McKinley ligou e Carol não soube o que pensar. — Mãe?

— Você contou a ele que eu mandei você ver aquele psiquiatra?

Porcaria. Então, ele estava tentando descobrir se ela dizia a verdade a respeito da morte da esposa de Dr. Metzger? Ryan era um investigador, teve que lembrar a si mesma. Era seu negócio investigar e ele não obteria a verdade do médico, não com as questões de confidencialidade do paciente. Mas ligar para a mãe dela...

— O que ele perguntou a você, mamãe?

— Eu não lhe disse nada. Desliguei na cara dele. Isso foi o que eu fiz. Não tinha direito de me ligar. Ele é quem não acredita em suas habilidades. Não foi o que você disse? Eu não tenho tempo para pessoas assim. Não me importo se ele está interessado em sair com você. Ele não pode. E essa é a minha palavra final.

Carol levantou as sobrancelhas. — Eu tenho vinte e seis anos, mãe.

— Você está saindo com ele?

— Bem...

— Oh, Carol. Você não pode estar falando sério. Seus relacionamentos nunca funcionam. Você precisa de alguém que pelo menos acredite no que pode fazer, como seu pai e eu.

— Eu só tive um relacionamento de verdade. E este foi logo depois da escola. — Houve uma pausa significativa e Carol olhou para o prontuário do paciente novamente.

Sua mãe disse: — Eu quero netos.

Carol mordeu o lábio e olhou para Tom. Ele olhava pela janela da sala de exame, mas ela sabia que estava mentalmente tomando notas de tudo o que dizia à sua mãe. Falar com qualquer membro da matilha era aceitável. Mas, conversar com um humano sozinha, mesmo quando essa pessoa, por acaso, fosse sua mãe? Não era permitido. O que era ridículo. Se cometesse um deslize sobre ser lobisomem, quem acreditaria nela? Eles pensariam que estava brincando.

Bem, talvez não, já que Carol era vidente e seus pais tiveram finalmente que aceitar o fato. E se contasse a verdade para eles? Estariam destinados a ser como ela. Ou mortos. De acordo com Lelandi, qualquer pessoa que soubesse que os *lupus garou* existiam tinha duas escolhas: tornar-se um deles ou morrer.

Isto parecia cruel, mas era a única maneira pela qual a espécie deles sobreviveu por um milênio ou dois. Carol podia imaginar o que aconteceria se descobrissem que os lobisomens eram reais. Eles seriam tratados de forma diferente, como párias, e provavelmente examinados impiedosamente.

O pior de tudo? Eles eram verdadeiras fontes da juventude, vivendo muito mais tempo do que suas

contrapartes humanas. E se os humanos pudessem fabricar a anomalia que dava aos lobisomens maior longevidade e a engarrafassem? E se todo mundo quisesse ser lobisomem?

Humm, isto poderia ser uma coisa boa, ela supôs. Sem esconder mais o que eram.

— Carol? Você está me ouvindo? Eu quero netos. — Sua mãe repetiu ao telefone.

Ela deu uma respiração profunda. Como poderia dizer a sua mãe que netos estavam fora de questão? Que eles seriam crianças-lobisomem e quem sabia quais tipos de problemas poderiam enfrentar? Como criaria pequeninos *lupus garous* quando não cresceu como uma e ainda estava atrapalhada com sua própria identidade?

— Mãe, eu estou trabalhando no hospital e preciso ir.

— Você planeja ter filhos, não é? Você é a única filha que nos resta agora.

O sentimento de culpa veio de novo. — Eu preciso de um cara na minha vida primeiro.

— Eu não deveria ter desligado na cara de Ryan, não é?
— Sua mãe parecia realmente arrependida do que fez.

Carol sorriu. — Provavelmente ele mereceu. Tenho que ir. Falo com você mais tarde.

— Da próxima vez que fizer uma visita, traga Ryan junto. Eu não o conheci e quero ter certeza de que seja certo

para você. Isto é, se está determinada em namorá-lo. Eu vou ter uma conversinha com ele sobre a sua singularidade.

Singularidade. Mesmo agora, sua mãe não tinha coragem de dizer que ela tinha habilidades psíquicas. — Ele vive em Green Valley.

— Eu sei, eu sei. Ele me contou. Apenas o traga aqui algum dia. Em breve.

— Tudo bem. Tchau, mãe.

— Pergunte se ele quer ter filhos. É importante discutir essas coisas com um cara no qual você está interessada.

— Tudo bem, se eu conseguir fazê-lo ficar interessado.

— Ele está interessado, Carol, ou não teria me ligado.

Sua mãe podia não ter habilidades psíquicas, mas era bastante intuitiva quando se tratava de entender as pessoas. Ainda assim, Carol pensava que Ryan só tinha uma coisa em sua mente quando ligou.

— Você não acha que ele só iria perguntar se eu realmente tive uma visão sobre a esposa do médico?

— É claro que iria. Foi isto o que me deixou louca. Não deveria ter que perguntar. Mas ele não teria se incomodado em me ligar, se não estivesse intrigado sobre você. E eu amei a voz sexy dele.

Muito embora não tenha gostado que Darien mudou-a para sua casa, ou que ele, seus irmãos ou Lelandi estivessem

sempre a vigiando, sua mãe amava as vozes sensuais dele e de seus irmãos. Havia algo no timbre dos machos alfa que fazia todo mundo prestar atenção.

Uma chamada em espera avisou-a que tinha outro alguém na linha. — Eu tenho outra chamada, mãe. Nós vamos ter que conversar mais tarde.

— Tudo bem, querida. Tchauzinho.

— Tchau, mãe. Obrigada por me ligar.

Carol desligou o telefone e, em seguida, olhou para o identificador de chamadas. Rosalind McKinley? Era a irmã de Ryan? Parecia para Carol como se realmente estivesse namorando-o, do jeito que todo mundo estava ligando para ela para falar sobre ele. Pelo menos, isto era o que suspeitava que sua irmã queria, já que nunca encontrou Rosalind... ou falou com ela antes. O dia ficava cada vez mais estranho.

— Olá, aqui é Carol Wood. Como posso ajudá-la?

— Oi, Carol, aqui é Rosalind McKinley, a irmã de Ryan. Eu me pergunto se ele já lhe disse o quanto a quer.

Ela olhou para Tom, que estava tentando ouvir sua conversa. Ele colocou o embrulho de gelo sobre o balcão, cruzou os braços, com o olhar irritado, e não se moveu da sala.

— O que faz você pensar isso? — Carol perguntou a Rosalind. Ela já gostou da mulher por ter tido a coragem de ligar. Mas se perguntou se a irmã de Ryan realmente sabia o

que estava falando ou apenas pensava que conhecia seu irmão tão bem.

— Oh, Carol. Posso chamá-la de Carol, não posso?

— Claro.

— Bem, Ryan não foi capaz de pensar em nada desde que conheceu você há cinco meses. Era Carol isso e Carol aquilo e melancólicos olhares pensativos, cortando lenha, andando pra lá e pra cá pelo nosso carpete, incrivelmente distraído sempre que eu tentava falar com ele.

— Ryan disse coisas boas sobre mim, então? — Carol sentiu um rubor ardente.

— Oh, não... de modo algum.

Aquilo atingiu-a como se tivesse acabado de ser pulverizada com uma ducha fria, apagando o sentimento morno e vago de uma só vez. —Não? O que, então?

— Meu irmão estava obcecado por você. Ainda está. Acasale-se com o pobre tolo e o tire de sua miséria. Eu não posso esperar para conhecê-la. Nenhuma outra mulher já teve esse tipo de efeito sobre ele. É maravilhoso.

— Mas o que Ryan disse exatamente sobre mim para você?

— Ele tirou toneladas de fotos suas. Mantém no topo da pasta e, apesar do caso estar encerrado, tem o arquivo acessível. Não para estudar o caso, mas para dar uma outra olhada para você. Sabe o que isso significa, não é?

— Não exatamente. — Carol observou que Rosalind não disse exatamente o que Ryan lhe falou sobre ela tampouco.

— Ele está apaixonado. Nunca o vi tão apaixonado por uma mulher. Mas estava preocupada que ele podia não esclarecer o assunto com você, então, pensei que seria melhor ligar e avisá-la como ele se sente. Apenas por precaução.

— Humm, obrigada. — Eu acho. Carol podia perfeitamente imaginar-se dizendo a Ryan que sabia que a amava e estava feliz que se sentisse assim. Ele olharia para ela como se tivesse perdido a cabeça.

— Não me agradeça! Eu vou ganhar uma irmã!

Seu comentário a fez sorrir.

Um tumulto surgiu no lobby e ganhou a atenção dela e de Tom, que se moveu para o corredor para verificar. — Nós vamos ter que ter essa conversa depois, Rosalind. Muito obrigada por me ligar.

— Podemos almoçar em breve?

Carol já gostou muito de Rosalind, sua simpatia, entusiasmo e camaradagem. Ela parecia ser alguém que estaria ao seu lado se precisasse. — Um almoço parece ótimo.

— Inferno, eu estou bem, droga. — Ryan rosnou na área de espera.

Carol franziu as sobrancelhas e olhou para o corredor, mas era incapaz de ver Ryan. A emoção de tê-lo de volta sem

um arranhão foi moderada pela preocupação de que ele estaria com raiva de Tom... ou dela... por permitir North na sala de exame.

Jake disse em um tom de repreensão: — Não me diga que é uma daquelas pessoas que é um paciente horrível. Se não for em paz, vou ter que mandá-lo para Matthew verificá-lo ao invés de Carol. E você definitivamente não vai ganhar pontinhos lá. Garantido. Você escolhe.

Com o coração pulando, Carol olhou para Tom.

Ele lhe deu um sorriso torto. —Acho que com essa, são quatro vezes. A menos que tenha sido ferido de alguma outra forma.

— É meu irmão que está rosnando sobre algo? — Rosalind perguntou.

— É, mas não tenho certeza sobre o que. Eu tenho que ir. Problemas no hospital. — Referentes ao seu irmão, mas não estava prestes a dizer aquilo, caso não fosse nada. —Eu ligo mais tarde.

— Estarei ansiosamente esperando. — Elas desligaram.

Assustada, Carol empurrou o registro do próximo paciente no suporte. Se Ryan havia sido baleado porque estava tentando protegê-la, nem mesmo queria pensar nisso.

Ela correu na direção da sala de espera.



CAPÍTULO 18

Quando Carol viu a manga ensanguentada da camisa de Ryan, ela franziu a testa e apressou o passo em direção à área de espera do hospital. —Vamos levá-lo à uma sala de exames.

— Eu estou bem. É apenas um arranhão, pelo amor de...

Ela lhe deu um olhar para ele conter a língua. Ele notou as duas pequenas meninas na sala de espera e bufou. Então, sem dizer uma palavra, foi com ela pelo corredor enquanto ela segurava seu braço, todo seu corpo se tensionado. Tocá-lo a fez se sentir muito mais segura. Embora ela estivesse com medo que, tão logo ele visse Tom e o galo que ele tinha, Ryan ficaria mais do que furioso com ambos.

— O que aconteceu? — Ela perguntou.

— Eu estava perseguindo um dos vermelhos como um lobo, e quando eu o encontrei, ele se transformou e apontou uma arma para mim.

Eles se aproximaram da sala de exame enquanto Jake seguia atrás. — E então ele deu um tiro em você?

— Alguns, mas ele errou todas as três vezes, mergulhou para dentro de sua picape e fugiu em disparada.

— Errou todas as três vezes? — Ela tocou a manga da camisa dele, o sangue manchando a estampa azul e branca.

— Ele teve sorte. Uma ricocheteou numa árvore ou ele nunca teria me atingido.

Ela franziu a testa para ele. — Você foi atrás dele, mesmo quando soube que ele tinha uma arma, não é? — Nada surpreendente, mas ela não gostava que ele assumisse tais riscos também. — Você não deveria ter ido.

Ele deu-lhe uma severa careta de volta, com as mãos apertadas em punhos. Ela sentiu seu músculo apertar sob os dedos dela. — Ao atacá-lo, eu o deixei desprevenido. Se eu não tivesse feito isso, ele poderia ter disparado vários tiros estáveis no meu traseiro em retirada.

— Eu espero que você não tenha continuado a persegui-lo. — Ela o repreendeu.

— Enquanto ele estava dirigindo uma picape? Nada provável.

— Eu teria pensado que você podia continuar a procurar pistas dos outros caras. Pelo menos, você imediatamente veio aqui para ser tratado.

Ele não disse nada.

Ela olhou para Jake. — Você veio direto para cá, não é?

Jake balançou a cabeça.

Ryan disse: —Se Jake não tivesse insistido, eu não estaria aqui para ser examinado por você ou pelo doutor. Eu tenho um trabalho a fazer e ser um paciente não está na relação.

— Você estava assim tão mal nas outras vezes?

Com a expressão confusa, ele franziu a testa. —O que você quer dizer?

— Quando você foi baleado nas três outras vezes. Você se comportou como um paciente indisciplinado antes?

— Eu estava inconsciente em duas ocasiões.

Chocada, ela abriu os lábios.

Foi quando Ryan notou Tom na sala de exame, e sua bochecha inchada e vermelha. — Inferno, o que aconteceu?

— North tentou levá-la. A culpa é minha. — Tom olhou com culpa para Jake.

Jake xingou baixinho e fez um gesto para a sala de descanso. — Diga-me o que aconteceu.

O silêncio se estendeu entre Ryan e Carol. Ela percebeu que ele já estava bravo com ela, sem nem mesmo saber o que tinha acontecido. Ela o levou para a sala de exame e fechou a porta. Ele ainda não disse nada, o que a deixou mais constrangida do que antes. — Foi tudo culpa minha. — Ela

finalmente admitiu. — Não de Tom. Ele insistiu para Matthew ver o paciente. Mas o homem estava realmente doente.

— Ele era um vermelho. — Ryan rosnou.

— Sim, mas não conseguimos sentir o cheiro dele. Por essa razão, Tom não queria ele fosse atendido por mim, pensando que ele era humano. — Ela guiou Ryan até o outro lado da sala e segurou seu braço bom para ajudá-lo a subir na mesa de exames. Assim que ele estava acomodado, ela o soltou, mas ela permaneceu de pé ao lado dele.

— Inferno, Carol. Se você não podia cheirar se ele era um vermelho ou cinzento, Matthew deveria tê-lo atendido.

— Eu sei. Eu sei. Foi minha culpa. — Ela reiterou. — Eu... eu só queria provar que podia continuar a atender pacientes, humano ou *lupus garou*, sem colocar ninguém em qualquer dificuldade.

Ryan não disse nada por um momento, como se ele estivesse realmente pensando o porquê isso era tão importante para ela.

— Ele escapou. — Ryan soou resignado e um pouco cansado enquanto ele colocava um cacho do cabelo dela atrás da orelha. — Um homem pode se acostumar com uma mulher cuidando dele.

Pela maneira como ele estivera agindo tão relutante para ser examinado, ela esperava que ele mantivesse a resistência. Este negócio com o North e o jeito que ele mudou de

assunto... bem, a mudança em sua atitude a confundiu totalmente. Talvez, na frente de Tom, Jake ou alguém como Christian, que estava ao alcance da voz, Ryan sentia que devia representar. Principalmente, ela estava feliz que ele não estava zangado com ela sobre ela atender North e colocar a Tom e a si mesma em risco.

— Eu serei mais cuidadosa da próxima vez. — Ela disse suavemente, odiando ter de concordar, mas não estava disposta a ter alguém ferido por causa dela ser tão teimosa.

Ela pressionou-se contra os joelhos dele para desabotoar a camisa, mas ele espalhou as coxas, puxou-a entre suas pernas e levantou uma sobrancelha. —É mais fácil de chegar até os botões. — Parecia que ele estava tentando conter um sorriso. Diabólico, desejoso e libertino.

Ela tentou ser profissional sobre isso enquanto suas pernas a prendiam, suas coxas tocando a pele dela, aquecendo-a através de seu uniforme, fazendo seus mamilos formigarem. Ela deveria tê-lo afastado, ido para o lado dele, mas ela não achava que ficar perto da coxa dele do outro lado seria menos... erótico.

De repente, ela se lembrou da forma como ele a tocou naquela manhã na cama de dossel, a forma como suas mãos, boca e corpo tinham provocado-a à submissão. Deixou o corpo dela em chamas de desejo. Mesmo agora, com a proximidade deles, a forma como suas coxas duras a tocavam, seu rosto inclinando-se para perto do dela, ela estava ficando molhada com a necessidade.

Sua mente lutava com seu coração. Ela queria levantar o queixo e beijar os lábios dele, envolver seus braços em volta da cintura dele, segurá-lo pertinho e saber que ele estava seguro. Mas o doutor viria em breve.

Ela pretendia estender a mão, desabotoar a camisa de Ryan e cuidar dele como uma enfermeira deveria, mas a mão dele segurou seu queixo e sua boca abaixou-se sobre a dela. Um beijo rápido, ela pensou. Um verdadeiro... beijo... rápido.

Mas, tão logo ela inclinou os lábios ao encontro dos dele, assim que ela fechou os olhos para saborear o beijo bem rápido, ela ficou perdida. Perdida na maneira como as mãos dele seguraram seus quadris, impedindo-a de fugir, perdida na maneira que sua boca sedutora pressionava firmemente contra o dela, aumentando a pressão e deslizamento sobre a dela, sua boca persuadindo-a abrir a dela. Criando um caminho íntimo entre elas.

Ela gemeu e jurou que ele repetiu sua emoção, suas mãos descendo sobre as nádegas dela, puxando-a contra sua virilha. Apesar de estar ferido, ele estava duro e a querendo novamente. De alguma forma, nos pensamentos cheios de luxúria, ela ouviu alguém vindo enquanto a língua de Ryan se enroscava com a dela. Ela parou, momentaneamente quieta, querendo impulsivamente continuar com a paixão imprudente, mas sabendo que não podia.

Ryan soltou-a uma maldição em voz baixa, talvez para si mesmo por perder o controle, talvez a quem vinha na direção deles. Talvez para ela por deixá-lo todo excitado novamente.

Tão rapidamente como ela conseguiu, ela desabotoou seus botões, sentindo-se excitada, carente e desesperada para terminar o que eles tinham começado. Então, ela puxou gentilmente a camisa de seus ombros, suas mãos roçando a pele aquecida. Ela olhou para ele, esperando que ele estivesse ignorando-a. Mas ele não estava. Seu olhar ainda ardia com fascínio luxurioso. Ela limpou a garganta e passou a camisa pelos braços, tentando não machucar o braço ferido.

Ele prendeu a respiração. — De alguma forma, eu não vejo a enfermeira tirando a roupa do paciente de forma habitual, a não ser que o cara esteja meio morto.

Seu rosto corou quando ele não deveria, mas ela não iria deixá-lo impedi-la de fazer seu trabalho. — Você está ferido, Ryan McKinley. Seria muito difícil para você desabotoar sua camisa com uma mão. O que eu deveria fazer? Ver você lutar contra a dor? Além disso, eu não vou tirar suas calças.

Ele riu como um lobo. Inferno, do jeito que eles estavam agindo, ela podia ter feito exatamente isso!

— O que está ocorrendo entre nós é estritamente profissional. — Pelo menos, este fora o plano antes que ele a puxasse entre suas pernas e começasse a beijá-la.

Quem estava vindo em direção ao quarto já tinha passado e Carol respirou aliviada. Tentando ignorar a forma como Ryan a aquecia até o núcleo e fazer o seu dever como uma enfermeira treinada, ela limpou o sangue em seu braço, feliz por ver que a bala tinha apenas roçado-lhe como ele

tinha dito. Dada a capacidade de cura avançada dos lobisomens, a ferida deveria curar suficientemente pela manhã.

Ryan pegou sua mão e olhou em seus olhos, como se ele estivesse pronto para analisar cada reação dela.

— Você teve alguma visão disto ou de qualquer outra coisa? — ele perguntou.

Incerta se ele ainda não acreditava nela, ela suspirou. — Não. Se eu tivesse, eu teria avisado. — Ela se afastou dele e limpou a ferida. Ela pensou na ligação de Rosalind para ela, mas, antes disso, na ligação da sua mãe e planejou perguntar a ele sobre ambas.

— A propósito, por que você ligou para minha mãe?

Ryan não pareceu nem um pouco tímido, o que a surpreendeu. — Eu liguei para ver se ela acreditava que você tinha habilidades psíquicas depois que ela a mandou para o maldito psiquiatra.

— E se ela não acreditasse no meu talento?

— Eu diria a ela o prodígio que você é.

Ela olhou para ele, os lábios entreabertos. — Sêrio?

— Sêrio. Só que ela desligou na minha cara, o que não foi um bom sinal.

— Que diferença faz se ela acredita em mim ou não?

Ele pousou as mãos nos quadris dela e puxou-a para perto de seu corpo. — Porque nós estamos namorando. Lembra-se?

Ela lhe deu um bufo feminino. — Certo. — No entanto, isto deu-lhe a esperança que ele realmente acreditava nela, e todo o seu espírito animou-se.

Antes que ela pudesse arruinar o sentimento e lhe perguntar o que ele dissera para sua irmã sobre ela que não era cortês, o Dr. Weber abriu a porta. O médico ergueu as sobranceiras ao ver Ryan na mesa de exame e Carol entre as pernas dele, ajudando-o. Ela estava grata pelo doutor não ter visto os dois se beijando antes.

Ela percebeu o quão cansado o doutor parecia, com círculos escuros sob os olhos e ombros curvado. Ele era um vermelho da antiga matilha de Lelandi, estava ali para atender os pacientes até que eles pudessem encontrar um cinzento. Mas ele planejava ficar até que Lelandi tivesse seus bebês. Ele tinha colocado Carol sob sua asa, porque ela era uma enfermeira, recém-transformada e uma vermelha como ele.

Porque ela tinha sido transformada por um daqueles da sua antiga matilha, o doutor considerava Carol como uma de sua família. Como ele nunca teve uma companheira ou filhos, ela e Lelandi eram como as filhas que ele nunca teve. Isso significava que ele ficava dando-lhes conselhos paternais. No entanto, como Lelandi já era acasalada, ela não recebia tantos como Carol.

Carol se moveu para uma distância respeitável de Ryan enquanto o doutor examinava sua ferida. — Eu pensei que você estava postado aqui como o guarda-costas dela. O que aconteceu? — Seu tom era acusador. Que bem Ryan faria se ele não ficasse e cuidasse dela?

— Tom ficou cuidando dela enquanto ia atrás dos homens. Pelo jeito, eu deveria ter ficado. Eles têm a intenção de atirar em qualquer um que tentar impedir a missão deles, mas eles não têm coragem de lutar lobo contra lobo. Você provavelmente os conhece. Três vermelhos da antiga matilha sua e de Lelandi.

O médico olhou atentamente para a ferida e balançou a cabeça. — Os homens que foram deixados para trás eram do tipo decente. Nenhum deles faria algo como isso.

Com exceção do North? E os outros com ele que deviam ser da mesma matilha.

Ryan apertou os lábios e não disse nada ao doutor, mas Carol pensou que ele queria fazer tal coisa. Como os homens poderiam ser “tipos decentes” quando tinham levado Carol da casa como fizeram? E eles deviam ser da matilha de Lelandi. Nenhuma outra matilha vermelha vivia na área. E quanto ao último confronto entre North e Tom?

— Não é uma bala de prata, de qualquer forma. Então, parece que eles não querem matar alguém. — O doutor disse.

— É bom saber. — O tom de Carol estava cheio de alívio, mas, também, de preocupação que aquilo não iria acabar tão cedo.

Um instante de memória do tiroteio que ela tinha testemunhado no hospital, no outono anterior, de repente, inundou-a com tristeza. O médico ficou deitado morto no chão da sala de exames, a enfermeira tão indiferente quanto. Ela não tinha certeza do que tinha trazido a memória de volta. O ataque a Tom talvez. Ou a Ryan, já que ele tinha sido baleado, ou ambos. Ou a ideia de que isso iria acontecer de novo e seria fatal desta vez?

Carol virou-se rapidamente enquanto as lágrimas enchiam seus olhos, não querendo que o doutor e Ryan a vissem assim, incapaz de controlar suas emoções. Todo mundo esperava que ela fosse forte, tanto no local de trabalho, como com a família. Ela era quem segurava as pontas em momentos de crise. Quando sua irmã morreu, ela tinha ajudado os pais a passar por aquilo. Ela teve que ser resistente quando os outros precisavam dela.

O doutor pigarreou: —Apenas aplique um pouco dessa pomada e ponha um curativo, e ele deve estar de volta para fazer o seu trabalho.

— Sim, Dr. Weber. — Carol tentou esconder o nó em sua voz. Ela odiava quando ficava emocional no trabalho.

— Carol. — O doutor disse, sua voz suave e consoladora.

Incapaz de olhá-lo diretamente nos olhos, ela lutou para conter as lágrimas ardentes. — Sim, doutor?

Ele olhou com simpatia para ela e, em seguida, deu um tapinha no ombro. — Tenho outro caso de gripe para cuidar. — Ele saiu da sala, seu movimento mais lento e mais rígido do que o habitual.

Ela queria lhe dizer que ele precisava cuidar de si mesmo. Que ele deveria descansar mais, mas ela sabia que seria inútil. Ela perguntou-se, porém, o que ele pretendia dizer. Que a morte do outro médico e da enfermeira não tinha sido culpa dela?

Não, não foi erro dela, ela tentou se convencer. O mineiro que os matou foi o responsável. Mas, se ela tivesse dado o alarme de alguma forma, antes que ele atirasse neles...

Entretanto, talvez por isso a memória a assombrava novamente. Que tinha sido culpa dela, assim como Tom ter sido atacado também era. E se os vermelhos não estivessem tentando levá-la como refém, Ryan não teria sido machucado tampouco.

— Carol? — Ryan disse, tirando-a da autocrítica mental. Ele saiu da mesa de exame e tocou em seu braço. — Você está bem?

— Eles morreram por minha causa. — Ela afastou-se dele e parou em frente a uma gaveta de suprimentos, encarando aquilo, mas não o vendo.

— O ex-médico e a enfermeira? — Sua voz era suave, e não importava o quão mal ela se sentia, o tom de voz dele era como um bálsamo mental. Ele passou a mão sobre as costas dela numa carícia suave.

Carol soltou a respiração. — Sim.

— Isso já aconteceu comigo, Carol.

Ela se virou e olhou para ele, incrédula.

— Aham. Só que era meu trabalho proteger aqueles que acabaram morrendo. Neste caso, você foi uma inocente espectadora.

— Não fui uma inocente espectadora de modo algum. Eu sabia que eles se machucariam. Eu não... — Ela balançou a cabeça. — Eu não os salvei. Mesmo depois de terem sido baleados. Eu não removi as balas rápido o bastante.

Ele puxou-a em seus braços e apertou-a. O paciente confortando a enfermeira. Isto estava errado. Tudo sobre isto estava errado. Mas ela não conseguiu afastá-lo. Ela precisava disso. Ela precisava dele. O calor. A segurança. Sem pressão. Apenas amizade preocupada. Por enquanto.

Sua mão desceu pelas costas dela, massageando a tensão de sua rígida coluna. — Você não sabia o que eles eram, o que nós éramos. Você não sabia que a prata podia

matar ou que se você removesse as balas rápido o bastante, eles poderiam ter sobrevivido. Você reagiu da forma que o seu treinamento como enfermeira havia preparado você. Você não poderia ter sabido que o doutor e a enfermeira eram diferentes de você, ou como cuidar de um *lupus garou* ferido. Você fez o melhor que podia, dadas as circunstâncias.

Ela olhou para ele através das lágrimas e viu seu rosto franzido pela preocupação.

— Eu gostaria que minhas visões tivessem me dito esta parte da equação. Mas elas são irritantemente escassas e... — Ela balançou a cabeça. — É uma maldição que eu tenho de suportar. — Assim como ter que se transformar contra sua vontade era agora. E, caramba, se ela pudesse manter isso à distância, ela faria. Ela virou-se, abriu a gaveta e pegou antibióticos e uma bandagem.

Ela apontou para a mesa de exame. — Você quer sentar lá em cima?

— Normalmente eu odeio qualquer coisa relacionada com os hospitais. — disse Ryan, seu tom leve, como se ele estivesse tentando mudar o humor sombrio. Ele sentou-se na mesa e sorriu. — Eu mudei de ideia.

Ela balançou a cabeça, buscando ser profissional de novo. — E eu aqui pensando que você seria um paciente difícil.

— Com você cuidando de mim?

Com o toque mais leve que conseguiu, ela cobriu sua ferida com o antibiótico e, em seguida, envolveu a bandagem em torno de seu braço. Ele enrijeceu, mas, quando ela olhou para cima para ver se ele estava sofrendo, ele lançou-lhe um sorriso sutil. — Na escala de um a dez, a dor é inexistente. Suas mãos estão frias.

Ela franziu o cenho e prendeu a bandagem. — Eu não toquei em você com as mãos frias. Você não precisa ser macho para mim. Eu sei que deve doer. — Ela entregou-lhe a camisa.

Ele vestiu-a enquanto ela observava, pronta para ajudá-lo se ele precisasse de mais ajuda.

— Você sabe por que Darien e os outros mudaram de forma nas visões, mas não conseguiram mudar de volta? — ele perguntou, surpreendendo-a.

Ela pensou que ele já acreditava nela. Ela cruzou os braços, incapaz de evitar o sentimento de defesa. — Eu não sei. É por isso que é tão frustrante. Eu pensei que você já acreditasse em mim agora.

— Vamos apenas dizer que eu normalmente não acredito muito em habilidades psíquicas. Nem em entidades sobrenaturais, fantasmas ou qualquer dessas coisas.

Assim como ela suspeitava. — Então, se eu lhe dissesse que eu tive uma experiência com fantasmas, você não acreditaria em mim?

A boca dele se curvou um pouquinho, seus olhos brilhando com diversão. — Minha tia Tilda os vê o tempo todo.

— Ahh, e você não confia muito em sua tia Tilda.

— Muito pelo contrário. Eu acho que ela é a mais pé no chão da minha família.

— Exceto pelas aparições de fantasmas.

Ele deu de ombros e fez uma careta, e então começou a abotoar a camisa. — Ela precisa de muita atenção. Eu imagino que ela os evoca quando ela está sozinha.

Carol inclinou-se entre as pernas dele para prender dois botões em sua camisa. — E eu?

Ele tocou o cabelo dela de uma maneira amorosa. — Você já teve uma experiência?

— Três, mas quem está contando?

— Eu tenho fé nas suas habilidades, por sinal.

Ela fechou a boca escancarada. Ela teve esperanças, mas... ela não tinha percebido que ele pensava que ela tinha dito a verdade. Lágrimas encheram seus olhos de novo. — Você realmente acredita?

Ele a puxou para perto, esfregando seus ombros de uma forma suave. — Sim, Carol. Eu realmente acredito.

— Obrigado. — Ela suspirou profundamente. — Você não sabe o quanto isso significa para mim.

— Eu imagino que faço ideia. — Ele se inclinou para beijar seus lábios, mas ela se afastou antes que eles se envolvessem demais novamente.

— Eu tenho um outro paciente para ver, o último do dia. Outro caso de resfriado. Todo mundo acha que têm uma gripe mortal, quando a maioria dos casos são constipações ou alergias. Eu vou cuidar dele enquanto você termina de se vestir.

Com a expressão endurecendo, Ryan voltou a abotoar a camisa e seguiu para o corredor. — Como é que eu vou protegê-la se eu não estiver com você?

Ela pigarreou. —E como foi que você conseguiu isso? — Ela apontou para a manga ensanguentada da camisa.

— Eu estava tentando protegê-la longe de seu local de trabalho.

— Admita. Você prefere perseguir os bandidos do que ficar esperando aqui.

Ele sorriu sombriamente.

Quando ela chamou o nome do prontuário e Ryan viu quem era seu próximo paciente, sua expressão sombria iluminou-se um bocado.

O homem de cabelos grisalhos arrastou-se até Carol e deu um pequeno sorriso. — Você alegre o dia de um homem velho, juvenzinha.

— Humm, Luciso, você sempre alegre meu dia.

Luciso olhou para Ryan, observou a manga ensanguentada da camisa, e balançou a cabeça. — É ele quem todos estão dizendo que está dando em cima de você?

— Meu guarda-costas. — Ela corrigiu.

Luciso bufou. — Parece que esse negócio com os vermelhos vai ficar bem desagradável. Diga a Darien que se ele precisar de um cara velho para ajudar, eu estou pronto e disposto.

— Obrigado, Luciso. Tenho certeza que ele vai apreciar a oferta. — Ela ouviu o doutor tossindo e olhou para o corredor. — Você está bem, Dr. Weber?

— Estou indo para casa para descansar um pouco, Carol. Trabalhei durante a noite toda.

— Durma bem. — Ela disse, mas, em seguida, uma sensação nauseante tomou conta dela enquanto ela via o médico mudando de forma para um lobo para acabar com a sua doença. Ela correu atrás dele, deixando o seu paciente para trás na pressa, percebendo que Ryan iria alcançá-la. Mas ela tinha que avisar o doutor para não mudar. Ele acharia que ela era louca, mas ela tinha que avisá-lo.

— Espere, Dr. Weber! Eu preciso falar com você. — Ela disse enquanto a porta se fechava.



CAPÍTULO 19

— Inferno, North, tudo o que você fez foi nos meter mais fundo na merda ao provocá-los no hospital. — disse Galahad, andando pelo prado, no mínimo, a 50 quilômetros de Silver Town.

— Pelo menos, eu consegui atirar naquele cinzento forasteiro. Assim que isso aconteceu, a maioria deles deram a volta e correram de lá. — Hank disse sorrindo. — Nós podemos não ser tão bons numa luta com eles lobo contra lobo, mas eles não podem argumentar com balas.

North balançou a cabeça. — Se não fosse pelo irmão de Darien vigiando Carol, eu a teria pego. Os outros guardas eram estúpidos.

— Bem — Hank disse. — Eu não queria ferir muito o cinzento. Eu só quero pegar Carol. Inferno, eles deixaram o maldito hospital vigiado, cada entrada, por dentro e por fora. Não há como pegá-la ali de agora em diante, pelo que parece.

— Sim, a não ser que alguns deles comecem a ter o mesmo problema que nós estamos tendo. — disse Galahad. — Marilee e Becky foram lá hoje, visto que elas estão se

sentindo péssimas. Pelo menos, elas partilharam a gripe no encontro de ontem à noite, embora elas deveriam ter chegado mais cedo para expor mais pessoas. No mínimo, quando o povo de Darien ficar doente, eles vão ter que tentar encontrar uma cura. Maldito Miller de qualquer maneira. Ele prometeu que a vacina, que nos foi dada de antemão, ia impedir-nos de ficar doentes e seria uma cura para aqueles que já têm o vírus.

— Eu culpo Connor por pagar o cara para criar o vírus em primeiro lugar. Eu me pergunto se Miller mentiu para nós sobre ficar isolado do resto de nós, enquanto ele tenta encontrar uma vacina que funcione desta vez. Inferno, e se ele já tiver um e inoculou apenas a si contra o vírus? — North perguntou. Ele mataria o cara.

— Que bem faria a ele se todos nós ficássemos doentes, exceto ele? — Perguntou Galahad.

— Aham. — North relutantemente admitiu, enfiando as mãos nos bolsos. — Você está certo. A menos que ele pense que vai resgatar aqueles de nós que ele queira quando seja o momento certo, e deixar o resto de nós para lidar com a doença. Como lobos, exceto por tentar matá-lo, nós não teríamos outra maneira de resolver este problema. E se Carol acabar tendo o mesmo problema? — Ele fez uma careta na direção de Silver Town.

Galahad levantou as mãos numa postura zangada. — E o doutor? Certamente, ele saberá que nós não somos encenqueiros e vai nos ajudar.

— Sim. — Hank concordou com seu irmão. — Ele provavelmente vai nos ajudar.

— Depois de eu ter dado um soco em Tom, eu duvido que o doutor fique muito disposto. Ele está lá porque o outro médico morreu e porque a mãe de Lelandi quer o Dr. Weber aqui para Lelandi quando seus bebês nascerem. A cidade precisa de um médico agora. Ele não vai deixar suas responsabilidades para trás.

Hank limpou a garganta. — Não por muito tempo, North. Mas talvez ele tenha tido algumas ideias. Que mal pode fazer? Nós podemos apenas ligar para ele.

— Tudo bem. Mas assim que fizermos isso, ele vai saber quem nós todos somos e quem está tentando pegar Carol. Apenas lembre-se disso. Sua lealdade é para com Lelandi e sua família, não conosco. — North abriu o telefone e discou o número do doutor.



Mervin saltou de sua cadeira na porta dos fundos do hospital. Ele impediu Carol de sair, bloqueando a porta com seu corpo enquanto ela tentava alcançar o Dr. Weber antes que ele saísse em seu carro. Felizmente, Mervin não a agarrou dessa vez.

Ela fez uma careta para ele. — Deixe-me passar, Mervin. Eu tenho que falar com o doutor.

Ryan se juntou a ela e balançou a cabeça. — Que parte do “eu vou protegê-la sempre” você não se lembra, Carol?

— Diga a ele para me deixar sair do prédio de modo que eu possa falar com o doutor!

Ryan abriu a porta e saiu. — O carro dele sumiu. Ele já foi para casa. O que você queria falar com ele?

— É pessoal. — Ela voltou para o corredor. — Eu vou ver o meu último paciente e, em seguida, ligarei para o doutor.

— Sobre o que é isso? — Ryan pareceu preocupado.

— O que eu imaginei que aconteceria com ele. Tudo bem? Ele pode não acreditar em mim também, mas eu tenho que avisá-lo.

— Por que agora? Por que não antes?

Ela apreciou que ele realmente queria saber como este antecipado sistema de alerta funcionava. — Porque eu sinto que isso vai acontecer em breve. Às vezes, eu tenho esta sensação iminente de ruína, e de repente, a cena que eu imaginei se torna realidade. É por isso.

Tentando esconder sua frustração, ela terminou seu trabalho com seu último paciente e pegou o telefone do trabalho, tão logo ele saiu da sala de exame. Quando ela discou o número do doutor, tudo o que ela conseguiu foi sua secretária eletrônica. Desanimada, ela colocou o gancho de volta à base.

— Ele parecia exausto. — Ryan disse, passando a mão sobre o braço de Carol numa forma consoladora, mas ela não conseguiu relaxar. Ele apoiou as mãos em seus ombros e observou sua expressão triste. — Ele precisava dormir. E isso é provavelmente o que ele está fazendo. Você pode fazer também, depois que você tiver uma boa refeição.

Ela estava tensa, e nenhuma quantidade de consolação ia mudar isso. Ela tinha que avisar o doutor. — Eu quero passar pela casa dele antes de ir para casa.

Jake e Tom se juntaram a eles na sala de espera, enquanto Mervin relutantemente ia com Christian que iria deixá-lo na casa dele.

— Pronta para ir? — Jake perguntou, observando a tensão entre Ryan e Carol, ela percebeu.

— Carol está preocupada com o doutor. — Ryan disse, sua mão esfregando levemente as costas dela.

— Ele parecia não estar se sentindo bem. Eu quero vê-lo. — Carol deu a Ryan um olhar como se seria melhor ele não dizer uma palavra sobre ela avisar ao doutor sobre a mudança. Mesmo que ela achasse que o doutor não acreditaria nela, ela tinha que lhe contar de qualquer maneira. Apenas por precaução.

— Ele trabalhou a noite toda. Ele estará dormindo. Você sabe como ele é. — Jake disse.

Carol franziu o cenho para Jake. — Ele estava tossindo.

— Ele é um médico. Ele vai saber cuidar de si mesmo. — Jake respondeu. — Além disso, com a nossa capacidade de cura mais rápido de lobisomem, ele vai ficar bem num instante. E se ele tiver a gripe, ele pode se transformar e isto vai resolver o problema.

O que era exatamente o que ela estava com medo que iria acontecer!

Carol caminhou para a entrada do hospital. Ela continuava a ser atormentado pelo medo avassalador que o doutor pudesse estar em apuros. — Em seu negócio de investigação, você tem pressentimentos, não é, Ryan?

— Claro.

Jake e Tom seguiam atrás deles, e ela sabia que eles estavam ouvindo a conversa, muito embora ela mantivesse a voz baixa para a audição de Ryan e não para qualquer outra pessoa. Mas a audição deles era malditamente boa. E quando ela estava chateada, eles tomavam conhecimento. Provavelmente, eles perceberam que ela poderia, do nada, transformar-se numa loba.

Ela diminuiu o passo. Inferno, e se estar muito aflita, mais do que os maus tratos físicos que ela teve que suportar quando Mervin a agarrou rudemente, pudesse desencadear a mudança? Ela deu uma respiração instável e disse a Ryan: — Pense em minhas premonições como um pressentimento.

— Carol.

— Estou falando sério.

Eles saíram do edifício, e Tom e Jake pararam para ver Carol em segurança na caminhonete de Ryan. Ela subiu para dentro e cruzou os braços, não estando prestes a ser impedida de completar sua missão.

— Leve-me até a casa do doutor. Só vai demorar um pouco. Eu tenho uma chave para a casa dele porque eu cuido de suas plantas quando ele visita a antiga matilha de Lelandi de vez em quando.

— Carol.

— Eu só vou usá-la para me certificar que ele está bem.

De uma maneira engraçada, Ryan arqueou uma sobrancelha. — E se ele tiver uma namorada por lá?

Carol revirou os olhos.

Ele sorriu. — Nunca se sabe. Nunca podemos julgar a vida sexual de uma pessoa pela sua idade.

— Bem, ele não terá. — Embora ela desejasse que ele tivesse, mas tão abatido como o doutor parecia estar, ela tinha certeza de que ele estaria sozinho.

Ryan ligou o motor. — Tudo bem, diga as direções.

Ela deu um suspiro de alívio, embora ela não tivesse certeza se ela ia fazer algum progresso com o doutor. Ele nunca disse, de uma forma ou de outra, que acreditava em suas habilidades. Ela percebeu que ele seria como Ryan... um

homem da ciência, tendo que ver para crer, o que a fez se perguntar por que Ryan finalmente acreditou nela, sem uma prova positiva.

Assim que Ryan estacionou a caminhonete na casa alugada do doutor, uma arrumada casinha de ripas de madeira com uma cerca branca em torno dela, ela notou a placa pendurada acima da porta. A placa dando boas-vindas aos visitantes, o que era exatamente como o médico. Se os pacientes precisavam dele quando ele não estava de plantão, eles eram bem-vindos para ir vê-lo a qualquer momento.

Carol saltou da caminhonete antes que Ryan pudesse sair do veículo. Ela correu para a porta do médico, temendo que Jake iria tentar impedi-la. Ryan caminhou atrás dela, seus passos se aproximando. Depois de bater e não obter uma resposta, ela abriu a porta. Ela viu Jake estacionar atrás do veículo de Ryan enquanto ela se apressava para dentro, esperando que ela pudesse falar com o doutor antes que ele pudesse decidir transformar-se e fosse tarde demais.

Para evitar qualquer discordância, Ryan esperou na varanda para conversar com Jake e Tom, os quais apressaram a caminhada. — Ela está apenas o checando.

— Ela tem a chave? Inferno, e se o velho tiver uma namorada? — Jake balançou a cabeça e cruzou os braços, enquanto os dois olhavam para dentro da casa escura.

Tom observou na outra direção, certificando-se que ninguém visitava a casa que não deveria estar lá, assim como eles não deveriam.

Jake subitamente se virou para Ryan, arregalando os olhos. — Ela teve uma premonição?

— Não. Bem, só um sentimento, pelo que entendo. — Pelo menos, ele não achava que ela tivera uma nova visão. E ele não iria revelar a visão que ela tivera de vários deles mudando de forma e não conseguindo transformar-se de volta. Não, a menos que ela quisesse que ele contasse.

Quando ela não apareceu imediatamente, eles entraram até a sala. Carol se apressou pelo corredor, acenando para que eles saíssem.

— Ele está dormindo profundamente. — Ela sussurrou, parecendo muito aliviada.

Ryan entendeu que o comentário dela significava que o doutor ainda estava em sua forma humana.

Na cozinha, o telefone tocou. Carol instintivamente correu para atendê-lo, mas Ryan agarrou a mão dela. — Você não deveria estar aqui. — Ele disse com a voz abafada.

— Eu não quero que o telefone acorde o doutor. — Ela fez uma pausa quando a secretária eletrônica ligou.

— Ei, doutor. Eu liguei mais cedo, mas não deixei nenhuma mensagem. Aqui é North Redding, e nós nos metemos numa pequena dificuldade aqui.

Carol estremeceu e Ryan colocou o braço em volta dos ombros dela e puxou-a para mais perto, como se estivesse protegendo-a da ameaça.

— Nós realmente poderíamos usar a sua ajuda. Não estamos mais com a matilha de Lelandi, mas começamos a nossa. Se você pudesse ver um jeito de nos ajudar, com certeza apreciariamos. Ligo mais tarde para ver se você está disposto.

A ligação foi desligada.

Ryan esfregou o braço de Carol. — Este era um dos homens que lhe tomou como refém?

Ela assentiu com a cabeça. — Aquele que me carregou. Ele tinha falado com os outros quando ele me levou como refém pela primeira vez. Eu reconheceria a voz dele em qualquer lugar. Ele é o mesmo que bateu em Tom quando estávamos na sala de exame. O doutor o identificou pelo nome.

Jake disse a Tom: — Eu quero que você fique aqui e vigie o doutor. Eu vou mandar outros para ajudarem a cuidar dele, caso North tente levá-lo como refém. Você pode fazer isto?

Tom assentiu. — Claro que sim.

— North estava doente e, talvez, outros de sua matilha também estejam. Se eles precisam da nossa ajuda... — Carol disse, deixando suas palavras esvanecerem.

— Por que ir atrás de Carol e do doutor? Por que não entrar em contato com as outras enfermeiras? — Tom perguntou.

—North e seus homens são vermelhos. — Ryan raciocinou. — Embora o doutor seja também, eu imagino que eles foram atrás de Carol primeiro porque queriam mantê-la na matilha deles. Então, quando eles perceberam que ia ser muito difícil tentar ir atrás dela novamente, decidiram solicitar a ajuda do doutor.

— Eu vou mantê-lo seguro. — disse Tom. — Apenas deixe qualquer um deles tentar invadir.

Jake lhe deu um tapa nas costas. — Vou mandar o policial Trevor e dois outros homens para vigiarem do lado de fora. Avise-nos imediatamente se alguma coisa acontecer.

Ryan saiu em direção a caminhonete com Carol e Jake, deixando o doutor sob a proteção de Tom. — Você pode mandar alguém ficar a postos para vigiar as outras enfermeiras, apenas no caso de North e seus homens irem atrás delas, imaginando que eles não possam esperar pela ajuda do doutor. — Ryan disse a Jake.

— Inferno. — Jake abriu seu telefone e discou um número. — Darien, temos uma nova situação.

— Vejo você em casa. — Ryan disse a Jake. Jake deu sinal positivo com o polegar e Ryan acompanhou Carol até a sua caminhonete.

Quando eles estavam a caminho da casa de Darien, Ryan perguntou: — O doutor estava bem, certo?

— Sim. — Carol esfregou seus braços e ainda parecia incerta.

— Que bom que você quis vê-lo. Se não tivéssemos tomado conhecimento do interesse de North nele, nós talvez não teríamos descoberto o que eles estavam fazendo até que fosse tarde demais. Quem esteja doente pode ser trazido aqui. E ninguém da equipe médica vai ajudá-los. Certamente não depois do que eles fizeram com você. Você tem certeza de que não teve uma premonição do telefonema? Parece estranho que você estava tão desesperada para ir para lá, e descobrimos que ele estava apenas dormindo, mas depois ficamos sabendo do interesse de North no doutor.

— Eu não tive uma visão de nada. Apenas um sentimento forte. E já que a última visão que eu tive foi do doutor não ser capaz de mudar de volta, isso é o que eu temia que tivesse ocorrido.

— Eu pensei que nós tínhamos estabelecido que você não vê visões compridas, que ele poderia muito bem se transformar mais tarde.

— Em sua forma de lobo, ele está agitado. Eu não consigo ver onde ele está, mas é como se ele estivesse enjaulado. Como se estivesse preso.

Ele podia permitir que ela “sentisse” algo. Ela estava correta em presumir que ele teve um pressentimento sobre a

situação e sabia que o perigo estava presente, ou que alguém estava mentindo para cobrir seus atos ilícitos. Nada que ele pudesse provar num tribunal de direito. Apenas aquela sensação desconcertante.

Mas ele não podia evitar de sentir que algo mais tinha provocado a necessidade dela de estar na casa de doutor no momento certo. Algo que era um pouco mais do que um pressentimento. Algo como um sexto sentido que ia além do que ele normalmente acreditava.

O silêncio encheu o ar enquanto ele pensava sobre o doutor estar em sua forma de lobo, andando e ansioso, e o que poderia provocar isso. — Talvez ele faça exatamente isso normalmente, Carol.

Ela se virou para olhar para ele. — O quê?

— O doutor. Talvez ele se transforme em lobo e ande quando ele esteja agitado às vezes. Todos nós lidamos com as situações de forma diferente. Minha tia Tilda gosta de tirar uma soneca como loba. Como humana, ela sente que não é permitido. Na sua maneira de pensar, apenas as crianças tiram cochilos. Mas, como uma loba, ela sente que é aceitável. Então, talvez, quando o Dr. Weber esteja estressado, ele se transforma. Até certo ponto, isso muda quem nós somos por um tempo. É um tipo diferente de liberdade.

— Talvez ele se transforme por essa razão. — Ela disse em voz baixa. — Mas eu não teria uma visão de algo que é perfeitamente normal para ele.

O silêncio se estendeu entre eles, Ryan pensou sobre aquilo. —Você vê mais peças da visão posteriormente?

— Às vezes. Na maior parte, é exatamente o mesmo período de tempo, a mesma imagem. Como quando Mervin me agarrou.

Apesar de não ter qualquer confirmação de que o que ela imaginou pudesse vir a acontecer, Ryan estava começando a se preocupar com o doutor também.



CAPÍTULO 20

Vinte minutos depois, Ryan parou dentro da garagem de Darien, incapaz de esquecer a preocupação de Carol sobre o doutor ou a sua preocupação de que ela podia estar certa. Ele desligou a ignição e falou com Carol enquanto Jake parou atrás dele e estacionou.

— Tem certeza que você não teve outra premonição sobre o doutor que desencadeou a sua preocupação?

— Eu estou certa. Por que você continua perguntando?

Ele balançou a cabeça e abriu a porta. — Eu não sei. Talvez suas premonições tenham... me feito pensar.

— Você sentiu algo também? — Seus olhos arregalaram-se. — Um pressentimento que talvez algo não estava certo?

Ou talvez a preocupação dela estava alimentando a sua psique. Quase como se a preocupação dela diante de um futuro evento desconhecido o tivesse sensibilizado sobre a possibilidade que este existia. Ele se repreendeu, ela suspirou e ele fechou a sua porta dele. Antes que ele pudesse alcançar a porta dela, Jake já estava lá novamente, ajudando-a a sair.

Darien saiu para falar com eles. — Eu não quero que Lelandi saiba sobre esta mais recente ocorrência a respeito de North e seus homens. Ela está sob guarda, como de costume, até resolvermos isso. Mas parece que o pessoal do hospital é o alvo mais provável desta vez. Tom ligou e disse que o doutor acordou ao encontrá-lo lá, estava tossindo pra caramba e decidiu mudar de forma.

— Não. — Carol disse, com a voz baixinha enquanto sua mão voava para o peito dele.

Ryan pegou o braço livre dela conforme ela cambaleou em seus pés.

Darien franziu a testa. —Ele pensou que se sentiria melhor. Às vezes, nossas metades lobo podem tratar melhor constipações ou alergias. Se é gripe, caninos não conseguem pegar a variedade humana. Então, esta seria eliminada. De qualquer forma, se for algo das coisas mais comuns, às vezes, mudar diminui os sintomas. Mas ele vai saber antes do tempo e pode mudar de volta se necessário.

Carol parecia pálida e perturbada.

— Vamos entrar. — Darien disse, observando-a. — Lelandi serviu a ceia.

Com seu braço ao redor da cintura dela, Ryan levou Carol para dentro da casa e sussurrou: — Você está bem?

— Claro... claro, eu estou bem.

— Tom vai passar a noite com o doutor? — Ryan perguntou a Darien.

— Aham. O delegado está por lá para vigiar a área também, e dois outros homens também. Ele está bem protegido. — Darien acenou para Jake levar Carol até a sala de jantar. — Eu quero falar com você, Ryan. — Ele andou com Ryan de volta para fora enquanto Jake levava uma relutante Carol para a sala de jantar. — Você já descobriu como Carol está impedindo a mudança?

— Visões.

Darien ergueu as sobrancelhas. — Sêrio. — Ele disse a palavra com admiração, mas então, ele franziu a testa. — Ela sempre pode controlá-las?

— Se o seu pânico na tentativa de chegar ao seu quarto depois que Mervin a agarrou é algum indício, eu diria que não. Ela parou a mudança, mas acho que ela estava muito perto de mudar, até que ela foi capaz de controlar o desejo.

Parecendo pensativo, Darien esfregou a barba escura no queixo. — Não é bom. Se ela não tem nenhum poder de verdade sobre isto, o que seria de se esperar já que ela está recém-transformada, muito embora alguns tenham um melhor controle do que os outros, ela vai ser um problema de verdade. Você pode convencê-la a mudar?

— Não. Eu acredito que ela vai continuar a tentar evitar a mudança através de suas visões. Eu não acho que haja

alguma forma que eu possa convencê-la a aceitar esta parte da nossa natureza de lobisomem. Pelo menos por enquanto.

— Você tem fé nas visões dela agora?

Por mais que Ryan tivesse dificuldade em confiar em algo do gênero, ele acreditava. — Sim, eu acredito. Mesmo que isto vá contra tudo o que eu já acreditei. Eu tentei uma vidente uma vez no meu negócio, mas ela acabou sendo uma fraude.

— Eu sei. — Darien disse, seus lábios curvando-se ligeiramente.

— Você sabia? — Ryan estava habituado a fazer as investigações, não ser investigado.

— Quando alguém fica interessado em ingressar na matilha ou mostra interesse num dos membros da minha matilha, eu checo a ela ou a ele. Eu devo isso ao meu povo.

— E você descobriu...?

— Tudo sobre a sua falsa vidente. Se isso tivesse acontecido a qualquer um dos membros da minha matilha, o homem que ameaçou você de difamação e a mulher que era uma falsa vidente teriam abandonado a cidade para sempre.

— Este é o problema sobre Green Valley ser uma cidade comandada por humanos na sua maior parte. Nós queremos mais daquilo que vocês têm aqui em Silver Town, onde você e seus irmãos mandam nas coisas.

Darien assentiu. Ele não disse nada por vários longos segundos, observando Ryan o tempo todo, e então, ele perguntou: —E se você acasalasse com ela?

Darien poderia ter derrubado Ryan com a questão, aquilo o surpreendeu bastante. Ele observou os abetos de Douglas estremecendo na brisa. Ele não planejava possuir uma companheira. Não estivera procurando uma. No entanto, desde que ele conheceu a mulher determinada, cinco meses atrás e que tinha visto seu ato heroico, sua determinação em ajudar a salvar os outros em necessidade, não importando as consequências para a sua vida, ele não podia negar que ele estava pensando naquilo.

A maneira como Carol reagia fisicamente a ele era uma indicação clara de que o lado lobo deles estava bem ciente do interesse que eles tinham entre si. Depois que Carol tinha acariciado seu tartan na caminhonete e ele imaginou-se usando-o enquanto ela continuava a tocar o tecido tão intimamente, ele novamente imaginou ela sendo a sua companheira. Eles participariam das festividades celtas, mesmo se ele fosse um McKinley e ela fosse uma MacDonald. Ele a envolveria no seu tartan e lhe mostraria exatamente o que um Highlander experiente era capaz de fazer.

Ele olhou para trás para ver Darien à espera de uma resposta. Ryan seria capaz de convencê-la a mudar de forma se acasalasse com ela?

— Eu não tenho certeza se ela mudaria de forma se eu acasalasse com ela. Ela é muito teimosa.

Darien bufou. — Nem me diga. Qual é. Eu sei que Carol está preocupada com alguma coisa, e eu quero saber o quê. — Ele deu uns tapinhas nas costas de Ryan. — Vamos comer alguma coisa antes que nós chateemos Lelandi por deixar a comida esfriar.

Quando eles entraram na sala de jantar, Darien disse a Carol: — Você pareceu preocupada pelo doutor ter mudado. O que há de errado?

Ela deu um suspiro enquanto ele olhou para ela com as sobrancelhas franzidas. Ryan tinha certeza de que se ela contasse a Darien o que ela tinha vislumbrado, ele não acreditaria nela. Mesmo se ele acreditasse nela sobre suas outras premonições. Entretanto, Ryan não tinha certeza se ela iria mesmo dizer-lhe o que tinha visto.

Com uma expressão que beirava a insubordinação, ela endireitou os ombros, olhou nos olhos de Darien e disse: — Eu vejo o doutor, você e Jake mudando para suas formas de lobo, mas nenhum de vocês consegue mudar de volta.

—Oh — Toda expressão de Darien iluminou-se bastante. —Não pode acontecer. Às vezes a gente permanece na nossa *persona* de lobo por horas ou dias. Depende das circunstâncias. Mas suas visões são apenas fragmentos de tempo, então, eu não me preocuparia com isso.

— Eu não farei isso. — Ela se sentou na cadeira que Ryan puxou para ela enquanto Jake trazia um prato de peito defumado na madeira de nogueira. —E eu não vou lhe dizer

“eu lhe avisei” quando isso acontecer. — Ela deu os ombros. — O fato não terá importância.

O aroma do peito e do molho marrom-escuro encheu o ar. Brócolis e couve-flor estavam postos numa travessa separada. Purê de batatas estavam em outra, e o estômago de Ryan rosnou.

Sorrindo, Lelandi tirou um avental, parecendo muito doméstica para variar. Ryan ajudou a trazer um prato de pão enquanto Jake se apressava a levar os outros pratos.

— Pobre Tom, não sabe o que está perdendo. — disse Jake, um pouco maliciosamente. — Acho que haverá mais para mim.

— Onde está o Tom? — Lelandi perguntou casualmente.

A expressão de Darien escureceu, mas, então, ele colocou a mão sobre os ombros de Lelandi e guiou-a para a mesa.

— O doutor pegou um resfriado e Carol estava preocupada com ele. Tom vai ficar lá durante noite para se certificar de que ele não piore.

Carol e Lelandi compartilharam olhares. Lelandi devia saber que aquilo não era a razão pela qual Carol estava preocupada. Em seguida, Carol abriu o telefone, discou um número e disse: — Ei, Tom? Avise-me no instante que o doutor mudar de volta para sua forma humana, ok?

Lelandi hesitou em sentar-se à mesa.

— Obrigado. — Carol desligou o telefone e deu a Lelandi um sorriso murcho. — A refeição parece fantástica. Gostaria de poder cozinhar assim.

Lelandi conseguiu dar uma risada. — Não acreditem nela. Ela é uma ótima cozinheira.

Todos se sentaram.

Jake colocou um monte de purê de batatas em seu prato de uma grande tigela. — Sim, mas ela é muito consciente com a nutrição. Nos faz comer as quantidades corretas de vegetais e frutas em todas as nossas refeições.

— Eu não deveria ser aquela que deve dizer-lhe para comer direito, Jake. — Carol colocou um pouco da carne em seu prato e, em seguida, entregou o prato para Lelandi.

Ryan podia sentir a tensão entre as duas mulheres, as palavras não ditas, as expressões fechadas. Com Darien e seu irmão, a tensão vibrava entre eles também, mas por um motivo diferente. Ele tinha certeza que eles não trataram Carol seriamente sobre esta questão e estavam mais preocupados com a mensagem de North ao doutor. E com a possibilidade de os vermelhos terem como alvo mais gente da equipe médica do que eles tinham esperado primeiramente.

— Vou me mudar para a casa de nosso avô em dois meses. — Jake anunciou, misturando o molho em suas batatas e tentando mudar de assunto, sem dúvida. — Deve estar habitável até lá.

Lelandi suspirou. — Você não tem que se mudar.

Darien pegou a mão dela e a apertou. — Acredite em mim, ele precisa. Quando três bebês estiverem na casa, ele terá que encontrar sua solidão em outro lugar.

Jake balançou a cabeça. — O antigo local precisa de outra demão de tinta, alguma encanação nova, e alguns outros pequenos reparos. Mas depois disso, deve estar pronta para a mudança. Tom e eu tomamos o cuidado de atualizar toda a fiação elétrica, e a chaminé está limpa e pronta para usar. Ele disse que vai viver comigo por enquanto.

— Parece bom. — Darien bebeu uma cerveja.

Lelandi respirou profundamente outra vez. — Eu esperava que fosse a nossa babá quando saíssemos a noite.

Jake riu. —Silva já colocou seu nome na longa lista de babás. Ainda convenceu Sam a fazer isso. E eu sei concretamente que a lista está crescendo diariamente.

Carol bebericou um pouco do seu vinho, mas não disse uma palavra. Ela parecia consumida pela preocupação, embora ela tentasse sorrir com a conversa.

O telefone de Darien tocou e ele tirou-o do cinto. — Sim, Tom? — Sua testa franziu num vinco. —Tom, o que é... Tom! — Ele rapidamente se levantou da cadeira e se dirigiu para a porta.

Jake correu atrás dele.

— Ligue para a lista de emergência. North e seus homens se aproximaram da casa do doutor. O celular de Tom desligou depois disso. Você fica aqui com Ryan para proteger as mulheres. — Darien disse a Jake.

Lelandi sentou congelada na sua cadeira. Carol se juntou a ela e esfregou seu ombro. Ryan verificou a janela da frente, à procura de alguém que não deveria estar lá, enquanto Jake ligava para alguém. — Ligue a lista de emergência. Tom está com problemas na casa do doutor.

A voz dele sumiu enquanto ele deixava a sala de jantar e verificava as portas dos fundos do solário e da sala grande.

— Eu acho que eu deveria guardar a comida. — Lelandi disse, com a voz baixinha e desconcertada.

— Não. — Ryan disse. — Coma. Você não está alimentando apenas um agora. E, Carol, você esteve em pé durante o dia todo. Vá em frente e coma.

Jake voltou para a sala de jantar. — Ryan está certo. Tudo está trancado. Lelandi fez uma deliciosa refeição. Eu, por exemplo, não vou deixá-la ir para o lixo.

— Vários na matilha vermelha devem estar doentes. — Carol disse suavemente.

— Então, eles podem muito bem vir aqui para se tratarem. Não fugir com você como um bando de ladrões na noite. — Ryan rosnou.

Lelandi lhe deu um pequeno sorriso e comeu mais de suas batatas. Em seguida, ela tentou mudar o assunto volátil. — Então, Ryan, você tem irmãos ou irmãs?

— Uma irmã. Ela mora comigo. É proprietária de uma estufa bem-sucedida que a mantém longe de problemas na maioria das vezes. — E ele esperava como o inferno que ela estivesse fora de problemas enquanto ele estava fora.

— Ela é solteira? – Lelandi perguntou, elevando as sobrancelhas com intriga.

— Impertinente.

O olhar de Lelandi pousou em Jake.

Ele bufou. — Seu curso de psicologia não tem a matéria “Casamenteira I”, não é?

Desta vez, ela abriu um largo sorriso e novamente voltou sua atenção para o Ryan. — Como você se sente sobre gatos?

— Gatos? — Ele um cara do tipo que gosta de cães. Gatos eram muito independente para seu gosto. Cães sabiam que ele era o alfa na situação sempre que ele os encontrava. Gatos? Inferno. Os gatos pensavam que eles mandavam.

— Sim, pequenos felinos felpudos. — Lelandi continuou, como se ele não soubesse o que eram.

— A maioria de nós não tem animais de estimação. — O que era a verdade. Ryan podia imaginar o que aconteceria se ele tivesse um canarinho e depois se transformasse em um lobo. Por outro lado, mesmo os animais selvagens que

normalmente eram predadores e presas podiam ser criados juntos e se tornarem melhores amigos. Ainda assim, ele nem sequer via-se como um proprietário de cães e certamente não um proprietário de gatos.

Mas o olhar malicioso no rosto de Lelandi dizia que ela tinha algum motivo para trazer o assunto à tona. Carol não mostrou qualquer expressão de uma forma ou de outra, de modo que ele não podia dizer se ela gostava de animais de estimação ou não.

— Por quê? — Ele finalmente perguntou.

Lelandi bifurcou-se um pouco mais de peito. — Só queria saber.

Ryan olhou para Carol. Ela rapidamente focou em sua refeição.

Inferno, Carol devia ter um gato. Jake estava certo. Sempre que Lelandi tinha a oportunidade para dar uma de casamenteira, ela trabalhava duro para isso.

— Eu tenho um gato. — Carol finalmente disse, e esperou por ele para mostrar sua aversão à ideia. Ao contrário, ele apenas resmungou. Ela deu os ombros. —Ele é bonzinho, amoroso e não caça ratos, embora ele goste de atacar os meus pés quando eu estou vestindo um longo manto ou de brincar com meus cadarços.

O longo manto o fez pensar em Carol com nada, além da pele acetinada por baixo. — Mas quando você mudar? E aí?

— Puss adora cães. Eu tenho certeza que ele vai me amar do mesmo jeito.

Lelandi pigarreou e dirigiu seu comentário a Carol. — Rose o levou até sua floricultura por todo o dia para exibi-lo, se estiver tudo bem com você. Ela está sentindo falta do seu próprio gato desde que ele morreu há algumas semanas. Eu tentei ligar para você para perguntar se estava tudo bem, mas você devia estar com um paciente. Ela achou que ele não ficaria tão solitário quando você está trabalhando seus turnos de enfermagem.

Carol sorriu. — Ele ama pessoas, então, eu estou certa que ele vai gostar de visitar a ela e seus clientes.

— Ela vai deixá-lo aqui após a loja fechar em duas horas.

O celular de Jake tocou. — Sim, Darien? — Jake estava no limite, o que ficou evidente tanto por sua voz, como pela forma que seu corpo ficou tenso. Ele franziu a testa e olhou para Carol.

— Ok. Todos estão bem aqui. Vejo você daqui a pouco. — Ele desligou o telefone. — O xerife e o policial Trevor foram nocauteados. O enfermeiro Matthew está cuidando deles. Tom lutou contra North e dois de seus homens até que eles se retiraram. Matthew está cuidando de nossos homens feridos. O doutor ainda está na casa.

— Em sua forma de lobo. — Carol sussurrou, odiando que o que ela pensou que aconteceria tinha de fato ocorrido.

Ela estava certa de que ele ainda estaria em sua forma de lobo.

— Sim, mas é nada para se preocupar. — disse Jake.

Carol fez uma careta. — Como um lobo, ele não poderia contar a ninguém o que aconteceu.

— Darien disse que ele cheirou que North e os outros tinham estado lá.

— Por que o doutor não mudou de volta, Jake? Por que ele não falou com Darien?

— Ele vai mudar quando sentir vontade. — Mas, desta vez, Jake não parecia tão certo disso, e o rosto de Lelandi empalideceu.

— Por que eles não levaram o doutor com eles? Foi porque ele não poderia ajudá-los? Que ele não poderia mudar para sua forma humana? Ligue de volta para Darien. Diga a ele para pedir ao doutor para mudar de volta. Ele tem que cumprir os desejos de Darien, certo? — Disse Carol.

Jake soltou a respiração num bufo. — Tudo bem, tudo bem. — Ele discou o número e disse: —Ei, Darien, Carol quer que você peça ao doutor para mudar de volta à sua forma humana. — As sobrancelhas dele se juntaram numa carranca sombria. — E então? — Ele olhou para Carol e balançou a cabeça lentamente.

— Traga-o para cá para que possamos cuidar dele. E a cama favorita de Puss ainda está na clínica veterinária do Dr.

Mitchell. Ele pode fazer alguém ir lá e buscá-la para ele? — Carol perguntou.

Jake passou as informações. — Algo mais, Carol?

— Que você e Darien não se transformem novamente, até que possamos descobrir o que aconteceu com o doutor.

— Darien, Tom, e eu não somos membros da realeza. Temos que mudar em algum momento durante as fases da lua, com exceção da lua nova. Nós não temos uma escolha.

— Tentem não mudar. — Ela reiterou. — Por favor.

Jake passou a informação para Darien e, em seguida, desligou e ficou olhando para a parte não comida de sua refeição. — O que a faz pensar que eu não posso mudar de volta?

— Na visão, você está agitado e Lelandi diz que Darien não pode mudar de volta. Não é um pesadelo. É uma visão.

— Inferno, Carol, você não disse que Lelandi disse isso. Isso faz uma grande diferença. — Jake ralhou com ela. — Quero dizer, com a outra versão, eu apenas pensei que você não podia ver que eu tinha mudado de volta.

— Sim, bem, eu disse a Lelandi.

— Desculpe, Carol. Eu simplesmente não podia acreditar nisso. — Lelandi esfregou os braços todos arrepiados.

— O que está causando o problema? — Ryan perguntou.

— Bem, se o doutor não muda de volta, talvez tenha a ver com o resfriado que ele pegou. Ou o vírus da gripe. — Carol mordeu o lábio. — Já que ele é um lobo agora, ele vai ter toda a genética de lobo. Faça Darien ligar para o Dr. Mitchell para ele fazer alguns testes no sangue do Dr. Weber. Ver se ele consegue descobrir se ele ainda está doente. Se ele não estiver, a mudança provavelmente eliminou a doença como você disse que faria.

— Você tem certeza disso? — Jake perguntou. — Eu duvido que o Dr. Weber vai apreciar isto se o veterinário começar a testar seu sangue sem a sua permissão.

— É a única correlação que eu posso ver agora. Além disso, se não houver problema, o Dr. Weber pode mudar de forma e dizer ao veterinário aonde ir. Se houver problema, eu tenho certeza que ele vai ficar grato que estamos tentando descobrir a causa e fazer algo sobre isso.

— Tudo bem. — Jake abriu de novo seu celular e ligou para Darien. — Carol precisa que mais uma coisa seja feita.



CAPÍTULO 21

Inferno, está tudo indo ladeira abaixo, Ryan pensou quando Darien ligou uma hora depois do jantar com notícias da clínica veterinária. O Dr. Mitchell estava sumido.

— Eu preciso voltar ao hospital e tirar amostras de sangue do Dr. Weber. — disse Carol, sentada à mesa de jantar e parecendo pronta para saltar da cadeira e fazer alguma coisa, qualquer coisa.

— Não sem a aprovação do Darien. — Jake olhou para fora da janela. —E, além disso, Matthew disse que faria isso. Temos homens procurando pelo veterinário. Alguns outros estão vigiando o Dr. Weber no caso de alguém tentar levá-lo, e alguns que estão vigiando o enfermeiro Matthew e a enfermeira Charlotte. Sete homens estão aqui guardando a casa do lado de fora, e outros estão buscando North e seus homens. Por enquanto, Darien não quer que ninguém se desloque de sua tarefa atribuída. Não até que ele saiba o que estamos enfrentando.

Lelandi, que havia estado ocupada a cada minuto da última vez que Ryan estivera ali, parecia cansada novamente,

caída em sua cadeira e quieta, com os olhos meio fechados. E tão inquieta como Carol estivera durante toda a noite, ela parecia exausta. Se ela tivesse que voltar ao hospital em uma hora ou algo assim, ela precisava de um descanso.

— As mulheres parecem que precisam deitar-se por um tempo. — Ryan disse a Jake.

Ele franziu o cenho para Ryan, olhou para Lelandi, e depois voltou sua atenção para Carol. — Tudo bem. Vamos. Eu vou cuidar de Lelandi e você guarda Carol enquanto elas dormem um pouco.

Ryan e Carol subiram as escadas, seguidos por Jake e Lelandi. Desta vez, Ryan pretendia sentar-se na poltrona e vigiar de Carol como um guarda-costas obediente.

Ambas as mulheres estavam se movendo tão lentamente que ele queria carregar Carol e dizer a Jake para fazer o mesmo com Lelandi. Mas, ele presumiu que Jake não testaria a sua sorte por ultrapassar os limites com a companheira de Darien a menos que fosse absolutamente necessário.

Ryan passou o braço em volta da cintura de Carol e ajudou-a a subir as escadas. Ela caiu contra ele, abraçada a ele. Instantaneamente, a noção de sentar na cadeira não pareceu tão provável.

Conforme Jake passava pela porta do quarto de Carol, ele deu a Ryan um olhar severo que o avisou a comportar-se com Carol. Ryan disse a si mesmo que ele iria se comportar enquanto isso fosse o que Carol quisesse. Ele não tinha tanta

certeza se ela queria que ele controlasse seus impulsos sexuais em relação a ela, não depois da maneira como ela o beijou de volta na clínica. Talvez, isto fosse um maldito desejo da parte dele.

Ele a seguiu até o quarto e fechou a porta quando ela se sentou na cama e, em seguida, tirou os tênis. Ele caminhou até a cadeira e sentou-se, esperando um convite para se deitar com ela. Cansado para burro, ele não tinha conseguido dormir muito na noite anterior também. Mas ela precisava dormir mais do que ele, se seus serviços médicos fossem requisitados mais tarde naquela noite. A não ser que ela precisasse do conforto dele se ela experimentasse mais terrores noturnos, ela provavelmente ficaria muito bem dormindo sozinha. Talvez até melhor. Embora ele odiasse admitir.

Por um momento, Carol sentou-se na cama, olhando para o chão e não dizendo uma palavra.

— O que foi? Outra visão? — Ryan estava pronto para deixar a cadeira e sentar-se ao lado dela, para extrair a verdade dela, se fosse necessário.

Ela balançou a cabeça e respirou profundamente. — É como quando você lida com um de seus casos, eu tenho certeza. Eu só estou tentando solucionar o que está acontecendo. — Ela puxou a camisa de seu uniforme sobre a cabeça, expondo um transparente sutiã de seda. Seus mamilos, de um tom rosa escuro, pressionados contra o

tecido como duas joias perfeitas. Ela sequer percebeu o quão sexy ela parecia?

— Sua irmã disse que você falou de mim para ela. — Carol se levantou, agarrou o cós da calça e puxou a calça do uniforme para baixo dos quadris. Ela deixou a calça para deslizar até os seus pés e, em seguida, pisou fora delas.

O olhar dele travou na cobertura de cachos dourados aparecendo através da calcinha de seda.

—Ryan?

O olhar dele se levantou para ver as sobrancelhas dela levantadas. Ela puxou a coberta rendada para o lado, mergulhou para debaixo desta e, em seguida, puxou-a até o queixo.

— O que você disse a sua irmã sobre mim?

— O que eu disse a ela? — A mente dele estava um nevoeiro. Seus pensamentos ainda estavam centrados na forma que Carol parecia com aquela lingerie transparente — sexy, tentadora e convidando mais do que apenas o seu olhar.

— Sim. Ela disse que ficava falando de mim.

Ele franziu a testa. —Ela ligou para você? — A ideia finalmente foi absorvida em seu cérebro cheio de luxúria. Ele não se lembrava das conversas que teve com Rosalind sobre Carol durante a investigação. Ele supunha que ele disse que achava que as habilidades psíquicas de Carol não eram reais.

— Não tenho certeza. Muito provavelmente, sobre o que você tinha imaginado.

— Que eu menti então? — Ela não soou zangada, apenas sonolenta e curiosa.

— Não mentiu. Apenas ouviu conversas e as incorporou em sonhos e pensou que tinha tido uma visão.

— Isso é tudo?

Ele não podia acreditar que Rosalind iria mencionar aquilo. Se ela quisesse que Carol gostasse dele, por que causar uma fissura entre eles? —Eu honestamente não me lembro de mais nada do que eu discuti com ela. Exceto, talvez, sobre um outro caso.

— Eu terei que perguntar a ela, então.

Ele cerrou os dentes, não gostando que Rosalind pretendia agitar as coisas. Mesmo que ele tivesse planejado permanecer na cadeira e apenas se juntar a Carol se os pesadelos a visitassem, ele mudou de ideia e começou a desabotoar a camisa.

— O que foi dito antes é passado. Não é importante. O futuro é que me interessa.

Ela observou-o desabotoar a camisa dele, e ele jurou que estava despindo-o com os olhos antes que ele pudesse chegar às suas calças. O que o fez trabalhar mais rápido no seu cinto. Ele despiu-se do resto de suas roupas, com exceção de sua cueca, e subiu na cama de dossel. Ele acenou

para o dossel rendado acima deles. — Eu sinto que entrei nos aposentos de uma princesa enclausurada.

— Humm, como um guerreiro Highlander de um clã oponente? Esta não é exatamente uma cama ou cenário highlander. — Ela aproximou-se dele e se aconchegou contra seu corpo, o calor de suas sedosas curvas aquecendo o sangue dele.

Ele beijou o topo de sua cabeça, desejando do fundo do seu coração transformar as fantasias dela em realidade. Ele disse a si mesmo que era por causa de todos os anos de querer e nunca ter cumprido o seu próprio destino. Carol, a Pequena Srta. Nightingale e uma sexy bruxa ao mesmo tempo, era a única mulher que já seria certa para ele. Não que eles não tinham um monte de coisas para resolver: transformar-se e lidar com sua metade lobisomem estavam no topo da lista.

— Você quer que eu pegue o meu tartan da minha caminhonete e jogue-o sobre nós?

— Você quer dizer que você correria para fora como você está vestido agora? Vestindo apenas sua cueca? O que os homens guardando a casa achariam?

— Se este fosse o meu castelo, eles torceriam por mim. No de Darien, eles não gostariam muito.

Ela riu, o som sensual brincando com seus sentidos. — Isso não importa, contanto que o Highlander faça parte do cenário. — Ela sorriu para ele e, por um momento, ele

pensou que ela não parecia tão sonolenta, em vez disso, sensual e decadentemente pecaminosa em sua lingerie sedutora.

Mas, sendo honrado, ou tão honrado quanto poderia ser quando ele queria algo menos do que honroso, ele disse: — Durma um pouco, caso Darien ligue e queira que você volte para o hospital.

Com seu olhar focado no peito de Ryan, ela acariciou a barriga dele com as pontas dos dedos, suavemente tentador e tão erótico como qualquer coisa que ele já tinha experimentado. O seu sangue já estava correndo para o sul, preparando-o para um exercício muito mais vigoroso. Ele queria deixá-la de costas, possuí-la como um companheiro e reclamá-la para si, mas ele achava que ela não estava pronta para isso.

Ele limpou a garganta e passou a mão pelos cabelos dela, deleitando-se com os sedosos fios dourados. Ele odiava ter que perguntar, odiava ter que estragar o momento, mas ele tinha que saber o quão longe ela estava disposta a levar isto antes que ele fizesse algo que ela não estava preparada.

Antes que ele pudesse questionar o quão longe ela queria ir, ela murmurou: —Humm. — E deslizou os dedos mais para baixo, passado pelo umbigo dele, mais abaixo, até que ela os escorregou por baixo do cós da cueca e acariciou delicadamente a pele debaixo do elástico.

Ele prendeu a respiração, esperando ela mover os dedos ainda mais abaixo, onde sua ereção tinha curvado-se para cima, implorando por seu toque.

Então, um pensamento terrível lhe ocorreu. Eles não tinham muito tempo. E se Darien ligasse e quisesse que Carol fosse imediatamente ao hospital? Mesmo assim, Ryan não conseguiu se mover, a antecipação de seu toque suspendendo-o no tempo.

Seus dedos foram mais além em sua cueca, roçando a ponta do seu pênis, o qual saltou com o seu toque.

Ele ainda queria saber quão longe ela estava disposta a ir. Oh, inferno. Esqueça palavras. Ele não poderia inventar as mais acertadas. E ele presumia que ela queria o mesmo que ele queria de qualquer maneira. Ele a rolou de costas e montou sobre a perna dela para que ele pudesse deslizar os dedos sob a sua calcinha. Ele não demorou muito tempo para encontrar sua doçura, deslizando seus dedos por seus pelos encaracolados e mais abaixo até que encontrou sua umidade quente e começou a acariciar a joia que a fez arquear ligeiramente contra seus dedos.

Ele sabia que ela devia ser dele. Ou ele nunca teria ido tão longe com alguém de sua própria espécie. Mas, ele também sabia que deveria levar isto lentamente até que ela estivesse pronta para aceitá-lo completamente. Afinal, ela era recém-transformada e, provavelmente, ainda não entendia completamente o que significava aceitar um companheiro.

Ela mal respirava, seus dedos tocando o peito dele, mas não se mexiam, apenas congelados no lugar enquanto ela se concentrava em como ele acariciava seu firme clitóris, seu corpo ondulando com a paixão. Ele se inclinou para beijá-la suavemente, para saborear o vinho em seus lábios. Para sua surpresa e deleite, ela o devorou como se ela estivesse faminta de afeto desde sempre, seus lábios acariciando os dele, sua língua movendo-se ao redor da boca dele, provando, memorizando e enroscando-se com a dele.

Ela o drogou com sua urgência sensual. Ela podia não ter nascido uma *lupus garou*, mas ela sabia como atizar o lobo nele. Ele enfiou a língua na sua boca aberta, e ela chupou-a, seus dedos tateando em busca da ereção dele. Ele quase esqueceu o que estava fazendo, tendo em vista a maneira como ela alimentou o fogo dentro dele, até que ela deu um gemido e contorceu-se sob as pontas dos seus dedos. Ele acariciou o desejoso e excitado clitóris enquanto os dedos dela agarravam seus braços, os olhos fechados e os lábios entreabertos. Um suave gemido escapou e seu corpo tremeu com o orgasmo. Ele sorriu, amando como de bom grado ela respondeu ao seu toque.

Imediatamente depois que ele teve tais pensamentos, ela trabalhou em sua ereção, persuadindo e acariciando para cima e para baixo com a firmeza certa. Ele não poderia durar. Antes que ele pudesse prolongar a sensação, ele sentiu como se estivesse em queda livre de um avião sem paraquedas — livre, no topo do mundo. Sua mão sobre ele manteve a

pressão até que ele gozou. Ele gemeu o nome dela, desejando que ele pudesse ter estado dentro dela enquanto ela o ordenhava com os olhos semicerrados e a língua varrendo os lábios bem beijados.

Ele apertou sua boca contra a dela novamente, saboreando a suavidade e a doçura, deslocando-se até a garganta e, em seguida, até o seu transparente sutiã de seda. Empurrando seu sutiã para baixo com uma urgência frenética até que ele expôs um seio, ele chupou um de seus mamilos firmes e ansiosos que estavam ávidos pelo seu toque.

— Você vislumbrou isso? — Ele perguntou, sua voz ainda rouca pela necessidade, com as mãos cobrindo o outro seio dela, acariciando-o e passando o polegar sobre o mamilo ainda confinado na seda e amando as diferentes texturas.

Ela lhe deu um terno sorriso e passou as mãos sobre seus ombros nus. — Vislumbrei, sim, quando eu vi você se transformar e ficar de pé como um espécime tão saudável de um homem na floresta aqui perto. E, novamente, quando eu vislumbrei você usando o seu tartan. Mas, uma premonição de fato? Não. Se eu tivesse, Ryan McKinley, eu provavelmente não teria dito. Algumas coisas simplesmente não são destinadas a serem ditas.

— No entanto, nós concordamos que você me contaria tudo o que você tomou consciência. Tudo. — Ele sorriu para ela, e tirou o sutiã, calcinha e cueca. Então, ele puxou-a para fora da cama, pegou-a em seus braços e a levou ao banheiro.

— Lelandi vai ouvir o chuveiro correndo e suspeitar que algo não está certo. — Ela sussurrou.

— Ela já sabe que eu reivindiquei você como minha companheira.

Ela levantou uma sobrancelha enquanto Ryan a colocava no chão do banheiro. — Eu pensei que lobisomens só eram considerados acasalados quando eles realmente consumavam o relacionamento.

— Isso não significa que você não seja minha. — disse ele, não se importando como o quão possessivo ele soou quando ligou o chuveiro. — Significa apenas que temos apenas mais um obstáculo para atravessar.

— Obstáculo.

Ele a ergueu e a colocou na banheira sob o chuveiro pulsante. — Sim, obstáculo. Você não está mais disponível, mesmo que não tenhamos consumado o relacionamento. Uma vez feito isso, nós superamos a última barreira. — Ele sorriu para ela enquanto ela revirava os olhos.

— Darien ou os outros não concordaram com isso.

— Ele e os outros serão mais espertos para não me desafiar nisso. Eu sei que este não é o momento, mas mudando de assunto, temos uma outra dificuldade.

— E qual é?

— Jake está pronto para ter um confronto comigo.

Ela franziu a testa. — Com o que vocês dois estão em desacordo agora?

— Você.

— Vocês são engraçados... sabe? Ele nunca demonstrou qualquer interesse verdadeiro em mim. Foi você que veio se esgueirando ao redor da casa de Darien, no meio da noite, com a esperança de ter um vislumbre de mim. Só que o meu cabelo não era longo o bastante para jogá-lo para fora da janela, dando-lhe um caminho para cima para me salvar.

— Salvá-la?

— Da decisão de Darien que eu preciso de um companheiro, logo.

— Se eu soubesse como você se sentia, eu teria trazido uma escada.

— Humm... — ela disse, estendendo a mão para pegar a mão dele e puxando-o para o chuveiro com ela, seu olhar ardente o esquadrinhou de um modo sedutor. — Você teria estado nu.

Suas mãos moldaram-se nos ombros dela, e ele os acariciou com o polegar, lembrando-se como ela o tinha provocado com a camisola escandalosa. Ele se abaixou e puxou suavemente um de seus mamilos. — Por que você foi até a janela com tal camisola transparente? Inferno, e se eu tivesse sido uma má notícia?

— Ryan McKinley, você é uma má notícia.

Ele sorriu maliciosamente, e ela deslizou seus braços ao redor do pescoço dele e inclinou-se em seu corpo, esfregando-se um pouco para atirá-lo. E o inferno, ele fez isso. Ela estava excitando-o com o jeito que ela o tocava, pressionando e exigindo mais.

A água quente corria sobre os ombros dela num fluxo sedoso e escorria entre os peitos deles. Ela ergueu o queixo e ofereceu a sua boca tentadora. Apesar de não querer parecer super-zeloso, ele não podia evitar a forma como ele a queria. Novamente.

Sucumbindo rapidamente a sua sedução, ele percebeu que não tinha forças para mostrar contenção e beijou-a com força, com uma ânsia descontrolada, sua língua penetrando profundamente a boca dela, saboreando-a, desejando-a. Como se por vontade própria, suas mãos deslizavam pelas costas dela, com a água jorrando sobre a pele dela e segurou com firmeza suas nádegas.

Ela gemeu e apertou o seu domínio ao redor do pescoço dele, inclinando-se contra ele ainda mais. Então, ela suspirou e o soltou. Ele pensou que ela queria detê-lo da sua busca de satisfação, arruinando as esperanças dele, e por um segundo, ele ficou irritado consigo mesmo por instigá-la tão rápido. Mas, ela separou-se dele apenas o suficiente para espremer um pouco do seu sabonete líquido de lavanda. Em seguida, seus dedos estavam em cima dele novamente enquanto ela passava a substância perolada sobre o peito dele, o toque sensual fazendo-o gemer de desejo.

Fazendo uma parada especial, primeiro num mamilo e depois no outro, ela provocou apenas em torno das bordas e, em seguida, esfregou a ponta com um polegar macio. Ela estava matando-o suavemente, isto lhe veio à mente enquanto suas mãos voltavam ao bumbum tentador dela.

Ele a desejava mais do que jamais quis alguém em sua vida. E ele estava tão perto de tê-la para sempre. Mas paciência, ele lembrou a si mesmo. Pelo bem dela, ele tinha que deixá-la se acostumar com a ideia.

Passando as mãos entre seus cabelos molhados, ele delicadamente moveu os dedos através dos fios sedosos, hipnotizado pela sensação de seu corpo escorregadio pressionado contra o seu, e pelo jeito que ela lambeu os lábios e o observou com os olhos cheios de desejo.

Ela quebrou o feitiço ao conduzir o sabonete mais abaixo até o seu pênis, o qual reagiu imediatamente e ansiosamente ao seu toque. Ele capturou sua boca em um beijo faminto e sem rodeios, urgente, apaixonado, carente. Deus, ele estava carente. Esqueça de ter forças para deixá-la se acostumar com a ideia de ser sua companheira. Ele a queria agora, completamente e para sempre.

Ele deslizou os dedos entre as pernas dela e começou a acariciar onde a encontrou molhada pelas suas próprias necessidades e do chuveiro. Ela gemeu de prazer e apertou as mãos em torno da cintura dele, exigindo para ele terminar o que tinha começado. Mas ele queria terminar muito mais do que aquilo que tinha começado.

Ele acariciou seu sexo, e seu toque a cativou completamente, a julgar pela forma como seus joelhos enfraqueceram e quão firmemente ela se agarrou a ele.

Ele queria prendê-la contra a parede azulejada do chuveiro e reivindicá-la, mas ele continuou a acariciá-la, observando seus olhos fechados enquanto se agarrava ferozmente nele, sua respiração superficial, seu coração batendo rápida e furiosamente. Arqueando-se contra seus dedos exploradores, ela soltou um choro logo antes de ele capturar sua boca para silenciar seus sons de júbilo. Ela tremeu e caiu contra ele enquanto o orgasmo a atravessava, parecendo como se ela não estivesse preparada a muito mais.

Mas seus lábios se curvaram num pequeno sorriso malicioso enquanto ela abria os olhos, seu olhar capturando o dele. Ela sussurrou com a voz rouca: —Sua vez.

Só que desta vez, ele queria a sua aconchegante pequena cavidade feminina segurando-o com força. No entanto, a mão dela sobre sua ereção — deslizando, tocando e apertando — o fez refém, um refém muito disposto e ele ficou grato de ter esta intimidade entre eles de qualquer maneira que podia. Suas mãos estavam nos quadris dela agora, sua bochecha contra a dela, seu corpo subindo com seus toques.

Carol sentiu-se esgotada e, ao mesmo tempo, como se ela tivesse voado nas asas de uma águia por todo o mundo e voltado. Ela queria desabar na cama com Ryan e dormir o resto do dia, apertada em seus braços. Ela amou ver a reação

dele quando ela acariciou as suas partes íntimas, assim como ela podia ver o quanto prazer ele sentia ao ver o quanto ela amava o toque dele. Ela sabia que ele queria estar dentro dela. Ela não estava pronta. Ou pelo menos ela não iria admitir para si mesma que estava. Ainda não.

Estas carícias — a sexual diversão entre eles, íntima e gratificante — era o suficiente para ela agora. Ela esperava que ele entendesse. Embora, pela forma como seu coração estava batendo e suas mãos estavam segurando os seus quadris com mais força, ele estava tendo dificuldades em se controlar. Ele parecia de acordo sobre querer apenas isso por enquanto.

Ela o tinha reivindicado, detido poder sobre ele e visto seus olhos nadando em luxúria. Ele era lindo e sexy. Forte por completo, mas afetuoso de coração. Ela amava que ele era um lobo e homem, tudo embrulhado em um só.

A sua mão apertou-lhe a ereção um pouco mais enquanto ela o acariciava, e ele gemeu e até apareceu um pouco fraco dos joelhos. Então, ele gozou com um gemido mais emocional, o qual ela apressadamente tentou calar com um beijo profundo. Ele respondeu desesperadamente seu beijo com os mesmos apaixonados roces de língua.

— Você está me matando, Carol. — Ele sussurrou em seu ouvido quando ele a abraçou apertado contra o peito.

Se a água não houvesse começado a esfriar e ela não tivesse tremido, ela estava certa que ele a teria mantido ali por mais tempo em seu abraço forte.

— Eu sou a pessoa certa para você. Todos os seus pacientes dizem isso. Os machos solteiros da matilha já sabem isso. Tom está fora de cogitação já que ele está à procura de uma companheira de sonhos. E Jake está atrasado demais. Até a minha irmã me informou que você seria perfeita para mim, agradável e dócil. — Ryan disse em voz baixa, como se estivesse fazendo um último esforço para garantir que ela soubesse que ele não a cederia a ninguém.

As sobrancelhas de Carol arquearam com a referência a ela ser dócil.

— Eu disse a Rosalind que você não era nem um pouco submissa.

— E o que eu tenho a dizer sobre isso? Alguma coisa? — Carol beliscou os mamilos dele levemente.

— Apenas concordar. — Ele rapidamente enxaguou a ambos antes que a água pudesse se transformar de fresca para fria. — Você precisa aprender os nossos costumes. — Ele acrescentou, sussurrando em seu ouvido.

Ela afastou-se, mas ele a deteve com a mão em seu pulso antes que ela pudesse sair da banheira.

— De jeito nenhum eu vou me transformar. Não com o que está acontecendo. E além disso, eu não aceitarei um

companheiro só porque... — Seus olhos se estreitaram, e ela enrijeceu. — Não me diga que está tudo bem acasalar comigo agora que você acredita que eu sou vidente.

— Essa não é a razão de modo algum. Mas você vai ser minha companheira.

Ela riu, o que o fez franzir o cenho.

— Estou falando sério. — Ele disse, fingindo um orgulho ferido.

— Bem, é claro que você está. Eu já lhe disse desde o início que você me queria. Mas há mais em jogo aqui do que suas necessidades. — Ela saiu da banheira e pegou uma toalha.

Quando ele terminou de se enxaguar e secar-se com a toalha, ela tinha se vestido e saído do quarto. Inferno, ele sabia que esse negócio da mudança seria um ponto de atrito com ela, mas ele não tinha pensado que ele iria fazer uma confusão com aquilo tão rapidamente.



Quando Carol chegou ao bar na sala, em busca de uma boa bebida forte, ela encontrou Jake bebendo chocolate quente enquanto ele se inclinava para trás em uma cadeira e observava-a. Ela franziu o cenho, girou e se dirigiu à cozinha, o chocolate soava muito melhor nesta noite fria. Além disso, o chocolate sempre lhe fazia muito bem.

— Problemas? — Jake perguntou, seguindo-a até a cozinha.

Ela realmente não precisava de Jake a incomodando agora.

Jake tomou um gole do chocolate e, em seguida, pôs a caneca para baixo e tirou uma de fora do armário para ela. — O que ele disse ou fez para você para aborrecê-la?

— Nada, Jake.

— Seu rosto está vermelho. Você está respirando com dificuldade. Se você fosse uma loba...

— Eu não sou, caramba. — Ela olhou para o balcão, os olhos borrando com as lágrimas. Ela afastou duas que se atreveram a deslizar pelo rosto.

Parecendo desconfortável, Jake não disse mais nada. Ele apenas serviu-lhe uma xícara de chocolate quente. Ela ouviu Ryan vindo antes de ele entrar na cozinha e desejou que eles dois a deixassem sozinha.

Quando Ryan adentrou na cozinha, ele não falou com nenhum dos dois, mas ela sabia que eles estavam trocando olhares sugestivos. Dois homens, ambos nascidos como *lupus garous*, ambos do mesmo lado do problema. Ela não ganharia a simpatia de ninguém ali. Ela resmungou um agradecimento a Jake pelo chocolate quente e, em seguida, fugiu para a solidão do solário, esperando que nenhum deles a seguisse.

O cômodo estava frio: a lareira estava apagada, e as gigantescas janelas deixavam o ar frio entrar agora que o sol tinha desaparecido durante a noite.

Ela se sentou em um dos sofás, jogou uma manta de lã sobre seu colo e tomou um longo gole de chocolate quente, desejando que ela e Ryan fossem apenas duas pessoas comuns que tinham encontrado um ao outro e se apaixonado. Tudo era tão complicado com eles por eles serem lobisomens. Ryan achava que podia mandar nela porque ele tinha nascido lobisomem? Porque ele seria seu companheiro? Ela não iria mudar de forma!

Ela olhou pela janela para a escuridão e viu Mervin olhando para dentro da floresta. Atuando como um dos guardas, sem dúvida. Ela suspirou. Não importava o quanto ela queria evitar seu lado lobo, ela também queria Ryan. Infelizmente, ter um, significava ter o outro.

O cômodo estava tão frio que ela tirou os sapatos e colocou os pés debaixo dela no sofá de veludo. Mas, ela ainda tremia enquanto olhava para fora da janela, onde ela observou a lua crescente, bonita e branca como uma enorme pérola requintada contra a noite de veludo preto.

Ela bebeu mais do seu chocolate, tentando sacudir o frio. O calor do chocolate e a manta começavam a aquecê-la. Aquecê-la... não. A lua. Ela cerrou os dentes, sentindo uma vontade de mudar, o desejo de abandonar suas roupas e tentou convocar uma visão. Mas nada veio até ela.

Ela rapidamente pôs a caneca na mesa de café e empurrou a manta para o lado. Seu movimento chamou a atenção de Mervin, e ele sorriu e acenou.

Não, não, não! Ela tirou a parte de cima do uniforme, expondo seus seios revestidos pelo sutiã, e sentiu o calor aprofundando-se conforme este fazia seu caminho através de seu sangue.

Veja uma coisa, Carol. Vislumbre algo. Faça isto parar!

Mervin a observava de seu posto distante, com a boca aberta. Ela não podia sair agora, não podia ir ao seu quarto, ou Ryan e Jake iria flagrá-la em seu atual estado de alarme enquanto ela fazia seu caminho através da grande sala até as escadas. E iriam segui-la. Provavelmente, tentariam fazê-la aceitar o que ela não podia aceitar.

Ela tirou suas meias e puxou para baixo suas calças. Oh, Deus, não. Ela não podia fazer isto. O calor invadiu seus ossos e sua pele transpirava levemente. Ela ia mudar.



Jake não disse nada enquanto Ryan se servia de uma xícara de café, mas Ryan sabia que ele queria ouvir o que tinha chateado Carol. Ele provavelmente já havia percebido do que aquilo se tratava de qualquer maneira. Ryan não devia a Jake uma explicação, mas ele lhe ofereceu de qualquer maneira.

— Ela é minha.

— Isso é evidente. — Jake serviu-se de uma xícara de chocolate quente.

Ryan olhou na direção da porta de entrada da cozinha. — Eu a incomodei quando disse que ela precisava aprender os nossos costumes.

Jake deu um sorriso presunçoso. — Achei que foi isso que a estava incomodando. Eu poderia ter lhe dito que Darien e eu andamos em círculos com ela sobre isto. Tom é mais sutil sobre o assunto. Lelandi tentou de uma maneira fraternal. — Ele encolheu os ombros. — O companheiro dela terá que cuidar disso.

Lelandi sorriu enquanto entrava na cozinha, parecendo nova em folha.

— Humm, o aroma de chocolate quente. Você sabia que isto iria me avivar depois de um bom cochilo na primavera, não é, Jake? Então, o companheiro de quem terá que tomar cuidado de que? — Ela tirou uma caneca do armário e Jake serviu-lhe uma xícara de chocolate.

Nem Ryan ou Jake falaram, mas eles compartilharam olhares um com o outro.

— Oh, Carol. — Lelandi sussurrou e então franziu o cenho. — Você... você sabe, finalizou as coisas?

Ryan sacudiu a cabeça.

— Eles não acasalaram. Mas ele já declarou que ela é dele. — Jake disse com um sorriso. —É melhor avisar Silva para que ela possa espalhar a notícia informalmente. Mas já existem problemas no paraíso. Ela não gosta que ele lhe diga que ela deve aprender as nossas maneiras mais do que ela gosta de nós dizendo isto a ela.

— Onde Carol está agora? — Lelandi perguntou, com a voz baixa.

— No solário. — Ryan disse. —Eu estava dando a ela um minuto para ficar sozinha. Vou ver com ela está.

A porta do solário bateu ao abrir e Ryan disse: —Merda. Ela não pode ter fugido sozinha. Que diabos ela está pensando? — Ele correu para o solário com Jake e Lelandi em seus calcanhares.

Mas quando chegaram ao solário, Mervin correu para dentro para encontrá-los. — Ela, Carol... inferno, ela... — Ele apontou para as roupas empilhadas no chão do solário ao lado do sofá.

— Transformou-se? — Ryan não podia acreditar.

— Sim, e saiu pela portinha de lobos. Eu não tenho permissão para deixar o meu posto de guarda.

— Ela é uma das que estamos protegendo! — Ryan silenciou a vontade de chamar Mervin de idiota. Em vez disso, ele começou a rasgar suas roupas.

— Vou ligar para Darien. – Lelandi disse. —Jake, você vai com Ryan.

— Eu tenho que ficar e protegê-la. Eu vou chamar mais ajuda.

Ryan não esperou para ouvir o que mais Jake decidiu. Em vez disso, Ryan passou e correu pela porta. Mervin correu para fora atrás dele e apontou na direção que ela tinha ido. Mas Ryan podia sentir o cheiro dela muito bem e correu atrás do cheiro das pegadas que ela estava deixando para trás.

Ele esperava como o inferno que North e seus homens estivessem longe e que Carol não estivesse muito traumatizada pelo que estava experimentando. Ele não tinha ideia de como ela poderia lidar com este aspecto de sua vida, mas ele queria que ela o deixasse ser parte disso.

Ele correu por cerca de dois quilômetros quando ouviu o som de tiros. Inferno. E então, mais. Um lobo uivou à distância. Em seguida, outro uivou.

Ele parou. O cheiro de Carol seguia numa direção diferente da dos sons dos lobos feridos. Ryan levantou a cabeça e uivou. Ele foi recebido com silêncio. Ele uivou de novo, longo, baixo e profundamente.

Exceto pelo sussurro da brisa agitando os galhos das árvores, nada.

Ele correu atrás da trilha de Carol novamente. Ele tinha que encontrá-la e, então, localizar os outros lobos. Assim que

ele correu em direção ao rio, ele a viu, uma bela loba vermelha rosnando, o nariz enrugado, mostrando os dentes, orelhas e cauda erguidas, conforme ela estava de pé, apoiada contra a beira da água, enquanto três homens a atormentavam com uma rede de pesca.

Era North e dois de seus homens, um dos quais tinha atingido Ryan com uma bala.



CAPÍTULO 22

Com as costas para Ryan, North e seus homens preparavam uma rede de pesca que visava Carol. A sua postura de loba indicava que ela estava pronta para fugir, e os corpos dos homens endureciam com a tensão enquanto gritavam uns aos outros — Não a perca desta vez, porra!

—Porra, eu não sou um pescador, North!

—Sim. — disse outro homem. —Se nos pescamos, é com nossos dentes!

Com seu pelo vermelho eriçado e peludo ao máximo, Carol parecia maior e mais ameaçadora, mesmo assim, ela teve a percepção de fugir do caminho da rede. Mas ela não quis ir para a água onde ela poderia facilmente ter escapado da captura. Percebendo isso, os homens a mantiveram encurralada com as costas contra a corrente. Assim que a rede caiu no chão, errando ela, os homens correram para pegar a rede enquanto a observavam para ter certeza que ela não atacava. Por que ela não apenas saltou na água e nadou para longe?

Pelo menos, nenhum deles parecia disposto a atirar nela.

Ryan continuou correndo na direção deles. Concentrando-se fortemente em Carol, nenhum dos homens percebeu a ameaça se aproximando rapidamente às suas costas. Ryan poderia ter rosnado para avisá-los antes de atacar. Mas ele estava preocupado que eles pudessem ter armas de fogo e matá-lo, e então, ele não poderia proteger Carol. Ele mirou no homem em comando, North. Mesmo agora, Ryan tinha raiva, lembrando como o bastardo tinha deixado Carol molhada e nua, tremendo na grama gelada perto da casa de Darien.

Carol olhou para Ryan, arregalando os olhos, suas orelhas achatando um pouco, seu rosnado esmaecendo. Os homens se viraram para ver o que havia lhe chamado a atenção.

— Puta merda! — Um dos homens disse, soltando a rede e correndo para salvar a vida.

North e outro homem correrem em uma direção diferente. Com seus impulsos de lobo ditando suas ações, Ryan lutou contra o desejo de perseguir qualquer um deles e acabar com suas tristes vidas, o que significaria deixar Carol sozinha. Ele não poderia abandoná-la. Não com a possibilidade de que a pessoa que atirou nos lobos pudesse vir atrás dela. Ou que North ou seus outros homens pudessem voltar por ela.

Mas, principalmente, ele não tinha certeza de como ela reagiria, agora que ela estava em sua forma de loba, e ele tinha que estar aqui por ela mais do que nunca.

Suas orelhas se arrebitaram novamente, e ela o observou. Ele galopou em direção a ela, esperando que ela não fugisse. Ele não tinha ideia se ela conseguia identificar as formas deles como loba. Não até que ela amadurecesse e aprendesse as nuances deles. Ele se aproximou. Ainda assim, ela não fugiu. Ele deu um passo mais perto, cutucou o lado de sua boca com o nariz, e depois lambeu seu rosto. Venha para casa, ele queria dizer a ela. Venha comigo. Mas ela parecia congelada no lugar.

Ele ouviu duas pessoas correndo em direção a eles e olhou para trás por cima do ombro. Christian e Jake, nenhum dos quais tinha mudado de forma.

—O que diabos está acontecendo? — Jake disse a Carol. — Estamos felizes que você mudou, Carol, mas você precisa voltar para a casa agora! Lelandi vai ter os bebês mais cedo se ela ficar mais chateada sobre isso.

Carol olhou em direção à casa e, em seguida, encheu seus pulmões de ar. Decidindo-se, ela galopou em direção à casa, para alívio de Ryan. Ele se juntou a ela e correu ao lado dela, seu corpo tocando levemente o dela, tentando consolá-la se ela precisasse de seu apoio. Ele tinha certeza que ela precisava do apoio de alguém.

Jake e Christian corriam atrás deles, mas, na velocidade de um humano, eles nunca os alcançariam. Jake estava falando ao telefone, dando a Darien uma atualização sobre Carol e disparos nos lobos.

— Tudo bem, vamos ficar juntos até termos notícias suas. Sim, ela vai ficar bem. Você conhece Carol. Ela sempre se mantém firme.

Ryan estava feliz por ouvir a admiração na voz de Jake, ao invés de condenação. Carol precisava de incentivo mais do que qualquer outra coisa, e ele planejava ser seu entusiástico benfeitor acrítico, ajudando-a através das mudanças em sua vida.

Quando Ryan e Carol chegaram à casa, Mervin estava lá dentro com Avery e Lelandi.

— Graças a Deus, você está bem. — Lelandi disse a Carol. — Nós ouvimos o disparo. — Ela esfregou seu estômago de forma preocupada. — Eu coloquei suas roupas no seu quarto. — Ela mordeu o lábio. — E a sua também, Ryan.

Ele teria sorrido pela consideração de Lelandi, se não fosse a gravidade da situação. Em vez disso, ele seguiu Carol para fora do solário, através da sala e, em seguida, acima das escadas até o seu quarto. Ele nem sequer tinha pensado na possibilidade de ele poder não ser capaz de mudar de volta, ou que ela não pudesse. Mas, quando eles chegaram ao seu quarto e ele se transformou, ela não fez isso. Ele fechou a

porta e se vestiu enquanto ela caminhava como um animal enjaulado.

A mudança era tão natural para alguém que nasceu como um lobisomem que ele não sabia como explicar o que ela devia fazer. Ele pensou que o processo seria inato, mas aparentemente não. Ou...

Ele não queria pensar sobre o doutor. Ela não podia ficar presa em sua forma de loba!

Ele se aproximou e tocou o pescoço dela. Ela parou e esperou. Ele passou os braços em volta do pescoço e abraçou-a, inclinando o rosto contra o dela.

— Você pode mudar de volta, Carol. Apenas deseje isso. Você está tão distraída que não está pensando claramente. — Pelo menos é o que ele esperava que fosse o problema.

Por pelo menos mais dez minutos, os quais pareceram uma eternidade, ela ficou parada ali e deu respirações fortes, os olhos fitando-o por alguns instantes. Em seguida, ela focou sobre a cômoda. Parecia que ela iria ficar lá pelo resto da eternidade, apenas olhando para o móvel, incapaz de fazer qualquer outra coisa.

— Você pode fazer isso. — Ele a incentivou e esfregou a cabeça entre as orelhas. Em seguida, ele passou a mão sobre as costas, tentando consolá-la. Se ela não tivesse gostado, ela teria rosnado ou se afastado, mas ela não pareceu se importar.

Ainda assim, quando ele parou de acariciá-la para ver o que aconteceria, ela não empurrou sua mão para encorajá-lo a continuar. E então, ela começou a andar novamente.

Inferno. — Carol, você pode fazer isso. Você pode mudar de volta. Feche os olhos e veja a mudança. Sinta o calor, a rápida transformação. Sinta.

Subitamente, ela correu até o banheiro e fechou a porta com o nariz.

Ela não queria que ele a visse mudando? — Carol, a mudança é um evento natural para nós. É um processo bonito, algo a ser valorizado.

Minutos depois, ela abriu a porta e fez uma careta para ele, nua e bela, sua expressão brava enquanto ela caminhava em direção a suas roupas postas na cama.

— Para você, talvez, caramba, mas não para mim.

Ele segurou o seu pulso para detê-la de evitá-lo e cruzou os braços em torno do seu sedoso corpo, segurando-a firme. A sua armadura caiu instantaneamente.

— Pensei que estava perdida como loba. — Ela soluçou.

Ele engoliu em seco, beijou-a no alto da cabeça, e abraçou-a até que os soluços cessaram. — Está tudo bem, querida. Você vai ficar bem.

— Eu nunca vou ficar bem de novo. — disse ela em meio às lágrimas.

— Você vai. Juntos, nós vamos fazer isso. Eu sempre estarei perto por você.

Ela olhou para ele, seus olhos brilhando com lágrimas não vertidas. — Você me quer? Mesmo eu sendo esta bagunça toda? Você é um líder da matilha. Você precisa de uma companheira que possa ajudá-lo a liderar. Não alguém que é totalmente sem noção e nem sequer sabe como uivar ou mudar de volta. Ou controlar quando vai mudar em primeiro lugar.

— Você vai ficar bem, Carol. O que provocou a mudança desta vez? Mervin veio correndo até nós para avisar que você tinha fugido. Ele agarrou você novamente? — Ryan tentou controlar o rosnado em sua voz, mas se Mervin a tivesse agarrado de novo...

Ela rapidamente balançou a cabeça. —Eu estava apenas sentado no solário frio, tentando me aquecer enquanto eu bebia o chocolate quente. Vi Mervin guardando o lugar e, então, olhei para a lua crescente. A maldita lua.

— A lua tem algo a ver com a mudança conforme ela continue a brilhar. Mas o frio pode também. Se estamos em um ambiente muito frio, podemos mudar para nossa metade lobo para que possamos ficar quentes.

— Sim, mas você faz isso quando você escolhe. Não quando o lobo escolhe. — Ela suspirou profundamente. — Ryan, eu não consegui lutar contra eles. North e os outros. A habilidade natural para me defender entrou em jogo, o

rosnar, grunhir e mostrar de dentes, mas eu não consegui atacá-los.

— Havia três deles, e eles tinham uma rede. Se você tivesse tentado atacar, eles poderiam facilmente ter capturado você com a rede. O instinto lhe advertiu que usar uma postura defensiva era a única maneira de lidar com a situação.

— Eu não conseguiria matá-los. Nenhum deles.

— Se alguém tivesse tentado matar você ou outra pessoa, você poderia ter visto isso de forma diferente. Isso não é importante. O importante é que você tenha a mudança sob controle. Você poderia ter escapado nadando através do rio, no entanto.

— Eu não sei nadar.

Ele ergueu as sobrancelhas. — A natação é uma habilidade natural para os lobos.

Ela franziu a testa para ele. — Sim, bem, transformar-se também deveria ser uma habilidade natural para nós. Assim como uivar. Por que eu não consegui uivar avisando a você que os três homens estavam tentando me pegar com uma maldita rede de pesca?

Ele sorriu. — Você poderia ter nadado. Mais tarde, quando as coisas estejam mais estáveis, eu vou ensiná-la como humana. Quanto aos uivos, provavelmente, você estava

muito ocupada concentrando-se nos homens e na rede. Se eu estivesse na sua pele, era o que eu teria feito.

Jake gritou das escadas: — Tudo bem aí em cima?

Ryan esfregou os braços nus de Carol e beijou sua bochecha. — Você está bem?

Ela assentiu com a cabeça e afastou-se dele para se vestir.

— Vamos descer num minuto. Está tudo bem por aqui.
— Mas Ryan tinha uma nova preocupação, e ele estava certo que era um pouco do que ainda estava incomodando Carol. Quando ela iria mudar da próxima vez? E por que ela não tinha sido capaz de conjurar as visões desta vez para bloquear a necessidade de mudar?



Não querendo ver ninguém da matilha nunca mais por ter se transformado numa loba, Carol relutantemente desceu as escadas com Ryan para se juntar a Jake e Lelandi. Ela sabia que Lelandi devia estar preocupada com ela. Jake, também. Mas ela não queria enfrentá-los. Ela perdeu o pouco controle que tinha sobre sua habilidade de se transformar, e agora Darien certamente iria proibi-la de trabalhar no hospital.

Jake olhou para Carol com muita preocupação.

— Eu estou bem. — Ela disse, esfregando os braços e encarando-o. Mas ela não se sentia bem. Ela achava que qualquer coisinha podia desencadear a mudança de novo.

Lelandi atravessou a sala, deu-lhe um grande abraço e esfregou suas costas. — Você vai ficar bem, Carol. É apenas o começo. Eu juro que você vai se acostumar com isso.

O telefone de Jake tocou. Ele puxou-o para fora do cinto e disse: — Sim, Darien? — Seu olhar se deslocou para Carol. — Merda. Tudo bem. Vou levá-la para o hospital agora. E quanto a Lelandi? — Ele olhou na direção dela. — Tudo bem, ela fica aqui com o grupo de guardas dela. Eu estou a caminho.

Ele desligou e ligou para alguém. — O policial Trevor e três de nossos homens foram baleados em suas formas de lobo. Não pelos homens de North. Por habitantes humanos. Espalhe a informação rapidamente que qualquer pessoa que atirar num lobo recebe a pena obrigatória de prisão. O xerife está rastreando os atiradores, então, ele precisa que você espalhe a notícia. Eu tenho que levar Carol ao hospital para ajudar as vítimas. Falo mais tarde.

Jake fez um gesto para Carol e Ryan irem com ele enquanto ele ligava para mais alguém.

— Sam, eu quero que você tome conta do grupo de guardas vigiando Lelandi. Silva pode vir e ficar com ela. Eu tenho que levar Carol e Ryan ao hospital. Alguns de nossos homens foram baleados em suas formas de lobo, e o Dr.

Mitchell desapareceu. Sim, eu sei. Nem fale de um inferno de bagunça. Nós vamos sair assim que você chegue aqui.

Carol não conseguia acreditar nisso. Entretanto, ela sentiu profundamente em seus ossos que o doutor se transformar num lobo e não ser capaz de mudar de volta foi apenas o início do pesadelo.

Lelandi esfregou seus braços enquanto os seguia para a sala. — Você pode ir ajudar os homens. Eu já tenho uma equipe de guardas.

— Não. — Jake e Ryan disseram ao mesmo tempo. — Eles são todos os betas. — Jake acrescentou. — Sam estará aqui assim que puder.

— Eu poderia levar Carol ao hospital até que Sam o libere, Jake. — Ryan ofereceu, achando que desta vez eles não teria nenhum problema.

— Não. — disse Lelandi. —E se North e seus homens tentarem emboscar vocês?

— Eu preciso cuidar dos homens que foram feridos. — Carol disse com a voz firme. — Vai levar uma hora para Sam pegar Silva e chegar até aqui.

— Ryan? — Jake perguntou.

Por um lado, Ryan queria mais proteção para Carol. Por outro, ele sabia que ela precisava chegar aos homens e ajudá-los. Ele puxou uma arma.

— Eu posso cuidar disso. Além disso, North e seus homens provavelmente ainda estão correndo pela floresta.

Jake avaliou a arma. — Balas de prata?

— Não. Normais. Isto vai atrasá-los se eles tentarem levar Carol como refém novamente. É improvável que eles estejam aqui vigiando o que estamos fazendo após o fiasco da pesca de um lobo com uma rede. Você está bem com isso, Carol?

Ela já estava indo para a porta. Ele jurou que ela teria sido a primeira em cena para cuidar dos feridos no campo de batalha, não importava qual fosse a ameaça à sua própria segurança, e ele não podia deixar de admirá-la por tal qualidade.

Ele caminhou atrás dela, olhando por cima do ombro para Jake. — Nós vamos avisar a você se encontramos algum problema ou não, quando chegarmos ao hospital.

Jake deu-lhe um rígido aceno de cabeça.

— Tenha cuidado. — Lelandi disse a Carol.

— E você se cuide. — Carol, seu olhar preocupado. Em seguida, dirigiu-se para além da porta.

Assim que Ryan e Carol estavam seguros na caminhonete, ele arrancou em direção a cidade. — Teve mais alguma visão? Algo sobre sua transformação ou os homens e a rede? Os homens que foram baleados?

Ela encostou-se no assento e passou a mão sobre o tartan dele. — Não. Se eu tivesse tido uma visão, eu poderia ter sido capaz de parar a mudança.

— Eu sei que você não acredita nisso agora, mas quanto mais cedo você abraçar as nossas maneiras, mais fácil será para você se adaptar.

— Obrigado por ter fé em minhas outras habilidades de qualquer maneira.

— Se você tivesse dançado por mais tempo comigo, no encontro, da maneira que você fez, eu teria acreditado em qualquer coisa.

Ela riu e depois ficou séria. — Acreditar no meu sexto sentido assusta você.

Ele deu um sorriso torto para ela. Ele não se assustava facilmente, mas sim, saber que uma pessoa poderia ter vislumbres de futuros problemas era um pouco enervante. Não só isso, mas o fato de que ela poderia tocar um objeto e ter uma visão sobre isto parecia surreal demais para ser verdade.

Ela soltou a respiração. — Eu pensei que você deveria saber que sua irmã me ligou e conversou comigo mais um pouco sobre você.

Seus músculos do pescoço tensionaram. Só Deus sabia o que Rosalind tinha dito a Carol. Que ele tinha mantido uma pasta de fotos dela? Que ele queria que ela fosse sua

companheira antes mesmo que ele tivesse percebido tal questão? Sua irmã já tinha atizado problemas suficientes.

—Ela disse que você usou uma psíquica falsa certa vez e ela lhe colocou em verdadeira dificuldade num caso de difamação. Então, eu entendo que você sentiria que todas nós somos fraudes.

—Eu não pensei que você fosse exatamente uma fraude.

—Certo. Eu apenas invento coisas porque eu sou uma grande contadora de histórias.

Ele esfregou sua têmpora, envolvendo-se profundamente naquilo. — Eu tinha que saber se você era verdadeira, Carol. Desde o momento que nos conhecemos, eu tentei desmerecer suas “visões” pelo menos na minha própria mente. Não funcionou. Ou você tinha ouvido como Silva, o que você não poderia ter feito como uma humana, ou apenas aconteceu de você estar em todos os lugares errados no momento certo. E isso era coincidência demais. A menos que você estivesse procurando saber a verdade sobre o assassinato.

— E você suspeitava de que eu estivesse?

— Não. Você é uma curadora. Em primeiro lugar. Se você investigar algo, está relacionado a ajudar os outros a se curarem. Casos de homicídio não são o seu forte.

— Humm. — Ela soltou o cinto de segurança para deslizar pelo banco, prendeu o cinto no meio do assento e aconchegou-se ao lado dele.

Ele passou o braço em volta dela e segurou-a perto conforme dirigia a caminhonete com uma mão. — Sobre a noite que você viu alguns da nossa espécie mudando de forma, eu concordo com você. Você não poderia ter testemunhado tal fato no escuro. Não sem a nossa visão de lobo.

— Mas você nunca souo como você se acreditasse em mim. Bem, talvez uma pequena indicação. No entanto, você continuou a me questionar e oferecer outras razões pelas quais eu pensava ter visões.

Ele balançou a cabeça. — Eu estava tentando encontrar maneiras de ter sucesso, e todas elas desapareceram antes que eu as pudesse agarrar. Não, eu acredito que você seja legítima. E eu preciso de sua ajuda.

Ela olhou para ele com uma expressão de surpresa. — Minha ajuda?

— Caso eu esteja investigando uma situação e você possa ser capaz de ver algo que eu não posso.

— Então, é disso que se trata. Você quer que eu seja sua companheira para que eu possa resolver todos os seus casos para você.

Amando seu senso de humor, ele riu sombriamente. — Sim, que desonesto eu sou, não é?

Ela suspirou. — Eu vou ajudar se eu puder. Minhas visões nem sempre são previsíveis. Eu não posso forçar...

Ele olhou para ela, sua expressão advertindo-lhe que ele sabia mais.

— Forçá-las sempre.

— Só quando você está lutando contra a mudança. E essa era outra coisa. Você não conseguiria lutar contra a mudança, a menos que fosse de alguma forma especial.

— Especial. — Ela murmurou. — Ninguém nunca me chamou disso. Louca, sim. Bem, não tanto esta palavra exatamente, mas o Dr. Metzger inferiu isto.

— Louca, hein? Você é praticamente a pessoa mais sã que eu conheço. — Ele deu-lhe um aperto caloroso. — Faz cinco meses que eu estive pensando em você. Rosalind lhe disse isso? Que eu estava fortemente distraído? Ela é uma jardineira no fundo, mas ela estava fazendo algum trabalho de investigação sozinha, tentando descobrir o que me afligia.

— Ela disse que você tinha fotos minhas. Eram boas?

— Eu percebi que ela iria mencioná-las. Eu tirei fotos de muitos dos membros da matilha de Darien.

— Aham, e eu não estava sob suspeita. Não de verdade, de acordo com Rosalind. Então, por que as fotos? E por que tantas? Confesse, Ryan. Você sempre me quis. — Ela descansou a mão no alto da coxa dele, o calor fervendo através de seus jeans e excitando-o instantaneamente. — Mas agora, se você me quer tanto, você vai ter que lidar com Darien.

— Eu lhe disse que se eu quisesse você, nada iria ficar no meu caminho.

— Apenas uma pequena questão psíquica.

Ele suspirou. —Isso não teria me parado. Você vê algo sobre nós estarmos juntos?



CAPÍTULO 23

Carol esfregava levemente a coxa de Ryan, para cima e para baixo, quase tocando sua virilha na subida. Ele estava pronto para estacionar a caminhonete e reivindicá-la para si antes mesmo de chegarem ao hospital, mas isto era muito perigoso com o North e seus homens ainda desaparecidos.

—Humm. — Ela murmurou de uma forma sensual. — Eu sonhei que você veio vestido com seu tartan me resgatar em um corcel branco. Foi a noite na qual North e seus homens me levaram como refém. Você arrancou o tartan vestindo apenas camisa e botas, e envolveu o tecido em volta de mim. Então, você me levou para o castelo.

Era uma profecia que ela deveria sonhar com ele dessa forma? Ou algum profundo desejo freudiano de estar com ele que a colocou num mundo de fantasia, onde ele era o seu cavaleiro? Ele tinha sonhado com ela, também, só que ela estava usando a translúcida camisola de seda que ele tinha visto nela quando ela ficou olhando para fora da janela para ele.

— Castelo? Eu era o lorde, sem dúvida. — E ele teria sido, se a sua família tivesse mantido a fortaleza velha e fria. Mas, em algum momento ou em outro, eles a tinham perdido por causa dos impostos e se mudaram primeiramente para a Ilha Príncipe Eduardo e depois, eventualmente, para a Carolina do Norte onde muitos escoceses acabaram por lá. Lobisomem ou não. Alguns de seus familiares se estabeleceram no Colorado e lá tinham ficado.

— E os membros de seu clã estavam contentes de ver que você tinha finalmente encontrado uma mulher para domar as suas maneiras selvagens. — disse Carol, sua mão ainda acariciando sua coxa com um leve toque.

— As minhas aventuras selvagens e sexuais você quer dizer. — Ele piscou para ela.

— Faz isso com frequência?

Ele riu. Ela gargalhou. — Mas eu estou preocupada sobre ser uma MacDonald. E se os McKinleys lutaram contra os MacDonalds?

— Nos velhos tempos, quem sabe? Agora, isso não importa. Você sabe o que isso significa?

— O quê? — Sua mão fez uma pausa em sua coxa.

— Nós vamos adiantar a data do noivado.

Ela acariciou a perna um pouco mais e ele rangeu os dentes contra a crescente onda de necessidade. — Se

tivermos tempo antes do doutor e dos outros homens chegarem... — ele disse.

Ela parou a mão no colo dele. —E quanto a Darien?

— Ele vai entender. Acredite em mim. Você conhece algum lugar privado onde possamos... resolver isso? — Ele não queria dizer-lhe que já tinha deixado Jake ciente de que Carol era dele e que Silva seria a próxima a saber, ou que Darien já havia perguntado se ele a tomaria como companheira.

Rindo, ela apertou sua coxa. — Você vai direto ao assunto, não é?

— Você me viu resgatá-la e levá-la para longe dos canalhas, para a segurança do castelo, então, parece que você teve uma premonição. Já que você não pode mudar o destino, parece que estamos destinados a isso. Então, existe algum lugar privado onde possamos ir? — ele perguntou novamente.

Sorrindo, ela balançou a cabeça.

— Eu pensei que você fosse do tipo aventureira. Mas mais do que isso, vou apenas ser capaz de me mover na direção do hospital se você continuar me manipulando.

Ela riu. —Uma mesa de exame? Tipo ginecológica?

—Sem exame com as mãos? — Ele sorriu. — É uma ideia.

—O porão tem uma área de estar, um laboratório de testes, uma lavanderia e uma sala de lanche. Sofás, roupa limpa e lanchinhos.

—Está melhorando.

—O escritório das enfermeiras e o consultório do doutor têm camas para quando temos que ficar de plantão durante a noite.

—Podemos trancar as instalações do porão?

—Sim, todos os quartos irão trancar. Depende apenas daquilo que você esteja com ânimo de fazer. Quando eu estava em treinamento em Denver, uma vez eu encontrei uma enfermeira e um médico se pegando num armário de roupas. Mas armários nunca me atraíram. A menos, é claro, se eu ficasse trancada em um pedaço de mau caminho e tivesse que gastar o tempo.

— Com qualquer cara?

Ela acariciou sua coxa. — Não com qualquer um. Por duas vezes, eu também descobri pacientes fazendo sexo com seus amantes em seus quartos. Quando eu até mesmo havia batido, esperado por uma resposta e pensado que o paciente estava dormindo quando ninguém respondeu.

Ryan riu. — Então, o que você fez?

— Me virei e murmurei algo sobre voltar mais tarde. Eu fiquei envergonhada na primeira vez que flagrei um casal de meia-idade no ato. Na segunda vez, eu estava pegando o jeito.

— Parece que os pacientes não precisavam estar no hospital. Uma cama desocupada de paciente é outra opção, então?

Ela balançou a cabeça. — A não ser que eu seja uma das pacientes, estivesse me sentido brincalhona e o visitante parecesse imensamente como você.

— Parece que você é uma aventureira, afinal de contas. — Mas isto significava muito mais para Ryan do que apenas sexo. Acasalar era o compromisso abnegado entre um homem e uma mulher que prometiam uma parceria através dos tempos difíceis e, apreciar o bem, uma maneira de transportar seus genes adiante através dos seus descendentes, um companheiro para a vida. Independente de qualquer coisa, ele estar com ela a longo prazo parecia mais do que certo.

Ele só esperava que os problemas que estava tendo com a transição pudessem ser resolvidos assim que eles estivessem acasalados.



Quando eles chegaram ao hospital, o lugar estava tranquilo. O enfermeiro Matthew encontrou com eles na sala de espera, deu um olhar severo a Ryan e então disse para Carol: —Eu enfaixei Tom e os outros que North e seus homens tinham atacado antes. Sam apareceu para pegar a picape de Tom e levá-la até a casa de Darien, e Silva foi

embora com ele para ficar com Lelandi. Os outros tiveram alguém para buscá-los e levá-los para casa. Temos seis guardas do lado de fora do hospital. O lugar está tranquilo, com nenhum dos pacientes passando a noite hoje.

— Os três homens que foram baleados estão sendo transportados para cá. Deve demorar mais outras quatro horas antes de eles chegarem, no entanto. Eles tiveram que ser carregados até onde um veículo pudesse alcançá-los e, em seguida, trazê-los aqui.

— O doutor está dormindo no quarto de seu escritório, ainda em sua forma de lobo. Eu recolhi amostras de sangue, e o biomédico realizou alguns testes de rotina e altamente especializados sobre eles. Ele foi para casa pela noite, se você quiser dar uma olhada nos resultados no laboratório.

— Você saberia mais sobre isto do que eu, já que você estava treinando nessa área antes de decidir se tornar uma enfermeira. Com o Dr. Mitchell e o Dr. Weber incapazes de olhar os resultados, eu não sei para quem mais enviá-los. Estou exausto. Até os feridos chegarem para serem remendados, vou me deitar num dos quartos do pessoal.

— Obrigado, Matthew. Eu vou olhar as amostras de sangue no porão. Assim que os feridos chegarem, eu vou estar de volta para ajudá-lo a tratá-los. Apenas me avise quando você souber que eles estão aqui.

Matthew assentiu com a cabeça e se dirigiu para a sala das enfermeiras.

Ryan seguiu Carol escadas abaixo até o porão, sabendo que ele nunca poderia desfazer o que estava prestes a fazer e não lamentando aquilo nem um pouco.

— Você tem certeza que quer fazer isso? – ele perguntou, apenas no caso de ela não estar pronta para um compromisso completo. Quando eles chegaram ao último degrau, ele abriu a porta para ela. Ele tinha que ter certeza de que ela queria isso tanto quanto ele.

— Sem mudança de ideia de última hora? — Ele estava com medo que ela se contentaria com menos do que o acasalamento novamente. Embora ficar excitado com ela daquele jeito fosse atraente, ele queria mais: reivindicá-la, fazer o compromisso, estabelecer-se com ela.

Ela lhe deu um sorriso rápido. — Você tem que perguntar? Você não está ficando com medo, não é? Você prometeu me ajudar com o que eu estou passando. “Juntos” você disse. — Ela levantou uma sobrancelha.

Exatamente o que ele queria ouvir. Ele a puxou para perto e beijou-a, pronto para mostrar-lhe o quanto ele a queria. Seus dedos agarraram-no com força contra seu corpo, e sua boca se suavizou contra o beijo dele. Seu corpo estava duro no começo, mas depois derreteu-se. O corpo dele já estava atormentado pelo toque dela, mas ele sabia que ela o queria tanto quanto ele a queria.

Com a respiração superficial, ela subitamente se soltou do beijo e acenou para a porta. — Talvez você queira trancá-la.

Odiando quebrar o feitiço da bruta energia sexual espiralando entre eles, ele caminhou até a porta e trancou-a com um clique.

O aquecedor de água na sala ao lado vibrava enquanto o calor morno entrava pelas ventosas acima. Ryan desligou metade das luzes, deixando a sala na escuridão. Eles ainda podiam ver, mas era muito mais romântico, ele pensou.

Ela pegou a mão dele e o puxou para perto novamente. — Você é um romântico no fundo do coração, Ryan McKinley. Mas, de alguma forma eu tinha imaginado você sendo um pouco mais selvagem do que isso.

Ele não pôde deixar de sorrir largamente por isso.

Ela correu os dedos sobre sua bochecha enquanto ele descansava as mãos nos quadris dela.

— Você não me mandou flores como todos os outros homens mandaram.

— Viu quão bem isto funcionou? – Ele disse, levantando o seu rosto para ele.

Seus olhos eram sombreadas piscinas azuis, cheios de expectativa, líquidos pelo desejo. Seus lábios se separaram e ele beijou a abundância, a suavidade que era toda Carol,

enquanto sentia os braços dela em volta de seu pescoço enquanto ela ancorava seu corpo contra o dele.

— Além disso... — ele disse, sussurrando as palavras contra seus lábios, suas mãos descendo pelas costas. — Eu não sigo tendências.

Ele alcançou o cós da calça e deslizou-a pelas pernas, inclinando-se mais para baixo para tirá-las completamente e beijando sua barriga até os quadris. Ela pressionou o calcanhar do tênis para removê-lo, mas ele se agachou para tirar um e depois o outro. Em seguida, ele deslizou as mãos para cima sobre sua perna nua, beijando-a na parte interna do joelho.

Ela estremeceu.

— Com frio? — ele perguntou, levantando-se, sua mão roçando a coxa dela e tocando-a intimamente entre as pernas. A única coisa o parando era a translúcida calcinha de seda, como um cinto de castidade transparente protegendo o tesouro. Mas não por muito tempo.

Ele deslizou a calcinha por suas pernas, pressionando sua boca contra o interior dos joelhos dela e separando-os para ganhar acesso. Em seguida, com as pernas abertas, ele deslizou seus dedos em sua fenda úmida e quente, e ela imediatamente se arqueou contra ele. Seu corpo já gritava por liberação, o anterior sexo não consumado tendo sido apenas o começo.

— Excitante. — disse ele, descrevendo o modo como ela parecia e sentia.

— Caprichosamente excitante. — Ela pegou o cinto dele e se esforçou para soltá-lo enquanto ele passava as mãos sob o uniforme e massageava seus seios, que estavam cobertos pelo diáfano sutiã de seda sem um pinga de bojo. As pontas de seus polegares acariciaram os mamilos dela e ela fechou os olhos, os dedos hesitantes em seu cinto, seus lábios se separaram em admiração. Ela gemeu baixinho, abriu rapidamente os olhos e soltou o cinto. Depois que ela deslizou o zíper para baixo, ela arrastou os dedos ao longo de seu rígido comprimento, fazendo-o saltar com o seu toque.

Ele puxou a parte de cima do uniforme sobre a cabeça dela e deixou cair na parte de trás do sofá, em seguida, ele olhou para o sutiã. Era melhor que rendas ou algum material opaco ou qualquer outra coisa que ela poderia ter usado. Sua lingerie era puro deleite com seus mamilos escurecidos arrebitados contra o tecido. Ele segurou a cintura dela e lambeu os tentadores bicos, primeiramente um através da seda, e depois o outro enquanto ela passava os dedos pelos cabelos dele, não muito gentilmente. Outro suave gemido de seus lábios o provocou.

Completamente excitado, ele a queria agora, antes que qualquer coisa o impedisse de possuí-la como sua companheira. Ela estava brincando com seus botões, portanto, ele rapidamente tirou os sapatos, sua língua ainda provocando um mamilo. Em seguida, ela havia retirado a

camisa dele e a jogado no chão, e as calças seguiram o caminho da camisa.

Ele tentou abrir o sutiã, mas não conseguiu, então, ela agarrou o fecho enquanto ele a levava e a carregava ao sofá.

—Você quer ficar em cima ou embaixo? — ele perguntou.

—O sofá é áspero. Eu tenho a pele muito delicada.

—Eu posso ver. — Ryan acariciou a macia bochecha dela.

—Além disso, eu sou uma garota do tipo dominadora.

Ele sorriu largamente por isso. Ela poderia pensar que era, mas ele tinha outros planos.

Carol amava a maneira como Ryan ouvia seus desejos. Com ele, o ritual era muito mais profundo do que mero sexo. Era um compromisso de cuidar, proteger, ficar juntos para sempre — e sempre era um tempo muito longo, dado o tempo de vida de um lobisomem.

Ela estava pronta para o compromisso, para ficar com o homem que arriscaria seu pescoço por ela, que aceitava suas peculiaridades psíquicas e pacientemente compreendia a sua relutância em mudar. Ela sabia que ele era a pessoa certa para ela. Ela só esperava que não o decepcionasse enquanto ela lutava para aceitar as mudanças.

Ele a colocou ao lado do sofá antes de ele se deitar sobre este. Nu, musculoso e pronto, ele sorriu num fascínio lascivo.

Ela agachou-se ao lado do sofá, tocando o leve pêlo em seu peito e movendo-se mais para baixo, até a trilha que a levou à sua ereção. A borda de sua mão tocou a ponta aveludada, já molhada com antecipação e totalmente excitada. Agora, ele estremecia com a expectativa enquanto sua ereção pulsava com desejo.

O sorriso ainda iluminava seu rosto, mas seus olhos estavam escuros de desejo. Ela colocou sua perna sobre a dele e moveu-se até que ela estava sentada em cima de sua coxa. Ele colocou as mãos sobre as coxas dela, acariciando e esperando para ver o que ela faria a seguir.

Ela se sentiu impulsionada a tomar conta de sua vida. Para escolher Ryan para si. Pela primeira vez na sua vida, ela queria se sentir no controle. Talvez, não dos seus problemas com a mudança ou das suas habilidades psíquicas. Mas agora, ela estava no comando de um macho alfa gostoso com o qual ela estaria comprometida pelo resto de sua vida. E isso era bom.

Ela moveu a mão para baixo sua ereção, deslizando sobre o pênis rígido, memorizando a sensação de cada cume aveludado, e apenas parando quando sua ereção se moveu sob o seu leve toque. Ela estendeu a perna sobre a outra perna dele, espalhando-se para ele, sua barriga roçando suavemente contra sua forte ereção.

Ele gemeu. — Carol... — Ela jurou que, se ele não tivesse essa voz rouca e urgente, ele podia começar a implorar. Implorar era bom.

Parando num agache parcial, pairando sobre ele com as mãos plantadas nos dois lados de seu corpo, sobre o sofá macio, ela manteve-se no ar, planejando se sentar e tomar posse de seu sexo e esfregá-lo até que ele fosse incapaz de resistir ao puro prazer por outro segundo. Até que a parte de trás de seus dedos roçaram sua coxa e ela mordeu o lábio, seu toque enviando um tremor de necessidade através dela. E então, seus dedos se friccionaram contra a coxa de novo, suavemente, aquecendo seu âmago e fazendo seu sangue queimar por ele. Sua mão tocou os curtos pelos encaracolados na junção de suas coxas e parou ali.

Ela inclinou-se contra a mão dele, pressionando o seu clitóris contra seus dedos torturadores. Seus braços estavam falhando, por isso, ela decidiu abrir mão de acariciá-lo e se situou sobre sua ereção para dar o mergulho. Mas ela também queria prolongar a experiência, então, ela abaixou-se contra sua mão novamente, provocando-o a agir. Seus dedos deslizaram dentro das dobras molhadas, e ela quase morreu, uma morte maravilhosamente requintada.

Cada fibra do seu ser, loba e humana, desejava ter o macho alfa. Nada mais importava. Ela estava começando a se movimentar para cima, para alinhar-se sobre sua ereção quando as mãos dele agarraram suas coxas, e ela engoliu um suspiro. Ele não ia deixá-la assumir o controle.

Ele a puxou mais para perto, com os polegares direcionados ao seu âmago feminino e, então, estendeu a mão e começou a acariciá-la. Todo o seu corpo pareceu como um

pudim em suas mãos, e ela não achava que poderia ficar assim por muito tempo sem cair em cima dele. O sorriso dele dizia que ele também sabia disso. Seus toques se tornaram mais rápido, levando-a até ao limite e atijando a sua paixão até que... ela sentiu o sol e a lua colidirem e ela gritou pela primeira vez que ela se sentiu tão violentamente embriagada, seu corpo ainda tremendo com a descarga de adrenalina.



Ryan deveria tê-la avisado que se ela pensasse em seduzi-lo com suas artimanhas femininas, era melhor ela estar preparada para aceitar as consequências.

O cheiro de sua doce excitação e a forma como suas pernas montavam as suas, abrindo-se para ele, estavam deixando-o louco. Segurando sua sanidade, buscando o controle enquanto ela o tocava, devia ser a coisa mais difícil que ele já tinha feito. Inferno, assim que ela subiu em cima dele, deixando-se pronta para a penetração? Ele queria dar o mergulho logo em seguida. Ele suspirou. A pequena loba vermelha seria a morte dele.

Ele soltou suas coxas e levantou as mãos para agarrar sua cintura. Ela engasgou quando ele a levantou para longe dele e trocava de lugar de modo que ela estivesse de costas, sua doçura à mostra para ele. Macho alfa em cima, no controle, ele deslizou as mãos até os seus braços, levantando-

os acima da cabeça para que seus seios estivessem prontos novamente para sua língua.

Ela era linda e doce de uma maneira picante, e toda dele.

Ela sorriu para ele e lambeu os lábios com um lento movimento destinado a prepará-lo. Mas ele estivera pronto para acabar com isto antes de eles sequer largarem uma peça de roupa. Ele deslizou sua perna sobre a dela e prendeu-a no sofá. As pálpebras dela abaixaram-se, e ele tocou suavemente seus lábios com os dele. Ele ansiava por ela mais do que ele já tinha desejado alguém.

Assim que ele a beijou, ela passou as mãos sobre seus braços, seu toque tentadoramente sensual. Então, ela levantou a perna entre a dele, pressionando-se suavemente contra sua ereção rígida. Ele gemeu e os lábios dela tremeram ligeiramente para cima. Mas ele não queria ser empurrado para uma rápida resolução.

Ele abaixou a cabeça e agarrou um dos mamilos com sua boca novamente, o broto franzido para a apreciação dele. Ela gemeu e passou as mãos pelo seu cabelo, seus dedos massageando o couro cabeludo com tanta delicadeza que ele queria descansar a cabeça contra seu peito e se entregar a sensação sensual. Ele não conseguia decidir o que lhe deu mais prazer, ouvir seus leves gemidos enquanto seus dedos acariciaram seu clitóris inchado, ou a forma como ela o acariciou, como se ele fosse tão precioso para ela como ele sentia que ela era para ele.

Com o orgasmo ainda vibrando dentro dela, ele deslizou sua ereção dentro dela e empurrou de novo e de novo, mais profundamente, com mais força, selvagem pelo querer, enquanto ele a reivindicava como sua companheira para sempre.

— Ryan! — Ela clamou quando ele não conseguiu segurar o impulso por mais tempo e encheu-a com sua semente.

Ele pretendia estabelecer o ritmo lentamente, para fazê-la aproveitar o prazer de lhe tocar por último, mas ela se arqueou contra seus dedos, sua respiração superficial, seu coração pulsando freneticamente, seus olhos fechados enquanto sua língua molhava seus lábios, e ele soube que não poderia durar muito mais tempo. Ela era a mulher mais bonita com quem ele já tinha estado — o cabelo loiro—dourado emoldurando sua pele de alabastro, com seios bem arredondados que davam água na boca por outra prova, e mamilos rosa pálido e totalmente estendidos para o seu prazer.

— Ah, Ryan. — Ela sussurrou, seu pequeno corpo quente arqueando-se uma última vez. Ela suspirou e lambeu os lábios novamente, o orgasmo ondulando através dela em outra cascata de ondas.

Ninguém jamais disse seu nome com tanto erotismo, desejo e necessidade.

Por um minuto, ele deitou aconchegado junto a Carol, amando a sensação de seu calor sedoso, a vitalidade do seu coração batendo, o doce perfume que era único de uma fêmea vermelha e ainda mais especial por causa do perfume sedutor de Carol. Ele havia passado cinco meses obcecado por ela, e agora ela realmente era dele.

Ensinar-lhe as maneiras dos lobos era o próximo na agenda. Esta provação tinha apenas começado.



CAPÍTULO 24

Aconchegada contra o corpo quente e musculoso de Ryan, Carol precisou de um momento para perceber que alguém estava na porta do porão tentando entrar, quebrando seu contentamento feliz.

— Carol e aquele cinzento forasteiro trancaram a maldita porta para o porão. Eu tentei ligar para ela, mas não há nenhuma resposta em seu celular. Tem certeza que você tem a chave das instalações daqui de baixo? — O enfermeiro Matthew perguntou do lado de fora das portas do laboratório, da sala e da área de serviço.

— Ai, inferno. — Carol disse, lutando para se desembaraçar de Ryan no sofá da sala do pessoal. — Devemos ter adormecido. — Ela procurou seu sutiã e franziu a testa.

Nu, seu corpo uma maravilha esculpida, Ryan colocou os braços atrás da cabeça e a observou.

Seu rosto corou enquanto ele olhava seus seios. Se ela e Ryan estivessem em outro lugar, em algum lugar mais

privado, e que as circunstâncias fossem diferentes, ela teria dito para os intrusos irem embora.

— Mais tarde, Ryan. — Ela disse, sua voz ainda baixa.
— Temos que nos vestir.

Ele se Levantou do sofá lentamente como um lobo, pegou os ombros dela e então beijou sua boca sem pressa e com sentimento. Ele a tinha reivindicado, ela era dele e era melhor todos se acostumarem com a ideia.

Tudo bem, tudo bem, então ela era dele. E ele era todo dela também. Mas essa não era a hora de provar isso.

Ela beliscou a boca dele. — Ajude-me a encontrar o meu sutiã. — Ela se apressou a puxar a calcinha, suas calças do uniforme e, então, seus tênis.

Ele procurou debaixo do sofá e em torno de sua pilha de roupas. — Não o vejo.

Ela deu-lhe um olhar severo. — Tudo bem. Vista-se. Depressa.

— Eu peguei as chaves do zelador e uma delas deve abrir a porta. — Jake disse, sua voz um pouco mais alta do que o necessário, como se estivesse alertando Ryan e Carol para se prepararem para a invasão futura. Uma chave e depois outra foi inserida na fechadura, metal contra metal.

— Jake. — Carol sussurrou.

— Depressa. — disse Matthew.

— Há pelo menos cinquenta chaves neste molho. Você sabe qual delas é?

Silêncio.

Ryan puxou sua camisa e vestiu suas calças. Carol passou os dedos pelo cabelo dela, tentando colocar algum tipo de ordem. Então, ela correu até o laboratório e pegou o relatório do laboratório do biomédico e as amostras de sangue do Dr. Weber em sua forma de lobo.

— Onde está o Dr. Weber? — Jake perguntou a Matthew informalmente, ainda brincando com as chaves na fechadura.

Obrigado, Jake, Carol disse silenciosamente.

— Ele está tirando uma soneca como lobo novamente no seu escritório, numa almofada de cachorro que trouxeram do canil do veterinário após o doutor se recusar a deitar em sua cama. Tão exigente como é, ele provavelmente não quis largar pelo na roupa de cama. Ele ainda está com febre e tosse. A mudança não nocauteou o vírus como deveria. Portanto, ele não pode ter tido gripe humana.

Carol analisou a amostra de sangue sob um microscópio eletrônico, observando formas mais ou menos esféricas que estavam cobertas de espinhos rígidos, como uma auréola. Que auréola.

Ela olhou para Ryan para ver se ele já estava vestido. Ele tinha acabado de abotoar a camisa e empurrava as pontas dentro calças e estava dando-lhe uma piscadela

diabólica e um pequeno sorriso quando a fechadura da porta se abriu. Ela balançou a cabeça para ele. Do seu jeito macho, ele só tinha que provar à matilha de Darien que ela era dele. Não que ela se importasse. Pelo menos, nenhum outro homem iria pensar que ela estava disponível.

Ryan fechou o zíper e afivelou o cinto enquanto Jake e Matthew entravam na sala.

— Os homens que foram baleados estão aqui. — Matthew disse a Carol, dando a Ryan um olhar mordaz. — Por que vocês travaram a maldita porta?

— Por proteção. — Ryan disse conforme o rosto de Carol ficou corado de vergonha. — Caso North e sua gangue acabassem por invadir o lugar.

— Os homens que foram baleados? — Matthew reiterou. — Darien teve que mandar algumas pessoas até a casa do Dr. Mitchell para cuidar dos animais no seu canil até que eles possam localizar o veterinário. Não é típico do doutor desaparecer sem dizer uma palavra a alguém, especialmente quando um grande número de animais de estimação precisava de sua atenção e ninguém estava programado para cuidar deles na sua ausência.

— Ele está com gripe canina. — Carol disse finalmente. — O Dr. Weber pegou. A doença respiratória provoca tosse, coriza e febre. — Ela acrescentou para o bem de Jake e Ryan. — Nós podemos medicá-lo, certifique-se que ele beba bastante líquido, e o ajude a passar por isso. Se algum de

vocês não sabe, o vírus foi primeiramente encontrado em cavalos, mas, em seguida, transferiu-se para cães. Mas, não passa para os humanos.

Ela olhou para os homens, com uma expressão preocupada. — Ele poderia pegar pneumonia.

Matthew franziu o cenho para ela. — Mas isso não faz nenhum sentido, já que o vírus canino não se transfere para humanos. Ele estava doente antes de se transformar.

— O vírus que ele tem não pode passar para humanos. Eu tenho certeza que ele tinha gripe humana antes de transformar, mas não temos um exame de sangue dele enquanto era humano para provar isso. Se assim for, o vírus que ele tinha antes de se transformar pode não ser aquele que não pode se transferir para caninos.

— Eu acredito que o que temos aqui é um vírus novo. Um que é o desdobramento de outro. Talvez. Eu não sei com certeza. Mas o vírus parece afetar o tipo lobisomem. Esta incapacidade de mudar de volta tem que ter algo a ver com o vírus. Você não acha?

Ryan assentiu. — Parece que poderia ser o caso.

— Vocês não tiveram quaisquer sintomas de gripe, não é? — Ela perguntou.

Impressionado pela maneira lógica que Carol lidava com um mistério médico, assim como ele fazia numa investigação,

Ryan olhou por cima do ombro dela para ver os resultados de laboratório.

— Não. Eu acho que você pode estar certa. Todo mundo na matilha precisa ser advertido a não mudar, se pode evitá-lo. Especialmente se há alguma indicação de que eles estão adoecendo com um surto de gripe. Inferno, eu preciso avisar a minha matilha e a minha irmã.

Ele ergueu o telefone de seu cinto, esperando que ninguém em Green Valley tivesse sido infligido com o vírus, se era isso o que aquilo era. Ele ligou para sua irmã primeiro.

— Rosalind?

— E aí? Você finalmente corrigiu a situação com a Carol? — Ela soava como se soubesse que ele tinha feito, antes mesmo de ele dizer isso a ela.

— Olha, nós temos problemas aqui.

Sua irmã permaneceu em silêncio. Ela sabia que quando a voz assumia o tom sombrio, ele falava sério. — Pelo menos uma pessoa na matilha de Carol adoeceu com alguma coisa. Um vírus gripal, ao que aparece. Parece que, se uma pessoa com o vírus se transforma em lobo, ele ou ela não pode mudar de volta à forma humana.

— Você não pode estar falando sério! — Sua voz era mais do que preocupada.

— Eu estou falando sério. Vou ligar para o meu segundo em comando, mas eu não quero que você seja exposta a qualquer um até que possamos resolver isso.

— Ha! Esta é a estação de maior movimento para o meu viveiro, Ryan.

— Rosalind. — Ele só tinha que dizer o nome dela uma vez para que ela saber quão grave isto era.

— Tudo bem. — Ela disse com firmeza. — Carol descobriu, não foi?

Ele olhou para Carol. — Sim, Carol é a pessoa que descobriu a doença e os resultados.

— Através de suas visões, certo?

Ele suspirou. — Aham.

— Eu não lhe disse isso?

— Sim, você já disse isso e eu finalmente... bem, inferno, ela realmente tem bons pressentimentos. — Ele deu um sorriso sutil a Carol quando ela levantou uma sobrancelha para ele.

— Não apenas pressentimentos.

— Ela é legítima. — Sua voz tornou-se mais imponente.
— Não se transforme, tudo bem?

— Tudo bem. Eu disse que não faria isso.

Ele soltou a respiração. — Eu tenho que ligar para o meu sub-líder. Eu estarei em casa em breve. Mantenha-se isolada dos outros. Tudo bem?

— Eu farei isso.

— Eu ligo para você quando souber de algo novo.

— Boa sorte, Ryan. Ela vai conseguir. Ela vai encontrar uma cura.

— Agora você pode ver o futuro?

Silêncio. Então, sua irmã disse: — Sim, assim como eu sei que se você já não a tomou como companheira, você fará isso em breve.

— Tchau, Rosalind. — Ele não estava prestes a lhe dizer qualquer coisa sobre acasalar com Carol enquanto Jake e Matthew estivessem ouvindo a conversa. Ele desligou o telefone.

— Pressentimentos, hein? — Carol perguntou a Ryan.

— Sim, malditamente bons. Vai demorar um pouco para me acostumar com você sabendo as coisas antes de mim... de uma maneira não científica, mas... — Ele encolheu os ombros, teclou outro número e disse:— Granbury, é McKinley. Descubra todos aqueles em nossa matilha que possam estar doentes com vírus da gripe. Doenças das vias respiratórias superiores. Certifique-se de avisá-los para não se transformarem. Isso tem consequências terríveis

Ele olhou para Carol e a encontrou observando-o, uma carranca na testa.

— Eles não podem mudar de volta se eles virarem lobos. Eu sei que parece loucura, mas eu tenho uma especialista no caso. Ninguém mais que possa evitar de mudar de forma também. Mas, especialmente, aqueles com a gripe.

— Sua assistente administrativa estava doente esta manhã.

— Inferno. Ela se transformou?

— Não que eu saiba. Ela ficou doente hoje. Vou ligar para ela, e se eu não receber uma resposta, eu vou correr até a casa dela e avisá-la.

— Tudo bem. Certifique-se de que ela receba muitos líquidos. A gripe canina não deveria transferir para os humanos, mas, pela forma como isso está afetando o nosso povo, não temos certeza dos efeitos com a mudança. Eu lhe darei uma atualização assim que eu puder. E avise-me o que está acontecendo com Ingrid. — Ele fechou o celular e o guardou.

Carol deu um sorriso cansado a Ryan. — Obrigado.

— Desculpa, Carol. Eu acho que eu não estava preparado para tal mudança antes.

Jake ergueu as sobrancelhas quando Carol olhou para ele. Ele estava observando-a demais. Seu olhar mudou dela para Ryan.

Ela se levantou da cadeira e se dirigiu até as escadas. — Como os feridos estão se comportando? — Ela perguntou a Matthew.

— Eles vão ficar bem. Eles ainda estão em suas formas de lobo. As balas não eram de prata. Mas os homens perderam um pouco de sangue e os três estão doentes com aquilo que o doutor provavelmente tem. Três deles sofreram ferimentos nas pernas traseiras. Um deles foi atingido no traseiro. — Matthew disse, liderando o caminho até as escadas, Carol seguindo atrás. — Se pudéssemos ter encontrado o Dr. Mitchell, ele poderia ter realizado a cirurgia em sua clínica veterinária.

Ryan observou Carol desaparecer e, então, virou-se para ver o que Jake estava fazendo na sala do pessoal.

Jake olhou para o sofá e se aproximou. Em seguida, ele se inclinou sobre este e remexeu-o. Inferno. Jake tirou o sutiã de seda para fora do vão entre as almofadas e respirou profundamente. Ele balançou a cabeça e jogou o sutiã para Ryan.

— Parece que vocês dois se comprometeram. — Ele deu a Ryan um sorriso tortuoso. — Já era tempo. Mas Darien não vai ficar satisfeito.

Ryan colocou a prova incriminadora em seu bolso. Carol não ficaria satisfeita em saber que Jake tinha encontrado o seu sutiã, e embora ele não gostasse de guardar segredos de

sua companheira, ele não tinha planos de lhe contar sobre isso.

Ele correu pelas escadas e Jake o seguiu. Assim que Carol terminasse de tratar os feridos, Ryan tinha toda intenção de levá-la para casa. Para a casa dele. A cama dele. Ele tinha gente que poderia mantê-la segura, assim como Darien mantinha. Agora, ela pertencia a sua matilha, não a de Darien. E se o seu próprio povo poderia sofrer o mesmo problema como o povo de Darien, Ryan precisava estar lá por eles. Ele coçou o queixo, pensativo. Contanto que ela pudesse fazer sua pesquisa em Green Valley. Ele teria que se certificar que ela pudesse.

Depois que eles chegaram à sala de operação, Jake e Ryan serviram como guardas e esperaram lá dentro. Enquanto Matthew auxiliava, Carol removia a bala do primeiro paciente. Ryan admirava Carol por sua dedicação aos cuidados do paciente. Ela trabalhou eficientemente com as mãos firmes, seu comportamento seguro de si. Matthew a ajudou, com uma expressão de profunda admiração, como se ele tivesse toda a confiança em suas habilidades. Quando ela costurou a ferida do homem, ela parecia como se pudesse trabalhar assim durante toda a noite. Ela devia estar cansada, mas ela não deixava transparecer.

— Eu continuo dizendo que você devia ser uma médica, Carol. — Matthew disse. — Antes do Dr. Weber chegar aqui, você já tinha removido quantas balas de membros da matilha?

— Três homens feridos naquele assalto a banco. Nós curamos mais rapidamente, contanto que as balas não sejam feitas de prata. Balas de rifles podem fazer um montão de danos permanentes aos humanos, mas os nossos corpos se curarão da lesão com o tempo. Portanto, não é a mesma coisa.

— Você tem a inteligência e a habilidade para fazer isso, Carol. — Matthew argumentou.

Ela podia acreditar que não era capaz de fazer o trabalho, mas, com a sua determinação, Ryan pensava diferente. Se ela quisesse mais formação médica, ele iria apoiá-la o tempo todo. Mas uma coisa era certa: sua matilha em Green Valley precisava de um *lupus garou* que tivesse as habilidades médicas dela. Ele precisava arranjar um médico lobo para iniciar uma clínica, e ela poderia ajudá-lo. Se ela quisesse uma formação complementar depois disso, Ryan estava completamente de acordo.

Matthew enfaixou a perna ferida do homem, e então, mudou-se para o próximo.

Avery. Inferno, ele estava doente agora. E ele dançou com Carol. Ela tinha estado perto do doutor durante todo o dia também. Ryan tinha dançado com Marilee e ela também estava doente. Ele se perguntou quanto tempo o resto deles tinham antes deles mudarem sem nenhuma alternativa de se transformar de volta.

Ryan virou-se para Jake. — Onde estão Marilee e Becky agora? Ambas estão doentes com esta merda. Se elas pegaram isto, nós não queremos que elas voltem para a matilha delas e levem o vírus para lá.

— E se elas trouxeram isto da matilha delas? — Jake puxou seu celular de fora do seu bolso e discou um número. — Bertha? Aqui é Jake. Marilee e Becky estavam hospedadas na sua pousada, certo? — Ele franziu a testa e, em seguida, olhou para Ryan. — Inferno. Tudo bem. Vou passar a informação para Darien e Ryan.

Jake terminou a ligação e apertou outro botão.

— Darien. — Ele suspirou. — Nós temos mais problemas.



Carol terminou de remover a bala do terceiro homem ferido, embora concentrar-se tinha se tornado um esforço assim que Ryan e Jake deixaram a sala de cirurgia para discutir um novo problema com Darien em privado.

Matthew disse —Gostaria de saber o que mais está acontecendo.

Carol deu uma respiração profunda. — Nada de bom, podemos ter certeza.

—Você transou com ele, não é?

Ela olhou para cima antes de dar pontos na ferida aberta do homem. Matthew parecia um pouco irritado, os olhos apertados e os lábios franzidos. — Se você quer dizer que Ryan e eu estamos acasalados, sim.

— Ele espera que você vá embora imediatamente. Para mudar para Green Valley. Para cuidar do seu povo.

— Eu vou ficar aqui até resolvermos isso. — Além disso, ela realmente não tinha pensado em ir embora. Apenas que ela seria a companheira de Ryan. Por que ela não tinha sequer considerado isso? Eles tinham um hospital em Green Valley? Certamente não um que era gerenciado por lobisomens, ela imaginou. Ela seria capaz de obter uma vaga? Ela até mesmo iria tentar, considerando seu problema com a transformação?

Ela rangeu os dentes e suspirou. — Como você escutou Jake dizer, se todos nós estamos infectados porque fomos expostos a isso, não podemos sair espalhando para outras matilhas. — Ela percebeu que isto era entendido facilmente.

— Ele não vai pensar assim, Carol. Ele é um líder de matilha. Seu lugar é com a sua matilha. Ele vai querer estar lá, caso isto atinja o seu povo. Sua irmã e sua tia estão lá. Família tem prioridade. Você pode esperar. Se um caso desta doença atingir Green Valley, ele vai querer arrastá-la para lá rapidamente.

Ela terminou com seu paciente e estava prestes a responder que Ryan não seria assim quando a enfermeira

Charlotte entrou para o seu turno de trabalho. Jake a acompanhava, mas Ryan não estava com eles.

Carol teve um mau pressentimento sobre isso.

Charlotte suspirou profundamente. — Parece que temos uma epidemia de nossa espécie ficando doente e depois não sendo capaz de mudar de volta para sua forma humana. Agora, os humanos pensam que lobos estão invadindo Silver Town e a área circundante. Então, eles estão pegando armas para se livrar da ameaça.

Jake balançou a cabeça. — Cinco homens já foram presos e postos na prisão. Um deles disse algo sobre Darien ser um amante do lobo, e Darien apenas sorriu de uma maneira sinistra. Nenhum deles têm advogados, logo, o tribunal irá representá-los. — Jake deu um sorriso maligno.

— Todos advogados lobisomens. Eles vão obter uma multa máxima de 20 mil dólares, cinco anos de suspensão da licença de caça e 60 dias de prisão por molestar a vida selvagem em propriedade privada, pelo porte de armas carregadas num veículo sem autorização, por disparar através de uma estrada e qualquer outra coisa que as testemunhas atestarem.

— Testemunhas *lupus garous*. – Carol disse, meio comentando e meio questionando.

— Exatamente. Silver Town é liderada por lobisomens, e pretendemos mantê-la dessa maneira.

Carol mordeu o lábio inferior e esfregou os braços. — Alguém precisa cuidar do Dr. Weber e observá-lo o tempo todo.

— Eu farei isso. — disse Charlotte. —Você pode ir agora. Meu turno. Você já trabalhou o seu turno e mais horas do que deveria.

— Obrigado, Charlotte. Com esperanças, você vai ter uma noite tranquila. — Carol deixou o hospital com Jake, ladeada por Mervin e Christian. Ela esperava que Ryan estivesse esperando fora da sala de cirurgia, mas ele não estava.

— Onde está Ryan?

— Ele e o xerife tiveram que questionar Marilee e Becky na pousada. — Jake disse enquanto a acompanhava até a caminhonete dele. — Quando eu liguei para Bertha para saber se os membros da matilha das mulheres estavam doentes, ela disse que um homem havia infectado as duas mulheres para se vingar de Darien. Só que agora o homem não quer dar-lhes a cura. Este não é apenas um vírus normal.

— Não é apenas uma mutação de algum tipo que afeta o nosso povo? — A cabeça de Carol ficou confusa com as implicações. — Algum bastardo doente criou isso?

— Sim, e, então, Miller deu isto a eles para infectar a nossa matilha. Connor pagou ao cientista *lupus garou* para criar a praga. Becky e Marilee queriam começar seus próprios

negócios e Connor iria dar-lhes uma bolada por levar a praga ao nosso encontro. A única satisfação que nós temos é que Connor e alguns de sua matilha adoeceram com isto. As mulheres terão a mesma dificuldade para lidar com isso.

Ryan entrou no estacionamento, parou ao lado do veículo de Jake e correu para fora da caminhonete. Sua mandíbula estava rígida, seus olhos escuros. A notícia não era boa.

— O cientista fez uma vacina? — Carol perguntou a Jake e Ryan.

— Isso é o que estamos tentando descobrir. — Ryan puxou-a para perto e segurou-a com força, como se tivesse estado afastado por eras. Ele roçou seu rosto com os lábios e, em seguida, disse para Jake: —Nós estamos voltando para casa.

Jake tinha um olhar estranho em seu rosto e não se moveu em direção à sua própria caminhonete para segui-los.

— Jake? — Disse Carol.

Ele franziu o cenho para ela. —Você me viu mudando de forma e não sendo capaz de mudar de volta.

Ele finalmente parecia acreditar nela. — Talvez eu esteja errada. — Carol disse. — Talvez eu apenas veja você mudar, mas, como todo mundo continua me lembrando, eu não vejo o resultado final. Que você mude de volta.

Mas a expressão de Jake permaneceu sombria.

Ela deu um tapinha no braço dele. — Nós vamos encontrar uma vacina. E uma cura.

— E este maldito Miller. — Ryan disse, arrastando Carol para dentro da caminhonete. — Vejo você na casa de Darien.

— Eu estarei bem atrás de você. — disse Jake.

Tão logo eles estavam na estrada, Carol disse a Ryan — Eu desejaria não ter dito a Jake o que eu vislumbrei.

Ryan sacudiu a cabeça e puxou-a para perto. — Nós vamos colocar isso sob controle.

Mas, por trás de suas palavras, ela tinha certeza que ela ouviu a preocupação que eles talvez não conseguissem.

— Darien vai ficar puto sobre nós acasarmos quando nós não dissemos nada a ele sobre isso de antemão.

Ryan soltou a respiração, querendo Carol longe deste pesadelo imediatamente. — Ainda mais quando eu lhe disser que você está voltando para casa comigo esta noite.

Ela olhou para Ryan como se ele tivesse perdido a cabeça e ele soube, assim que ela fez isso, que ela não iria concordar com o plano dele, mas ele tinha a sua própria matilha e sua própria casa. Ficar como um convidado na casa de Darien não estava nos planos. Ele tinha que investigar o esconderijo de Miller e de Connor, mas ele pensou que, se Carol estivesse com a matilha dele, Connor, North e o resto deles nunca iriam descobrir o paradeiro dela e ela estaria mais segura.

— Eu quero levá-lo para casa comigo. — Ele disse, um pouco mais receptivo desta vez. Ele nem mesmo tinha considerado que ela poderia recusar-se.

— Eu tenho que ficar e descobrir uma maneira de curar isto. A menos que você tenha um médico em Green Valley que possa ter alguma ideia do que fazer.

Ele certamente desejou que ele tivesse. Se o médico fosse um *lupus garou*, ele poderia ter ajudado. Mas, como um ser humano, ele não podia.

— Não, Carol, ele é humano.

— Humano. — Ela disse isto como se o homem fosse um alienígena recém-chegado de outro planeta, quando ela mesma tinha sido estritamente humana não fazia muito tempo.

— Nós não podemos permitir que ele saiba o que nós somos. — Ryan não tinha certeza por que o fato de o médico ser humano a angustiava. A não ser que ela tivesse grandes esperanças que ele pudesse ajudar com isso.

— Você não viu o Dr. Mitchell se transformar em uma premonição, não é, Carol?



CAPÍTULO 25

Carol suspirou profundamente e descansou a cabeça no ombro de Ryan enquanto a caminhonete rugia para a casa de Darien. Ela estava cansada, mas este vírus tinha que ser interrompido e os efeitos neutralizados.

— Não, eu não tive nenhuma visão do Dr. Mitchell. — Carol desejou ter tido, qualquer coisa para saber o que tinha acontecido com ele. Ela se aconchegou mais perto de Ryan, sentindo-se mais gelada pela situação na qual estavam do que pelo clima.

— Mas a forma como o doutor desapareceu me faz supor que ou North e seus homens o sequestraram, pensando que ele poderia ser capaz de ajudar com o problema médico deles, ou ele se transformou, fugiu e foi incapaz de mudar de volta. Se North e sua matilha recém-criada adoeceram com isso antes de nós, eu preciso entrevistá-los.

Ryan endureceu seu lado. — Você pode descobrir o que quer pelo telefone. Você não vai encontrar nenhuma gente de North cara a cara. Eu estarei comandando um grupo para

descobrir o paradeiro deles, o laboratório que vêm usando e, com esperanças, encontrar uma vacina.

Ela bateu os dedos no colo dela. — É remotamente possível que o nosso povo possa, eventualmente, mudar de volta por conta própria.

— Mas, isto provavelmente significaria apenas para alguns como Lelandi, que é da realeza, que poderiam evitar a transformação durante qualquer fase da lua.

— E se... — Os olhos de Carol brilharam. — E se quando a lua nova aparecer, a condição desapareça? Aqueles de nós que não são membros da realeza não podem manter a sua forma de lobo. Assim, e se a condição deixar de existir?

— Talvez. Mas a primeira lua cheia fez a sua aparição nesta manhã. A lua minguante aparece na parte da manhã daqui nove dias, e a lua nova, oito dias depois disso à noite. Isto é muito tempo para esperar para ver se a gente consegue sair dessa por conta própria.

Surpresa, ele sabia o momento exato das fases da lua, ela levantou as sobrancelhas.

Ele deu de ombros. — Eu já tinha considerado que as fases da lua poderiam destruir essa anomalia, então, eu verifiquei o calendário das fases da lua no Colorado este mês.

— Humm, você poderia ter me contado que já tinha pensado nisso.

Ele esfregou o braço dela. — Você não é uma lobisomem por tempo suficiente para pensar assim o tempo todo. Então, o que acontece se a metade da nossa matilha ou mais não puder evitar transformar-se enquanto esperamos cerca de 17 dias para a lua nova aparecer? E se a cidade não mais fosse liderada por lobisomem? E os humanos decidissem assumir? Pior, e se aqueles que estão presos em suas formas de lobo ainda forem incapazes de mudar de volta quando a lua nova aparecer?

O telefone de Ryan tocou, e ele viu que era seu prefeito adjunto. — Sim, Grandbury?

— Sua assistente administrativa está bem. Ingrid já tinha transformado-se e mudou de forma novamente. Ela eliminou o que lhe afligia — ela suspeitou de intoxicação alimentar e que tudo o que ela comeu poderia ser mais facilmente tolerado pelo seu estômago de loba — e ela voltou a trabalhar. Ela não queria que eu lhe contasse caso ela não devesse ter mudado por suas ordens. Mas ela só recebeu a informação quando foi tarde demais.

— Obrigado. Eu vou ver como ela está em breve. — Imensamente aliviado, Ryan guardou o celular. — Minha assistente administrativa estava doente, transformou-se, eliminou o que parecia ser uma intoxicação alimentar e voltou ao seu eu humano. — Ele disse a Carol.

Ela relaxou contra ele.

— Nós podemos ter um caso isolado deste vírus aqui em Silver Town. O que provavelmente significa que Connor e sua matilha de fato criaram esta doença e trouxeram-na especificamente para o povo de Darien.

— Graças a Deus. Se conseguirmos imunizar pessoas suficientes na área — o que é chamado de “imunização de rebanho”, no nosso caso, o termo “imunização de matilha” nos convém melhor — nós poderíamos parar a propagação do vírus. Mas avisar às outras matilhas sobre a vacina não seria fácil, não é? Lelandi disse que as matilhas não são muito abertas sobre onde eles estão localizados.

— Vamos nos preocupar mais tarde sobre outras matilhas contraírem isto.

— Tudo bem. Então, nós precisamos saber quem estava doente em nossa matilha em primeiro lugar.

— Quando eles estavam dançando, Mervin disse que Becky lhe contou que estava preocupada sobre mudar de forma e não ser capaz de mudar de volta. Ele achou que isto era algo estranho a se dizer e apenas pensou que tinha tido alguns pesadelos estranhos. Mas a notícia se espalhou através da matilha que o Dr. Weber não conseguia mudar de volta devido a este vírus, e agora ela está com muito medo.

— Ela deveria estar. — Carol franziu a testa e, então, balançou a cabeça. — Um vírus pode ser contagioso desde um dia antes da pessoa tornar-se consciente de tê-la, até

cinco dias depois. E se Marilee e Becky trouxeram o vírus da matilha delas.

— Eu verifiquei isso. — Ryan disse. Ela admirava a maneira como ele conseguia colocar suas habilidades de investigação em uso e estava a um passo à frente dela. Ele continuou — A matilha delas está limpa. Mas isso não importa.

— Por que não? — Perguntou Carol.

— Becky e Marilee não estiveram com a matilha delas por duas semanas. Eu suspeito que elas estiveram com o povo de Connor todo esse tempo.

Carol xingou baixinho. — E você dançou com Marilee.

— Só porque ela estava agindo nervosamente.

—Então, você dançou com ela por se preocupar com ela?

Ele riu sombriamente. — Não, porque ela parecia excessivamente nervosa. Como se ela tivesse posto um explosivo na casa e quisesse ir embora. Isso me deixou curioso, mas, quando eu tentei descobrir qual era o problema, eu não cheguei a lugar algum com ela. Achei que ela apenas estava ansiosa em encontrar o parceiro ideal. Agora, parece que ela era ainda mais perigosa do que eu suspeitava: guerra bacteriológica.

Carol apertou os lábios juntos. — Eu não posso imaginar alguém fazendo algo tão desprezível.

— Ofereça dinheiro e um monte de gente vai fazer algo que nunca faria de outra forma.

Um calafrio de medo subitamente subiu pela coluna de Carol. Antes que ela pudesse analisar o que estava fazendo ela se sentir tão impaciente, sua visão embaçou e ela fechou os olhos, não acolhendo a visão e o que esta poderia prever, mas não tinha escolha. As palavras de Ryan desapareciam ao fundo como uma conversa à distância enquanto a visão clarificava.

Como um lobo, Darien andava, ofegante, seus dentes e lábios ensanguentados. Ferido, ele mancava. Um lobo morto estava perto da cama, sobre o tapete azul do quarto dele e de Lelandi. Carol sentiu a satisfação de Darien pelo lobo estar morto e sua frustração e medo porque ele não conseguia mudar. Ele estava preso como lobo.

Lelandi parecia miserável, lágrimas escorrendo pelo seu rosto enquanto ela torcia as mãos. Carol queria ajudar e consolá-la. Mas, então, Lelandi pegou seu telefone em cima da mesinha de cabeceira e apertou um botão.

O telefone de Carol tocou e quase lhe deu um ataque do coração, tirando-a da visão. Suor escorria entre seus seios e sua frequência cardíaca acelerou enquanto ela puxava o telefone do bolso e olhava para o identificador de chamadas. — Lelandi?

— Venha para casa rapidamente. Eu preciso ver você. Mais ninguém.

— Tudo bem. — Lelandi não tinha que dizer a Carol o que tinha acontecido, que Darien tinha saído vitorioso numa briga de lobo, mas ele não podia mudar de volta. Era tarde demais para Darien, tarde demais para o doutor.

— Nem uma palavra para os outros. — Lelandi fez Carol prometer.

— Tudo bem. Estamos quase lá. — Carol desligou o telefone, tentando não tremer. Todos teriam que saber que o seu líder de matilha estava num dilema real. Jake e Tom teriam que liderar até que Darien pudesse mudar de volta.

— O que há de errado? — Ryan perguntou, entrando na garagem e estacionando em frente à casa de Darien.

— Nada.

— Seu rosto perdeu todo pedacinho de cor, Carol. Sua voz tremeu quando falou com Lelandi. Você não é uma boa mentirosa.

Ela cerrou os dentes e olhou para Ryan. Lelandi não queria que ela contasse, mas todos saberiam em pouco tempo de qualquer maneira.

— Darien se transformou. E ele não consegue mudar de volta.

— Inferno.

Jake estacionou a caminhonete próximo ao veículo de Ryan e saiu correndo. — Lelandi me ligou. Disse-me a notícia. — Ele deu Carol um olhar ansioso.

Lelandi deve ter percebido que ela não poderia esconder o fato que Darien não conseguia mudar de volta. Jake se preocupava que ele seria o próximo?

— Temos que encontrar o laboratório onde esses homens fizeram o vírus e destruí-lo, Jake. — Ryan disse, pegando o braço de Carol e guiando-a para a casa.

Lobos em movimento, Tom e Sam vinham correndo da lateral da casa, e Carol saltou. Seu coração acelerando. Eles não deveriam ter mudado.

— Inferno. — Jake disse ao seu irmão e Sam. —É melhor vocês serem capaz de se transformar de volta. — Ele abriu a porta da casa e os lobos correram para dentro e subiram as escadas, caudas empinadas, indicando que ambos estavam tensos.

— Eu deveria ir com você, Ryan. Para identificar a vacina, se eles têm uma. — Carol percebeu que Ryan diria não porque ele se preocuparia com sua segurança, mas ela realmente achava que era a melhor maneira de lidar com isso. — Se eles têm um laboratório que produziu o vírus, eles podem ter criado uma vacina.

— Lelandi quer vê-la. — Jake disse a Carol, apontando para as escadas.

— Não se atreva a ir a lugar algum sem mim, Ryan McKinley. — Ela deu-lhe um olhar duro, esperando que ele não fugisse para procurar o laboratório e a deixasse para trás. Em seguida, ela subiu as escadas correndo.

— Eu vejo quem já está no comando de sua família. — Jake disse com um sorriso.

Ryan cruzou os braços e observou-a desaparecer para cima. — Eu iria deixá-la para trás para sua própria segurança. Mas ela tem um argumento válido. Precisamos dela com a gente. Você precisa ficar com Lelandi. Vou levar Tom e Sam comigo. — Como um adendo, ele acrescentou:— Se isso funcionar bem para você.

Jake balançou a cabeça. — Não pode deixar de ser um líder nato, não é, Ryan?

— Não, está no sangue. — Ele só esperava que ele não estivesse cometendo um grave erro ao levar Carol ao território inimigo.



Carol bateu na porta do quarto de Lelandi, não querendo invadir a privacidade dela, de Darien e do novo dilema deles. Ela se sentia muito mal. Se ela não conseguisse resolver esta situação, os filhos de Lelandi nunca conheceriam o pai deles como humano.

— Entre, Carol. — Lelandi disse, abrindo a porta, sua voz marcada pelo alarme enquanto esperava, Carol entrava no quarto. Lelandi torceu as mãos e observou Darien andar para frente e para trás em sua forma de lobo. Felizmente, alguém tinha removido o corpo do lobo morto.

— O que está acontecendo? Eu não entendo o que está acontecendo. Como podemos parar isso? — Lelandi perguntou. Seus olhos verdes se viraram para Carol, e as lágrimas os encheram. — Ele não consegue mudar de volta. Você tem que fazer alguma coisa! — Lelandi implorou, com a voz tensa e embargada pela emoção.

Carol pegou as mãos de Lelandi e guiou-a para sentar na cama.

— Respire fundo. Acalme-se. Nós vamos solucionar este problema e reverter os efeitos.

Pelo menos, ela esperava isso. E se eles apenas conseguissem vacinar contra o vírus antes que alguém o contraísse, mas não houvesse esperança para as pobres almas que já tinham a doença? — Você sabe quem Darien acabou de matar?

— Sim, Connor. Darien matou o irmão dele depois que ele mordeu você. Durante a batalha inicial, Connor tinha desistido da luta, por isso, Darien o tinha deixado viver. Não desta vez.

Carol esfregou o braço de Lelandi. — Então, ele veio aqui para vingar a morte de seu irmão, eu suponho. Seu plano para fazer todos nós ficarmos doentes não funcionou do jeito que ele queria, então, ele decidiu matar Darien. Eu me pergunto se eles achavam que poderiam assumir Silver Town se todos nós tivéssemos ficado doentes e não pudéssemos mudar de volta.

— Possivelmente. Os vermelhos renegados deixaram a matilha deles. Que maneira melhor de começar de novo do que entrar em uma cidade já liderada por lobisomens, eliminar a liderança através do uso do vírus e assumir o controle.

— Só que isto saiu pela culatra, pois agora eles estão ficando doente também. O que aconteceu com os homens que estavam protegendo você?

— Eles perseguiram os outros três vermelhos. Connor ficou para lutar com Darien.

Carol concordou, imaginando que isso era uma coisa que ela nunca iria se acostumar, luta entre lobos. — Onde está Silva? Ela deveria ficar com você.

— Lá embaixo, fazendo chocolate quente para mim.

— Tudo bem. Eu vou sair com Ryan e alguns outros para tentar encontrar o laboratório dos vermelhos. Nesse meio tempo, Darien e Jake podem protegê-la.

— Tenha cuidado.

— Eu terei. — Carol deu um abraço em Lelandi e lutou contra a vontade de dar um tapinha na cabeça de Darien, imaginando que ele provavelmente não apreciaria isto, e correu para fora do quarto principal. Quando ela chegou ao quarto dela, ela abandonou o uniforme e vestiu um jeans e suéter e, em seguida, juntou-se a Jake e Ryan lá embaixo na

sala. Para seu profundo alívio, ela viu Tom e Sam saírem da cozinha, altos, vestidos e bem humanos.

Ryan perguntou: —Pronta para ir?

Um grande lobo cinzento galopou para fora da cozinha, vindo direto para ela, e a boca dela se abriu. — Dr. Mitchell?

— Alguns homens o encontraram no caminho até a casa para ver Darien. Ele vem tentando nos dizer alguma coisa, mas não temos certeza do quê. Achamos que ele podia estar procurando esses caras muito antes de nós ficarmos cientes do que estava acontecendo. — Jake disse.

— Tudo bem, vamos lá. — Ryan tomou o braço de Carol e se apressou para chegar à caminhonete. O Dr. Mitchell galopou ao lado deles.

— Acho que ele pensa que pode ajudar. — Carol disse e rezou para que ele pudesse.

Dirigindo para o sul da casa de Darien, Carol e Ryan ficaram quietos conforme o Dr. Mitchell montava no banco de trás da caminhonete, enquanto Tom e Sam seguiam atrás na picafe de Tom. Carol observou a postura do Dr. Mitchell e a interpretou. Ele abanava o rabo quando eles tomavam as estradas certas e rosnavam quando eles erravam.

Se Carol não estivesse preocupada sobre como eles todos podiam ficar como ele, preso para sempre como lobos com cérebros humanos, ela teria admirado a sua capacidade

de guiá-los na direção certa. Ainda mais, ela temia que ela pudesse não ser capaz de encontrar a cura.

Ela respirou fundo, tentou abandonar pensamentos de fracasso e pensou numa outra situação que lhe dizia respeito: trazer crianças-lobisomens ao mundo, onde eles tinham que viver em segredo. Ela não achava que poderia lidar com a criação deles, não quando ela não tinha sido criada como uma. Ela pensou sobre o comentário de sua mãe que ela devia conversar com Ryan sobre crianças antes de eles se casarem, ou neste caso, acasalarem. Antes tarde do que nunca.

— Eu não quero ter filhos. — Ela deixou escapar antes dela pensar melhor. Agora realmente não era o momento para discutir isso.

As mãos de Ryan apertaram-se um pouco no volante enquanto ele continuava a prestar atenção à estrada. — É um pouco tarde para considerar isso agora. — Ele não parecia louco, só um pouco preocupado.

— Eu estou no controle da natalidade. — Ela não precisava disto por um longo tempo, mas ela sempre quis estar preparada, apenas por precaução. Pelo menos, ela tinha sido cuidadosa e não imprudente.

Ela não conseguiu ler a expressão dele no início, mas a sua pausa a fez pensar que ele não estava feliz com a ideia.

— Pílulas? — ele perguntou.

— Sim. Não que eu precisava delas, mas... — Ela deu de ombros.

— O doutor as deu para você?

Ela não gostou do jeito que ele perguntou, como se ele estivesse investigando um dos seus casos. Ela cruzou os braços. — Não. Eu tinha bastante em reserva antes de vir trabalhar aqui.

— Então... ninguém lhe disse que elas não vão funcionar para nós.

Ela olhou para ele, incrédula.

— Elas não funcionam para todas as mulheres. — Ele disse.

Ela sabia aquilo por experiência pessoal, porque uma amiga dela tinha ficado grávida enquanto tomava pílula, mas, pelo menos, sua amiga tinha se casado. A irmã de sua amiga também tinha engravidado enquanto usava pílula, só que ela estava apaixonada pelo cara, e não casada. No dia em que ela descobriu que estava grávida, ela também soube que seu amante tinha uma esposa e duas filhas. Bastardo. E ele não tinha nenhuma intenção de deixar sua esposa, pois o pai dela era um homem rico e o teria arruinado.

— Sim, eu sei. — Ela disse, irritada.

— Bem, nossas mulheres são assim. Nós normalmente não usamos controles da natalidade. Como os humanos, alguns de nós conseguem ter filhos sem qualquer problema.

Outros nunca conseguem. Mas, em qualquer mentalidade de matilha, a procriação de nossa espécie é importante e a maioria de nós quer ter filhos. Como um líder de grupo, isto é essencial. Você tem medo que elas tenham seus talentos psíquicos? E sejam marginalizados?

Ela franziu a testa para ele. — Eu não tinha pensado nisso.

— Oh. — Ele souou como se tivesse se arrependido de mencionar aquilo. — Então é o quê?

— Como diabos eu poderei ensinar as minhas crianças-lobisomens qualquer coisa sobre crescer como lobisomens quando eu nunca fiz isso?

Ele sorriu. — Você vai aprender, é para isso que serve uma matilha. Todos os membros da matilha cuidam das crianças de cada um.

Ela suspirou. — Uma mãe deve saber essas coisas e estar no comando. Eu vou ser como a criança.

Ele riu. — Não em sua vida. Você vai ficar bem. A não ser que... — Ele olhou para ela. — Você queira abster-se do sexo.

— Como se isso fosse realmente uma opção. — De jeito nenhum ela iria abster-se de algo do tipo com Ryan.

— Outras formas de controle de natalidade funcionam razoavelmente bem.

Ela inclinou-se contra ele. — Não é que eu não queira ter filhos. Eu sempre planejei ter um casal. É só esta... questão de ser lobisomem. — Ela pensou que este era mais um aspecto do qual ela não teria nenhum controle. Pelo menos sua mãe ficaria feliz. Se ela nunca descobrisse qual era o segredo das crianças de Carol.

A tensão deixou o corpo de Ryan e ele passou o braço em volta dela. — Se formos destinados a ter filhos, nós teremos. Se não, que assim seja. Mas você vai ser a melhor mãe que uma ninhada possa ter, Carol. Não se preocupe.

Ela sorriu, pensando em criar mais McKinleys e frequentar os jogos escoceses, exatamente como ter o seu próprio pequeno clã.

O pensamento de ter dois filhos que iriam ajudar o pai dele num jogo de cabo de guerra, ou duas filhas que dançassem as músicas celtas e capturassem a atenção dos meninos, a fez esquecer por um momento o perigo potencial que estava por vir.

Cerca de uma hora e meia da casa de Darien, o Dr. Mitchell começou a andar no banco de trás, deu pequenos latidos e rosnou. Os pensamentos dela rapidamente deslocaram-se para o perigo que todos podiam estar envolvidos.

— Deve estar perto. — Carol avisou, sentindo todo o corpo de Ryan ficar tenso. Ela estava bastante certa que outra luta entre lobos iria acontecer. Esses caras nunca

pareciam resolver nada entre eles através de agradável conversa. Ela tentou relaxar e não ficar tensa, mas assim que Ryan dirigiu em direção a uma habitação de uma única família, rodeada por bosques, a tensão voltou a cada músculo e ela rezou para que ela não mudasse novamente.



CAPÍTULO 26

— Eu gostaria que você não tivesse vindo. — disse Ryan. Ele beijou a lateral de sua têmpora enquanto dirigia pela estrada de terra, aproximando-se daquilo que eles pensavam ser a localização do laboratório. Sua mão segurava a dela como se ele nunca quisesse soltá-la.

— Eu sei. Você queria me manter a salvo. — Ela tentou forçar a voz a ficar na mesma e não soar como se estivesse tendo dúvidas. Ela não era uma guerreira de coração. Mas ela tinha a coragem para superar suas falhas quando as circunstâncias justificavam. E estas definitivamente faziam isso. Ela certamente não queria que Ryan pensasse que ele tinha cometido um erro ao trazê-la.

Ryan dirigiu pela estrada esburacada, onde galhos de árvores esticavam-se pela pista, raspando as laterais da caminhonete. Ele resmungou algo em voz baixa sobre a necessidade de uma nova pintura após esta operação. Ela percebeu que o nervosismo provavelmente dele tinha mais a ver com ela estar com ele numa de suas missões de investigação mais perigosas, do que com o trabalho de

pintura em sua caminhonete, especialmente pela forma como ele mantinha um agarre apertado sobre seus dedos.

Ela não podia reclamar. Era bom ter um homem se importando com ela do jeito que ele fazia. Ela estava pronta para ir a Green Valley e começar uma vida com ele por lá.

Quando eles entraram em uma pequena clareira, ela viu a casa com mais clareza. Tinha três quartos, ou não, com grama alta roçando as estruturas inferiores das janelas. A pintura azul estava descascando das ripas exteriores, enquanto as resistentes persianas nas janelas tinham tabuazinhas faltando. Uma frágil lareira feita de pedra brutas prendia-se a um lado da casa com algumas pedras angulares desaparecidas. A casa parecia abandonada, exceto pela fumaça saindo para fora da chaminé. Um movimento numa das três janelas chamou a atenção de Carol.

— Tem alguém em casa. — disse Ryan sombriamente.

— Como você vai entrar? — Perguntou Carol.

— A maioria dos *lupus garous* carregam gazuas¹³.

Ela ergueu as sobrancelhas em questionamento.

Ele deu de ombros. — Se estivermos numa cidade e tivermos um desejo incontrollável de mudar, encontrar uma casa desocupada pode ser a nossa única salvação. Gazuas são preferíveis do que quebrar janelas.

¹³ Gazua é o termo usado para se referir a uma ferramenta qualquer que tenha por função fazer funcionar e abrir fechaduras e cadeados. Por ser instrumento usualmente empregado na prática do crime de furto, sua fabricação, cedência e venda são proibidos no Brasil.

Ela olhou para ele, incrédula. Ela não tinha pensado em estar numa cidade, sem nenhum lugar para se esconder no caso de mudança. Ela podia apenas imaginar-se naquele problema. Que desastre.

— Ninguém me deu uma.

Ele acariciou-lhe a coxa. — Ninguém deixou você fora de vista, tampouco.

Ela suspirou, percebendo o quão bom era viver numa cidade comandada por lobisomens. Como seria para ela estar com Ryan em Green Valley, onde os humanos lideravam o lugar na maior parte?

Ryan estacionou perto da varanda em frente, invadindo a sua preocupação crescente. Ele desligou a caminhonete, dizendo ao mesmo tempo — Fique aqui até deixarmos o lugar seguro. Tranque as portas. Doutor, você quer ficar e proteger Carol? — Ele colocou o comentário como uma pergunta, mas a entonação era mais de um comando.

O Dr. Mitchell deu um pequeno latido. Ela tomou isso como um sim. Mas ela queria que Ryan e os outros tivessem a proteção adicional do doutor já que eles estavam enfrentando perigos desconhecidos.

— Leve-o com você. — disse Carol. —Ele pode ajudar.

Ryan sacudiu a cabeça, seu olhar estudando-a de uma forma preocupada. —Ele fica com você.

Ele se inclinou e lhe deu um beijo emotivo que brevemente afastou o frio em seus ossos. Ele apertou a mão dela mais uma vez. Ele soltou a respiração num suspiro de resignação e saiu da caminhonete. Em seguida, ele soltou o Dr. Mitchell que correu em volta para sentar-se, no modo de guarda de lobo, perto da porta de Carol.

Ela observou Ryan, seu estômago cheio de nós apertados, sua pele gelada pela ansiedade, rezando para que ele não fosse morto.

Tom estacionou perto da porta de passageiro dela, e ele e Sam correram para fora da caminhonete para se juntar a Ryan. Tom inclinou o queixo para baixo, também dando a Carol a ordem silenciosa de ficar ali. Eles não precisavam lhe dizer que ela provavelmente iria causar mais problemas se entrasse na casa antes que deles a checassem. Ela cruzou os braços e encarou Tom. A boca dele se levantou um pouco e ele deu-lhe um breve aceno de cabeça.

Então, ele se virou e Ryan, Sam e Tom caminharam em direção à casa, de costas retas, posturas determinadas, como os Três Mosqueteiros, só que sem os chapéus emplumados e as afiadas espadas de aço. E isso deu a Carol outro tremor de preocupação.

Ela mal respirava enquanto Tom usava suas ferramentas de arrombamento para destrancar a porta da frente. As orelhas do Dr. Mitchell se contraíram com atenção, seu corpo rígido de tensão, tornando-a mais preocupada que os três homens que estavam indo em direção ao perigo.

Quando a porta da frente abriu. Ryan entrou em primeiro lugar, enquanto Tom e Sam iam atrás. A porta ficou aberta e o Dr. Mitchell se levantou, sua atenção voltada para a porta, seus pêlos eriçados. Cada pequeno pêlo no corpo do doutor estava em pé, fazendo-o parecer maior e mais feroz.

Rosnados eclodiram de dentro da casa, e o Dr. Mitchell resmungou baixinho em resposta, suas orelhas posicionadas para ouvir os sons do interior.

Os músculos de Carol estavam tão tensos que a perna dela ficou com câimbra. Ela ficou pressionando o pé contra o assoalho da caminhonete para minar a torção dolorosa quando o Dr. Mitchell começou a avançar. Talvez, ele só quisesse ajudar Ryan e os outros. Ou talvez ele estivesse ansioso para ver o que os outros tinham encontrado.

Ela queria que ele se juntasse aos outros caso eles precisassem de sua ajuda. Ela pensou que ela ficaria segura o suficiente no veículo. Entretanto, a ideia que ela estaria sozinha, sem qualquer tipo de proteção, fez a sua espinha endurecer com medo.

A maneira como ele estava em pé, com os músculos tensos, estimulados ao máximo, o Dr. Mitchell parecia pronto para correr. Então, foi como se ele se lembrasse de seu dever e olhou para Carol.

Por um longo momento, seus olhares ficarem presos. Os olhos âmbar dele fazendo-lhe uma milhão de perguntas.

Ela queria que ele ficasse? Ela queria que ele ajudasse os homens? O que ela queria que ele fizesse?

—Vá. — Ela disse, apontando para a casa com lágrimas nos olhos. Ela nunca se perdoaria se algo de ruim acontecesse a Ryan, Tom ou Sam e tivesse negado ao Dr. Mitchell a chance de ajudar.

O doutor hesitou, a cabeça revirando-se para a casa.

Ela novamente disse —Vá. Ajude-os! Eu vou ficar bem.

Ele olhou para ela de novo, abaixou a cabeça, virou-se e correu para os fundos do lugar.

Sua boca se abriu. Por que não tinha ido para dentro? A porta ainda estava aberta, como se estivesse desafiando-a a entrar. Ela tomou uma respiração profunda e inquietante e rezou para que homens estivessem todos bem. Que quem estivesse lá dentro não os atacasse. Que eles encontrassem uma vacina.



Ryan mal tinha entrado na casa velha e frágil, seus pisos de madeira rangendo enquanto caminhavam para dentro, quando ouviu rosnados baixos vindo de um corredor depois da sala de estar. O lugar cheirava a mofo e poeira. Na sala principal, onde desbotados papéis de parede florais descascavam das paredes, três sofás com almofadas flácidas estavam cobertos com pelos de lobo e exalava o odor de lobos

molhados. Um pequeno latido de lobo emanou de um quarto com a porta fechada, à direita da sala de estar.

Tom apontou para o quarto, querendo dar uma olhada. Lidar com uma loba e seus filhotes poderiam ser uma proposição perigosa, especialmente quando todos os três estavam em forma humana. A loba poderia facilmente esfaqueá-los. Mas, mais membros da matilha podiam estar escondidos no quarto, também. Ryan concordou com Tom e lhe deu o seu aval.

Eles caminharam pelo pequeno corredor, e quando chegaram ao quarto, Tom virou a maçaneta. Trancada. Sam protegia a retaguarda deles enquanto Tom usava sua gazua na porta. A fechadura se abriu. Ele olhou para Ryan, aguardando a sua aprovação. Ryan assentiu.

Tom girou a maçaneta devagar e esta moveu-se com um ruído estridente e enferrujado.

Um rosnado baixo veio do outro lado da porta. Um rosnado de uma fêmea adulta.

Como humanos, Ryan e os outros não tinham nenhuma chance contra os dentes de uma loba. Se fosse uma loba e seus filhotes, ele não tinha intenção de atirar nela. Mas, ele não podia arriscar a vida de Tom se a fêmea atacasse, ou se outros que estavam no quarto fizessem isso.

— Transforme-se primeiro. – Ryan sussurrou para Tom.

Tom ficou boquiaberto.

— Se ela atacar, você pode subjugar-la. Eu falarei.

Tom concordou e rapidamente retirou suas roupas. Após se transformar, ele se intrometeu pela porta com o nariz antes que Ryan pudesse empurrá-la para o lado e parou na soleira da porta. Ryan estava ao lado de Tom, arma na mão, para mandar a mensagem que atiraria se alguém atacasse, mas somente se ele não tivesse outra escolha.

A mãe loba ficou em pé com três pequenos tentando alcançar suas tetas para o jantar. A outra fêmea rosnou baixinho enquanto parava nas proximidades, numa postura protetora, sua barriga saliente com filhotes. Ela daria luz a sua própria ninhada em breve.

Ryan guardou a arma. — Nós não estamos aqui para machucar ninguém.

A mãe que amamentava se sentou, a tensão drenando dela, e seus filhotes subindo uns sobre os outros, disputando uma refeição. A outra mãe permaneceu em pé, cautelosa e protetora. Como um lobo cinzento, Tom ainda era uma ameaça a um casal de fêmeas vermelhas.

— Você pode mudar de volta? — Ryan perguntou as fêmeas. A mãe que amamenta balançou a cabeça. Assim como Ryan tinha suspeitado. Isso significava que ou elas haviam mudado depois que trancaram a porta, ou alguém havia trancado-as lá dentro.

— Há movimento em outro quarto. — Sam avisou.

— Nós voltaremos para ajudar você. — disse Ryan. Ele fez sinal para Tom a ir com ele. Assim que ele estava fora do quarto, Ryan fechou a porta para que as fêmeas não pudessem tentar resgatar seus companheiros se um confronto ocorresse.

Ryan, Tom e Sam atravessaram a sala de estar e, em seguida, uma cozinha. Surpreendentemente, a cozinha estava impecável, embora café e chá manchassem boa parte do balcão perto de uma chaleira, e parte do revestimento estivesse descolando. Mas a fragrância de laranja do desinfetante flutuava no ar, os balcões estavam limpos, sem pratos e a pia de porcelana brilhava. Ele se perguntou se as fêmeas haviam recentemente mudado de forma.

Outro pequeno corredor levava a mais dois quartos. A porta estava destrancada e abria-se para mostrar um quarto mobiliado com uma cama queen size que estava ricamente envolta por um cobertor de veludo e enfeitadas almofadas de veludo, tudo marrom escuro. As paredes eram recém-pintadas e o lugar parecia estar sob reforma. Não havia quadros pendurados nas paredes, e um novo carpete cobria o chão.

Um macho vermelho tinha dormido ali, mas Ryan não detectou qualquer perfume que ele tivesse cheirado antes.

Eles se moveram para a próxima porta e encontraram-na trancada. Ryan tirou o conjunto de arrombamento enquanto Sam dizia em voz baixa:

— Eu sinto o cheiro aqui dos vermelhos que vêm causando todos os problemas.

Ryan assentiu. Então, quando a fechadura da porta se abriu, ele hesitou.

Ele imaginou North ou seus homens segurando armas apontadas para ele e atirando assim que ele abrisse a porta. Ou em pé como os lobos, prontos para dar um bote e rasgar as gargantas deles. Este era o território dele e Ryan, Sam e Tom eram os invasores, não importava como eles justificassem estar ali.

— Vamos trabalhar com vocês para curar essa maldição que vocês lançaram sobre todos nós. — Ryan disse, sua voz suavemente ameaçadora, joguem o jogo ou morram. — E vocês podem viver. Suas fêmeas e filhotes precisam viver com uma matilha. Uma que ofereça mais do que vocês têm aqui, sujeira e nenhuma proteção. Inferno, o lugar devia ser condenado. Mas, mais do que isso, se vocês querem ser humanos outra vez... — Ryan os deixou tirar suas próprias conclusões.

— Este não é o lugar onde nós normalmente vivemos! — Um homem gritou de dentro do quarto, com a voz com raiva, mas trêmula também.

Ryan suspeitava que ele estava segurando uma arma.

— Eu estou armado. E eu sei como usar a arma. — Ryan alertou, caso este fosse o cara que atirou nele, por meio de uma bala que ricocheteou numa árvore.

Silêncio.

— Desistam e vocês vão viver. Agora, vocês não têm outra alternativa. Não é?

Um rosnado baixo foi emitido do quarto. Ou o homem havia mudado de forma ou...

— Inferno, North. Ele está certo. Nosso primo, muito provavelmente, está morto. Minha irmã está pronta para ter seus filhos a qualquer minuto. Sascha e seus filhotes precisam estar numa matilha em expansão, com uma liderança decente. Sem ofensa, mas esta não é a vida que qualquer um de nós teria escolhido. — O homem no quarto disse.

— North, precisamos saber onde o laboratório está. — Ryan disse. — Nós vamos encontrar uma vacina, desenvolver um antídoto e cuidar de seu povo. Se o tio de Lelandi estiver de acordo, você pode juntar-se a matilha vermelha dele ao sul daqui.

Outro rosnado baixo. North não estava de acordo com isso.

— Inferno, North, aquele cientista traiçoeiro, Miller, está mantendo todos nós como reféns com este vírus. — disse o homem no quarto. — Assim que ele descobrir nossas contas bancárias, ele vai limpá-las completamente. Você sabe que ele vai fazer isso.

Ryan esperou. Sam parecia que estava farto de esperar, os punhos e os dentes cerrados. — Quer que eu me transforme? — ele perguntou.

As orelhas de Tom estavam arrebitadas, a cauda para fora, sua postura mostrando sua vontade de entrar no quarto e cuidar da questão.

— De acordo, North? — perguntou Ryan. — Connor está morto. Darien estava protegendo sua companheira. Ou vocês nos ajudam a ajudar vocês, ou vocês vão embora daqui para sempre e descubrem por si mesmos, enquanto nós encontramos a solução para o nosso povo.

— Vamos lá, North. Eu não posso aguentar muito mais tempo sem mudar de forma. Talvez, pela noite. Talvez não por tanto tempo. Então eu vou mudar de forma e tudo o que vai restar de nós é meu irmão, Galahad. — disse o homem. — Quem sabe quanto tempo ele vai aguentar.

Ryan não esperou mais. — Sam, ligue para Jake, com a localização, o número de lobos, quem sobrou na matilha...

Alguém gritou na parte de trás da casa.

— Galahad! — O cara no quarto gritou. —O acordo está cancelado se aquele lobo o matar.

— O lobo não vai ferir Galahad se ele não revidar. — Inferno, o que estava acontecendo agora? Então, uma noção repugnante inundou Ryan. Se o lobo fosse o Dr. Mitchell, ele tinha deixado Carol desprotegida.



Odiando a espera e sem saber o que estava acontecendo na casa, Carol fechou e abriu as mãos, olhando pela porta da frente, as janelas... as janelas. Ela viu movimento numa delas. Um lobo cinzento. A cabeça menor indicava que era uma fêmea. Parecia que ela precisava de ajuda e implorava a Carol para ir até ela. E então, ela desapareceu debaixo da janela.

Isto era um truque? Carol era ingênua de pensar que a loba precisava de sua ajuda?

Ela ficou onde estava, esperando e observando pela janela. A loba não apareceu novamente, e Carol não podia suportar a espera por mais tempo. Ela não iria entrar na casa, apenas espiaria pela janela.

Depois de alguns minutos, ela atravessou o quintal, chegou até a casa e olhou para dentro. Uma mãe loba cuidava de seus filhotes e outra, que devia parir os dela a qualquer momento, estava sentada por perto. Segurando o fôlego, Carol virou-se para olhar para a porta da frente, ainda aberta. A porta do quarto estava fechada e as lobas estavam confinadas. Ela era uma enfermeira. Ela poderia ajudá-las se elas precisavam da ajuda dela.

As lobas a viram, com os olhos arregalados. Aquela cuidando dos filhotes permaneceu relaxada no chão. A outra estava ofegante. Ela estava entrando em trabalho de parto?

Ela precisava de alguém para ficar com ela.

Carol andou cuidadosamente até a porta da frente, sem fazer barulho. Então, ela olhou para dentro. Nada, nenhuma voz, nem passos, silenciosa como uma casa fantasma.

Ela deu um passo para dentro da casa e escutou novamente. Uma das lobas choramingou. O som triste de sua voz estimulou Carol para a ação. Ela correu para o quarto e cuidadosamente abriu a porta. A loba que estava carregada de filhotes correu em direção a ela e Carol teve a sensação aterradora que tinha acabado de fazer um dos maiores erros de sua vida.



Ryan empurrou a porta aberta para o quarto apertado enquanto o homem saía pela janela e North pulava pela mesma abertura em forma de lobo. Ryan e Sam correram para a janela enquanto Tom corria ao lado deles. A cem metros da casa, o Dr. Mitchell tinha Galahad preso ao chão. As mãos do homem seguravam nos pelos da nuca do lobo. Os olhos de Galahad se arregalaram em terror enquanto o doutor puxou os lábios para trás num grunhido e expôs seus dentes afiados ainda mais.

— O doutor não vai machucá-lo, mas isso acaba agora. Largue a arma. — Ryan ordenou ao irmão de Galahad.

Como um lobo, Tom saltou pela janela aberta, juntando-se a Ryan e olhando North, que não parecia capaz de decidir o que fazer. Os dois vermelhos encontraram-se diante de um grande lobo cinzento e Dr. Mitchell também, enquanto ele se afastava de Galahad e se posicionava para atacar North. O outro homem parecia finalmente resignado e deixou a arma cair na grama alta.

Algo se moveu atrás deles e Ryan se virou para ver Carol andando na direção deles, no telefone e com a loba muito grávida e a mãe que cuidava de seus filhotes.

— Tudo vai ficar bem, Lelandi, assim que encontrarmos o laboratório. O seu tio pode receber alguns vermelhos rebeldes? Eles têm um casal de fêmeas, uma com filhotes e outra prestes a ter uma ninhada. Precisamos transportá-las para a clínica veterinária.

Ryan sacudiu a cabeça para Carol. Ele não achava que ela o obedeceria enquanto ele estava tentando fazer o seu dever como seu protetor.

— O que aconteceu com o “sente-se no carro e espere por nós”?

— Duas fêmeas precisavam da minha ajuda. Eu nunca recusei ajudar quem precisa, você sabe. A fêmea está pronta para ter seus filhotes. Precisamos levá-las para um lugar limpo e seguro.

Galahad levantou do chão e Dr. Mitchell olhou-o com cautela. Galahad virou-se para seu irmão com uma expressão de pesar.

— Acabou, Hank. Era um esquema tolo para começar.

Ele falou com Ryan. — O nome do cientista é Miller Redford, um lobo vermelho que foi transformado há uma década, e se juntou a nossa matilha um ano atrás. Ele dá a impressão de ser um cientista louco, mas ele é muito lúcido.

Sam resmungou.

— Isso é discutível, tendo em vista o que a interferência dele pode custar a nossa espécie. — disse Ryan. — Onde ele está?

— No porão. — Galahad respondeu, apontando para a casa.

— Inferno. Todos fiquem nos seus lugares.

Ryan foi até a janela aberta do quarto, pronto para acabar com aquilo agora.



Ryan segurava a arma pronta para disparar quando localizou uma porta ao lado da cozinha que ele presumiu que fosse uma despensa. Sem se preocupar com o interruptor da luz, ele desceu no escuro as escadas rangentes para o porão, onde as paredes cheiravam ligeiramente a mofo.

Luz vinha pelas frestas de uma porta, mas quando Ryan a alcançou, encontrou-a trancada. Com o sangue pulsando em seus ouvidos, ele guardou a arma e usou sua gazua. Assim que ele ouviu o clique suave, ele guardou a gazua, puxou a arma, preparou-se para o problema e, então, girou a maçaneta da porta.

Ele esperava encarar um homem armado com uma seringa ou arma, mas, ao invés disso, ele viu uma sala exatamente como Carol lhe havia descrito a partir da visão anterior. A televisão widescreen pendurada na parede estava apagada. Arandelas pendiam nas paredes e lançavam uma luz suave em direção ao teto, exibindo as paredes douradas. Cadeiras de couro faziam companhia para um sofá de couro, e todos eram totalmente novos, a fragrância de couro deles permeando o ar. O carpete marrom cheirava a novo também. Sem odor bolorento aqui e a pintura estava fresca.

Se ele tivesse alguma dúvida sobre os talentos psíquicos de Carol, esta era a prova de que ela os tinha. A parte analítica do seu cérebro ainda lutava com ele, lembrando-lhe que ela poderia ter estado aqui antes. Mas, ele empurrou esta ideia para escanteio. As chances de ela alguma vez ter estado ali eram minúsculas na melhor das hipóteses. Ela realmente era vidente.

A porta para a sala de estar estava fechada e música country tocava pendente no ar. Ryan moveu-se rapidamente pelo piso acarpetado. Ele torceu a maçaneta. Nenhuma

resistência. Miller não estava à espera de inimigos. Ou ele era simplesmente louco, apesar do que Hank tinha dito.

Lentamente, Ryan abriu a porta. Definitivamente, um laboratório com mesas e duas cadeiras, um microscópio, béqueres, alguns frascos com líquidos e outros cheios de substâncias em pó, bem como armários todos brancos e com aparência esterilizada. O cheiro de desinfetante pairava no ar.

Algo tilintou numa sala adjacente e Ryan correu pela porta aberta. Este cômodo era menor, decorado como um escritório com livros nas prateleiras contra uma parede, uma mesa limpa com todos os papéis empilhados numa bandeja e um vaso sanitário visível em outro cômodo pequeno fora deste. Perto de uma geladeira, uma máquina de café, canecas de café e um forno de micro-ondas estavam sobre um balcão, e o aroma de pãezinhos de canela permeava o ar.

Miller pairava sobre o pote de café, servindo-se de um copo. Ele usava um jaleco, calça preta e sapatos marrons. Ele era um homem corpulento, com um pouco mais 1,83 de altura e muito mais alto do que a maioria dos vermelhos.

Ryan esperava pegar Miller desprevenido. E ele tinha feito isso, mas apenas por um instante. Miller se virou, seu queixo barbudo caindo, seus olhos amarelos estreitaram-se e o cabelo louro roçando seus ombros. Miller jogou a xícara de café quente em Ryan, tirou o jaleco para revelar seu peito nu e, em seguida, tirou os sapatos e puxou as calças.

Ignorando o café escaldante ensopando a sua camisa e peito, Ryan disparou duas vezes enquanto Miller mudava de forma e investia contra ele. Ambas as balas atingiram o peito do lobo, mas por causa de seu tamanho robusto e da dose de adrenalina que deveria estar correndo através de seu sistema, os tiros não o detiveram por muito tempo.

Ryan guardou a arma e arrancou suas roupas tão rapidamente quanto pôde, mas Miller derrubou-o no chão de ladrilhos antes que ele pudesse mudar de forma. Miller rosnou, os dentes à mostra.

—Você é um homem morto... — Ryan disse com autoridade, embora o lobo caindo sobre seu peito fizesse a sua respiração trabalhosa, enquanto ele agarrava o pescoço de Miller com toda a força que possuía — A menos que você nos dê a vacina.

Considerando o destino que todos eles enfrentariam, Ryan tinha certeza que a Miller não seria permitido viver. Ele era muito perigoso e ele sabia disso. No entanto, Ryan estava em clara desvantagem e ele imaginou que Miller devia estar rindo de suas ameaças arrogantes.

Alguém atravessou a sala de estar num galope e Ryan presumiu que ou Tom ou o Dr. Mitchell estava vindo em seu socorro. Quando ele viu Carol como loba, o coração de Ryan contorceu-se.

Miller virou-se para enfrentar a loba rosnando e grunhindo que era a companheira de Ryan, e quando ele fez isso, Ryan tentou empurrá-lo para fora. Sem sucesso.

Miller ficou onde estava, seu tamanho robusto subjugando Ryan, mas a atenção dele permaneceu focada em Carol.

Ela avançou para o flanco dele com seus dentes perversos, e ele saiu do caminho dela, ainda tentando manter Ryan — a maior ameaça, assim que mudasse de forma — preso ao chão.

Ela se moveu para trás de Miller e o rabo rígido. Ele ganiu e o coração de Ryan acelerou, mas ele ainda não conseguia sair de debaixo do grande lobo.

Ela se lançou na traseira de Miller, como um pequeno peixe cutucando um tubarão, e beliscou seu traseiro.

Mais uma vez, ele ganiu, mas, desta vez, ele se virou para retaliar.

Desimpedido, Ryan mudou de forma. Seu instinto natural era rosar e chamar a atenção de Miller, alertá-lo que ele tinha um problema de verdade na forma de um macho alfa cinzento e dar-lhe uma chance de lutar, mas ele não podia arriscar Miller estraçalhar Carol. O vermelho que a tinha transformado a tinha rasgado uma vez. Ryan não poderia traumatizá-la novamente.

Ele pulou nas costas de Miller enquanto Miller coagia Carol para um canto do escritório entre um armário de arquivo e uma cadeira. Com os dentes arreganhados, ela rosnava, seus olhos estreitados em fendas, a cor azul de quando era humana transformada num rico âmbar escuro. Ela era linda e ameaçadora.

Ryan agarrou a parte de trás do pescoço de Miller, esmagando sua coluna com uma mordida, e lamentando isto tão logo o lobo entrou em colapso. E se ele tivesse escondido a vacina? E se eles não conseguissem descobrir uma cura? Como eles sobreviveriam?



CAPÍTULO 27

Uma semana e meia depois que Ryan matou Miller, Carol sentava-se à mesa da cozinha, na casa alugada do Dr. Weber, batendo o pé descalço no chão e lendo livros escritos ao longo dos tempos que discutam sobre vários remédios caseiros à base de plantas e outros ingredientes para se livrar de vírus, resfriados ou de ser lobisomem. Ela não estava nem um pouco mais perto de encontrar uma cura para a matilha.

A escuridão havia descido sobre a casa horas mais cedo, então, lâmpadas fluorescentes inundavam a cozinha com a luz. Ryan ainda estava chateado com ela por ter ido em seu socorro no porão de Miller. Mas, assim que ela percebeu que a visão dela da sala envolvendo tiros era o mesmo lugar que Ryan estava investigando, ela teve que resgatá-lo. Ela só não tinha percebido que era ele quem estava atirando e não Miller.

Tom e Sam ainda não estavam falando com ela, ambos zangados que ela tinha fugido e quase conseguido se matar. Mas ela tinha sido a única a não estar de guarda contra os outros machos vermelhos! Além disso, não era isso o que companheiros faziam um pelo outro?

Ela respirou fundo e continuou a estudar um dos livros enquanto Ryan examinava papéis espalhados por todo o outro lado da mesa de carvalho-dourado. Ele estava à procura de uma pista de onde Miller podia ter escondido uma vacina.

Por impulso, Lelandi mencionou que o Dr. Weber tinha uma biblioteca pessoal que ele havia acumulado antes que tivesse uma boa formação médica. Muitos de seus remédios tinham sido passados pelos ancestrais dele. Carol descobriu que tentar esses recursos nos lobos doentes valia a pena, já que nada mais parecia funcionar. Por dias, ela estava estudando os livros e testando os remédios em qualquer participante voluntário.

Se uma pessoa não morresse das complicações da gripe, que felizmente não morreu, ele ou ela eventualmente ficaria melhor. Mas, para os *lupus garous*, o verdadeiro problema estava em ser capaz de mudar para a forma de lobo e depois não ser capaz de se transformar de volta. Ela estava tentando remédios à base de ervas para diminuir os efeitos da gripe e supostas curas para a mudanças, se algum deles parecesse no mínimo plausíveis. Furar as mãos de um lobisomem com unhas e bater na cabeça de um lobisomem com uma faca, supostamente, eram remédios para se livrar do problema de ser um lobisomem, mas ela iria deixá-los nos mitos e lendas.

Ela se levantou da mesa, atravessou o chão de linóleo e abriu a porta da geladeira preta. Dentro, havia uma tigela de cebola picada estava com um espesso xarope dourado de mel.

Ela estremeceu com o pensamento de alguém ter que engolir aquilo.

Uma mão quente roçou suas costas e ela se virou ligeiramente para ver Ryan olhando para ela. Seu olhar âmbar-escuro era afetuosos e ela conhecia aquele olhar em seus olhos. Dizia que ela estava trabalhando naquilo há muito tempo e precisava dormir.

—Daqui a pouco. — disse ela.

Ele respirou fundo e concordou. — Eu vou tomar um banho. Me acompanha?

— Claro.

Ele sorriu, mas ela pôde perceber que ele não acreditava nela. Ela queria tomar banho com ele e aproveitar o que iria acontecer entre eles se ela fosse, mas ele provavelmente achava que ela nunca iria ao chuveiro antes dele ter acabado.

— Daqui a pouco. — Ela disse novamente, tentando tranquiliza-lo.

Ele beijou sua testa, soltou a respiração e se dirigiu ao banheiro de hóspedes.

Carol fechou a porta da geladeira e ligou a chaleira. Mais membros da matilha de Darien tinham mudado para suas formas de lobo, incluindo Jake, e ninguém conseguia voltar para suas formas humanas. Tom e Sam ainda estavam bem. E Lelandi disse que ela não teve impulsos para se

transformar, então, estava tudo bem por enquanto. Silva estava lutando contra a mudança por dois dias.

Aqueles que não haviam mudado de forma estavam cuidando daqueles que haviam. Todos que restavam estavam mal-humorados, sentindo a tensão e preocupados com a mudança e sobre os membros da família que estavam presos em suas formas de lobo.

Um pequeno comichão na garganta de Carol a tinha incomodado pela última hora ou mais, mas, provavelmente era apenas uma alergia. Ela rezava. Ela também se sentia um pouco mais quente do que o normal, o que ela esperava que apenas significasse que o aquecedor estava muito alto.

Ela pensou no enfermeiro Matthew e na enfermeira Charlotte lidando com o acúmulo de pacientes no hospital enquanto ela não estava fazendo a sua parte do trabalho. Claro, ela estava tentando encontrar um antídoto, mas parecia bastante como estar de férias. Exceto que ela estava preocupada que não iria descobrir uma maneira de parar o vírus.

O Dr. Weber e Dr. Mitchell permaneceram no hospital em suas formas de lobo. Eles pediram para Carol usar as curas experimentais neles. Estas variaram desde remédios à base de plantas como: alho, cebola, *equinácea* e alcaçuz — o que não foi aceito por qualquer um dos lobos — até vitamina C para melhorar os anticorpos a combaterem o vírus de uma pessoa infectada. Ela até mesmo testou o conceito medieval de que exercitar o lobisomem até a exaustão em sua forma de

lobo iria forçá-lo a mudar de volta à sua forma humana. Nada funcionou. Darien também tentou todos os remédios de boa vontade, embora ele não tivesse concordado com o plano brutal de exercícios, provavelmente, imaginando que era um monte de baboseira medieval.

Carol levantou dois pacotes de alcaçuz, um vermelho e outro preto e respirou fundo enquanto ponderava os resultados de mais uma tentativa de criar uma cura. Ela testara em Darien, Jake e tanto o veterinário, como o Dr. Weber, mas ninguém pareceu responder aos remédios caseiros. O veterinário e Jake concordaram com o programa de exercícios, dispostos a tentar qualquer coisa para eliminar esta incapacidade de mudar de volta para sua forma humana. Mas Darien estava certo. Não funcionou.

Com a mente esgotada, ela se serviu de outra xícara de chá de gengibre e levou-a de volta para a mesa. Na página cinquenta e cinco de um conjunto de notas manuscritas sobre mitos e lendas de lobisomens, ela tinha encontrado uma possível cura ou morte. Ela fechou os olhos enquanto ela se sentava à mesa e descansava a cabeça em seu braço, disposta a pensar. Pense, o que ela não tinha testado que podia funcionar? Algo que possivelmente não resultaria em morte.

Seus pensamentos desligaram-se e, como se estivesse num sonho ou fora da névoa de sua mente, um prado verdejante apareceu.

O sol estava brilhando sobre Ryan enquanto ele estava deitado na grama. Com as mãos atrás da cabeça, ele tinha os olhos fechados e a perna inclinada, descansando em paz, até que dois meninos pequenos o atacaram numa vivacidade infantil. Os meninos eram idênticos em tamanho, talvez, com três anos de idade, gordinhos, com cabelo escuro como Ryan e sorrisos e covinhas como os dele também. Surpreendido em sua pacífica pose, ele riu e os agarrou, fazendo cócegas neles entres risos e gritos. Meninos gêmeos.

Antes que ela pudesse chegar a qualquer conclusão sobre a visão, a fragrância de mistura de amêndoas, limão e tangerina do sabonete chegou até ela, e ela voltou para o mundo presente e virou-se na cadeira. Recém-saído do banho e totalmente nu, Ryan avançou para ela de uma forma estritamente predatória cheia de luxúria. O olhar dela deslocou-se para o volume entre suas pernas. Ele certamente era grande. Ela podia ter perdido o banho com ele, mas ele não iria deixá-la matutando sobre o dilema de encontrar uma cura por toda a noite. E ela o amava por isso.

Ela sorriu para ele, tão bonito, carinhoso e bonitão, a boca dele curvando-se um pouco, seus olhos deleitando-se dela como se ela fosse a criatura mais linda do mundo — o que por tão cansada que estava, ela sabia que não era possível — e sua expressão determinada, beirando sedução pecaminosa.

Não importava a quão frustrada e ansiosa ela se tornara ao tentar descobrir uma solução, Ryan sempre era o seu

campeão. Ele disse a todos que ela estava chegando perto de um grande avanço quando ninguém sabia quanto tempo levaria.

Ele a encorajava, insistindo inflexivelmente que ela podia fazer isso e, ao fazer isso, ela sabia que ele confiava em suas habilidades de todo o seu coração. Isso reforçou a sua confiança em face do fracasso. O orgulho refletia em sua expressão cada vez que ele falava sobre os esforços dela para encontrar uma solução. Ela não tinha certeza se ele fazia isso para lembrá-la que ela podia lutar contra isso também, ou se ele queria que ela soubesse que ela era completamente uma lobisomem agora como qualquer um de sua espécie.

Apesar de tão cansada como estava, ela viu que ele estava pronto para fazer amor. Ela se levantou da cadeira para recarregar suas baterias também.

— Hora de descansar. — disse ele, massageando seus ombros com força sonhadora.

Ela sabia que ele queria dizer só depois deles fazerem amor.

— Tão suave. — Ele sussurrou contra sua orelha, suas mãos grandes descendo sobre o suéter de cashmere azul claro e parando em seus seios, medindo, sentindo e circulando. Então, seus lábios se curvaram em forma pecaminosa.

— Humm, sem sutiã.

A maneira como ele disse as palavras numa voz baixa e sedutora, e a maneira como ele a tocava a fez sentir-se impertinente e decadente. Ela passou as mãos pelos bíceps nus — fortes, suaves e tencionando com o toque dela — e rodeou seu pescoço com os braços. Ela não conseguiu pressionar contra seu comprimento como queria, sentir sua ereção crescente e seu desejo por ela aumentando, não enquanto seus polegares tinham como alvos seus mamilos, acariciando e rolando as protuberâncias sensíveis entre os dedos e roubando seus pensamentos, sua respiração e sua força de vontade.

Sua vagina já se apertava com a necessidade e seu corpo tremia com o desejo: responsivo, receptivo e carente. Ela o queria, queria senti-lo acasalar com ela, a proximidade, a intimidade.

Sua boca esmagou a dela, suas mãos movendo-se de seus seios para a borda inferior do suéter macio. Ele deslizou o luxuoso tecido para cima, seus polegares acariciando desde a pele da barriga dela, até os seios, parando para acariciar os mamilos dela por um momento, de uma forma deliciosamente pecaminosa e, em seguida, subindo até a clavícula para puxar o suéter para fora.

Ele o soltou sobre uma cadeira, baixou a cabeça, inclinou-se para capturar um mamilo com a boca, a língua lisa e quente enquanto deslizava sobre o hipersensibilizado pico erguido. Ela gemeu, sentiu os joelhos cederem, e estaria ajoelhada diante dele se ele não tivesse deslizado as mãos

para baixo para cobrir suas nádegas e mantê-la no lugar enquanto ele se deleitava dela.

Ela sentiu seus ossos derreterem, seu sangue e pele ferverem com seu toque, e brevemente preocupou-se de estar mudando de forma... até que a coxa dele empurrou-se entre suas pernas, pressionado suavemente para cima e esfregou, dando-lhe uma sacudida.

Oh Deus, ela nunca ia durar.

Seu coração estava batendo tão estrondosamente como o dela, apesar de seus movimentos lentos e medidos. Ele recuperou sua boca com a dele, sua respiração forte e difícil. O cheiro de excitação, dela e dele, entrelaçados numa fragrância agradável, somado ao aroma doce e picante de amêndoa, limão e tangerina do sabonete com o qual ele havia tomado banho.

Seus dedos se enredaram em seu cabelo, seus olhos escuros como a noite, sua coxa ainda pressionada entre as pernas dela, segurando no alto e atormentando-a. Em seguida, ele soltou o botão do jeans dela e, depois disso, o zíper. Assim que ele abriu a calça e enfiou os dedos em seus cachos macios, ele puxou sua boca longe dela e sorriu.

— Sem calcinha? — Novamente suas palavras a fizeram sentir-se perversamente pecaminosa.

Como se ele não conseguisse segurar por mais um momento, ele puxou sua calça para baixo e deixou-os numa poça de jeans azul no chão.

— Você é linda. — Ele disse e levantou-a para que ela estivesse sentada sobre dele. — E toda minha. — Acrescentou ele, soando como um lobo possessivo.

Nenhuma palavra coerente pôde lhe vir à mente enquanto suas pernas estavam abertas para ele contra a barriga dele, seu pelos do peito misturando-se com os cachos macios dela, seu estômago roçando seus lábios femininos com cada passo que dava. Ela se agarrou a ele enquanto ele se movia rapidamente, indo em direção ao quarto, seu andar longo e decisivo.

— Você é lindo também. — Ela disse com a voz rouca, provocando uma risada profunda dele.

Quando chegaram à cama, ele não a abaixou e, em seguida, se juntou a ela, como ela esperava. Em vez disso, num hábil movimento, ela estava no colchão e ele ainda estava entre suas pernas. Ele se moveu para longe dela um pouco e passou a mão por sua coxa interior, provocando-a à submissão.

Mas ela não iria obedecer! Suas mãos percorreram os braços e costas, e mais abaixo em suas nádegas. Ela apertou, provocando um arrepio nele. Ela estendeu a mão e passou as mãos pelo seu cabelo úmido enquanto os olhos dele a observavam: cheio de luxúria, desejo e com fome.

Ela o puxou para baixo e lambeu seu ombro, amou o gosto salgado e doce dele recém-banhado, todo homem e

lobo, e dela. Ele gemeu, um som que dizia que ela estava empurrando-o ao ápice.

Como se ele não pudesse esperar mais, ele começou a acariciá-la entre as pernas, mergulhando um dedo dentro dela e reivindicando-a. Ele apertou sua boca contra a dela novamente, voraz, apaixonado e ambicioso. Sua língua dançava com a dela, suas respirações rápidas aceleravam enquanto os dedos dela pressionavam contra a parte inferior das costas dele, sua vagina doendo pela finalização.

Ela arqueou as costas, empurrando contra seus dedos, pedindo, implorando. Ele acariciou com mais força, implacavelmente, observando a expressão dela até que ela estremeceu e partiu num milhão de pedaços maravilhosos de prazer e deu um grito.

Observar Carol gozar quase o levou ao clímax. Ele mergulhou em sua vagina apertada e empurrou forte e profundamente, e ainda mais profundamente. O corpo dela estava corado e úmido, e cada centímetro era espetacular, agarrando-o com as ondas do orgasmo. Seus dedos cravaram nas nádegas dele, seu desejo pronunciado em suas ações e inebriante excitação.

Ele a esticou e a reivindicou, misturando-se, fundindo e acasalando com ela. Suas línguas e lábios provaram-se, brincaram e ele disse seu nome suavemente contra sua boca pouco antes da última penetração — da erupção — quando o fogo crepitou entre eles.

Ela deu um sorriso cansado, puxou-a para perto e segurou-a firme.

— Meu. — Ela disse.

Ele rolou e a pôs contra seu peito.

— Minha. — Foi a resposta dele.



Depois de dormir algumas horas e de ainda sentir o brilho sensual que sempre permanecia depois de fazer amor com Ryan, Carol voltou para a cozinha para começar a trabalhar na cura com acônito. A planta também era chamada de napelo, perdição do leopardo, perdição do lobo e dezenas de outros apelidos. Não só era apontada como um remédio à base de ervas para resfriados e febre, mas também diminuía o ritmo cardíaco e entorpecia as terminações nervosas à dor.

No entanto, as raízes da planta eram venenosas e enquanto as flores azuis escuras ou roxas na sua maior parte eram incrivelmente belas, elas também podiam ser mortais. Então, por que algumas crenças dos lobisomens dizia que a flor era uma cura para ser um lobisomem? Isto matava lobos. Mas, isto não mataria a metade humana também? Ainda assim, frequentemente, lendas surgiam de alguma verdade. E se isto curasse o que lhes afligia?

A madrugada estava apenas começando a aparecer, a escuridão desaparecendo enquanto o sol nascia. Ryan estava novamente lendo os arquivos no computador de Miller, o qual Ryan tinha levado até a casa do Dr. Weber. O celular de Ryan tocou e ele puxou-o do cinto.

— Sim, Tom? — Ele olhou para Carol. Ela presumiu que podia ser uma boa notícia, mas a expressão de Ryan era indefinida enquanto ele saía da cozinha até a sala para falar com Tom.

Carol começou a ferver as raízes do acônito em uma pequena panela de aço inoxidável. Quando Ryan caminhou de volta para a cozinha, ela sabia que ele sairia em outra missão de investigação. Infelizmente, ele vinha fazendo isso pelo menos uma vez por dia, às vezes mais, e nada nunca surgiu com isso.

Ela tinha parado de perguntar e ele não tinha oferecido explicações. A decepção por não conseguir se aproximar de uma solução era demais para se lidar.

— Eu estarei de volta daqui a pouco. — Ele se inclinou e beijou o rosto de Carol, mas um novo olhar de preocupação refletia nos olhos dele. Ela se levantou da cadeira e pegou sua mão.

— Qual é o problema, Ryan?

— Nada. Apenas outra pista, como de costume. Estarei de volta em breve. — Ele a puxou para perto e a abraçou com força.

Não parecia ser “nada”. Conhecendo-o, provavelmente ele estava com medo de deixá-la mais ansiosa do que já estava.

— Você não vai para uma outra luta contra lobos, não é? Sem a minha ajuda?

Ele riu, beijou-a generosamente sobre a boca e abraçou-a calorosamente.

— Sem mais lutas contra lobos por enquanto. E eu não pensaria em não a levar comigo para me tirar do sufoco, se eu precisasse.

— Mentiroso. — disse ela carinhosamente.

Ele sorriu. — De verdade, nenhuma luta contra lobos. Apenas mais uma pista.

Ela soltou a respiração, apertou-o de volta e disse: — Tudo bem. Traga-me a vacina e eu vou fazer isso valer a pena.

Ele riu e segurou um seio. — Você vai fazer isso de qualquer jeito. — Ele esfregou suas costas, disse que o habitual “Boa sorte” e saiu de casa.

Se ele disse que não iria para uma luta contra lobos, ela acreditava nele. Só que às vezes, o inesperado acontecia. Algo o estava incomodando e ela não tinha certeza se queria saber o que era. Mas ela suspeitava — ele estava lutando contra a mudança, como ela vinha fazendo há dias.



Ryan havia sido surpreendido como o inferno quando descobriu que Miller tinha uma conta bancária e um cofre no Banco de Silver Town. Isso parecia confirmar que Miller estava conspirando para assumir a cidade. Ryan não perdeu tempo em conseguir uma ordem judicial do juiz local, o que lhe permitiu acesso ao cofre. Ele esperava que algo no cofre revelasse ou se uma vacina com a cura existia, embora isso fosse um tiro no escuro, e ele não quis dar mais nenhuma falsa esperança a Carol.

Ela estava ciente que algo mais do que o normal o estava incomodando. O verdadeiro problema era a sua necessidade de mudar de forma, que vinha crescendo desde a noite anterior. Ele nunca se preocupou em se transformar, mas, como mais membros da matilha de Darien foram afetadas, sua preocupação havia crescido.

Não só isso, mas ele notou que a temperatura do corpo de Carol tinha estado mais quente na noite anterior, e pensou que ela estava com uma febre baixinha. Embora ela não tivesse mencionado nada para ele sobre isso. Muito embora ele tivesse uma dor de garganta esta manhã. Ele se perguntou se o vírus era orientado para empurrar sua metade lobo a assumir assim que eles estavam prestes a ficar doentes.

Felizmente, os humanos na área já não estavam atirando nos lobos. A política rígida de Darien de penas de prisão, multas pesadas e a rescisão de licenças de caça tinham sido intimidantes o bastante. Além disso, aqueles que haviam transformado-se em lobos estavam tentando ficar perto de suas casas na floresta. Aqueles que viviam na cidade tinham sido recepcionados por famílias que viviam longe da cidade para tentar reduzir o problema do contato entre humanos e lobos.

Ryan dirigiu até o banco, estacionou e caminhou para dentro, onde Mason, o proprietário do banco, rapidamente o cumprimentou. Mason o levou até a caixa-forte do banco, onde os cofres estavam localizados por trás de uma porta de jaula.

Vestindo um de seus caros ternos cinza, o banqueiro de barba grisalha levou Ryan para dentro do cofre. — Eu torceria o pescoço grosso de Miller se você já não o tivesse matado. — O banqueiro disse a Ryan.

— Eu gostaria que pudéssemos tê-lo mantido vivo, pelo menos até que descobríssemos se ele tinha uma vacina ou não. — Ryan respondeu.

— Pelo que eu ouvi, isto não poderia ter sido evitado. — Mason abriu a caixa de metal com as duas chaves e deixou Ryan abri-la. Ele vasculhou documentos, recibos de suprimentos médicos, maços de notas de mil dólares presos por borracha e...

Ryan puxou a escritura de uma casa em Silver Town para fora da caixa. — Inferno, aparentemente, Miller começou a viver aqui apenas um mês depois da grande luta entre o povo de Darien e os vermelhos.

— Bem, maldição. Ninguém nunca pensou em ver se ele tinha comprado imóveis aqui. E agora? — Mason perguntou, acariciando a barba.

— É hora de fazer uma visita à casa dele na Rua Carvalho 150. Obrigado, Mason. Eu vou avisar você se eu encontrar alguma coisa.

Enquanto Ryan saía do banco com a sua caminhonete, ele ligou para Tom com as informações e, em seguida, dirigiu até a casa de Miller. Era um lugar modesto, com persianas pretas emoldurando duas grandes janelas e enormes carvalhos sombreando a grama. O gramado estava um pouco desgrenhado, provavelmente porque Miller estava morto há dez dias e uma onda de calor e chuva de primavera haviam incentivado o crescimento.

O xerife Peter Jorgenson entrou na garagem e Ryan deu-lhe um aceno silencioso de saudação. Ele planejava usar sua gazua, apesar de que alguns dos vizinhos podiam ser humanos e ter um policial por perto seria melhor. O xerife era melhor ainda.

— Peter. — Ryan disse enquanto o xerife saía de seu veículo.

— Ryan. Tom ligou e disse para encontrá-lo aqui. Você acha que este é o lugar onde o ouro está?

— Eu certamente espero que sim.

Peter sufocou uma tosse.

— Você também, é?

— Inferno, sim. Eu não acho que nenhum de nós vá escapar disso.

O policial Trevor aproximou-se, com as luzes piscando. Ele acenou e se juntou a eles enquanto Peter abria a porta.

— Você acredita que o bastardo estava vivendo entre nós? — Trevor disse, socando a palma da sua mão.

— O cara tinha culhões. Isso eu admito. — Ryan disse.

Quando eles entraram na casa, o cheiro de tinta fresca os atingiu. Novos carpetes cobriam o chão, mas o lugar estava vazio. Nenhuma cortina nas janelas cobria as mini persianas. Nenhum móvel.

— Não tinha se mudado ainda, pelo que parece. — Trevor disse, soando agradecido, como se apenas o conhecimento de que Miller não estivera vivendo debaixo dos narizes dele o tempo todo fosse um alívio.

Mas, o conhecimento que Miller não tinha se mudado intensificou um pouco a ansiedade de Ryan. Se Miller não tinha estado lá, provavelmente, ele não teria deixado nada ali. Ainda assim, eles tinham que se certificar.

Enquanto Trevor verificava os quartos e o banheiro pelo corredor, Ryan e Peter caminharam em direção à cozinha.

Tudo parecia novíssimo: eletrodomésticos, armários, bancada em granito preto, apesar da casa ser um modelo mais antigo.

— Ele estava se preparando para se mudar, eu suspeito.
— Peter disse, vasculhando através das gavetas e armários.

— Sim, provavelmente, apenas esperando todos nós sermos infectados e incapazes de mudar de forma de volta. Queria saber o que ele teria feito sobre a nossa metade lobo. Muitos de nós não o teriam deixado viver se ele se aventurasse para fora de casa.

Ryan notou que a geladeira estava funcionando. Ele abriu a porta da geladeira. Através do tampo de vidro de uma das gavetas, ele viu vários frascos de líquidos e embalagens de pó num envelope de papel pardo.

— Pode não ser o que estamos procurando. — Ryan disse, tirando um frasco e olhando para ele como se fosse a coisa mais volátil do mundo. — Entretanto, talvez seja.

— Caramba. — Peter disse.

Ryan abriu um pedaço de papel de dentro do envelope e leu as primeiras linhas rabiscadas. E sorriu.



CAPÍTULO 28

A porta da frente da casa do doutor se abriu e Carol se perguntou se Ryan tinha encontrado algo desta vez. Ela imediatamente endireitou as costas enquanto ela estava no balcão. Ela estava fervendo água na chaleira elétrica para a convecção de chá de anis, mais um possível remédio à base de ervas para combater uma infecção viral.

Mais uma vez, ela considerou a solução do acônito que ela tinha cozinhado e escondido na última gaveta da geladeira. Ela não iria correr o risco de dar esse remédio para mais alguém. Ela considerou beber um pouco ela mesma, agora que ela estava doente da gripe, para ver se aquilo podia ser uma cura.

Ela inclinou a cabeça na direção dos passos. Eles eram de uma mulher, muito mais leve e delicados do que o passo mais forte de Ryan. Ela empurrou o recipiente do acônito de volta em seu esconderijo e fechou a porta.

Em seguida, os passos de outra pessoa soaram. Duas mulheres? De início, ela pensou que poderia ser Bertha, trazendo para ela e Ryan um lanche como ela tinha vindo

fazer nos últimos dias, tentando ajudar de qualquer forma que pudesse, mas, eles tinham comido o café da manhã uma hora atrás.

Carol virou-se rigidamente para ver quem estava chegando. Sua pele parecia mais quente que o normal, e ela suspeitava — apesar de não ter conseguido encontrar um termômetro na casa do doutor para confirmar o fato — que ela tinha outra febre fraquinha. Ela sentia-se cansada e de mau humor, com a cabeça latejando, e ela estava com muito medo de que a qualquer momento agora ela mudaria de forma.

A única razão pela qual ela ainda não tinha mudado de forma, ela percebeu, era porque ela tinha transformado-se para ajudar Ryan a lutar contra Miller. Antes disso, ela se transformou para que ela pudesse evitar a rede de pesca com North e seus homens. Isso poderia ter nocauteado o impulso por enquanto.

Com alguma sorte, talvez ela encontrasse uma cura antes que ela sentisse a compulsão novamente.

Os passos se aproximaram. Não podia ser Silva. Ela estava doente e com medo de se transformar. Ela não queria chegar perto de Carol e arriscar contaminá-la. Ou a enfermeira Charlotte. Ela estava muito ocupada lidando com os pacientes para vir até a casa.

Portanto, sobrava Lelandi e algumas outras mulheres na matilha que Carol não conhecia bem. Era melhor Lelandi não ter vindo vê-la!

— Quem está aí? — Carol gritou, não querendo que Lelandi chegasse mais perto, se é que era ela.

Os passos continuaram pela sala de estar em direção a cozinha.

— Sou eu, Rosalind. — A irmã de Ryan disse, com voz clara e alegre.

A boca de Carol caiu. Oh, inferno. Ela não queria que ninguém perdesse a fé na sua capacidade de encontrar uma cura agora que ela estava doente e poderia estar à beira de transformar-se a qualquer momento, mas ela não queria Rosalind exposta ao que ela tinha, tampouco.

— Você não pode entrar. — Carol disse, sua voz firme.

— Lelandi disse que estava tudo bem.

— Lelandi está errada. — Carol fez uma careta. — Quem está com você?

— Lelandi. — A companheira de Darien disse, soando entretida.

— Lelandi, você não deveria estar aqui. Nenhuma de vocês deveria. Eu... eu estou doente.

Elas estavam quase na cozinha. Carol desligou a chaleira, mas ela não sabia mais o que fazer. Doía ficar de pé,

sentar-se ou mesmo deitar-se. Todas suas articulações doíam. Sua garganta estava dolorida. Ela sentia-se terrível.

— Não entre. — Ela alertou.

Lelandi e Rosalind ignoraram-na e entraram na cozinha, cada uma carregando um recipiente de bronze com rosas vermelhas. Rosalind estava vestindo um suéter rosa claro e calças jeans combinando. Seu longo cabelo castanho e encaracolado balançava sobre seus ombros, e seus olhos cor de âmbar brilhavam de emoção. Seu sorriso era mais doce do que o de Ryan e não tão tortuoso como o dele muitas vezes era.

Com seu cabelo ruivo amarrado num coque, Lelandi vestia um conjunto soltinho de moletom esmeralda. Carol se perguntou se os jeans de Lelandi estavam ficando um pouco justos demais em torno da sua cintura com os trigêmeos a caminho. Lelandi deu-lhe um sorriso.

— Ryan tem boas notícias. Mas você o venceu no jogo novamente.

Carol caiu na cadeira, sentindo-se tonta. As lágrimas nublaram seus olhos. Mesmo se Ryan tivesse encontrado a vacina, esta só iria proteger os lobisomens de contraírem o vírus, e não iria curar aqueles que já tinham.

— O que você está fazendo aqui, Rosalind? Você não deveria estar aqui. — Carol disse, derrotada embora esperançosa que Ryan de fato tivesse encontrado a vacina e que isto ajudasse aqueles que não estavam doentes.

— Eu não suportei ficar em Green Valley e não saber como tudo isso estava indo. Lelandi me disse que você estava procurando por remédios fitoterápicos. Eu tenho uma estufa e queria trazer todos os tipos de ervas frescas para você usar em sua busca para a cura.

Carol suspirou. — Você não deveria ter vindo. E se você ficar doente também? — Então, ela franziu a testa e olhou para Lelandi. — Se Ryan descobriu a vacina, como eu o teria vencido no jogo?

Lelandi sorriu, em seguida, atravessou o cômodo, puxou Carol da cadeira para o seu abraço e abraçou-a profundamente. Carol queria se soltar e correr para longe dela. Mas Carol não tinha forças. Lelandi estava louca?

Rosalind esperou, mas, pela forma como ela estava tão rígida e com um sorriso de orelha a orelha, Carol se perguntou se era porque ela sabia com certeza que Ryan e ela estavam acasalados. Mas isso tudo seria em vão se ela não encontrasse uma cura!

— Darien transformou-se alguns minutos atrás. — Disse Lelandi, as lágrimas nublando seus olhos. — Deus, Carol, você conseguiu. Aquele primeiro remédio que você tentou, aquele que ele se recusou a tomar e eu tive que forçá-lo a beber? O chá de gengibre picante? Combinado com os pedaços de cebola crua deixados em imersão no mel durante a noite, motivo pelo qual ele rosnou para mim, e a equinácea... todos os diferentes remédios trabalharam juntos. Apenas levou um tempo, mas... ele está de volta ao seu

estado normal. Bem, um pouco mais rude do que o habitual. Ele teria vindo aqui pessoalmente e agradecido-lhe...

Lágrimas escorriam pelas bochechas de Carol como um rio correndo solto. Ela não conseguiu entender as ramificações do que tinha feito e não tinha certeza se poderia aceitá-las. E se eles se transformassem de volta? E se isso não durasse?

Rosalind se juntou a elas. — Ryan encontrou uma joia quando se apaixonou por você. — Ela disse e puxou Carol para um abraço. — Eu sempre quis uma irmã que pudesse vencê-lo em alguma coisa.

Mas não era um jogo. Ela abraçou Rosalind de volta, contente de ter outra irmã para adicionar à sua família em qualquer caso. Ela estendeu a mão e chamou Lelandi abraço só de meninas.

— Você tem certeza, Lelandi?

Lágrimas vertiam sobre o rosto de Lelandi agora também e ela balançou a cabeça vigorosamente.

— Oh, claro que sim. Ele está dando ordens, gritando com Tom por permitir que você deixasse North entrar na sala de exame e quase fugir com você; enchendo a paciência de Jake por ter mudado de forma e ficado preso, muito embora ele saiba que não podia ser evitado; e me repreendendo por permitir que você acasalasse com Ryan sem avisá-lo antes.

Ela sorriu. — Sentiremos sua falta, Carol. Você vai ficar bem quando Ryan levar você para sua casa, na matilha dele?

Rosalind pegou a mão de Carol e apertou-a. — Silver Town não é longe de Green Valley. Ela fará umas visitas. Nós duas se estiver tudo bem.

— Para as festinhas só para garotas. — Carol disse, tentando sorrir.

Rosalind deu outro abraço em Carol. — Parece que estas podem sair um pouco do controle e eu estou dentro. Depois que você e Ryan estiverem bem e ninguém da nossa matilha vá ficar doente com isso... — Ela sorriu ainda mais amplamente. — Você pode voltar para casa. Não diga a Ryan, mas eu vou mudar para um apartamento na cidade, mais perto da minha loja de jardinagem. A casa será sua e de Ryan. Ele vai dizer que não, porque ele quer ficar de olho em mim, mas eu preciso de um pouco de liberdade, e... bem, isso vai ser perfeito.

— Eu... eu.

— Darien está tão orgulhoso de você — Lelandi disse. — Mais tão orgulhoso de você. Ele vai lhe dizer isso ele mesmo, depois que terminar de mandar em todo mundo. Pelo menos, àqueles que não mudaram ainda. — Ela apontou para a porta. — Ryan levou a vacina ao hospital e Charlotte e Matthew estarão dando vacinas para quem não está doente. Rosalind e eu já fomos vacinadas.

— O doutor também mudou de volta, nós suspeitamos que talvez até mais cedo do que Darien. Nós não sabíamos disso até poucos minutos atrás porque ele estava tão cansado que dormiu a noite toda. Ele vai ajudar com as vacinas e quer dizer a Ryan para se juntar a nossa matilha e esquecer de levá-la embora.

— Claro, Darien diria não para isso. Uma coisa é Ryan vir aqui para nos ajudar com uma questão importante. Mas é outra coisa para Darien ter que bater de frente com ele o tempo todo.

— Carol? — Ryan chamou enquanto ele entrava na casa. — Tenho uma boa notícia! Encontramos a vacina.

Sorrindo, Lelandi e Carol enxugaram algumas lágrimas residuais enquanto todas as mulheres esperavam Ryan entrar na cozinha.

O sorriso de Ryan vacilou quando ele viu Rosalind e Lelandi com seus braços ao redor da cintura de Carol. — Eu fui pego de surpresa no hospital e pensei que vocês duas tinham ido para casa. — Ele disse a Lelandi.

— Nós estávamos a caminho de lá quando Darien ligou para Lelandi com a notícia. Carol encontrou a cura. — Rosalind disse, com orgulho. — Então, tivemos que contar a ela imediatamente. Assim que você e ela estiverem curados e prontos para voltar para casa... bem, tudo ficará mais do que bem.

Ele olhou de Rosalind para Lelandi. Ela encolheu os ombros. — Darien está reclamando severamente com todos: North e os membros da matilha dele; as duas fêmeas cinzentas, Becky e Marilee, por suas travessuras; e Tom para permitir que North quase fugisse com Carol no hospital.

— Ele se transformou de volta. — Ryan sorriu com um pouco de demônio em sua expressão. — Ele está com raiva de mim por ter feito de Carol minha companheira, sem a sua permissão, eu posso apostar.

— Humm, sim, mas ele vai falar com você depois que garantir que a cura de Carol tem poder duradouro.

Ryan riu sombriamente. — E agora?

— O Dr. Mitchell não se transformou de volta, no entanto, e ele está tendo ataques de raiva sobre isto. O Dr. Weber disse que vocês dois podem ficar na casa dele o tempo que quiserem. Ele vai ficar com o Dr. Mitchell, na grande e antiga casa de campo até que o veterinário mude de forma de volta.

Carol sentiu um alívio e cansaço, sabendo que ela não tinha mais que se esforçar para encontrar uma cura e que Ryan não teria que continuar procurando uma vacina. Ela deixou-se cair na cadeira da cozinha e quis dormir até o próximo ano sem acordar para fazer qualquer coisa.

Ryan viu os sinais indicadores de que Carol estava realmente doente. Ele presumiu que ela estivera tentando esconder isso dele antes. Agora, ele via como suas pálpebras

estavam caídas, os olhos vidrados e o rosto pálido. Ela parecia exausta e doente. Como ele se sentia.

— Qual é a cura? — Ele perguntou, pronto para dá-la para Carol em primeiro lugar.

Ela apontou para o refrigerador, a chaleira, as ervas e especiarias sobre frascos no balcão. — Uma meia dúzia de remédios juntos. Mas eu tenho tudo detalhado em minhas anotações no computador.

Ele olhou para os pacotes de alcaçuz sobre a bancada. — Não é o alcaçuz. — Ele franziu o cenho para ela. — Nem a cebola embebida em mel durante toda a noite, com certeza.

Ela sorriu um pouco e pegou sua mão. — Pelo menos não temos que tentar o acônito.

— Acônito? — Rosalind e Lelandi disseram ao mesmo tempo.

Carol deu de ombros. — Isto poderia ter nos matado. Eu preciso jogar esse remédio fora antes que alguém beba por acidente.

Todo mundo olhou para ela como se ela tivesse perdido a cabeça.

— Ou poderia ter tido uma cura, de acordo com a lenda dos lobisomens. Era utilizado para fins medicinais há milhares de anos. E, como um veneno.

Lelandi perguntou: — Onde isto está?

— Na gaveta inferior da geladeira, no recipiente azul.

Rosalind foi atrás para descartá-lo.

— Até que possamos ir para Green Valley, Carol e eu vamos ficar aqui. — Ryan disse, malditamente grato que eles não tinham tentado o acônito. Ele odiava o gosto de alcaçuz, e a ideia da cebola embebida em mel certamente iria fazê-lo perder o interesse de comer durante meses.

— E Puss? — Carol perguntou e espirrou.

— Talvez, Puss deva ficar com a gente um pouco mais enquanto você tira o seu descanso. — Lelandi sugeriu.

Carol concordou. A luta estava para fora dela. Ela precisava descansar.

Ryan recolheu-a em seus braços, sentindo quão quente seu corpo estava e sabendo que ela estava com febre.

— Ninguém vai nos perturbar... para qualquer coisa.

Rosalind sorriu. — Eu nunca pensei que veria o dia em que meu irmão estaria acasalado.

Lelandi deu um tapinha nas costas de Ryan enquanto se dirigia para o quarto de hóspedes. — Cuide bem dela.

— Ela vai ficar boa como nova antes que você perceba.



Mas Carol não ficou boa como nova em pouco tempo. Ela estava cansada, estressada ao máximo e totalmente exausta. Ela perdeu a voz, tossiu constantemente, teve febres e tudo doía. Ryan, que não estava tão doente, ainda estava se sentindo mal. Ele teve que cuidar do modo que tossia e fazia careta cada vez que ele engolia. No entanto, ele cuidou de Carol como se fosse seu enfermeiro particular, mandão às vezes e lisonjeiro em outras.

Ele trouxe para ela: novas caixas de lençinhos, copos de água e suco de laranja, pastilhas para a garganta inflamada e medicamentos expectorantes. Ele insistiu nos bules de chá de gengibre, cebolas sem mel, mel na torrada — com esperanças, com o mesmo benefício, pequenas doses de alcaçuz e alho. Ele tentou todos os remédios que ela tinha usado com Darien e com os outros que haviam contraído o vírus, exceto pela rotina de exercícios.

Três vezes, na noite anterior, ela teve o maldito desejo de se transformar e o calor tinha novamente a atingido. Por três vezes, Ryan fez amor com ela e, para sua surpresa e alegria, ele incitou a vontade de mudar para a fora dela. Se ela soubesse que o sexo quente iria evitar que a mudança ocorresse, ela o teria arrastado da floresta na primeira noite em que ela o tinha visto, e o levado sorrateiramente até o quarto de hóspedes para usar seus movimentos eróticos sobre ela.

Agora, era manhã e o calor mais uma vez se infiltrava em seus músculos e articulações, e até mesmo em seus

ossos. Ela não tivera febre em dois dias, então, ela sabia que o calor não era devido a isso. Este era mais profundo. Quando ela puxou as cobertas de forma frenética e, em seguida, tentou tirar sua longa camiseta, Ryan notou sua aflição. Ele deixou a cadeira na qual estivera sentado enquanto ele cuidava dela e sentou-se na beirada da cama, sua mão acariciando seu ombro.

— Eu lhe contei sobre quando o meu parceiro dirigia atrás de um assaltante que estava armado e a pé, e o ladrão mergulhou sobre uma cerca no quintal de alguém?

Ela balançou a cabeça. Ela amava como ele conseguia diminuir sua compulsão para mudar ao contar-lhe histórias de suas façanhas como policial primeiramente e, então, como um investigador particular. Mas ela estava com medo que o efeito não duraria para sempre e ela temia que o antídoto não funcionasse rápido o bastante.

— Meu parceiro não pisou nos freios a tempo. A cerca estava escondendo não apenas o ladrão, mas também um incômodo atraente.

— Uma piscina. — Ela adivinhou, sorrindo.

— Sim. Eu estava em perseguição a pé. Em vez de tentar pegar o ladrão, acabei tendo que resgatar o meu parceiro da piscina enquanto o carro mergulhava na água aquecida.

Carol sorriu. Ryan deu um sutil sorriso de volta e beijou sua testa.

— O ladrão se safou?

— Ele estava tão atordoado que ainda estava olhando estupidamente para o resgate enquanto eu soltava o meu parceiro. Quando o ladrão pensou em fazer uma retirada precipitada, eu o ataquei. Ele acabou algemado e todo molhado, também.

Ela riu, amando ouvir sobre o passado de seu companheiro e aproximar-se dele a cada dia. Ela esperava, rezava e desejava que voltasse ao normal em breve. Então, ele a levaria para a casa dela — a casa, a matilha e a família dele. Ela odiava deixar seu trabalho para trás. No entanto, até que ela pudesse controlar a sua transformação, ela duvidava que ela pudesse lidar com trabalho.

Com o desejo de mudar longe, ela puxou para baixo a sua camiseta e Ryan cobriu suas costas com o cobertor.

— Durma, minha Florence Nightingale. — Ele passou as costas da mão na bochecha dela numa carícia suave. — Durma e vamos conversar mais tarde.

Quando ela acordou novamente, ela se sentiu muito melhor, não tendo tossido a noite toda. Sua garganta não estava mais áspera e sua energia estava de volta, mas Ryan não estava no quarto. Ele estava trazendo seu almoço, jantar ou café da manhã, dependendo da hora?

Pela primeira vez, ela sentiu fome. Qual era a hora? Ela olhou para o relógio. Uma hora da tarde. Ela fechou os olhos,

sem saber que dia era. A lua nova tinha começado? Os *lupus garous* voltariam ao normal?

Carol se arrastou para fora da cama, olhou para a camisola transparente e se perguntou quando tinha posto aquilo. Ela puxou-a, jogou-a na cama e tomou um longo banho quente enquanto especulava como todos estavam se saindo. A vacina tinha funcionado e evitado que o último da espécie deles fosse vítima do vírus criado? A cura tinha tido efeito em todos? O Dr. Mitchell e Jake estavam de volta às suas identidades normais? Hora de voltar ao mundo e descobrir o que estava acontecendo.

Ela secou-se com a toalha, enrolou a toalha em torno de seu cabelo, saiu do banheiro e congelou.

Ryan estava no quarto com um buquê de alegres rosas rosáceas numa mão e seu gato embalado em seu outro braço. Quase sorrindo, Puss parecia que tinha um novo companheiro.

Seu coração deu uma pequena acelerada. Ryan tinha trazido-lhe flores. Ela não tinha consciência de o quanto aquilo significaria para ela. Mas significou o mundo.

E Puss. Ela queria levá-lo em seus braços e apertá-lo com força.

Ryan sorriu para Carol. — Eu gosto do que você fez com o seu cabelo, e... — Ele apontou com as flores para o seu corpo nu. — Com o resto de você.

Ela tinha esquecido completamente sobre isso. Sabendo exatamente o que ele tinha em mente, ela riu. —Se você acha que eu estou voltando para a cama depois que eu estive nela por dias agora, é melhor você ter outro pensamento.

Parte dela queria que ele a fizesse mudar de ideia, mas o lado mais sensível dela disse que era hora de começar a trabalhar, fazendo algo diferente do que ir para a cama. Ela caminhou em direção à cômoda, esperando que tivesse algumas roupas, mas Ryan pegou-a com o braço livre e puxou-a com força contra seu corpo. As aveludadas pétalas de rosas, cheirando a chá, fizeram cócegas enquanto elas roçaram em seu ombro e Puss lambia seu braço numa saudação com sua língua áspera.

— Enquanto você estava no chuveiro, eu mudei os lençóis. Apenas por precaução.

Ele era um sonho transformado em realidade. E como ela poderia negar que queria fazer amor com ele de novo? O dia podia esperar. Ela se aconchegou contra Ryan, estendeu a mão e acariciou a cabeça de Puss. O motorzinho dele instantaneamente começou a roncar.

— Estão todos bem?

— Sim. Por causa de todo o esforço pelo qual passou, foi você quem levou mais tempo para se recuperar.

— Quanto tempo? — Ela perguntou, franzindo a testa.

— Cerca de duas semanas. North e os membros renegados da matilha dele uniram-se à matilha vermelha de Lelandi. Se causarem algum problema lá, eles vão se arrepender. Becky e Marilee foram embora quando ficaram bem. Ninguém sabe para onde elas foram e ninguém se importa. Alguns poucos... bem, vamos dizer que mais que alguns dos machos solteiros estão furiosos que eu acasalei com você.

Carol sorriu. — Acho que é bom que eu esteja indo embora então.

— Eu tenho uma proposta.

— Humm? — Sexo lhe veio à mente, como sempre vinha. Mas o que ele disse em seguida a surpreendeu.

— Eu fiz um acordo com um médico *lupus garou* para abrir uma clínica em Green Valley. Ele disse que ia experimentar e certificar-se de que era o tipo de lugar que gostaria de criar uma família. Ele queria falar com você sobre ser sua enfermeira. O Dr. Weber já havia dito a ele que achava que você era.

— Até que você seja uma lobisomem por um ano ou dois e possa realmente deixar a mudança sob controle, uma clínica dirigida unicamente por lobisomem seria a melhor solução. Os pacientes seriam estritamente lobisomens e a nossa matilha vai acolher com prazer ter sua própria clínica para problemas relacionados a *lupus garous*. Uma das funcionárias do hospital é da minha matilha e ela ficaria feliz

de trabalhar para você como sua recepcionista e atendente de faturamento.

— Mas...

Ele franziu um pouquinho a testa. — Nós realmente precisamos de uma equipe médica que possa cuidar de pacientes lobisomens. Você poderia até mesmo continuar a sua formação para se tornar assistente de um médico, se você quisesse. Ou uma médica, até mesmo.

Ela pensou que era uma ideia maravilhosa, mas ela ainda achava que ele queria algo mais... íntimo. — E eu aqui pensando que você iria me propor outra coisa.

Ele sorriu, inclinou-se e beijou-lhe a testa.

— Humm, o que você tinha em mente?

— Onde está o seu tartan?

— Da próxima vez, eu prometo. — Ele colocou o buquê de flores num vaso de água fresca e, em seguida, colocou Puss para baixo sobre uma almofada macia em cima de uma cadeira. Seu gato imediatamente pulou para baixo, esfregou-se ao redor das pernas de Carol e depois das de Ryan e, então, correu pelo chão e enrolou-se no parapeito de uma janela.

Ryan resfolegou. — Ele tem uma mente própria.

— Eu temo que você não será capaz de mostrar a ele quem é que manda. — Ela começou a desabotoar a camisa de Ryan, lentamente, de forma provocativa.

— Cheguei à conclusão de que na família — que significa você, Rosalind, eu e agora, o gato — eu vou ter dificuldades de estar no comando.

Ela riu e soltou a camisa dele das calças. — Isso é como deveria ser, meu herói Highlander.

—Humm, você me salvou de um cientista louco, lembra?

— Bem, nós estamos quites então. — Ela disse, desafivelando o cinto enquanto ele acariciava seus seios nus de uma forma amorosa. — Você me salvou de uma rede de pesca.

Ele riu. — Eu vou ter que ensinar você a nadar. Eu já lhe disse que amo você hoje? — Ele beijou seu nariz, tirou o turbante de toalha e deixou-a cair sobre as costas de uma cadeira.

— Antes de você fazer amor comigo, enquanto você fazia amor comigo, e depois de ter feito amor comigo em algum momento no meio da noite. Sim, você disse.

— Bom. Eu não posso dizer o bastante. — Seus polegares friccionava os mamilos dela enquanto ela tomava posse de seu braço e puxou-o para a cama.

Ela acariciou o peito dele. — Ah, Ryan, eu não sei nada sobre ser a companheira de um líder de matilha.

— Você não poderia ser mais perfeita.

Ela bufou de uma forma feminina. — Certo. Eu não sei como uivar, eu não sei nadar e...

Ele beijou-a profundamente, sua língua acariciando a dela — quente, forte e urgente, suas mãos fazendo os seios incharem e formigarem, que ela esqueceu o que estava prestes a dizer. Tudo que ela sabia era que eles eram perfeitos um para o outro. Ela iria aprender a controlar a sua mudança de forma de alguma maneira, como criar duas crianças-lobisomens e como liderar uma matilha com Ryan ao seu lado. Uma coisa que ela não tinha que aprender era como amar Ryan com todo seu coração.



Ryan poderia perder-se no doce corpo de Carol, sua disposta boca suavizando sob seus beijos, seus mamilos rosados, pontudo e tentadores, e a forma como ela moveu seu corpo contra o dele, arqueando, tocando e provocando a ação. Ele pensou que ela poderia estar machucada de todo sexo da noite anterior, mas ela estava tão ansiosa e ele não conseguiria ter o bastante dela assim que ela se sentisse melhor novamente.

Ele realmente tinha pensado em dar-lhe uma pausa. Flores, trazer Puss para ela, dar-lhe notícias sobre um trabalho. Ele não esperava encontrá-la recém-saída do chuveiro com a pele vermelha e o cabelo preso num turbante. Ela era deslumbrante. E ela ansiava tê-lo. Apesar do pretexto que ela não queria voltar para a cama. Pelo jeito que ela soou tão esperançosa de que ele a quisesse de volta na cama — E

quando ele não desejaria isso? — ele sabia que ela estava pronta para mais amor.

Ele amava suas inseguranças e pontos fortes, a maneira como ela o aceitou com todas as suas fraquezas, e a maneira como ela o amava de volta. Ele agora sabia por que ele tinha ficado obcecado por ela durante os últimos seis meses. Ele tinha encontrado a mulher que não poderia viver sem, e ele tinha tido a sorte que ela o queria com a mesma compulsão obsessiva, não importava quais ressalvas ela poderia ter tido.

Carol acariciou suas costas, seu toque sedoso roubando seus pensamentos, seus olhos azuis eram piscinas de desejo que o chamavam como o sedutor canto de uma sereia. Nada mais importava, exceto dar prazer a sua companheira antes que ele a levasse para casa, para a matilha, para o povo e para a vida dele.

Sua Pequena Senhorita Nightingale era material de lendas, o bálsamo calmante que mexeu com sua alma. Juntos, para sempre, eles iriam resolver pequenos mistérios da vida e tornar seus sonhos realidade.

FIM

SOBRE A AUTORA

A premiada autora de fantasia urbana e suspense—romântico histórico e medieval, Terry Spear também escreve histórias verdadeiras para o público adulto e jovens adultos e ama todas as coisas celtas por causa de sua ascendência escocesa e irlandesa onde o verdadeiro amor floresceu nas Highlands e na Irlanda. Ela é uma tenente-coronel aposentada pela Reserva do Exército dos EUA e tem um MBA pela Universidade de Monmouth.

Ela também cria premiados ursos de pelúcia, Ursinhos Wilde e Woolly, incluindo ursinhos personalizados desenhados para comemorar os livros dos autores. Quando ela não está escrevendo ou fazendo ursos, ela está ministrando cursos on-line de escrita.

Natural da Califórnia, ela viveu em oito estados e agora reside no coração do Texas. Ela é a autora de “Heart of the Wolf”, “Destiny of the Wolf”, “To tempt the Wolf”, “Legend of the White Wolf”, “Seduced by the Wolf”, “Winning the Highlander’s heart”, “The accidental Highland Hero”, “Deadly Liaisons”, “The Vampire... In My Dreams” (adulto jovem), e inúmeros artigos e contos para revistas.